

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LITERATURA
TEORIA CRÍTICA E COMPARATISMO

A Narrativa na Elegia Grega Arcaica: tradução, estudo e comentários

Thiago Koslowsky da Rosa

Porto Alegre

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LITERATURA
TEORIA CRÍTICA E COMPARATISMO

A Narrativa na Elegia Grega Arcaica: tradução, estudo e comentários

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área: Estudos da Literatura – Teoria Crítica e Comparatismo

Orientador: Prof. Dr. Rafael de Carvalho Matiello Brunhara.

Porto Alegre

2020

CATALOGAÇÃO

CIP - Catalogação na Publicação

da Rosa, Thiago Koslowsky
A Narrativa na Elegia Grega Arcaica: tradução,
estudo e comentários / Thiago Koslowsky da Rosa. --
2020.
271 f.
Orientador: Rafael de Carvalho Matiello Brunhara.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Elegia histórica. 2. Narrativa. 3. Grécia
Arcaica. I. de Carvalho Matiello Brunhara, Rafael,
orient. II. Título.

THIAGO KOSLOWSKY DA ROSA

**A NARRATIVA NA ELEGIA GREGA ARCAICA: TRADUÇÃO, ESTUDO E
COMENTÁRIOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área: Estudos da Literatura – Teoria Crítica e Comparatismo

Aprovada pela banca examinadora em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Carlos Leonardo Bonturim Antunes
(UFRGS)

Paula da Cunha Corrêa
(USP)

Giuliana Ragusa
(USP)

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo inestimável auxílio, sem o qual este trabalho não seria possível.

Ao meu orientador e mentor Prof. Dr. Rafael Brunhara pelos anos de apoio e ensinamento. Professor que considero além de uma referência como acadêmico e pesquisador, um exemplo de ser humano. Agradeço-te por ter me reacendido o encanto pela literatura grega (logo em tua primeira disciplina na UFRGS), chama que espero manter acessa, retribuindo, ainda que minimamente, o carinho e o direcionamento que me deste ao longo desta pesquisa.

Aos meus pais, Aglaé e Celso. Ao meu pai, Celso, por ter me instigado desde cedo a buscar o conhecimento e por nossas constantes discussões filosóficas. À minha mãe, Aglaé, por sempre me lembrar que devo seguir meu coração.

Ao meu avô Roberto, pelas inúmeras efemérides e pelo saber enciclopédico da história porto-alegrense e colorada. Aos, já falecidos, vô Max, vó Gilca e vó Lourdes, que embora não estejam fisicamente presentes, sempre estarão em meu coração.

A todos os amigos, familiares e professores que me acompanharam nesta jornada. Uma vez que seria impossível nomeá-los todos, deixo aqui meu reconhecimento e carinho para com todos que de alguma forma contribuíram com este trabalho, seja pela amizade ou pelo aconselhamento.

À Camila, companheira de todas as horas, revisora oficial, mais que amiga, *friend*, a qual faz tudo valer a pena.

A Deus, por ter me permitido conhecer tantas pessoas maravilhosas.

RESUMO

A Narrativa na Elegia Grega Arcaica: tradução, estudo e comentários

Este trabalho visa analisar fragmentos elegíacos de poetas gregos do período Arcaico que evocam a narrativa de mitos e acontecimentos históricos de modo preponderante. Nesse sentido, busca-se avaliar o papel que a elegia poderia ter na transmissão de conteúdo histórico e tradicional nesse período da Grécia Antiga. Essa investigação é motivada em grande parte pelas relativamente recentes descobertas e edições de papiros contendo fragmentos elegíacos de Simônides de Ceos – obtidos a partir do *Papiro de Oxirrinco* 3965, editado pela primeira vez em 1992 por Peter Parsons; e de Arquíloco de Paros – obtido a partir do *Papiro de Oxirrinco* 4708, editado por Dirk Obbink (2006). O papiro de Simônides de Ceos, em especial, reacendeu a perspectiva de que a elegia grega arcaica poderia conter seções narrativas mais extensas do que se imaginava anteriormente. Essa possibilidade havia sido expressa de modo mais incisivo por Ewen Bowie, no artigo “Early Greek Elegy, Symposium and Public Festival” em 1986, que considerava o festival público como um contexto próprio para a apresentação de elegias, no qual poderiam ser apresentadas elegias longas e narrativas. Sua proposta, porém, era baseada apenas em fontes secundárias da antiguidade, não havendo até então nenhum exemplo concreto de uma elegia ou de um fragmento elegíaco claramente narrativo. Porém, o fr. 11 W de Simônides – um dos encontrados no *Papiro Oxirrinco* 3965 – traz o princípio de uma elegia aparentemente abordando a Batalha de Plateias, um evento decisivo para os gregos nas Guerras Médicas. Esse fragmento contém ainda uma invocação a Aquiles, às Musas e o que parece ser o início de uma narrativa relatando essa batalha. Já o fr. 17(a) Swift de Arquíloco – obtido a partir do *Papiro de Oxirrinco* 4708 – apresenta uma narrativa mais incerta em relação à sua inserção na economia geral do poema, tratando do episódio mítico do desembarque dos aqueus na Mísia. Esse episódio se daria antes da Guerra de Troia em um momento em que os gregos, desviados de seu caminho para Troia, desembarcam na Mísia – reinada então por Télefo, filho de Hércules – e atacam a região, pensando se tratar de Troia. Esses dois fragmentos abrem, portanto, a possibilidade de reler outros fragmentos elegíacos que poderiam estar inseridos em poemas narrativos. Apoiando-se nos conteúdos dos fragmentos ou em fontes secundárias, são abordados neste trabalho fragmentos que poderiam compor obras como a *Esmirneida* de Mimnermo, o *Hino a Zeus* de Calino de Éfeso e a *Eunomia* de Tirteu. Além disso, são abordados também poetas cuja evidência de autoria de elegias narrativas é mais incerta, como Xenófanes, Sacadas de Argos, Paníassis de Halicarnasso, Íon de Quios, Semônides de Amorgos, Clonas de Tegeia, Árdalo e Meles de Cólofon. Assim, a partir da tradução e do comentário desses fragmentos, propõe-se uma síntese das possibilidades temáticas da elegia narrativa e das ocasiões de performance em que esses poemas poderiam ser apresentados.

Palavras-chave: Elegia histórica; Narrativa; Grécia Arcaica.

ABSTRACT

Narrative and Archaic Greek Elegy: translation, study and commentary

This work seeks to analyze elegiac fragments of Greek poets of the Archaic period that evoke the narrative of myths and historical events in a preponderant manner. In this way, it aims to evaluate the role that elegy might have had in the transmission of historic and traditional content in this period of Archaic Greece. This investigation is motivated, in a great extent, by the relatively recent discoveries and editions of papyri containing elegiac fragments of Simonides of Ceos – obtained through the *Oxyrhynchus Papyrus* 3965, edited for the first time by Peters Parsons in 1992 – and Archilochus of Paros – obtained through the *Oxyrhynchus Papyrus* 4708, edited by Dirk Obbink (2006). The papyrus of Simonides, in particular, revived the perspective that Archaic Greek elegy might contain narrative sections longer than what was previously conceived. This possibility had been expressed in a more incisive manner by Ewen Bowie, in the article “Early Greek Elegy, Symposium and Public Festival” of 1986, which considered the public festival as a genuine context for the performance of elegies, and that long narrative elegies could be performed in it. Bowie’s proposition, however, was based solely on secondary sources, as there was no concrete example of an elegy or an elegiac fragment with clear narrative content. Nonetheless, the fr.11 W – one of those obtained through the *Oxyrhynchus Papyrus* 3965 – contains the beginning of an elegy apparently detained on the Battle of Plataea, a decisive event for the Greeks in the Greco-Persian Wars. This fragment also has an invocation to Achilles, the Muses, and what seems to be the beginning of a narrative of the battle. The fr. 17(a) Swift – obtained through the *Oxyrhynchus Papyrus* 4708 – has a narrative section more uncertain in relation to its insertion in the general economy of the poem, which presents the mythical episode of the landing of the Achaeans on Mysia. This episode occurs before the Trojan War when the Greeks, deviated from their path to Troy, land on Mysia – then governed by Telephus, son of Herakles – and attack the locals supposing it was Troy. These two fragments, thus, open the possibility of reading other elegiac fragments that could also be within narrative poems. Based on the content of these fragments and secondary sources, fragments are studied in this work that could be part of works such as the *Smyrneis* of Mimnermus, the *Hymn to Zeus* of Calinus of Ephesus, and the *Eunomia* of Tyrtaeus. Besides, poets whose evidence of authorship of narrative elegies are also considered, such as Xenophanes, Sacadas of Argos, Panyassis of Halicarnassus, Ion of Chios, Clonas of Tegea, Ardalos and Meles of Troezen. Hence, by the translation and the commentary of these fragments, a synthesis of the thematic possibilities of the narrative elegy is proposed, as well as of the occasions of performance in which these poems might have been presented.

Keywords: Historical Elegy; Narrative; Archaic Greece.

Tabela das Principais Edições dos Textos Gregos Citadas

- Allen - ALLEN, A. **The Fragments of Mimnermus: Text and Commentary.** Stuttgart: Fraz Steiner Verlag, 1993
- Bergk - BERGK, T. **Poetae Lyrici Graeci.** Lipsiae: Sumtu Reichenbachiorum fratrum, 1843.
- Bernabé - BERNABÉ, A. **Poetae Epici Graeci: Testimonia et Fragmenta.** Monaco/Leipzig: K.G. Sauer, 2004.
- Calame - CALAME, C. **Alcman: Introduction, texte critique, témoignages, traduction et commentaire.** Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1983.
- CEG - HANSEN, P.A. **Carmina Epigraphica Graeca: saeculorum VIII - V a. Chr. n.** Berlin/New York: 1983.
- Diehl - DIEHL, E. **Anthologia Lyrica Graeca.** Leipzig: Teubner, 1949.
- DK - DIELS, H.; KRANZ, W. **Die Fragmente der Vorsokratiker.** Berlin: Weidman, 1960.
- FGE - PAGE, D.L. **Further Greek Epigrams: Epigrams before 50 A.D. from the Greek Anthology and other sources, not included in "Hellenistic Epigrams" or the "Garland of Philip".** Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- FGrH - JACOBY, F. **Die Fragmente der griechischen Historiker.** Berlin: Weidman, 1923.
- G-P - GENTILI, B.; PRATO, C. **Poetarum elegiacorum testimonia et fragmenta.** Pars prior. Leipzig: Teubner Verlag, 1988.
- Kock - KOCK, T. **Comicorum atticorum fragmenta.** Leipzig: Teubner, 1880.
- Pf. - PFEIFFER, R. **Callimachus.** Oxford: Oxford University Press, 1949.
- PMG - PAGE, D.L. **Poetae Melici Graeci.** Oxford: Oxford University Press, 1962.
- PMGF - PAGE, D.L. DAVIES, M. **Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta.** Oxford: Oxford University Press, 1991.
- L-P - LOBEL, E.; PAGE, D. **Poetarum Lesbiorum Fragmenta.** Oxford: Oxford University Press, 1955.
- S-M - SNELL, B. MAEHLER, B. **Pindarus.** Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2008.
- Swift - SWIFT, L.A. **Archilochus the poems: Introduction, Text, Translation, and Commentary.** Oxford: Oxford University Press, 2019.
- Voigt- VOIGT, E.M. **Sappho et Alcaeus.** Amsterdam: Athenaeum - Polak & Van Gennepe, 1971.

W - WEST, M.L. **Iambi et Elegi ante Alexandrum Cantati**. Oxford: Oxford University Press, 1998. 2 v.

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 SIMÔNIDES DE CEOS E AS GUERRAS MÉDICAS.....	28
2.1 Introdução.....	28
2.2 Análise dos fragmentos.....	30
2.2.1 <i>A elegia de Artemísio (fr. 1-4 W)</i>	30
2.2.2 <i>Frr. 5-9 W – Batalha de Salamina</i>	35
2.2.3 <i>Frr. 10-17 W – A Batalha de Plateias</i>	38
2.2.4 <i>Os fragmentos incertos e a geração das folhas (fr. 18-22 W)</i>	67
2.3 Pausânias e o poema de Plateias.....	83
2.4 Festival Público.....	87
2.4.1 <i>Festival de Eleuteria em Plateias</i>	88
2.4.2 <i>Delfos</i>	92
2.4.3 <i>Anfictionia de Antélia</i>	97
2.4.4 <i>Achilleion</i>	101
2.4.5 <i>Esparta</i>	103
2.4.6 <i>Panatenaias</i>	105
2.4.7 <i>Tessália</i>	106
2.4.8 <i>Istmo</i>	106
2.5 Considerações Finais.....	109
3 ARQUÍLOCO DE PAROS E A NARRATIVA DO MITO DE TÉLEFO.....	113
4 A <i>ESMIRNEIDA</i> DE MIMNERMO.....	125
4.1 Fr. 9 Allen - A colonização de Esmirna.....	130
4.2 Fr. 13 Allen - uma cena de batalha na Esmirneida.....	140
4.3 Fr. 14 Allen - a genealogia das Musas.....	143
4.4 Fr. 15 Allen - a excelência de um guerreiro do passado.....	145
4.5 Considerações finais.....	152
5 CALINO DE ÉFESO - O “HINO A ZEUS” E OS CONFLITOS DA ÁSIA MENOR.....	154
6 A <i>EUNOMIA</i> DE TIRTEU.....	163
6.1 Fr. 2 W - As origens de Esparta.....	174
6.2 Fr. 4 W - O oráculo e a <i>Grande Rhetra</i>	177
6.3 Frr. 5, 6 e 7 - A Conquista e o Destino da Messênia.....	182
6.4 Fr. 5 - A Conquista.....	184
6.5 Frr. 6 e 7 - o destino dos messênios.....	188
6.6 Frr. 18-23a W - O Papiro de Berlim.....	192
6.7 Considerações Finais.....	202
7 ELEGÍACOS MENORES.....	204

7.1 Xenófanes	204
7.2 Sacadas de Argos	208
7.3 Paníassis de Halicarnasso.....	210
7.4 Íon de Quios	212
7.5 Semônides de Amorgos	216
7.6 Três músicos arcaicos: Clonas, Árdalo e Meles	219
7.7 Considerações finais	222
8 CONCLUSÃO.....	225
REFERÊNCIAS	231
APÊNDICE	240

1 INTRODUÇÃO

A poesia possuía um papel importante na vida social da Grécia do período Arcaico, servindo como um fundamental veículo de transmissão cultural. Um de seus gêneros mais comuns, até mesmo por sua relativa facilidade de composição, era a elegia, um gênero que englobava uma grande diversidade temática. Contudo, até recentemente, a opinião geral dos estudiosos era de que narrativas longas de argumento mítico ou histórico não fariam parte do recorte temático do gênero. O que propomos ao longo deste trabalho é justamente uma reflexão a respeito dessa suposta limitação do gênero elegíaco, especialmente à luz de descobertas papiráceas relativamente recentes. Mas, antes de entramos propriamente nessa discussão, cabe indagar primeiramente como o próprio conceito de narrativa foi compreendido.

A narrativa é facilmente associada a diversos gêneros e escolas literárias ao longo da história ocidental. Na *República* de Platão, Sócrates inicia sua discussão sobre a natureza do fazer poético com a seguinte indagação (397d):

ἄρ' οὐ πάντα ὅσα ὑπὸ μυθολόγων ἢ ποιητῶν λέγεται διήγησις οὔσα τυγχάνει ἢ
γεγονότων ἢ ὄντων ἢ μελλόντων;
τί γάρ, ἔφη, ἄλλο;
ἄρ' οὐδ' οὐχὶ ἤτοι ἀπλῆ διηγῆσει ἢ διὰ μιμήσεως γιγνομένη ἢ δι' ἀμφοτέρων
περαίνουσιν;

- [...] Não é tudo que dizem os mitógrafos e os poetas narrativa [diegese] de acontecimentos passados, presentes ou futuros?
- Pois que mais seria?
-Acaso não a realizam por simples narrativa [diegese], através da imitação, ou através de ambas?¹

Percebe-se por essa passagem o alto valor dado à narrativa (“διήγησις”, diegese) por Platão, que a destaca como aspecto elementar de qualquer produção do poeta ou do mitógrafo. Dessa forma, poderíamos interpretá-la, de certa forma, como o modo básico do discurso literário para Platão, isto é, o elemento que o define. Portanto, ao contrário de Aristóteles² que demarca a mimese – a representação – como central na produção literária, Platão pensa a poesia – em suas diferentes variantes no mundo grego – como interligada à necessidade de organizar e sequenciar ideias em uma ordem lógica, fato inerente a toda produção poética ou prosaica. No entanto, se assumirmos estritamente a visão platônica, o trabalho aqui proposto de analisar a capacidade narrativa da elegia grega estaria inviabilizado, pois, se toda produção poética é narrativa, qual seria o ponto de indagar a existência de elegias narrativas?

¹ Todas as traduções da língua grega apresentadas neste trabalho são de minha autoria, salvo indicação ao contrário.

² Logo no início da *Poética* (1447a), Aristóteles postula que “πᾶσαι τυγχάνουσιν οὔσαι μιμήσεις το σύνολον” (“todos [gêneros poéticos] são, de modo geral, representação [mimese]”).

Embora a afirmação de Platão seja interessante para repensar o próprio fazer literário, proporemos uma definição de narrativa que esclareça a indagação que será investigada ao longo deste trabalho. Por *narrativa* (ou *diegese*, termos que utilizaremos de modo intercambiável neste trabalho) consideraremos, portanto, uma relação de eventos detida sobre o relato *temporal, cronológico*, de um ou de vários acontecimentos, reais ou ficcionais; como assinala Prince (1982, p. 1): “A narrativa, de fato universal e infinitamente variada, pode ser definida como a representação do real ou de eventos ficcionais e situações em uma sequência de tempo”³. Essa definição engloba, assim, a produção poética que se detém e se organiza em função do relato histórico ou ficcional em seu encadeamento temporal. Nesse sentido, a poesia narrativa se diferencia da poesia centrada nas afecções individuais do poeta, relacionadas a uma única temporalidade, ou em máximas e temas “universais” – no sentido de que o sequenciamento de eventos em função de sua relação cronológica não é estritamente relevante para o entendimento global do texto. Embora possa parecer trivial, destacamos o aspecto *cronológico* como parte da definição de narrativa, lembrando que existem definições mais incertas como a de que a narrativa é a relação entre uma história e um narrador, questionada por Scholes, Phelan & Kellogg (2006, p. 4). Procuramos evitar, assim, definições mais vagas, como a apresentada por Mieke Bal (1997, p. 3) de narrativa como “artefatos culturais que ‘contam uma história’”⁴, da qual pode se intuir uma relação temporal, mas não de modo muito enfático.

A narrativa como um relato no qual a ordem cronológica dos eventos é determinante parece, no âmbito da poesia grega, ser inerente à poesia épica, com suas grandes obras, *Iliada* e *Odisseia*, detidas sobre o passado mítico. Ao considerar gêneros pautados mais na voz do Eu, como a poesia lírica (métrica), o jambo e a elegia, o aspecto narrativo passa a ser mais controverso. Primeiramente, há de se destacar que esses gêneros sobreviveram em estado extremamente fragmentário, de modo que nos é impossível afirmar com qualquer grau de exatidão como operavam. Além disso, esses gêneros, que no período moderno foram identificados dentro da concepção mais ampla de “lírica”, eram compreendidos de modo independente uns dos outros.

A elegia é hoje objeto de discussões que variam desde sua etimologia até à definição de seus limites temáticos e conceituais. De modo geral, a elegia era caracterizada especialmente pelo emprego do dístico elegíaco, composto pela alternância de um verso hexâmetro dactílico⁵

³ Tradução minha: “Narrative, indeed universal and infinitely varied, may be defined as the representation of real or fictive events and situations in a time sequence”.

⁴ Tradução minha: “cultural artifacts that ‘tell a story’”.

⁵ Composto por seis dactilos, sendo cada dactilo formado por uma sílaba longa e duas breves; lembrando que a métrica grega era pautada na duração e não na acentuação das sílabas.

(metro da poesia épica) e um pentâmetro dactílico⁶. No sentido moderno, elegia remete, em geral, a um poema de lamento, fúnebre, como a *Elegia 1938* de Carlos Drummond de Andrade ou o livro *Elegia* de Pablo Neruda⁷. Contudo, na Grécia Arcaica, essa associação com o lamento é bastante incerta. Primeiramente, é importante notar que três termos eram utilizados para se referir ao gênero ou ao seu metro: “ἐλεγεία” (*elegeía*), “ἐλεγεῖον” (*elegeíon*) e “ἔλεγχος” (*élegos*) (WEST, 1974, p. 2-7). O primeiro termo, um substantivo feminino, era utilizado para remeter a um conjunto de dísticos elegíacos, ao poema elegíaco⁸, enquanto o segundo era relacionado ao dístico ou apenas ao pentâmetro dactílico⁹, o metro distintivo do gênero. Ambos, porém, são testemunhados apenas a partir do período clássico, sendo atestado um uso mais antigo para o terceiro termo¹⁰. O vocábulo “ἔλεγχος” também é o que possui a conotação mais próxima ao atual sentido de lamento, embora pouquíssimas elegias supérstites do período arcaico sejam de lamento (WEST, 1974, p. 7). Pela escassez de elegias fúnebres mais antigas, é difícil supor que esse aspecto fosse determinante para a delimitação do gênero no período.

Portanto, assumimos como elemento básico definidor do gênero o aspecto métrico, pois, apesar das discussões em torno das temáticas e usos do gênero, não há mudanças quanto à métrica. Além dessa característica, o gênero também estava associado ao acompanhamento musical do aulo (um instrumento de sopro de palheta dupla como o oboé) que poderia se dar tanto em contextos de festivais públicos quanto em contextos simposiais (BOWIE, 1986, p. 14; NAGY, 2010), embora West (1974, p. 14) ressalte que nem sempre a elegia era acompanhada pelo aulo. Cabe ressaltar também que a definição dos gêneros no mundo oral da Grécia Arcaica se dava em grande parte pelas ocasiões de *performance* (GRETHLEIN, 2010, p. 5), de modo que é importante indagar sobre os contextos em que esses poemas eram executados.

Retornando, porém, ao aspecto métrico, pelo fato da elegia compartilhar um dos seus metros com a poesia épica, várias associações e empréstimos ocorreram entre esses dois gêneros, o que indica uma possível origem comum. Por esse fato, nota-se um frequente intercâmbio entre esses gêneros de fórmulas e linguagem. Salienta-se que essa linguagem era altamente artificial e, embora amplamente se considere como parte do dialeto jônico da Ásia Menor, não

⁶ O pentâmetro dactílico não é composto por cinco dáctilos em sequência, como poderia se supor pelo nome. Esse metro é, na verdade, constituído por dois hemistíquios (duas unidades), cada um composto de dois dáctilos e uma sílaba longa.

⁷ Embora haja uma tendência de associar a elegia ao lamento, o termo continua tendo um sentido amplo. John Donne denominava de elegias seus poemas místicos, e Goethe, nas *Elegias Romanas*, evoca a sensualidade da poesia latina. No século XX, Rainer Maria Rilke utiliza o termo também em um sentido amplo em suas *Elegias de Duino*.

⁸ Aristóteles, *A Constituição de Atenas* 5.2.

⁹ Jorge Querobosco, *Comentário à Arte Gramática de Dioniso Trácio* (p. 173.13).

¹⁰ Pausânias, *Descrição da Grécia* 10.7.6.

correspondia exatamente a nenhum padrão vernacular de nenhum período, possuindo influências de diversos outros dialetos – uma evidência do longo período de transmissão oral desses gêneros e de sua popularidade nas mais diversas regiões do mundo grego. Frisa-se, ainda, que a elegia era um gênero bastante antigo e que a cristalização dos poemas épicos tais como os temos hoje ocorreu após longo período de transmissão oral. Desse modo, não temos como precisar qual a direção desses empréstimos nem podemos tomá-los como unilaterais (da poesia épica para a elegia), podendo haver uma relação mais bidirecional entre ambos os gêneros (BARKER & CHRISTENSEN, 2006). Essa íntima relação da elegia com um gênero narrativo como a épica já é um indício de que a elegia poderia comportar estruturas narrativas em suas composições.

Contudo, é importante refletirmos brevemente sobre como os gregos antigos compreendiam a narrativa. Retornando ao questionamento inicial sobre a própria natureza do discurso poético, destaca-se que, antes de Platão e Aristóteles, a escola de Teodoro¹¹ e o sofista Protágoras já consideravam a narrativa como um elemento básico da produção retórica ou poética. Protágoras, por exemplo, considerava a diegese como um “modo básico do discurso” (“τὰ σχήματα τῆς λέξεως”¹²). Tanto Platão quanto Aristóteles, porém, consideram a diegese como um termo mais diretamente ligado ao discurso jurídico, mais especificamente ao relato do caso e das testemunhas.

Em *Fedro* (266e), de Platão, a narrativa é demarcada em um momento fixo do discurso jurídico. Na *República*¹³, como vimos logo no início deste trabalho, Platão entende a noção de diegese como elemento que define e atravessa toda produção poética e prosaica, mas delimita as formas nas quais pode se dar essa narrativa:

[...] ὅτι τῆς ποιήσεώς τε καὶ μυθολογίας ἡ μὲν διὰ μιμήσεως ὅλη ἐστίν, ὡσπερ σὺ λέγεις, τραγῳδία τε καὶ κωμῳδία, ἡ δὲ δι' ἀπαγγελίας αὐτοῦ τοῦ ποιητοῦ – εὖροις δ' ἂν αὐτὴν μάλιστά που ἐν διθυράμβοις – ἢ δ' αὖ δι' ἀμφοτέρων ἐν τε τῇ τῶν ἐπῶν ποιήσει, πολλαχοῦ δὲ καὶ ἄλλοθι, εἴ μοι μανθάνεις.

[...] que em poesia e mitologia, há um [gênero] que é inteiramente composto através de mimese, como dizes serem a tragédia e a comédia, outro que é através da narração do próprio poeta – encontras este especialmente nos ditirambos – e ainda outro que é por meio de ambos, como empregado na épica e em muitos outros [gêneros], se me compreendes.

Nesse excerto, que ocorre após Sócrates ter apresentado a diegese como elemento

¹¹ Aristóteles, *Retórica* 1414b.

¹² Aristóteles, *Poética* 1456b8-19.

¹³ 394c.

fundamental do discurso poético, são delimitados três meios pelos quais ocorre a produção *diegética*: através da mimese (“διὰ μιμήσεως”), através da narrativa (“δι’ ἀπαγγελίας”) ou por meio de ambas. Destaca-se, nessa citação, a preposição “διὰ” e seu sentido *por meio de, através de*, demarcando, por exemplo, que o modo mimético não é exclusivamente mimético, sendo antes e fundamentalmente uma diegese. Além disso, atentamos para o emprego aqui de um outro termo para denotar narrativa: “ἀπαγγελίας” (*apangelías*). Esse vocábulo remete originalmente à ação dos mensageiros, quando o emissário precisava prover um relato de eventos para o destinatário¹⁴.

Aristóteles toma, assim como Platão, a diegese como uma característica do discurso jurídico, porém, de modo mais enfático, diz ser “risível” (“γελοῖως”) concebê-la de outra forma¹⁵. Contudo, o estagirita pensa a diegese como um recurso mais versátil desse tipo de discurso, sem uma posição fixa, como em Platão, mas propicia a diferentes objetivos retóricos. Defende, assim, o uso de narrativas breves intercaladas com outros modos retóricos e desaconselha o uso de relatos lineares prolongados por considera-los de difícil acompanhamento por parte da audiência¹⁶. É curioso que, para demonstrar esse uso versátil e breve de narrativas com finalidade retórica, Aristóteles utiliza exemplos de Homero, o que denota que o filósofo está se referindo a um recurso retórico e não propriamente à narrativa como elemento definidor de um gênero. No entanto, na *Poética*, a narrativa parece ser mais próxima de um *modo básico do discurso* subjugado à mimese¹⁷. Na mesma obra, Aristóteles ainda utiliza a palavra *apangelías* como sinônima de diegese¹⁸.

Outro ponto importante a destacar em Aristóteles é a relação que faz entre a diegese e o proêmio como etapas do discurso jurídico. Essa relação é indicada na *Retórica* (1354b) e, de modo ainda mais direto, em *Categorias* (14b3). Embora refira-se a uma ligação inerente ao discurso jurídico, esse recurso retórico poderia perfeitamente ser empregado na poesia e, em particular, na elegia – como veremos posteriormente ao tratar do fr. 11 W de Simônides de Ceos. Nesse sentido retórico, o estagirita¹⁹ destaca ainda que a diegese deve ter uma conotação ética:

ἠθικὴν δὲ χρῆ τὴν διήγησιν εἶναι· ἔσται δὲ τοῦτο, ἂν εἰδῶμεν τί ἦθος ποιεῖ. ἐν

¹⁴ Cf. *Iliada* 9.626. Nessa passagem, Ajax diz a Odisseu que terão de comunicar, “narrar” (“ἀπαγγεῖλαι”) aos aqueus a resposta negativa de Aquiles ao pedido que regressasse à guerra.

¹⁵ *Retórica* 1414a37-b15. Ver, também, *Retórica* (1354b18) para a relação da diegese com o discurso jurídico em Aristóteles.

¹⁶ *Retórica* 1417a.

¹⁷ 1459a17-2. Nessa passagem, é mencionada uma forma de produção denominada “imitação diegética” (“τῆς διηγηματικῆς ... μιμητικῆς”). A respeito da relação da diegese enquanto um *modo do discurso* e da épica como diegética, ver *Poética* 1459b23.

¹⁸ Aristóteles *Poética* 1449b24-27; 1448a19-24.

¹⁹ *Retórica* 1417a.

μὲν δὴ τὸ προαίρεσιν δηλοῦν, ποιὸν δὲ τὸ ἦθος τῶ ποιὰν ταύτην, ἡ δὲ προαίρεσις ποιὰ τῶ τέλει· διὰ τοῦτο <δ'> οὐκ ἔχουσιν οἱ μαθηματικοὶ λόγοι ἦθη, ὅτι οὐδὲ προαίρεσιν (τὸ γὰρ οὐ ἔνεκα οὐκ ἔχουσιν), ἀλλ' οἱ Σωκρατικοὶ περὶ τοιούτων γὰρ λέγουσιν.

A diegese deve ter um caráter ético. Será assim, se vemos qual caráter ético produz. Em primeiro lugar, é preciso esclarecer o propósito, já que tal qual o propósito é o caráter ético, e o propósito é tal qual a finalidade. Por causa disso, os discursos matemáticos não possuem caráter ético já que não possuem propósito [ético] (por isso não têm também finalidade), mas os socráticos possuem, pois tratam desses temas.

Nessa passagem, vemos que Aristóteles associa ao uso retórico da narrativa um caráter *ethikós*, remetendo este termo àquilo que provém de um *éthos*, uma conotação moral. Optou-se por traduzir ambos os vocábulos, “ἠθικός” e “ἦθος”, igualmente por “caráter ético” a fim de assinalar o sentido geral da passagem, de que a narrativa deve denotar um determinado sentido moral, adequado ao propósito e à finalidade do discurso. Desse modo, o objetivo da narrativa é de convencimento, de conferir maior vivacidade ao propósito do orador ou poeta em um ambiente em que se está em jogo uma espécie de convencimento da audiência. Na *Retórica* de Aristóteles, portanto, não temos uma visão de narrativa enquanto um fim em si mesma, sendo antes um recurso da oratória capaz de conferir vivacidade a uma exposição. Plutarco²⁰, porém, ao tratar da capacidade de narrativas proverem uma satisfação racional, criticando os relatos demasiadamente minuciosos, cita Aristóteles, entre outros, equiparando a diegese à “história” (“ἱστορία”):

ἀλλὰ τοῦτο μὲν ἔοικε τῆς περὶ τὸ πάντα γινώσκειν ἡδονῆς ἀκρασία τις εἶναι καὶ ῥύσις ἐκβιαζομένη τὸν λογισμὸν: ὅταν δὲ μηδὲν ἔχουσα βλαβερὸν ἢ λυπηρὸν ἱστορία καὶ διήγησις ἐπὶ πράξεσι καλαῖς καὶ μεγάλαις προσλάβῃ λόγον ἔχοντα δύναμιν καὶ χάριν, ὡς τῶν Ἡροδότου τὰ Ἑλληνικὰ καὶ τὰ Περσικὰ τῶν Ξενοφῶντος ὅσα θ' Ὅμηρος ἐθέσπισε θέσκελα εἰδῶς ἢ τὰς γῆς Περιόδους Εὐδοξος ἢ Κτίσεις καὶ Πολιτείας Ἀριστοτέλης ἢ Βίους ἀνδρῶν Ἀριστόξενος ἔγραψεν, οὐ μόνον μέγα καὶ πολὺ τὸ εὐφραῖνον ἀλλὰ καὶ καθαρὸν καὶ ἀμεταμέλητόν ἐστι.

Mas, isso parece vir de um prazer desmedido de querer saber como é tudo e, como uma torrente, [esses relatos] agridem o raciocínio. Quando nada possuem de perigoso ou doloroso, a história e a diegese sobre feitos belos e grandiosos aumentam a potência e a graça, como Heródoto sobre os feitos dos gregos e Xenofonte sobre os dos persas

“como Homero profetizou as coisas divinas que vira”

Ou como Eudoxo nas *Viagens pela Terra*, ou como Aristóteles em suas *Fundações e Politeias* ou como Aristóxeno escreveu em *As Vidas dos Homens*. Não apenas grande e variado é o contentamento [proporcionado], mas também

²⁰ *Non posse suaviter vivi secundum Epicurum* 10.

límpido e irrepreensível.

Para Plutarco, já na antiguidade tardia, a diegese teria um sentido mais amplo, aproximando-se da história e englobando gêneros variados. No entanto, parece preservar de Aristóteles o sentido da narrativa como um recurso literário capaz de aumentar “a potência e a graça”, mas que não deve ser exagerado ou um fim em si mesmo. Como vimos nas definições anteriores de diegese e *apangélias* na antiguidade, é perceptível que o conceito de narrativa era bastante amplo na antiguidade, remetendo tanto a um caráter inerente à definição de gêneros poéticos (como na *República* de Platão e na *Poética* de Aristóteles) quanto a um modo retórico (como na *Retórica* de Aristóteles). Tendo em mente que Aristóteles apresenta suas formulações no período clássico, é difícil supor que na Grécia Arcaica dos poetas elegíacos houvesse alguma categorização formal do termo em seu sentido poético ou mesmo que as elegias que envolvessem narrativa fossem compreendidas de modo diferente das demais. Portanto, frisamos que a categorização dos fragmentos que analisaremos neste trabalho como narrativos se refere mais a um olhar contemporâneo do que ao modo como os próprios poetas e suas audiências compreendiam essas produções em seu tempo.

Nesse sentido, cabe considerar brevemente como a indefinição sobre o sentido e os limites da narrativa permanecem na contemporaneidade e, inclusive, na própria disciplina da narratologia. Fora destacado, logo de início, que neste trabalho nos basearemos no entendimento da narrativa em função da relação temporal (cronológica) entre os eventos relatados; contudo, a polissemia e a dificuldade de definição presente nos filósofos gregos ainda permanecem na contemporaneidade. De modo geral, houve duas principais tendências na narratologia do século XX, uma *temática* – como os trabalhos de Vladimir Propp e Algirdas Greimas; e outra *modal* – como as linhas de estudo de Gérard Genette, Tzvetan Todorov, Mieke Bal, Irene De Jong (esta última aproximando os aparatos da narratologia modal aos Estudos Clássicos). Por tendência temática, caracterizam-se aquelas pesquisas com um intuito de abstrair os *temas* de uma narrativa independentemente de como são dispostos ou manejados – como Lévi-Strauss analisa o mito de Édipo em *Antropologia Estrutural* (1975), dividindo a narrativa do mito convencional em estruturas mínimas, os *mitemas*, os quais, por sua vez, não constituem apenas estruturas do mito analisado, mas dos mitos como um grande grupo, podendo, por exemplo, ser encontrados em mitos de diferentes culturas. A tendência *modal*, em contraposição, se detém nas consequências dos próprios modos como os temas são dispostos em uma narrativa; ou seja, levando em conta a maneira como os eventos são organizados dentro da narrativa com suas variações, inversões e demais recursos narrativos.

Abordaremos, assim, algumas delimitações da narratologia modal, atendo-nos aos trabalhos de Genette e Todorov (sendo este o criador do vocábulo “narratologia”), a fim de perceber algumas dificuldades de se conceber o próprio objeto de análise. Genette (1977, p. 71) considerou os sentidos possíveis da palavra *récit* em língua francesa, que possui um sentido próximo ao de narrativa ou relato em língua portuguesa. O estudioso destacou três acepções correntes em francês para a *récit*: (1) enunciado narrativo que estabelece uma relação cronológica entre uma série de eventos; (2) a sucessão de eventos narrados, levando em conta não apenas a relação causal entre eles, mas os próprios recursos narrativos; e (3) o próprio ato narrativo, não em relação a ser enunciado por alguém, mas por ser o relato *de algo*. Embora os três sentidos sejam identificados pelo autor como de uso corrente, a fim de evitar ambiguidade, Genette passa a identificar um novo termo para cada um dos sentidos apresentados acima, respectivamente: (1) *récit*, (2) *histoire* e (3) *narration*. Essa distinção, porém, não indica a prioridade de uma definição sobre a outra, mas antes revela um esforço de se separar diferentes perspectivas de análise sobre o objeto.

Embora se refira a características particulares da língua francesa, as acepções identificadas pelo estudioso não parecem tão distantes dos próprios sentidos de “narrativa” em língua portuguesa. Tzvetan Todorov (1966) também havia identificado três categorias para analisar a narrativa literária ao considerar a narrativa enquanto discurso (o relato emitido por um narrador para um leitor), sendo elas: (1) a categoria relacionada ao *tempo*, ou à relação entre o tempo da história e o tempo do discurso (já que o discurso é necessariamente linear enquanto a história é pluridimensional); (2) a categoria relacionada ao *aspecto* das relações entre a voz da personagem – na história, e a voz do narrador – no discurso; e (3) a categoria relacionada ao *modo* empregado pelo narrador para transmitir a história. Essas definições demonstram os diferentes ângulos pelos quais uma narrativa pode ser abordada. Desse modo, destaca-se que a primeira definição de *récit* proposta por Genette (1977) seria a mais próxima ao recorte delimitado para a presente pesquisa. No entanto, o intuito desse breve relato de algumas definições de narrativa, ou termos correlatos, na modernidade é demonstrar como a discussão iniciada por Platão e Aristóteles continua em aberto até hoje. Assim, a maneira como a narrativa era manejada na elegia é algo que poderia envolver estruturas e intuítos bastantes variados, talvez se distanciando em muitos sentidos do modo como é geralmente empregada na poesia ou no romance modernos.

Desse modo, ressalta-se que, ao longo deste trabalho, o objetivo não é o de prover uma análise narratológica dos excertos, até mesmo devido à escassez e brevidade dos materiais, mas de prover um comentário que possa situar melhor os fragmentos elegíacos dentro da perspectiva

de que pudessem fazer parte de elegias maiores envolvendo narrativas de temas mitológicos e históricos.

Contudo, por que é relevante a análise do papel da narrativa na elegia grega arcaica? Como vimos anteriormente, a elegia era um gênero bastante versátil, dada a sua relativa facilidade de composição – sobretudo pelo compartilhamento do metro hexâmetro dactílico com a poesia épica e a conseqüente intertextualidade entre ambos os gêneros. Além disso, a execução da elegia era mais simples em comparação, por exemplo, à poesia mélica, necessitando apenas de um poeta e um aulodista como acompanhamento (WEST, 1974, p. 18-19). Essa facilidade levou Martin West (Ibid.) a crer que a elegia fosse recitada mais propriamente em ambientes pouco cerimoniais, atribuindo a ela diferentes contextos de performance: (1) antes de uma batalha; (2) em uma vigília militar; (3) no simpósio; (4) no *komós*, espécie de procissão que se seguia ao simpósio; (5) em reuniões públicas; (6) em frente a uma fonte; (7) em funerais; e (8) em festivais. Muitas dessas sugestões são baseadas em informações contidas nas próprias elegias, como o contexto (6) que é baseado nos versos 263-266 da *Teognideia*, que relatam um encontro amoroso em uma fonte pública. West não considera, no entanto, circunstâncias que poderiam se referir apenas ao contexto ficcional e não ao próprio ambiente de execução dos poemas. No caso de Teógnis, por exemplo, o encontro na fonte não necessariamente indica que a própria fosse um contexto adequado para a apresentação de elegias. Em sua análise temática, West (1974, p. 18) sugere ainda que esse gênero abarcaria quase qualquer tópico, com exceção da *narrativa de mitos e lendas (a não ser com fins paradigmáticos)*, de narrativas de cunho sexual e de estudos sobre filosofia natural ou didática.

Contudo, já haviam sugestões de que a elegia continha narrativas mais extensas. Jacoby (1918) sugerira que haveriam “epílios elegíacos”, ou seja, elegias que se assemelhavam a pequenos épicos. Na década de 1970, classicistas italianos fizeram propostas semelhantes. Giovanni Cerri (1977) propôs que a obra *Fundação de Quios* de Íon, até então considerada em prosa, fosse em dísticos elegíacos, e Santo Mazzarino (1973) considerava que a elegia apresentava o tipo de investigação histórica depois intensificado pela historiografia. A discussão da presença de narrativas na elegia, porém, é intensificada com Ewen Bowie, em “Early Greek Elegy, Symposium and Public Festival” (1986), que expõe de modo mais enfático essa perspectiva. Bowie (1986, p. 26) sugeriu que o simpósio seria o principal contexto para a récita de elegias, excluindo, assim, praticamente todos os contextos enumerados por West, abrindo exceção, porém, para o festival público (BOWIE, 1986, p. 21). No contexto dos festivais públicos, o estudioso conjecturou ainda que seriam apresentadas elegias longas e narrativas.

A proposição de Bowie sobre a execução de elegias narrativas em festivais públicos era

baseada em relatos secundários – como de autores da antiguidade tardia e da enciclopédia bizantina *Suda* – não havendo ainda nenhum fragmento elegíaco que sustentasse sua hipótese. No entanto, aproximadamente oito anos depois de seu artigo, é editado pela primeira vez o *Papiro de Oxirrinco*²¹ 3965, contendo um fragmento elegíaco de Simônides de Ceos, que possui uma invocação a Aquiles e o princípio de uma narrativa sobre a Batalha de Plateias; batalha marcada como a grande e definitiva vitória grega nas Guerras Médicas. Os *Papiros de Oxirrinco* são um conjunto de papiros encontrados no final do século XIX por B. P. Grenfell e A.S. Hunt no local de um aterro sanitário na antiga cidade de Oxirrinco no Egito. Esses papiros levaram à descoberta de muitas obras até então perdidas, sendo o processo de recuperação e edição desses textos uma tarefa que permanece até os dias atuais.

A partir da descoberta do novo papiro de Simônides, iniciou-se uma reavaliação de outros fragmentos elegíacos com componentes narrativos ou de poemas citados por fontes secundárias como elegias tratando de temas históricos ou mitológicos. Em 2006, o *P. Oxy 4708*, com um fragmento elegíaco de Arquíloco de Paros foi editado pela primeira vez por Dirk Obbink. Esse texto contém uma seção narrativa razoavelmente extensa tratando de uma passagem mitológica sobre o desembarque desastrado do exército aqueu, antes da Guerra de Troia, na região da Mísia na Ásia Menor, então governada pelo filho de Hércules, Télefo. Ao longo deste trabalho, portanto, comentaremos os novos fragmentos de Simônides e de Arquíloco, assim como consideraremos, a partir da discussão fornecida por esses textos e da perspectiva de existirem elegias narrativas, fragmentos que poderiam compor poemas semelhantes nas obras de Mimnermo, Calino, Tirteu, assim como poetas com evidências mais incertas, como Xenófanes, Sacadas de Argo, Paniassis de Halicarnasso, Íon de Quios, Semônides de Amorgos, Clonas, Árdalo e Meles.

Ressalta-se que, pela exiguidade material, o objetivo aqui não é de propor definições e leituras exclusivas ou acabadas, mas apresentar os possíveis modos como esses fragmentos poderiam ser inseridos no conjunto de seus poemas, assim como as possíveis funções e ocasiões de *performance* que as elegias narrativas poderiam ter. Mesmo sendo consideradas questões filológicas pertinentes à reconstrução e à interpretação dos fragmentos, tampouco o objetivo deste trabalho é trazer uma análise exaustiva das leituras possíveis, atendo-nos mais àquelas contribuições relevantes para a discussão do caráter narrativo e das características temáticas dos poemas. Destacamos, novamente, que apesar de termos visto contribuições da narratologia, o intuito também não é fornecer uma análise narratológica, mas um comentário mais amplo a fim

²¹ Doravante os *Papiros de Oxirrinco* serão mencionados pela sigla *P. Oxy*.

de situar essas produções elegíacas em seu tempo.

Veremos que muitos dos fragmentos abordados têm um viés de preservar a memória de acontecimentos históricos pertinentes a identidades coletivas de determinadas cidades. Simônides trata das Guerras Médicas – um tema que, como veremos no capítulo seguinte, pode ter sido um ponto alto da carreira do poeta, talvez já no fim de sua vida –; Mimnermo aborda a fundação de Esmirna em uma obra chamada *Esmirneida*; Calino trata de conflitos na Ásia Menor; Tirteu da Guerra da Messênia e das instituições políticas da cidade de Esparta. Jonas Grethlein em *The Greeks and their past* (2010) destaca a importância da história e da memória nas sociedades humanas de modo geral. O autor, assim, se contrapõe a uma geração anterior de historiadores e antropólogos que acreditavam que a noção de história só se desenvolvia em culturas escritas, enquanto sociedades orais não teriam uma própria concepção de tempo ou história. O estudioso defende que, embora a historiografia seja um fenômeno da cultura escrita, a *memória* – que constitui a base da permanência de material histórico – é comum a quase todas as comunidades humanas.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a historiografia na Grécia Antiga não suplantou os gêneros orais de perpetuação da memória coletiva, como a poesia, podendo justamente a oralidade ter permanecido como o meio mais popular (GRETHLEIN, 2010, p. 3). O autor ainda formula um conceito interessante de contingência para pensar o próprio papel da memória. Por contingência, compreende aquilo que não é impossível nem necessário, ou seja, as coisas sobre as quais os humanos podem agir, embora limitados pelo acaso. Nesse sentido, sugere duas formas de compreender a contingência: a *contingência de ação* e a *contingência de acaso*. A *contingência de ação* remete às ações que dependem da ação humana, ou seja, ações que visam cumprir determinada expectativa. Já a *contingência de acaso* remete à frustração das expectativas humanas, ao componente da vida que somos incapazes de determinar. Assim, por contingências de ação podemos entender as medidas que dependem exclusivamente ou principalmente da ação humana para se concretizar, enquanto as de acaso se referem àquilo que vai além de nossa compreensão sobre suas causas ou de nosso poder de agir sobre elas – como as catástrofes naturais ou reviravoltas históricas inesperadas.

As sociedades humanas, portanto, em sua busca por segurança e estabilidade, tendem a priorizar as contingências de ação, buscando minimizar a percepção coletiva das ameaças do acaso. Grethlein (2010, p. 9) considera quatro estratégias utilizadas para atenuar a percepção das contingências de acaso em um nível social: (1) tradição, (2) regularidade, (3) desenvolvimento e (4) aceitação. Por tradição, podemos enquadrar as narrativas coletivas que visam apresentar uma continuidade no desenvolvimento da comunidade, demonstrando sua

permanência apesar do acaso. Por regularidade, pode-se incluir estruturas repetitivas como cerimônias, festivais, entre outros eventos que visam apresentar uma sensação de estabilidade. O desenvolvimento, por outro lado, se refere a uma visão sobre o futuro, incutindo a perspectiva de que a comunidade está avançando para novas e melhores condições de vida. Já a aceitação do acaso pode se referir a diferentes formas de aceitar e compreender as sortes e revezes da vida; nesse campo, poderíamos compreender desde provérbios populares até o papel de religiões no auxílio em momentos de angústia e sofrimento.

Para nossa discussão, as estruturas mais relevantes são a tradição e a regularidade. O próprio papel dos gêneros orais (dentre os quais está a elegia) de preservar a memória coletiva de determinados eventos históricos é uma forma de tradição, que envolve regularidade (como ao abordar temas como a frequência de vitórias no passado ou da permanência de suas instituições, por exemplo). No tocante à regularidade, a provável ocasião de performance da elegia, o festival público-religioso, apresentava, além da regularidade de sua realização, uma série de mecanismos para a conservação da memória, como as apresentações poéticas ou as competições atléticas. Percebe-se, assim, que a transmissão da memória através da poesia possuiria um fundamental papel social e político na Grécia Arcaica. Desse modo, a elegia teria, nessas circunstâncias, um caráter diferente de seu emprego mais usual em ambiente simposial. A narrativa histórica e mítica desempenharia um papel coletivo promovendo o reforço de identidades locais, ou de determinadas classes sociais e políticas, promovendo discursos capazes de mitigar as contingências de acaso em seu contexto sócio-histórico.

Portanto, abordaremos inicialmente as elegias de Simônides de Ceos, um poeta já do final do período arcaico, que teria sido um dos primeiros poetas profissionais da Grécia Antiga. Simônides teria atuado como um poeta itinerante, não se atendo à sua cidade natal, mas viajando pela Grécia de acordo com a disponibilidade de patrocinadores para sua obra. As exigências de ter a poesia como único ofício impunham uma realidade diferente a Simônides (que pode ser vista também em Píndaro), o que lhe permitia se situar fora dos conflitos entre as cidades gregas, podendo atuar de forma pan-helênica, representando diferentes cidades em diferentes ocasiões ou o conjunto dos povos gregos, como parece ocorrer ao final das Guerras Médicas. Com o fim da segunda invasão da Grécia e a consequente expulsão dos persas para a Ásia, um novo período se instaura com grande desenvolvimento econômico, político, militar na Grécia de modo geral. As cidades que tiveram papéis mais proeminentes durante a invasão persa, Atenas e Esparta, passam a compor suas próprias ligas (respectivamente a Liga de Delos e a Liga do Peloponeso) com seus aliados – e com cidades às quais a aliança fora imposta. Simônides parece ter atuado justamente na transição entre esses períodos, logo após o final das guerras contra os persas,

compondo, segundo a *Suda*, poemas sobre algumas das principais batalhas travadas desse conflito: as batalhas de Artemísio, Salamina, Plateias. Embora talvez possuísse algum patrocinador em particular, o objetivo desses poemas não se dirige apenas ao louvor de uma cidade, mas também à exaltação da força conjunta dos exércitos gregos que lutaram contra os persas. Esses poemas, como veremos a seguir, elevam os soldados gregos mortos a um estatuto próximo ao dos heróis homéricos, transformando essa geração em um modelo a ser seguido.

Poetas anteriores, no entanto, ateram-se mais às tradições e à história de cidades específicas. Uma tópica comum, nesse sentido, parece ter sido a colonização jônica na Ásia Menor. Essa região – que corresponde à costa ocidental da atual Turquia – era habitada por diferentes povos e fora colonizada por gregos jônicos em um processo que começara por volta do século X a.C. Pela confluência entre vários povos já é possível imaginar que não fora um processo simples, mas que envolveu conflitos entre os povos autóctones e os jônicos invasores, assim como conflitos internos entre as próprias tribos jônicas. No século VI, as cidades gregas da região estavam sob forte ameaça de um povo que estava expandindo seu poder sobre a Anatólia: o Lídio. A ameaça lídia aparenta ser um tema importante na obra do poeta Mimnermo, que, atuando na cidade de Esmirna, lembra da colonização da região e das vitórias gregas sobre os lídios no passado como uma forma de reforçar a identidade de seus concidadãos e motivá-los a enfrentar o inimigo. Calino, de modo mais incerto, também teria tratado de conflitos de seu passado recente na Ásia Menor, mais especificamente em sua cidade natal de Éfeso, mencionando as invasões cimérias na região. O poeta repreende ainda seus contemporâneos, em seu mais extenso fr. 1 W, por sua ociosidade em um período de ameaça estrangeira. Xenófanes, segundo a *Suda*, abordara tanto a fundação de Cólofon, na Ásia Menor, quanto a colonização de Eleia (na Magna Grécia, atual Itália). Esses temas poderiam, no entanto, compor um único poema (não sendo claro o elo de ligação entre eles), dois poemas distintos ou até mesmo refletir uma série de composições menores que abarcaria esses temas. Ambos eventos podem estar relacionados pelo fato de Cólofon, terra natal do poeta, ter sido capturada pelos lídios, fato que forçou a migração de seus habitantes para, entre outros lugares, a Magna Grécia. Íon de Quios compôs a *Fundação de Quios*, sendo a ilha homônima próxima à costa jônica. Semônides de Amorgos, apesar de uma aparente confusão em sua entrada na *Suda* com o gramático Símiias, teria composto a *Arqueologia de Samos*, que, pelo título, se deteria na história antiga e na fundação dessa cidade também situada em uma ilha na costa jônica. Paniassis de Halicarnasso, por outro lado, compora uma obra chamada *Ionika* sobre a colonização jônica de modo geral, o que supõe um contexto e uma motivação diferente para a composição dessa obra, comparada aos poeta anteriores que estavam mais interessados em enfatizar a memória coletiva

de cidades específicas.

Tirteu, porém, se detém na região de Esparta e em seus conflitos com os vizinhos no Peloponeso. O poeta, nesse contexto, pode ter tratado da invasão dórica da região – um episódio caro à história antiga de Esparta – provavelmente com o intuito de justificar a legitimidade da família dos Heraclidas sobre o trono espartano. Além disso, no seu poema *Eunomia* (“As Boas Leis”), poderia estar incluído de algum modo o texto da *Grande Rhetra*, que exercia a função de uma constituição oral de Esparta. Esse fato denota que as origens e a validade das instituições políticas espartanas seriam temas caros ao poeta, que utilizaria a narrativa histórica para destacar a permanência do sistema político espartano. Tirteu abordou ainda a Segunda Guerra da Messênia, um conflito do passado recente do poeta entre os espartanos e os messênios, um povo autóctone do Peloponeso que fora reduzido ao *status* de escravos ou tributários de Esparta. A rememoração desse conflito provavelmente teria alguma finalidade prática para os contemporâneos do poeta, talvez de modo exortativo em relação a um novo conflito ou ameaça.

A outros poetas, como Arquíloco de Paros e os aulodistas Árdalo, Clonas e Meles, é atribuída a autoria de obras de inserção incerta em elegias narrativas. Arquíloco de Paros, embora apresente uma razoavelmente extensa seção narrativa no fr. 17a Swift, não possui evidências secundárias que corroborem de modo definitivo a ideia de que compôs elegias narrativas. Há, porém, menções²² de que teria apresentado uma longa fala de Dejanira, esposa de Hércules, enquanto o centauro Nesso tentava molestá-la²³, pelo que se supõe que houvesse uma narrativa mais alongada sobre essa passagem do mito de Hércules ao ponto de permitir uma longa fala da personagem. Bowie (2010, p. 150-151) crê, a partir dessa menção, que Arquíloco poderia ter composto uma elegia narrativa sobre Hércules e Dejanira, que conteria mitos relacionados como o de Télefo, filho de Hércules. Contudo, a narrativa de Télefo apresentada no fr. 17a Swift poderia ter apenas um fim paradigmático, já que o fragmento conta com uma *gnomé*, uma moral, logo em seus primeiros versos, que parece se voltar à alguma situação contemporânea. No entanto, existem também indícios – como o fr. 3 W – de que Arquíloco teria abordado, de alguma forma, da Guerra Lelantina, um conflito entre as cidades de Cálcis e Erétria na ilha de Eubeia – próxima da ilha de Tasos para onde o poeta havia migrado. Assim, os eventos contemporâneos aos quais o poeta remete no início do fr. 17a W poderiam

²² Plutarco, *A malícia de Heródoto* (14.857ss.); Escólio à *Iliada* Σ*BE 21.237; Píndaro fr. 249 Schröder; Díon Crisóstomo (*Or.* 60.1 que corresponde ao fr. 286 W de Arquíloco).

²³ Nessa passagem do mito, Hércules deixa sua esposa ao encargo de Nesso, para que a transporte em sua balsa ao outro lado do rio Eveno, enquanto ele próprio atravessa o rio a nado (de modo que não precisasse pagar pela travessia). Com a ausência do herói, o centauro tenta violentar Dejanira, mas é flechado por Hércules, quando este se apercebe da situação (Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca* 2.7.6).

estar de algum modo relacionados a esse conflito.

Os aulodistas Árdalo, Clonas e Meles possuem poucas referências na literatura antiga, sendo lembrados pela composição de *nomoi*, padrões musicais, aulódicos. Alguns desses *nomoi* possuíam uma estrutura narrativa e, pela forte associação posterior entre a elegia e o acompanhamento do aulo, é possível que os padrões criados por esses aulodistas acompanhassem elegias.

Assim, essa recorrência de elegias com temas históricos e míticos levou Bowie (2007) a questionar se a elegia narrativa não seria um ancestral da historiografia na Grécia Arcaica, exercendo a função de perpetuar tradições que reforçavam identidades e instituições políticas locais. Com esse tipo de questionamento em mente, passaremos agora aos comentários dos autores e elegias selecionados, considerando as possíveis maneiras nas quais a narrativa estaria inserida na elegia da Grécia Arcaica.

2 SIMÔNIDES DE CEOS E AS GUERRAS MÉDICAS

2.1 Introdução

Simônides de Ceos é uma das mais importantes figuras da poesia grega do período arcaico, sendo conhecido como um dos primeiros poetas profissionais, cujos diferentes patronos o levaram a diferentes regiões do mundo grego de então²⁴. Apesar de seu reconhecimento na antiguidade, sua obra nos resta de modo bastante reduzido. O nosso conhecimento sobre o poeta, contudo, foi significativamente alterado com a descoberta em 1992 do *P. Oxy 3965* que trouxe à tona um conjunto de fragmentos que, em certos pontos, combinavam com papiros descobertos anteriormente ou com citações de outros testemunhos da antiguidade. Esses fragmentos também foram os responsáveis por reacender a discussão em torno da elegia histórica, revigorada por Bowie (1986), contendo excertos narrativos de episódios importantes das Guerras Médicas.

Os fragmentos 10-22 W de Simônides de Ceos, por exemplo, compõem parte de um poema que inclui a narrativa em dísticos elegíacos sobre a batalha de Plateias, evento decisivo na vitória grega sobre os persas, iniciando um novo período nas Guerras Médicas em que os exércitos gregos passariam à ofensiva, forçando seus inimigos a se retirarem para a Ásia. De acordo com a entrada de Simônides na enciclopédia bizantina *Suda*, no entanto, esse não seria o único poema do poeta de Ceos narrando eventos históricos:

καὶ γέγραπται αὐτῷ Δωρίδι διαλέκτῳ ἢ Καμβύσου καὶ Δαρείου βασιλεία καὶ Ξέρξου ναυμαχία καὶ ἡ ἐπ' Ἀρτεμισίῳ ναυμαχία, δι' ἐλεγείας: ἢ δ' ἐν Σαλαμῖνι μελικῶς: θρηνοὶ, ἐγκώμια, ἐπιγράμματα, παιᾶνες καὶ τραγωδίαὶ καὶ ἄλλα.

E foram escritos por ele em dialeto dórico [um poema sobre] os reinos de Cambises e Dario, assim como as naumaquias de Xerxes e de Artemísio em dísticos elegíacos; e a de Salamina em versos líricos; [também escreveu] trenos, encômios, epigramas, peãs, tragédias entre outros.

Desses textos relatados pela *Suda*, há poucos registros: de acordo com West (1993), os fragmentos 1-4 W seriam os resquícios do poema sobre a batalha de Artemísio e os fr. 8-9 W (e possivelmente os fr. 5-7 W) os remanescentes do poema sobre a batalha de Salamina (tendo sido a maioria desses fragmentos também encontrados no *P. Oxy 3965*). West (1993, p. 2)

²⁴ Não nos debruçaremos aqui propriamente no caráter itinerante e profissional da obra de Simônides, porém destacamos o trabalho de Luísa de Nazaré Ferreira “Mobilidade poética na Grécia Antiga: uma leitura sobre a obra de Simônides” (2013), detido sobre a natureza das relações do poeta com os seus patronos e sobre os contextos de performance em que estaria envolvido.

acredita ainda que seria improvável que Simônides tivesse narrado os reinos dos imperadores persas Cambises, Dario ou Xerxes, sendo mais provável que a informação fosse de que Simônides teria sido contemporâneo desses reinados e da batalha naval contra Xerxes e, por algum equívoco de transmissão, o sentido foi alterado para o de que teria escrito poemas sobre eles.

O mais interessante, contudo, é que no relato da *Suda* não há nenhuma indicação de que haveria uma elegia abordando exclusivamente a batalha de Plateias, que é da qual possuímos os mais significativos fragmentos 10-18 W, sendo de especial destaque o mais extenso e intrigante fr. 11 W. Esses fragmentos indicam que o poema conteria um próêmio com um hino a Aquiles, uma referência direta a Homero e às Musas e talvez até a Mimnermo (caso os fr. 19-20 W pertençam ao mesmo poema), o que demonstra que não seria uma obra breve. Não há nenhuma menção a um título que possa ser atribuído a esse poema, podendo inclusive tratar de outros eventos além da batalha de Plateias. Porém, considerando que a obra dedicaria ao menos uma parte significativa à narrativa dessa batalha, devido a outros poemas nomeados pelo local da batalha ou da cidade (como o próprio poema de Artemísio mencionado pela *Suda* ou a *Esmirneida* de Mimnermo), é possível que esse poema fosse conhecido simplesmente como “Πλατιάας” (Plateias) e, desse modo, por motivo de simplicidade, nos referiremos assim a esse conjunto de fragmentos de agora em diante.

Desse modo, comentaremos os fragmentos que podem compor as elegias narrativas de Artemísio (fr. 1-4 W) e Plateias (fr. 10-17 W), assim como alguns de inserção mais duvidosa, como os fr. 5-9 W (que podem tratar da Batalha de Salamina) e os aparentemente simposiais fr. 18-22 W, levando em conta especialmente questões que possam contribuir para o entendimento de como essas narrativas seriam organizadas dentro da obra e de como e em que contexto seriam executadas pelo poeta.

Além disso, pelo fato de as batalhas narradas, e em particular a de Plateias, estarem em um período já mais documentado na produção literária e historiográfica da Antiguidade, avaliaremos em mais detalhes os indícios de possíveis contextos, cidades ou festivais, em que a elegia de Plateias pode ter sido recitado a partir do confronto das alusões feitas nos seus fragmentos e a historiografia, outras fontes antigas e propostas de estudiosos modernos. Antes de entrarmos propriamente na análise das possíveis ocasiões de performance, no entanto, abordaremos, em particular, uma das referências mais marcantes feita no fr. 11 W, a qual remete ao general espartano Pausânias, que liderou a coalizão de exércitos que enfrentou os persas em Plateias, mas que gozou do prestígio pela vitória apenas por um breve tempo, um fato importante para compreender esse período da carreira de Simônides.

Assim, apresentaremos a seguir a análise e a tradução dos fragmentos destacados. Após os comentários dos fragmentos, ponderaremos algumas implicações históricas e políticas de Pausânias ser citado diretamente no poema de Simônides para então analisar alguns dos contextos de performance mais plausíveis ou discutidos entre os estudiosos, que se referem a festivais públicos pan-helênicos ou a celebrações em cidades específicas, levando em conta o período e as circunstâncias delimitadas pelas referências do fr. 11 W. Embora não se exclua aqui inteiramente a possibilidade de que esses fragmentos pudessem ter sido executados em contexto simposial²⁵, nos deteremos na posição prevalente da crítica, sobretudo no caso do poema de Plateias, de associá-los a um contexto público.

2.2 Análise dos fragmentos

2.2.1 A elegia de Artemísio (fr. 1-4 W)

Como mencionado pela *Suda*, Simônides seria conhecido por ter composto uma elegia extensa sobre a batalha de Artemísio. Essa se encontra no conjunto de embates decisivos para os gregos, que prepara o caminho para a vitória decisiva em Plateias. Ela se deu ao mesmo tempo que a Batalha de Termópilas – na qual Leônidas e seu pequeno exército espartano, junto de alguns aliados, tentavam retardar o exército Aquemênida na estreita passagem entre a Tessália e a Lócrida –, mas por via naval no estreito de Artemísio. O desfecho do confronto em Artemísio é ambíguo: se, por um lado, os gregos têm perdas iguais às dos persas e recuam após terem notícia da morte de Leônidas, por outro, lutaram em igualdade contra uma frota muito superior numericamente, retardando-a. Desse modo, esse confronto entrou para a posteridade como uma vitória grega. Os gregos, no entanto, contaram com uma ajuda “divina” antes da batalha, uma vez que, a frota persa foi surpreendida por uma tempestade que destruiu um número considerável de seus navios. Vejamos, assim, o fr. 1 W (= 635 PMG, *Schol. ad Apollonium Rhodium* 1.583-4a, «εἰναλίη Σκίαθος») de Simônides, a partir do qual trataremos alguns detalhes históricos pertinentes à discussão do fragmento:

ἡ παραθαλασσία. νῆσος γὰρ ἡ Σκίαθος ἐγγύς Εὐβοίας. ἦς καὶ Σιμωνίδης

²⁵ West (1993, p. 4-5) defendia inicialmente um contexto simposial para o fr. 11 W, destacando que o fragmento se encontrava em um papiro junto de outras elegias simposiais. Além disso, o estudioso acreditava que, na falta de evidências que suportem a hipótese de um festival público, se deveria supor o contexto mais habitual de execução de elegias. O exemplo mais próximo, porém, de poema simposial encomiástico é o fragmento 727 PMG de Timócreo, o qual, por sua brevidade, não parece ser um paralelo fortuito para uma comparação com o mais extenso e “épico” poema de Plateias.

μέμνηται.

A “costeira”. A ilha de Escíato próxima de Eubeia, a qual é lembrada por Simônides.

Esse fragmento bastante breve menciona apenas um epíteto utilizado por Simônides para se referir à ilha de Escíato. A sua associação com a Batalha de Artemísio se dá por Escíato (uma pequena ilha das Espórades, região próxima à Eubeia) ser o local onde a tempestade abateu boa parte da frota persa. Escíato é também perto de Esquiro, uma ilha maior e mais povoada, que é palco do célebre mito em que Tétis leva seu filho Aquiles para lá, disfarçando-o como uma das filhas do rei local para não ser identificado e convocado para a Guerra de Troia. O engodo é descoberto por Odisseu, que oferece presentes às filhas do rei, entre eles uma espada e um escudo, ao mesmo tempo em que seus companheiros simulam um ataque à ilha, de modo que Aquiles prontamente toma as armas e, assim, revela sua verdadeira identidade²⁶. Nessa passagem, porém, Aquiles gerou (segundo alguns relatos, através da força) Neoptólemo, que é, portanto, natural dessa ilha²⁷. A conexão com Aquiles é importante pelo herói ser também figura central no fr. 11 W sobre Plateias. O fr. 2 W (= *P. Oxy 3965* fr. 13) faz possível menção aos ventos fortes e à tempestade que abateu a frota persa:

.]καυχ. .[
 .]εμαχ[
 .].στεσ[
 .]βίας α[
 .]μεγαλαφ[
 .]εχει.[
 .]. .[] . [

.] (?) [
 .]luta[ram(?)
 .]]. (?) [
 .] de violenta força os v[entos
 .]grandes pensa[mentos
 . tempes]tade .[
 .]. .[] . [

O texto é extremamente fragmentário, mesmo assumindo, como fizemos nessa tradução, os suplementos bastante livres propostos por West (1993) nos versos 4 e 5. A possível menção

²⁶ Estácio, *Aquileida* v. 283-688.

²⁷ *Iliada* 9.326-327; Ésquilo, *Filoctetes* v. 239. Fócio (*Biblioteca*, 190) diz que, no relato de Ptolomeu Heféstio, Neoptólemo teria também um irmão chamado Oneiros.

aos ventos fortes no verso 4 e à tempestade no verso 6 dão ensejo, no entanto, para o tema mitológico de Zetes e Calais (filhos de Bóreas), devido a ele ser tratado mais diretamente no fr. 3 W (= *POxy* 3965 fr. 20):

.] <td></td>	
.]νεριων[
.]ν· ἀνδρ.[
.		ἀθανάθων] ιότητι τ[
.		Ζήτην καὶ] Κάλαι[ν	5
.]σέλθε[]χ[
.]ι ἐξ ἔρεβος κ[
.]ε δῶρω[ν	
.]εων δ[
.]αφοιο θ[10
.]ιη' ἠϋ[κόμοιο] κόρ[ης	
.		θάλα[ασσαν ὑ[πὸ] τ[ρ]υγός· α[
.		ἀγ]λαόφημον ἀλός[
.]ων τίνα δ[.]·λωπ[
.]ωτεχ[] ενο[15
.]··[
.](?)[
.](?)[
.] (?)· home[ns (?)	
.		dos imortais] a vontade (?) [
.		Zetes e] Calai[s	5
.]vi[e]ram(?) [
.] (?) do Érebo (?) [
.] (?) dos regalo[s	
.] (?) [
.		a cer]vos em r[apidez comparáveis	10
.] de a[mável cabelo], a don[zela	
.		remexeram o oc[eano d[e] seu f[u]ndo· a[ssim o ancião	
.		· levantaram, guardião de lu]zente fama do mar[
.		Ele disse, profetizan]do: que d[i]stante som[escuto,	
.		· como o clangor de batalha, qual meus] ouvidos [to]c[a?	15
.]··[

Nos versos 10-15 adotamos na tradução suplementos propostos por West, que apesar de serem, assim como no fr. 2 W, bastante livres, evidenciam a possibilidade do fragmento tratar de um diálogo entre os Boréades (os irmãos Zetes e Calais) e Nereu, o ancião do mar, também mencionado no fr. 11 W. Essa menção pode estar associada a uma passagem do mito de Jasão e os argonautas, em que estes discutem pelo fato de terem deixado Hércules na Mísia, sendo os Boréades uns dos defensores da medida tomada. Segundo Apolônio Ródio²⁸, Glauco (mensageiro de Nereu) então emerge do mar e instrui os companheiros de Jasão a deixarem Hércules seguir seu curso, reforçando a posição tomada por Zetes e Calais. Mesmo que

²⁸ *Argonáutica*, vv. 1296-1326.

Simônides não esteja invocando particularmente esse diálogo de Glauco com os argonautas, o excerto da *Argonautica* ao menos indica que haveria uma relação entre os Boréades e Nereu. Esse fragmento é notável, portanto, especialmente pela menção direta a Zetes e Calais no verso 5, que é atribuída pelo escoliasta da *Argonautica* de Apolônio Ródio²⁹ a uma composição de Simônides:

τὴν δὲ Ὠρείθυιαν Σιμωνίδης ἀπὸ Βριλησσοῦ φησιν ἀρπαγεῖσαν ἐπὶ τὴν Σαρπηδονίαν πέτραν τῆς Θράκης ἐνεχθῆναι ... ἡ δὲ Ὠρείθυια Ἐρεχθέως θυγάτηρ, ἦν ἐξ Ἀττικῆς ἀπάσας ὁ Βορέας ἤγαγεν εἰς Θράκην, κάκεισε συνελθὼν ἔτεκε Ζήτην καὶ Κάλαιν, ὡς Σιμωνίδης ἐν τῇ Ναυμαχίᾳ.

A respeito de Orítia, Simônides diz que ela foi tomada do [monte] Brilessos e levada até à pedra Sarpedônia na Trácia . . . Orítia, filha de Erecteu, foi tomada por Bóreas na Ática e levada até à Trácia, onde uniram-se e [ela] gerou Zetes e Calais, como conta Simônides na *Naumaquia*.

Esse escólio demonstra que Simônides provavelmente teria se detido mais na narrativa do mito de Zetes e Calais (talvez em uma parte próxima anterior ao fr. 3 W) abordando o próprio rapto da mãe dos heróis, Orítia, filha do rei Erecteu de Atenas, pelo vento do Norte Bóreas, que a teria levado para a Trácia (região comumente associada a essa divindade). De acordo com Heródoto³⁰, Orítia e Bóreas foram cultuados pelos aliados gregos antes da Batalha de Artemísio, o que torna mais provável que a “naumaquia” mencionada pelo escoliasta se refira ao poema de Artemísio mencionado pela *Suda*. Boedecker (2001a, p. 123) considera que a menção em Heródoto também pode ter sido baseada no relato do poema de Artemísio de Simônides. Zetes e Calais são conhecidos na mitologia grega por seu envolvimento com os Argonautas, mas, mais especificamente, pela passagem pela ilha em que Fineu é prisioneiro, atormentado pelas Harpias. Os irmãos são os libertadores de Fineu, que também estava ligado por laços de parentesco aos heróis, por conta de ter sido esposa de Cleópatra, outra filha de Orítia. Além disso, há várias associações marítimas na linhagem dos Boréades: a mãe de Erecteu, o pai de Orítia, era Zêuxipe, uma náíade. Erecteu também foi cultuado em Atenas no Erecteion, templo dedicado a *Poseidon Erectheus*. Posêidon, em determinadas variantes do mito, era o responsável pela morte de Erecteu (ELDERKIN, 1941, p. 113). De modo mais remoto, Cécrope I, pai adotivo de Ericciónos (avô de Erecteu) era descrito como “διφυής” (de dupla natureza) metade homem, metade serpente (ou peixe)³¹.

Assim, além dessa associação marítima que corrobora o contexto de uma narrativa da

²⁹ Escólio a Apolônio Ródio 1.211-15c, “Ζήτης καὶ Κάλαις”.

³⁰ Heródoto, *Histórias* 7.189.

³¹ Higino, *Fábulas* 48; Aristófanes, *As Vespas* v. 438; Ovídio, *Metamorfoses* 2.555; Eurípides, *Íon* vv. 1163-1165.

batalha naval de Artemísio para o fr. 3 W, é perceptível também que os heróis Zetes e Calais, apesar de naturais da Trácia, tinham uma ligação direta com a cidade de Atenas, terra natal de Orítia, filha do rei Erecteu. O mito de Bóreas parece ser tema também do fr. 4 W (*POxy 3965* fr. 12):

.	.].[
.	.].[
.	.]. πανθυμω[ι]σ[
.] <td>ανθρωπον[</td> <td></td>	ανθρωπον[
.	.]. [] εφορηθ[5
.	.]χέρσον διέπω[v	
.	.] . ἔχθεος ασ[
.]	.. α[]κον β(·)[]ρέ[
.	.] .. κε[. . . .] . von[] . [
.	.]ηα δολ[10
.	.]όρμον ε[
.	.]εινομ[
.	.].[
.	.].[
.	.]. de coraç[ã]o plen[os	
.](?)	home[m	
.	.]. [] atacar[am	5
.	.	por mar e por]terra firme conduzind[o	
.	.] . do ódio (?) [
.]	.. (?) [] (?) B[ó]re[as(?)	
.	.] .. (?) [. . . .] . (?) [] . [
.	.](?) [10
.	.] ancoradouro (?) [
.	.	reme]xend[o(?)	

Este fragmento está possivelmente inserido dentro da elegia de Artemísio devido à menção a Bóreas no verso 8, além de parecer conter nos versos anteriores a abordagem de uma cena de batalha. O orador Himério³² sugere que Simônides invocara o vento Bóreas na procissão das Panatenaias, o que reforçaria a possibilidade desse fragmento tratar da Batalha de Artemísio em um contexto ateniense (RUTHERFORD, 2001, p. 37). West (1998) propõe também o suplemento "Θρήϊξ ἄνθρωπος" para o v. 4, o que poderia, em sua opinião, relacionar o fragmento a algum descendente do vento trácio Bóreas ou à anedota do nadador Scílias de Escíone³³, que anteriormente fora um aliado dos persas, mas que desejava desertar para o lado grego e assim mergulhou entre Áfetis e Artemísio – uma distância de 80 estádios, metragem difícil de definir com os padrões atuais, mas que renderia ao menos uma distância de 12 km –

³² Himério, *Orações* 47.117 = Simônides fr. 535 PMG.

³³ Heródoto, *Histórias* 8.8.

um feito semelhante ao encontrado na lenda do corredor Fidípides na Batalha de Maratona. A proposta de West (1998), no entanto, é bastante incerta, assim como as demais adições sugeridas pelo estudioso para os versos 6 (a mais plausível), 8, 11 e 12. Desse modo, vemos como é muito imprecisa a abordagem da elegia de Artemísio, mas percebemos que o tema mitológico de Bóreas seria importante nessa composição, ao ser mencionado em dois fragmentos.

2.2.2 *Frr. 5-9 W – Batalha de Salamina*

Embora, segundo a *Suda*, o poema de Salamina fosse em versos líricos, trataremos dos fragmentos 5-9 W pelo fato de alguns terem sido descobertos no *P. Oxy 2327* (que parece se relacionar em alguns pontos com o *P. Oxy 3965*, no qual foram encontrados os indícios mais significativos das elegias narrativas de Simônides) e por serem, assim, úteis à compreensão tanto do fragmento de Artemísio quanto do de Plateias. Não trataremos diretamente, porém, do fr. 6 W por ser em maior parte ilegível e, portanto, infrutífero para a presente discussão sobre o emprego da *diegese* na elegia grega.

Quanto à Batalha de Salamina, essa se deu após o confronto em Artemísio e a consequente perda de territórios na Ática, Beócia, Eubeia e Fócia. Persuadidos pelo general ateniense Temístocles, os gregos resolveram enfrentar novamente a frota Aquemênida, desta vez nos estreitos de Salamina. Xerxes, desejoso de uma vitória decisiva, avançou contra a frota grega, contudo, no exíguo espaço dos estreitos, a superioridade numérica da frota persa se tornou um obstáculo, o que acabou gerando a vitória decisiva dos gregos. Xerxes, então, se retira para a Ásia, deixando o restante da campanha nas mãos de seu general Mardônio³⁴. A existência de um poema de Simônides sobre a Batalha de Salamina é atestada pelo biógrafo de Píndaro³⁵, que faz o seguinte testemunho:

ἐπέβαλλε δὲ τοῖς χρόνοις Σιμωνίδη νεώτερος πρεσβυτέρω· τῶν γοῦν αὐτῶν μέμνηται ἀμφοτέρωι πράξεων· καὶ γὰρ Σιμωνίδης τὴν ἐν Σαλαμῖνι ναυμαχίαν γέγραφε, καὶ Πίνδαρος μέμνηται τῆς Κάδμου βασιλείας.

Embora mais novo, [Píndaro] viveu nos tempos do mais velho Simônides. Ao menos, ambos trataram dos mesmos temas, pois Simônides escreveu sobre a batalha de Salamina, enquanto Píndaro lembrou do reinado de Cadmo.

³⁴ Heródoto, *Histórias* 8.

³⁵ Vida Ambrosiana de Píndaro i.2.21 Drachmann = Simônides fr. 272 Snell-Maehler.

Este trecho aponta que Simônides teria composto versos tratando da batalha de Salamina, contudo não está claro se estariam inseridos em uma obra só sobre o tema ou em outro poema (ao estilo de Píndaro). O fato de Simônides ter ressaltado a vitória grega em Salamina é também visível no fr. 5 W, contido em um relato de Plutarco³⁶ sobre o momento no qual os navios persas são atraídos para o estreito em Salamina e, assim, acabam sendo cercados e abatidos pela frota grega, mesmo esta estando em grande desvantagem numérica:

οἱ δ' ἄλλοι τοῖς βαρβάροις ἐξισούμενοι τὸ πλῆθος ἐν στενῷ κατὰ μέρος προσφερομένους καὶ περιπίπτοντας ἀλλήλοις ἐτρέψαντο μέχρι δειλῆς ἀντισχόντας, ὥσπερ εἶρηκε Σιμωνίδης, τὴν καλὴν ἐκείνην καὶ περιβόητον ἀράμενοι νίκην, ἧς οὔθ' Ἑλλησιν οὔτε βαρβάροις ἐνάλιον ἔργον εἴργασται λαμπρότερον.

E aos demais bárbaros no estreito, podendo mover apenas uma parte [da frota] e caindo uns sobre os outros, a multidão [dos gregos] se igualou e os atacaram até o cair do dia e, como disse Simônides, a bela e famosa vitória conquistaram, que nem entre gregos nem entre bárbaros jamais houve mais ilustre no mar.

Simônides teria, portanto, segundo Plutarco, se pronunciado enfaticamente quanto à magnitude da vitória em Salamina, considerando-a como a mais “ilustre” (ou “gloriosa”, “λαμπρότερον”) tanto entre gregos quanto entre bárbaros. Não é possível afirmar, novamente, se estaria em um poema apenas sobre essa batalha, pois Simônides pode ter invocado essa vitória em uma composição mais ampla. Ainda, na mesma obra de Plutarco³⁷, é mencionada a fuga de Xerxes, de modo que a obra de Simônides, mencionada pela *Suda* como a naumaquia de Xerxes, poderia ser a mesma que trata da batalha de Salamina.

Partindo, porém, para o fr. 7 W (= *P. Oxy 2327* fr. 31 col. ii), que também estaria inserido no relato de Salamina, podemos perceber que se trata de um conflito com os persas, mas é difícil conjecturar sua inserção:

.]ω . . . [
 Π ποντοβοα[
 x πειθωντα[
 ὡς ὑπὸ σάλ[πιγγος
 παισὶν μη [5
 φρυξί τε
 φοινίκω[v
 ἦλθ[

.](?) . . . [
 Π do mar clam[oroso
 x obedencen[do(?)
 como pelo trom[petista

³⁶ *Temístocles* 15.4.

³⁷ *Temístocles*, 16.1.1

aos filhos (?) [5
frígio e[
dos fenício[s
vie[ram(?)

Supõe-se que o fragmento trate de uma batalha naval, devido à menção ao mar no segundo verso e aos frígios e fenícios, povos que faziam parte da frota do exército Aquemênida, nos versos 6 e 7. A menção ao trompetista (v. 4) parece ser ecoada na peça *Os Persas* de Ésquilo (v. 395) em uma fala do mensageiro que reproduz os principais acontecimentos da batalha de Salamina. Podlecki (1968, p. 268) supõe que a peça possa ter dado proeminência à figura do trompetista devido ao poema de Simônides. Essas perspectivas, no entanto, são bastante incertas, uma vez que a única fonte direta da existência de uma obra de Simônides inteiramente dedicada à Batalha de Salamina é o relato da *Suda*.

Embora incluídos por West (1998) entre os fragmentos de Salamina, os fr. 8-9 W são mais difíceis de contextualizar, mas interessantes por trazer excertos de versos de Simônides (ao contrário dos fr. 5 e 7 que se tratam de relatos de outros autores). O fr. 8 W foi conservado em duas etimologias³⁸ que tratam das diferentes grafias para o vocábulo “πρώ(ε)ιρα” (“proa”):

πρώ(ε)ιρα· οἱ μὲν διὰ τοῦ ἰ, οἱ δὲ διὰ τῆς εἰ διφθόγγου· διὰ τοῦ ἰ μὲν, ὡς ἀπὸ τοῦ πρῶρα γενόμενον κατὰ διάστασιν τοῦ ἰ, πρῶϊρα· ὁ δὲ Ἡρωδιανὸς (ii. 410. 26 Lentz) διὰ τῆς εἰ διφθόγγου, πρὸς τὸν χαρακτῆρα τῶν διὰ τοῦ -ειρα. Et postea: πρῶϊρα· σὺν τῷ ἰ . . . καὶ ἀπὸ τῆς ἐτυμολογίας, ἐπειδὴ παρὰ τὸ προϊέναι, καὶ ἀπὸ τῆς διαστάσεως τοῦ ἰ, ὡς παρὰ τῷ ποιητῇ "κυανοπρωῖρους" (non ita traditur in nostro Homero). καὶ παρὰ Σιμωνίδη
κυανοπρῶϊραν

πρώ(ε)ιρα [*prō(e)ira* - proa]: alguns [escrevem] com iota e outros com ditongo em εἰ (*ei*). Dos que [escrevem] com iota, surge a partir de *prōra* com a separação do iota, [portanto] *prōira*. Herodiano (ii. 410.26 Lentz) [escreve] com o ditongo em *ei*, a partir da grafia das [palavras terminadas] em *-eira*. Em seguida: πρῶϊρα [*prōira* - proa]: com iota . . . e de acordo com a etimologia provém de προϊέναι [*proiēnai* - ir na frente], e [aparece] também com a separação do iota, como segundo o poeta [Homero] "κυανοπρωῖρους" [*kyanoprōīrous* - proa negra] (*não transmitido desta maneira em nosso Homero*). Também [ocorre] em Simônides:

κυανοπρῶϊραν [*kyanoprōīran* - proa negra]

Vemos nesse fragmento que o interesse do etimólogo é a grafia da palavra, porém a menção a uma proa sugere a abordagem de um tema naval, o qual não necessariamente estaria relacionado à Batalha de Salamina ou outra de um passado próximo. De modo semelhante, o fr.

³⁸ Simônides 625 PMG = Etimológico Genuíno (Miller, *Mélanges* 256; códice A); Etimológico Magno p. 692.25; Zonaras p. 1581.

9 W é encontrado em um escólio a Homero³⁹ que trata de palavras parônimas (palavras quase homônimas):

τὸ δὲ μάρτυρος παρώνυμον [τῆι γ]ενικῇ[ι] τοῦ πρωτοτύπου συμ[πέ]πτωκεν,
ὡς τὸ Τροίζενος, ἔνθεν [Τρο]ιζήνοιο (Il. 2.847) . . . (39) τὸ λάος, ἀφ' οὗ φησι
Σιμωνίδης

ξύλα καὶ λάους ἐπιβάλλων

A palavra μάρτυρος [*martyros* - testemunha] é parônima do genitivo em sua forma primária, como ocorre com a palavra Τροίζενος [*troízenos* - adjetivo referente a cidade de Trezena] do qual [o genitivo é] Τροιζήνοιο [*Troizénoio*] (Il. 2.847) . . . (39) [O mesmo ocorre com] a palavra λάος [*lâos* - pedra], de acordo com o que diz Simônides:

"lançando paus e pedras"

Observa-se, assim, que o escoliasta se dedica exclusivamente à questão gramatical de palavras cuja declinação apresenta formas quase idênticas no nominativo e no genitivo. A menção a lançar paus e pedras pode indicar a presença de *gymnétes*, soldados de armadura leve (em tradução literal, “soldados nus”), mencionados também no fr. 11 W (vv. 35-38) de Tirteu como lançando “grandes pedras” (“μεγάλους ... χερμαδίους, v. 36) e “afiadas lanças” (δούρασι τε ξεστοῖσιν”, v. 37). No entanto, essa especulação é difícil de ser aprofundada devido à brevidade do fragmento e ao fato do escoliasta não abordar o contexto em que a expressão é utilizada.

Assim, vemos que a Batalha de Salamina, embora não possamos ter certeza se seria tratada em um poema inteiramente dedicado a ela, teria ao menos tido certo destaque na obra de Simônides, sendo considerada por ele a maior vitória naval entre todos os povos (fr. 5 W), assim como teria dedicado espaço suficiente para a descrição do contingente inimigo (fr. 6 W). Caso os frr. 8-9 W também façam parte desse poema, o tema naval seria reforçado pela menção ao termo “κυανοπρώϊραν”, “proa negra”, para descrever um navio combatente, assim como talvez diferentes estratos hierárquicos de combatentes fossem abordados, incluindo as suas classes mais baixas (fr. 9W).

2.2.3 Frr. 10-17 W – A Batalha de Plateias

Abordaremos agora os fragmentos mais extensos e relevantes para a discussão sobre a elegia histórica-narrativa, que possivelmente se detêm sobre os acontecimentos da Batalha de Plateias, decisiva para a expulsão dos exércitos persas da Grécia. Esses fragmentos mostram

³⁹ Escólio à *Iliada* de Homero 7.76 em *P. Oxy* 1087.22 Sqq., «ἐπὶ μάρτυρος ἔστω».

mais claramente um Simônides em intenso diálogo com a tradição épica, invocando seu estilo e temática, assim como o seu grande rapsodo, Homero.

O primeiro fragmento que abordaremos, o fr. 10 W (= *P. Oxy* 3965 fr. 22), é de inserção incerta no poema, mas já demonstra a manipulação de um mito que será central no fr. 11 W, o mito de Aquiles:

]υχν[
..... (.) πατή]ρ προπάτω[ρ τε	
..... (.)θωνην σ[
..... μελε]τῶν ὑπὲρ ἡμ[ετέρων	
κούρης εἰν]αλίης ἀγλαόφη[με πάϊ	5
..... (.)]ησι[
lâ]mpa[da(?)	
..... (.) pa]i e av[ô	
..... (.)Me]tone(?) (?)[
..... por nos]sa com[posição	
do glorio]so filho da dama maríti[ma	5
..... (.)](?)[

Nesse fragmento, há a menção aos ancestrais do herói, que parece ser invocado no verso 5 em relação a sua mãe, Tétis, uma divindade marítima – o que também ocorre no fr. 11 W. A leitura do segundo verso pode ser tanto em um sentido mais amplo, destacando a linhagem do herói de modo geral, quanto específica, remetendo de forma direta a Peleu e Éaco. Pavese (1995, p. 8) prefere a leitura mais literal como "pai e avô", a qual seguimos aqui, uma vez que Peleu e Éaco são figuras notáveis na mitologia e passagens de seus mitos podem estar relacionadas ao contexto da obra de Simônides. Éaco é filho de Zeus e Egina (deusa filha do rio Ásopo, que deu nome à ilha homônima próxima de Atenas por ser o local onde pariu seu filho). Segundo algumas tradições, Éaco teria sido o responsável por construir os molhes em torno de Egina⁴⁰. Já Peleu foi rei da Ftia na Tessália. Em seu mito, teria também passado por Egina (por ter matado seu irmão Foco junto de seu outro irmão Télamon) e Iolco, onde encontra o centauro Quíron (no Monte Pélion) a quem depois deixaria o encargo de educar Aquiles⁴¹. Ambas as figuras são, portanto, de renome suficiente para o poeta pretender fazer uma citação mais direta. Além disso, suas associações à ilha de Egina, remetem a uma cidade aliada de Esparta – embora bastante próxima de Atenas. Essa associação pode ser conveniente caso se trate de um poema comissionado pelos lacedemônios.

No terceiro verso, a menção a Metone – embora o suplemento seja duvidoso – pode

⁴⁰ Pausânias, *Descrição da Grécia*. 2.29.10.

⁴¹ Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca* 3.12.7-3.13.3; Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 4.72.6-7.

remeter à Piéria, onde havia a cidade mais famosa com este nome, sendo esta uma região associada às musas e também considerada a terra pátria de Orfeu. A figura mitológica chamada Metone foi uma das alcíônides, filhas do gigante Alcioneu, que se jogaram ao mar quando morreu seu pai, transformando-se em alcíones (um pássaro semelhante ao martim pescador)⁴². A mesma Metone pode ter sido também esposa de Piero, rei da Piéria, mãe de Eagro, pai de Orfeu⁴³. Desse modo, a menção à localidade pode estar ligada à invocação ou à lembrança de alguma divindade relacionada à música. Esse aspecto invocativo é reforçado se lermos, como propõe Pavese (1995), no verso seguinte a palavra “μελέτη” com o sentido de “composição”, em vez de “cuidado”. O uso de “μελέτη” denotando composição poética é empregado, por exemplo, em Empédocles (fr. 131 D-K):

εἰ γὰρ ἐφημερίων ἔνεκέν τινος, ἄμβροτε Μοῦσα,
 ἡμετέρας **μελέτας** <ἄδε τοι> διὰ φροντίδος ἐλθεῖν,
 εὐχομένωι νῦν αὖτε παρίστασο, Καλλιόπεια,
 ἀμφὶ θεῶν μακάρων ἀγαθὸν λόγον ἐμφαίνοντι.

Pois se de algum dos mortais, imortal Musa,
 Nossas **composições** leva em consideração,
 Suplico-te que de novo auxiliie, Caliopeia,
 Revelando a boa palavra dos abençoados deuses (grifo nosso).

Desse modo, vemos como “μελε]τῶν” no v. 4 do fr. 10 W pode estar relacionado à própria obra do poeta. Um procedimento de invocação das Musas semelhante ao utilizado por Empédocles ocorre no fr. 11 W – como veremos a seguir – quando Simônides invoca as musas logo após se despedir de Aquiles. Pavese (1995) julga, em sua análise temática do poema de Plateias, que esse fragmento comporia a estrutura que chama de “Praep1” (“Preparação ao louvor de 1⁴⁴”), sendo que o 1 indicaria Leônidas, que para o estudioso seria abordado nessa parte do poema. Pavese (1995, p. 8) também considera que a menção a Aquiles como filho de Tétis no verso 5 do fr. 10 W, junto com a que ocorre no verso 20 do fr. 11 W, sugere que Aquiles é louvado como herói e não como divindade por Simônides. Contudo, a presença do mesmo procedimento pode indicar que os fr. 10 e 11 W compusessem poemas diferentes, pois seria estranho que o poeta usasse esse recurso de transição duas vezes no mesmo poema. Entretanto, isso se dá levando em conta que Metone (que é um suplemento) de fato estivesse relacionada a uma invocação das Musas. Outra possibilidade seria de que o excerto do fr. 10 W contivesse a

⁴² *Suda* α, 1298. Essa entrada da *Suda* relata ainda que Simônides haveria nomeado 11 alcíônides, o que poderia ter ocorrido no poema de Plateias.

⁴³ *Certame Homero-Hesíodo*, l. 45-50 Allen.

⁴⁴ Tradução minha: “Preparazione alla lode di 1”.

narrativa de algum evento do mito de Aquiles antecedendo o que aparece no início do fr. 11 W, que traz a menção ao funeral do herói.

Após termos comentado o mais incerto fr. 10 W, vejamos o fr. 11 W, que é composto por uma sobreposição dos *P. Oxy 2327* e *3965* (*P. Oxy 2327* fr. 5 + 6 + 27 col. I + *3965* fr. 1 + 2), adotando os suplementos propostos por West (1993), que permitem uma leitura mais fluida do fragmento, de modo a observarmos como a morte e o funeral de Aquiles seriam invocados pelo poeta:

παῖ[σέ] σ, [σύ δ' ἤριπες, ὡς ὅτε πεύκη
 ἦ] πῖτυν ἐν βήσ[σαι] οὔρεος οἰοπόλου
 ὑλοτόμοι τάμ[νωσι
 πολλὸν δ' ἠρῶσ[
 ἦ] μέγα πένθος λαὸν [ἐπέλλαβε πολλὰ δ' ἐτίμων, 5
 καὶ μέτα Πατρ[όκλου] σ' ἀ[γγεῖ] κρύψαν ἐνι.
 Οὐ δὴ τίς σ' ἐδ]άμασσαν ἐφ[ημέριος] βροτός αὐτός,
 ἀλλ' ὑπ' Ἀπόλλ[ωνος] χειρὶ [τυπεῖς] ἐδάμης.
 Παλλὰς δ' ἐγγύ]ς εὐῶσα πε[ρικλεῆς] ἄ]στ[υ] καθεῖλεν
 σὺν δ' Ἡρη. Πρ]ιάμου παισὶ χ[αλεπτ]όμ[εναι 10
 εἶνεκ' Ἀλεξά]νδροιο κακόφρ[ονο]ς, ὡς τὸν [ἀλιτρόν
 ἀλλὰ χρόνω]ι θεῆς ἄρμα καθεῖλε δίκ[ης].
 Τοὶ δὲ πόλι]ν πέρσαντες ἀοίδιμον [οἴκαδ' ἵ]κοντο
 φέρτατοι ἠρ[ῶων] ἀγέμαχοι Δαναοί[,
 οἷσιν ἐπ' ἀθά]νατον κέχυται κλέος ἀν[δρὸς] ἔκητι 15
 ὅς παρ' ἰοπ]λοκάμων δέξατο Πιερίδ[ων
 πᾶσαν ἀλη]θείην, καὶ ἐπώνυμον ὀπ]λοτέρ]οισιν
 ποίησ' ἠμ]ιθέων ὠκύμορον γενεή[ν.
 Ἀλλὰ σὺ μὲ]ν νῦν χαῖρε, θεᾶς ἐρικυ[δέος] υἱέ
 κούρης εἰν]αλίου Νηρέος αὐτὰρ ἐγώ[20
 κικλήσκω] σ' ἐπίκουρον ἐμοί, π[ολυώνυμ]ε Μοῦσα,
 εἴ περ γ' ἀν]θρώπων εὐχομένω[ν μέλαι
 ἔντυνο]ν καὶ τόνδ[ε] μελ[ίφρονα] κ[όσμον] ἀο]ιδῆς
 ἡμετ]έρης, ἵνα τις [μνή]σεται ὕ]στερον αὐ
 ἀνδρῶ]ν, οἳ Σπάρτ[η] τε καὶ Ἑλλάδι δούλιον ἦμ]αρ 25
 ἔσχον] ἀμυνόμενοι μὴ τιν' ἰδεῖν φανερωῶ[ς
 οὐδ' ἀρε]τῆς ἐλάθ[οντο, φάτις δ' ἔχε]ν οὐρανομή[κης
 καὶ κλέος ἀ]νθρώπων [ἔσσετ]αι ἀθάνατο<v>.
 οἳ μὲν ἄρ' Εὐ]ρώταν κα]ι Σπάρτη[ς] ἄστ]υ λιπόντ[ες
 ὄρμησαν] Ζηνὸς παισὶ σὺν ἵπποδάμοις 30
 Τυνδαρίδα]ισ ἦρωσι καὶ εὐρυβίηι Μενελάω[ι
 ἐσθλοὶ πατ]ρώης ἡγεμόνες π[ό]λεος,
 τοὺς δ' υἱὸς θεῖοιο Κλεο]μβ[ρ]ότου ἕξ[α] γ' ἄριστ[ος
]αγ. Πausanῆς.
 Αἴψα δ' ἵκοντ' Ἴσθμὸ]ν καὶ ἐπικλέα ἔργα Κορίν[θου] 35
 νήσου τ' ἐσχατιή]ν Τανταλίδεω Πέλοπος
 καὶ Μέγαρ' ἀρχαίην Ν]ίσου πόλιν, ἐνθά περ ὤ]λλοι
] φῦλα περικτιόνων
 - συ θεῶν τεράε]σσι πεποιθότες, οἳ δὲ συν[
 ἵκον Ἐλευσίνος γῆς ἐ]ρατὸν πεδίον 40
 Μηδεῖους γαίης Παν]δίοιος ἐξε[λάσα]ντες
 Ἰαμίδεω τέχναις μάν]τιος ἀντιθέου[

]·ς δαμάσαντ[
]·ι εἶδομεν[
 -ὦ]νυμον α. [45

Golpeou-te, e tu caíste qual um pinheiro
 ou pinho que nos estreitos vales da solitária montanha
 pelos lenhadores é cortada.
 Muitos dos heróis [
 Com efeito, grande sofrimento apoderou-se da tropa, em muitas coisas o
 veneraram, 5
 E te guardaram na mesma urna de Pátroclo.
 Não foi um efêmero mortal que te sobrepujou,
 Mas pela mão de Apolo golpeado, foste superado.
 Palas, estando próxima, a cidade de muita glória arrasou,
 acompanhada por Hera. Os filhos de Príamo sucumbiram 10
 por causa do maligno Alexandre, assim o infrator
 depois de um tempo, o carro da justiça divina apanhou.
 A sua pólis muito cantada destruíram e voltaram para casa
 os valorosos Dânaos, mais fortes dos heróis,
 que são aspergidos por imortal glória por causa do homem 15
 que recebeu das Piérides de cachos de violeta toda a verdade, e nome
 reconhecido entre os jovens
 Fez o da estirpe dos semi-deuses de breve existência.
 Mas agora de ti me despeço, filho da célebre deusa,
 filha do marítimo Nereu; eu então 20
 invoco-te como minha aliada, Musa de muitos nomes,
 se realmente cantas sobre os homens que oram,
 prepare e com dulcífero arranjo cante
 para nós, a fim de que alguém no futuro se lembre daqueles
 homens, que o dia da escravidão de Esparta e Grécia 25
 impediram para que ninguém o veja novamente,
 não esquecendo da excelência, tendo a fama alçado os céus,
 a glória entre os mortais será imortal.
 Eles, que o Eurota e a cidade de Esparta deixaram,
 puseram-se ao ataque acompanhados dos domadores de cavalos filhos de Zeus,
 30
 os heróis tindáridas, e de Menelau de ampla força,
 os melhores líderes da cidade pátria;
 conduziu-os, o melhor, filho do divino Cleômbroto,
 Pausânias.
 Rapidamente chegaram ao istmo e aos ínclitos campos de Corinto 35
 e no extremo da ilha do Tantálida Pélops
 e em Mégara, antiga cidade de Nisos, lá outras
 raças vizinhas
 ...dos deuses com sinais tendo persuadido, eles junto[
 chegaram na amável planície da terra de Elêusis 40
 expulsando os medos da terra de Pândion
 Iâmideo, nas artes de adivinhação par dos deuses
](?) sobrepuj[ou (?)
](?) tendo visto[
 -nome (?) [45

Antes de entrarmos propriamente nas particularidades textuais deste fragmento,

façamos algumas considerações gerais sobre a sua execução e a organização. West (1993, p. 5) e Capra & Curti (1995, p. 30) entendem que o poema de Plateias teria sido executado em um contexto de festival ou ritual em honra de Aquiles. Ferreira (2013, p. 310-313) concorda que a elegia fora executada em algum local sagrado, porém se furta de propor alguma ocasião mais específica. O ponto de vista geral dos estudiosos parece ser de um contexto público para a execução inicial desse poema – cujas propostas mais específicas veremos mais adiante neste capítulo. Aloni (2001, p. 92), por exemplo, destaca que não há uso do discurso direto na elegia simpótica conhecida (embora haja em outros gêneros de poesia simposial como nos epodos de Arquiloco). Além disso, o autor também acredita que o emprego de personagens fosse uma das características da elegia histórica – como o “rei” mencionado no fr. 13 Allen de Mimnermo e Zeus no fr. 2 W de Tirteu. Aloni (2001, p. 90 e 105) defende ainda a associação da elegia com o treno – apoiando-se em Page (1939) – embora não a restrinja a essa ocasião, nem advogue que fosse a origem da poesia elegíaca. Desse modo, esse autor discorda de Bowie (1986) que propunha uma completa distinção entre elegia e treno, de modo que Aloni afirma que “não havia nada que previna que a elegia narrativa-histórica fosse usada em cerimônias públicas ou privadas de lamento e compensação”⁴⁵ (2001, p. 91).

Quanto à organização, Obbink (2001, p. 71) acredita que o poema começaria, em versos anteriores aos que possuímos agora, com uma invocação a Tétis, discordando assim da tese de Pavese (1995) que, como visto anteriormente, acredita que os versos anteriores se deteriam na história de Leônidas de Esparta. Obbink (2001, p. 69) ainda define a estrutura da articulação interna como:

1. Um hino mitológico de abertura (ou proêmio) no qual uma divindade ou herói é apostrofado e diretamente referido e dá espaço no curso de:
2. Uma conclusão hínica tradicional e uma referência medial a uma divindade para:
3. Reflexão discursiva e narração de eventos e pessoas contemporâneas, incluindo:
- 3a. uma lista ou catálogo de participantes por cidade⁴⁶

A visão de Obbink (2001) reflete, assim, a principal tendência que identifica a seção que compreende os vv. 1-26 do fr. 11 W como parte de um proêmio dedicado a Aquiles ou a alguma

⁴⁵ Tradução minha: "there was nothing to prevent historical narrative elegy being used in public or private ceremonies of mourning and compensation"

⁴⁶ Tradução minha: "1. An opening mythological hymn (or proimion) in which a divinity or hero is apostrophized and directly addressed gives way, in the course of: 2. a traditional hymnic conclusion and medial address to a divinity to: 3. discursive reflection upon and narration of contemporary events and persons, including: a listing or catalog of participants by city."

divindade relacionada (ALONI, 2001; BOEDECKER, 2001a; RUTHERFORD, 2001). Posição oposta, no entanto, é defendida por Pavese (1995), para o qual não há um proêmio nesse fragmento, mas sim um exemplo mítico nos vv. 1-18 ilustrando um tema fundamental da elegia (o mito de Aquiles); um procedimento que seria, para o estudioso, análogo ao empregado no epigrama 40 FGE⁴⁷ atribuído a Simônides, que se refere às inscrições de três estátuas de Hermes na ágora de Atenas celebrando a vitória dessa cidade sobre a cidade de Eion (que havia sido um foco de resistência persa). O verso 19 seria o começo do que Pavese (1995) chama de “preterição mítica” a partir da qual o tópico central do poema começa a mudar. A partir do final do verso 20, na expressão “αὐτὰρ ἐγώ” (“eu então”), até o verso 24 se dá, na visão do estudioso, a preparação ao louvor de 3 – sendo que o número 3 representa o povo do herói central (para ele, Leônidas), ou seja, os espartanos. Nos versos 25-28, haveria propriamente o louvor dos espartanos, sendo que do verso 29 em diante ocorreria o que Pavese chama de “mito biográfico ou narrativa histórica relativa a 3”⁴⁸ (p. 20), ou seja, de uma narrativa histórica cara à história de Esparta, a Batalha de Plateias.

A leitura de Pavese (1995) é interessante por propor uma organização diferente da proposta pela maior parte da crítica, baseando-se na suposição de que o herói e o tema central do poema seriam na verdade Leônidas e a Batalha das Termópilas (o que veremos em mais detalhes quando discutirmos o papel de Pausânias ainda neste capítulo). Dessa forma, o tema de Plateias seria, em sua visão, apenas adjacente, complementar ao tema central de Termópilas⁴⁹, que seria abordado em versos anteriores ao fragmento. Embora essa proposição careça de indícios materiais, ela é relevante por manter aberto o horizonte de possibilidades temáticas para o fragmento.

Uma conjectura mais plausível, porém, é de que a obra conteria uma marca pessoal do poeta, uma *sphragis*. Obbink (2001, p. 74) e Rutherford (2001, p. 50), baseados nos fragmentos de *Os Persas* de Timóteo (que, na visão de ambos, seria influenciado por esse poema de Simônides), propõem a existência de uma *sphragis*, um “selo” ou uma manifestação de sua própria identidade pelo poeta. Uma hipótese levantada por Rutherford (Ibid.) é de que o fr 19 W, que trata da geração das folhas, exerceria essa função no poema de Plateias.

Com relação à possibilidade da parte inicial do fragmento (o “hino” a Aquiles) se tratar de um proêmio, Aloni (2001, p. 92) evoca o exemplo dos Hinos Homéricos, que seriam originalmente proêmios apresentados em um festival dedicado a um deus específico com o

⁴⁷ = Ésquines, *Contra Ctesifonte* 185; Plutarco, *Cimon* 7.

⁴⁸ Tradução minha: “mito biográfico ou racconto storico relativo a 3”

⁴⁹ Para mais detalhes sobre a disposição temática tendo como base que o poema trataria de Leônidas e a batalha das Termópilas, ver Pavese (1995, p. 21).

intuito de introduzir uma composição “cujo conteúdo poderia não estar estritamente alinhado ao tema do festival”⁵⁰. Tal procedimento viria a calhar no caso da elegia de Simônides, de modo que Aquiles talvez não fosse mencionado como um paralelo direto para os combatentes de Plateias ou para Pausânias, mas como divindade (ou herói) patrona do festival em que a obra fora executada. Aloni (2001, p. 93) ressalta que haveria diferenças no procedimento empregado na épica e em outros gêneros da poesia grega, destacando como características do proêmio épico: 1) a dupla invocação (do deus e das Musas); 2) o uso da primeira pessoa; 3) o deslocamento temático para o corpo do poema, sendo que esse deslocamento procederia em três partes, a) despedida, b) oração pelo sucesso da composição e c) referência à transição para um outro tema. Vemos, assim, que o proêmio de Simônides se aproxima dos moldes épicos descritos por Aloni. A discussão nesse sentido parece retornar à questão da proximidade da elegia, ou da elegia histórico-narrativa mais particularmente, com a poesia épica. Embora não possamos precisar quão próxima seria essa relação, o fragmento em questão apresenta um claro diálogo com a tradição épica e com Homero em particular (pela menção direta), reforçando assim a possibilidade de o proêmio exercer uma função similar àquela dos Hinos Homéricos.

Boedecker (2001b, p.156-157) comenta, no entanto, que são raros os endereçamentos a heróis mortos há muito tempo na épica e propõe que a menção direta a Aquiles envolvesse também a narrativa de sua morte dirigida ao próprio herói. Boedecker (2001b, p. 158) também vê Aquiles como um paradigma para o conjunto de gregos e não de uma figura específica (como o general Pausânias). Podemos perceber, assim, que embora Simônides dialogue com a tradição épica, ainda parecem haver particularidades que diferenciam sua elegia das tradições anteriores. Após termos feito esse breve panorama das discussões referentes à função do fragmento dentro do poema, passemos agora para o comentário mais textual.

Logo no primeiro verso legível, há um símile comparando a morte de Aquiles a uma árvore que é cortada nos montes. Primeiramente, em relação à reconstrução do texto, Pavese (1995, p. 9) ressalta que as palavras “πίτυς” e “πέυκη” são quase sinônimas (remetendo a um “pinheiro”), de modo que o estudioso propõe que o suplemento do segundo verso fosse outra árvore, como “δρῦν” (que também possui um sentido amplo, indicando árvores de modo geral⁵¹). Independente da reconstrução dos versos, porém, Ferreira (2013, p. 297) vê o símile como comparável às mortes de Ásio por Idomeneu⁵² e de Sarpédon por Pátroclo⁵³, que também

⁵⁰ Tradução minha: "whose content may not have been strictly lined to the theme of the festival"

⁵¹ Um ponto a favor do uso da palavra “δρῦν” é seu uso na *Iliada* (16.482-484) e em Apolônio Ródio (*Argonáutica* 3.1375) na épica helenística.

⁵² *Iliada* 13.289-293.

⁵³ *Iliada* 16.482-486.

são comparados a árvores sendo cortadas. Além desses exemplos, podemos mencionar também a morte de Simoésio pela mão de Ajax⁵⁴. Essa morte é comparada a um álamo que é cortado por um carpinteiro e deixado a secar para construir as rodas de uma carruagem. Para Schein (1984, p. 74-75), o fato de ser morto para um propósito (a construção das rodas) evoca a própria maneira como Simoésio morre, lutando na vanguarda, bem como a excelência do guerreiro que o matou, pois é pela morte de guerreiros menores que os grandes heróis constroem sua fama. Porém, Ferreira (Ibid.), baseando-se no símile da morte de Sarpédon, acredita que o lenhador deve estar cortando madeira para construir uma embarcação no fr. 11 W, o que não parece muito cabível à economia desse fragmento, que passa em seguida a tratar do funeral do herói. Pavese (1995, p. 9) propõe a leitura de um eco interessante, sugerindo que o símile em Simônides pode ter sido inspirado na expressão “o lenhador cortar” (“ύλοτόμον τε ταμείν”) utilizada por Hesíodo⁵⁵ em um contexto relacionado à Deméter, o que pode indicar a inserção do fr. 17 W (que trata de Démeter ou de seu santuário) no mesmo poema do fr. 11 W. Com relação a possíveis ecos na literatura posterior, Fantuzzi (2001, p. 237-238) cita o *Idílio 17* (v. 9-12) de Teócrito, no qual um lenhador no monte Ida⁵⁶, um dos locais em que Zeus teria sido nutrido por Reia, mostra-se indeciso sobre qual árvore cortar. Essa possibilidade, somada à referência direta a Simônides no *Idílio 16* – que será visto mais adiante – reforça a possibilidade de que a elegia de Plateias teve algum destaque na literatura posterior, ou, ao menos, na produção de Teócrito.

Além do símile da árvore, no quinto verso o poeta parece manipular a própria etimologia do nome de Aquiles. Pavese (1995, p. 9) propõe ainda o suplemento “άχος λαόν” (em vez de “πένθος λαόν” proposto por West), baseado na *Iliada* (16, vv. 21-22), que reforçaria ainda mais a conexão com o sentido de Aquiles como a “dor dos aqueus”⁵⁷. Rutherford (2001, p. 43), porém, considera que ambos os suplementos podem evocar esse sentido, considerando “άχος” e “πένθος” como sinônimos. Já no verso 6, Aquiles é mencionado em relação a Pátroclo e ao fato das cinzas de ambos estarem depositadas em uma mesma urna. No canto 24 da *Iliada* (vv. 71-92) é descrita a ânfora de ouro que será utilizada para colocar os restos mortais de Aquiles, que é levada por Tétis, tendo sido construída por Hefesto e ofertada por Dioniso. Em outras passagens da épica⁵⁸ é indicado que seus restos mortais seriam colocados juntos dos de Pátroclo.

Um ponto pouco lembrado na relação entre Aquiles e Pátroclo é que, além dos laços de

⁵⁴ *Iliada* 4. 473-489.

⁵⁵ *Trabalhos e Dias* v. 807.

⁵⁶ O infante Zeus teria sido escondido de Cronos em uma caverna em Creta, embora relatos variem quanto à localidade dessa caverna: Diodoro Sículo (*Biblioteca Histórica* 5. 7) e Hesíodo (*Teogonia*, vv. 468-480) citam o Monte Ida, mas Pseudo-Apolodoro (*Biblioteca* 1.1.6) o Monte Dícti como o local da caverna.

⁵⁷ Para a etimologia de Aquiles como “Αχίλλας” (“dor do povo”), ver Nagy (1999, p. 69-71)

⁵⁸ *Iliada* 23.84; 24.77.

amizade destacados na *Iliada*, ambos possuíam um grau de parentesco remontando à Egina, avó do primeiro (por meio de sua relação com Zeus) e bisavó do segundo (em seu casamento com o mortal Áctor) – de modo que Aquiles seria um "primo-sobrinho" de Pátroclo. A ligação de ambos pela ancestralidade em Egina pode não ser meramente fortuita, lembrando que a ilha era a terra dos mirmidões⁵⁹ e que combatentes dessa ilha participaram da Batalha de Plateias⁶⁰, embora com um contingente muito inferior numericamente aos de Esparta, Atenas e Corinto.

No verso 7, há a própria descrição da morte de Aquiles e de como ela se dá por interferência ou ação divina. Pavese (1995, p. 10-11) destaca que morrer pelas mãos do deus é uma imagem formular⁶¹, sendo a mão de Apolo (como descrita no verso 8) significativa tanto na morte de Aquiles⁶² quanto na de Pátroclo⁶³. O estudioso também destaca que há diferentes variantes na mitologia para o modo como Aquiles é morto: a) apenas por Apolo; b) Apolo utilizando a aparência de Páris; c) Apolo e Páris agindo conjuntamente; d) Apolo disparando uma flecha de Páris; e e) apenas por Páris. Na circunstância do fr. 11 W, Pavese julga as opções a) e c) como possíveis, mas ressalta que a interpretação depende do suplemento de West “αὐτός” – que daria força a c), podendo ser traduzido como "não sendo morto apenas por ele". Sem o suplemento, porém, a opção b) também seria possível. Embora Pavese (1995) acredite que Aquiles é invocado como herói mortal ou semideus, o que parece ser enfatizado aqui é que Aquiles justamente está em um parâmetro acima dos demais mortais e que sua morte só pode se dar por interferência divina (independente se Páris participa ou não).

Nos versos 11-13, Pavese (1995) adota uma leitura oposta à que seguimos aqui. Enquanto na edição de West a leitura é de que Palas Atena, junto de Hera, arrasa a cidade dos filhos de Príamo, Pavese (1995, p. 6) considera que o sujeito ainda seja Apolo e que o sentido é de que o deus retarda a conquista de Troia (através da morte de Aquiles), concedendo um favor ao filho de Príamo. Pavese (1995, p. 11) prefere a palavra “χαρίζομενος” (“agraciar”) em vez de “χαλεπτόμενοι” (“arrasar”) proposta por West ao final do verso 10. Interpreta, assim, que Apolo agraciou Paris ("fez um favor ao filho de Príamo"), compensando-o pela morte de seu irmão Heitor. Pavese (1995, p. 11) ainda suplementa o verso 11 com “αἶψα” (“imediatamente”, mas julga possível também “ῥίμφα”, “rapidamente”) e “τοὺς μὲν ἄρ” (“aqueles”) no v. 12, de modo que “τοὶ δέ” (“esses”) no v. 13 se refere em sua leitura àqueles que foram mencionados no verso anterior. Assim, no verso 12, não é a cidade de Troia que seria

⁵⁹ Hesíodo fr. 205 Merkelbach-West.

⁶⁰ Heródoto, *Histórias* 9.28.

⁶¹ Confrontar Hesíodo fr. 43, v. 38.

⁶² Ovídio, *Metamorfoses* (12.606).

⁶³ *Iliada* 12.791.

punida pelo “carro da Justiça” por causa da *hybris* de Páris, mas, ao contrário, Páris que conduziria a justiça pela morte do irmão.

Embora a leitura de Pavese possa ter sua consistência interna, ela afeta o próprio sentido da invocação de Aquiles, uma vez que Páris e Apolo é que seriam descritos como detentores da Justiça. Desse modo, optamos por seguir a leitura de West, que parece mais próxima de uma invocação a Aquiles (que é a figura central nessa passagem). Nesse sentido, Boedecker (2001a, p. 121) crê que as menções a Aquiles e Páris em Ésquilo⁶⁴ e Eurípides⁶⁵ podem ecoar imagens da própria elegia de Simônides. O exemplo do verso 398 da tragédia *Agamêmon* de Ésquilo é significativo, pois ocorre em uma fala do coro que destaca Páris como um exemplo da “τάλαινα πειθῶ” (“persuasão infeliz”). No contexto da peça, aqueles que possuem essa persuasão estão fadados à destruição; uma imagem semelhante à do “carro da Justiça” que abate Páris. Pavese (1995, p.11) assinala que a expressão “carro da Justiça” (“ἄρμα ... Δίκης”) não é atestada em nenhum outro lugar da poesia grega, o que reforça a visão de Boedecker (2001a) de que a imagem em Ésquilo seria um eco da elegia de Simônides.

No entanto, no verso 13, a imortalidade conclamada pelo poeta é conferida tanto ao vencedor quanto aos vencidos (“a cidade de muita glória”, “πόλιν...ἀοίδιμον”); uma visão que, de certa forma, ecoa o discurso de Helena no canto 6 da *Iliada* (vv.357-358), no qual diz que a sua má sorte e a de Páris foram destinadas por Zeus, a fim de que fossem matéria de canto por várias gerações (FERREIRA, 2013, p. 299). Importante também ressaltar que “ἀοίδιμος” (“de muita glória”) é um *hapax* em Homero, aparecendo justamente nessa cena de Helena (CLAY, 2001, p. 183).

Dos versos 13 a 18, no entanto, Simônides faz uma transição entre o mito de Aquiles e da Guerra de Troia para a sua própria “invocação das Musas” e a valorização da sua atividade poética. Nesse sentido, Aloni (2001, p. 87) considera que a “ἀληθινή” evocada pelo poeta no verso 15 para designar o modo como Homero retratou os guerreiros épicos não é apenas a “verdade”, mas “a negação do esquecimento, a única esperança de garantir a sobrevivência no tempo da transitória raça dos heróis”⁶⁶. Boedecker (2001b) vê na elegia de Plateias um exemplo de processo de “heroicização” de guerreiros de um passado recente (p. 148) e demarca que Simônides não utiliza o adjetivo “ἄφθιτον” (“imperecível”) da retórica homérica, mas “ἄθάνατον” (“imortal”), implicando não apenas que a glória é imperecível, mas que os próprios heróis se tornaram imortais ou, ao menos, objetos de culto (p. 155).

⁶⁴ *Agamêmon*, v. 398.

⁶⁵ *Ifigênia em Tauris*, v. 216.

⁶⁶ Tradução minha: “the negation of oblivion, the only hope for guaranteeing the survival in time of the transient race of heroes”.

Em relação aos combatentes de Plateias, Simônides não teria poder para instaurar um culto a esses “heróis”, mas poderia "sugerir" que suas façanhas eram equiparáveis às dos heróis homéricos e, portanto, dignos de culto como seus antepassados (BOEDECKER, 2001b, p. 160). A estudiosa (2001b, p. 159) cita ainda alguns outros usos do adjetivo “ἄθάνατος” (“imortal”) na literatura posterior à épica com o sentido de imortalizar soldados mortos em batalhas recentes, como no fr. 12 W (vv. 31-32) de Tirteu – no qual o poeta destaca como um guerreiro que perece se mantendo firme em sua posição se torna “imortal”, e no fragmento FGrH 107 F9⁶⁷ de Estesíbroto – no qual Péricles é apresentado evocando como “imortais” os que pereceram na Guerra Sâmia, entre Atenas e Samos. No entanto, o orador ateniense Demóstenes, em sua *Oração Fúnebre* (9), declara que os guerreiros que pereceram nas Guerras Médicas não haviam ainda recebido o mesmo tratamento mítico e poético como os que haviam perecido na Guerra de Troia, embora o orador considere seus feitos mais importantes.

Porém, independente do tipo de invocação e de *status* conferido aos combatentes de Plateias, no verso 16 e na primeira metade do verso 17, há a mais direta intertextualidade entre o fr. 11 W e a poesia épica. Nesse momento, Simônides se refere a Homero como aquele que “recebeu toda a verdade”, provavelmente com o sentido de se colocar em posição de realizar um procedimento semelhante na perpetuação dos “heróis” de Plateias. No entanto, o fato de Simônides citar o poeta de Quios não é algo propriamente novo, pois, como nota Pavese (1995, p. 13), há quatro menções a Homero na obra supérstite de Simônides, além do próprio fr. 11 W: no fr. 19 W (que trata do tema homérico da “geração das folhas”), no fr. 20 W (vv. 14-16) e no fr. 59 W (v. 4, em que cita Homero e Estesícoro). Um ponto interessante, no entanto, é que no fr. 11 W, o poeta de Ceos trata justamente de dois temas que Homero não aborda: a morte de Aquiles e a queda de Troia. Nesse sentido, o elegíaco está, de certo modo, preenchendo lacunas da obra do poeta épico. Aloni (2001, p. 94) considera Homero como o exemplo de poesia e tradição pan-helênicas, um papel que Simônides poderia estar buscando evocar para si mediante a sua própria escolha temática. Boedecker (2001b, p. 148) crê que os soldados mortos em Plateias passaram a receber alguma espécie de culto heroico logo após a batalha em um evento de natureza pan-helênica. Ferreira (2013, p. 300) lembra, porém, que o suplemento "toda a verdade" é suposicional (baseado em Safo 55 L-P), de modo que a natureza da influência de Homero sobre esse poema de Simônides permanece, em última instância, incerta.

No entanto, ao se referir às musas, o poeta utiliza o termo “Piérides” que não é homérico, mas se torna bastante popular na literatura posterior⁶⁸ (PAVESE, 1995, p. 13). Na *Teogonia*,

⁶⁷ = Plutarco, *Péricles* 8.6.

⁶⁸ Exemplos são o Hino órfico 75 (v. 2); Safo fr. 103 Voigt (v. 5); Hesíodo, *Trabalhos e Dias* v. 1 e *Teogonia* v. 53.

Hesíodo refere-se, logo nos dois versos iniciais, às Musas como nascidas no Monte Hélicon. Contudo, no verso 53 da mesma obra, as Musas são apresentadas como Olímpias. Nos vv. 54-62 da *Teogonia*, é relatado que as nove Musas nasceram da união de Zeus e Mnemosine (a deusa da Memória) na Piéria. Em outras tradições, a associação das Musas com a região da Piéria é atribuída a uma competição que tiveram com as nove filhas do rei Piero de Emátia, que as considerava melhores cantoras que as próprias divindades. Após uma competição musical entre as filhas do rei e as Musas, cujas juízas são as ninfas, as Piérides originais perdem e são punidas pelas deusas, sendo transformadas em gaios (uma espécie de pássaro canoro)⁶⁹. O uso do termo para se referir às próprias Musas aparece também na épica posterior de Quinto de Esmirna⁷⁰, o que demarca a inserção do termo no repertório poético, talvez por influência de poetas arcaicos como Simônides.

Porém, a referência à busca por garantir a fama dos heróis no verso seguinte (v. 17) demonstra novamente uma aproximação do objetivo da elegia de Plateias à épica de Homero. Pavese (1995, p. 13) considera que o sentido “ἐπώνιμος” (“epônimo”) é aqui praticamente um antônimo de “ἄνωνιμος” (“anônimo”) – sendo a associação do canto com a fama também presente no *Idílio 16* de Teócrito no qual louva a permanência proporcionada aos cantados tanto por Simônides (vv. 44-47) quanto por Homero (vv. 48-57). Parsons (2001, p. 57) ainda considera que Teócrito (nos versos 45-46 do mesmo *Idílio*) aparentemente cita, fora de ordem, os vv. 17-18 do fr. 11 W. Vejamos, portanto, como Teócrito referencia Simônides no *Idílio 16* (vv. 44-47):

εἰ μὴ θεῖος ἀοιδὸς ὁ Κήιος αἰόλα φωνέων
 βάρβιτον ἐς πολύχορδον ἐν ἀνδράσι θῆκ' ὀνομαστούς
 ὀπλοτέροις· τιμᾶς δὲ καὶ ὠκέες ἔλλαχον ἵπποι,
 οἳ σφισιν ἐξ ἱερῶν στεφανηφόροι ἦλθον ἀγώνων.

Se não fosse pelo divino aedo de Ceos, com elaborada canção
 No bárbito de muitas cordas, tornar reconhecidos entre
 Os mais jovens a honra e os rápidos corcéis
 Daqueles que regressaram coroados dos sacros jogos.

Vemos, assim, que Teócrito parece ecoar a ideia expressa nos vv. 17-18 do fr. 11 W de tornar uma geração reconhecida na posterioridade, embora pareça ser evocada a celebração de Simônides a competições atléticas (os epinícios). A intertextualidade entre o poeta bucólico e o poeta de Ceos parece estar contida também no *Idílio 17* (vv. 135-137), em que Teócrito descreve

Neste último é mencionado que elas nasceram na Piéria, mas habitavam o Olimpo.

⁶⁹ Ovídio, *Metamorfoses* 5.662-678.

⁷⁰ *A Queda de Troia* 6.76.

os heróis como "os que no passado descenderam de semideuses" ("τοὶ πρόσθεν ἀφ' ἡμιθέων ἐγένοντο", v. 5), o que é visto, em geral, com estranheza pela crítica, pois geralmente se considera os heróis diretamente como os semi-deuses. Nesse sentido, Fantuzzi (2001, p. 234-235) vê aqui um eco dos vv. 17-18 do fr. 11 W. Nesse sentido, Clay (2001, p. 183) destaca que "ἡμιθεός" ("semi-deus") é um *hapax* em Homero⁷¹ e também raro na poesia arcaica de modo geral: Hesíodo em *Trabalhos e Dias* (vv. 159-160) utiliza a expressão para se referir especificamente à "quarta geração" dos homens, que é constituída por aqueles que lutaram em Tebas e em Troia, sendo que, na poesia arcaica, Alceu (fr. 42 Voigt, v. 13) descreve Aquiles como um "ἡμιθέον". Para Clay (Ibid.), portanto, o termo sempre teria uma visão retrospectiva, remetendo a uma geração remota. Capra & Curti (1995, p. 29), no entanto, dizem que em nenhuma circunstância "ἐπώνυμος" teria aqui o sentido de "famoso, notável"⁷², uma vez que o termo se refere mais especificamente à nomeação e, assim, os autores (p. 28), baseando-se em *Iliada* (12.22-23) e Hesíodo (*Trabalhos e Dias*, vv. 159-160), creem que a construção "ἐπώνυμον ...ἡμιθέων...γενεάν" teria o sentido de "a estirpe de breve vida que recebe o nome de semideuses"⁷³. Fantuzzi (2001, p. 235) destaca também que Aquiles é ancestral de Zeus através de Éaco⁷⁴ de modo que possui uma direta ascendência divina. Portanto, Fantuzzi (2001, p. 236) crê que o sentido de "ἡμιθέων γένεη" não seja o de "progênie dos semi-deuses," mas de "raça dos semi-deuses"⁷⁵. É digno de destaque também que o vocábulo "ὠκύμορος" ("de breve vida") é empregado na *Iliada* especificamente para Aquiles (CAPRA & CURTI, 1995, p. 30).

Assim, ao destacar o potencial da poesia de prolongar a existência daqueles que possuem breve vida, o poeta se despede de Aquiles e de seu mito para adentrar no tema que pretende "imortalizar", a Batalha de Plateias. Obbink (2001, p. 70) acredita que aqui o poeta se despede de Aquiles como filho de Tétis; deusa que considera ser o objeto de invocação do proêmio desse poema. Para Boedecker (2001b, p. 160), no entanto, pela apóstrofe de Aquiles como filho de Tétis, é indicado que o próprio herói é mencionado como figura de culto. No entanto, consideramos, pela menção anterior a Aquiles como pertencente à raça dos semideuses, cuja existência é prolongada essencialmente pela poesia, que a divindade invocada parece ser mais propriamente Tétis, estando Aquiles, porém, incluído em seu culto. Sabe-se que Tétis era

⁷¹ Aparece no canto 12 (v. 23) da *Iliada* quando Homero "vislumbra" o futuro e descreve a queda de Troia, utilizando o termo para descrever a geração que sucumbiu.

⁷² Tradução minha: "famoso, notável".

⁷³ Tradução minha: "la stirpe di breve vita che prende il nome dai (di) semidei".

⁷⁴ *Iliada* 21.184-189.

⁷⁵ Confrontar *Iliada* 12.23.

adorada como deusa na Lacônia, possuindo inclusive sacerdotisas próprias para a sua devoção⁷⁶. O fr. 5 Page/81 Calame de Álcmã, obtido também nos *Papiros de Oxirrinco* (no *POxy* 2390), chega a identificar Tétis como a “demiurga” que origina o mundo, o que atesta a antiguidade do culto à deusa.

Já a expressão “χαῖρε” utilizada para se dirigir a Aquiles, por sua vez, pode indicar tanto uma saudação quanto uma despedida. Fantuzzi (2001, p. 230) e Ferreira (2013, p. 301) destacam o uso de “χαῖρε” como forma de despedida nos hinos homéricos⁷⁷. Sourvinou-Inwood (1995, p. 180-216 apud BOEDECKER, 2001b, p. 158), porém, em seu estudo sobre os endereçamentos dirigidos aos mortos, pondera que “χαῖρε”, antes do século IV, não era uma despedida usual para os mortos, mas para os vivos ou para os mortos com estatuto heroico ou divino. Pavese (1995, p. 14), na contracorrente dos demais, não julga que este verso seria uma despedida de Aquiles (assim como não considera que há um proêmio e um hino neste fragmento) de modo que, de acordo com a sua análise temática e estrutural do poema, o v. 19 é uma “preterição mítica”⁷⁸ de um “mito ilustrativo”⁷⁹ e “αὐτὰρ ἐγὼ” inicia essa “preparação” – a invocação da musa – que conduz ao tema principal nos vv. 25-28 que, em sua leitura, é o louvor dos espartanos.

Independentemente de seguirmos ou não o esquema temático de Pavese (1995), a expressão “αὐτὰρ ἐγὼ” (“eu então”) representa um importante procedimento de transição do mundo mítico de Aquiles, sua geração de semideuses e de Homero ao mundo contemporâneo de Simônides e sua geração de combatentes que, embora pareçam mais humanos se comparados aos heróis do passado, são tão dignos de nota ao expulsarem o grande exército persa. Para Obbink (2001, p. 72), essa transição é o fulcro do poema de Simônides, baseando-se no uso da mesma expressão no *Hino Homérico a Apolo* (v. 545). Kranz (apud OBBINK, 2001, p. 69), no caso desse *Hino Homérico*, analisa que a expressão funciona como uma transição do hino para a recitação épica, uma posição que Obbink crê mais cabível a esse fragmento do que ao próprio *Hino Homérico*. A expressão também aparece em Empédocles (B 35) e em Teócrito (*Idílio* 17, v. 7), que a usa em uma comparação entre um mortal e um imortal – o que é ainda mais significante ao recordar que o poeta bucólico se refere diretamente a Simônides no *Idílio* 16 em um possível intertexto com o próprio fr. 11 W.

Obbink (2001, p. 73) crê que é mais perceptível nesse ponto do texto a estrutura

⁷⁶ Pausânias, *Descrição da Grécia* 3.14.4-5.

⁷⁷ *Hino Homérico 3 a Apolo*, vv. 545-546; *Hino Homérico 4 a Hermes*, vv. 579-580; *Hino Homérico 31 a Hélios*, v. 18; e *Hino Homérico 32 à Selene*, v. 17.

⁷⁸ Tradução minha: "preterizione mítica".

⁷⁹ Tradução minha: "mito ilustrante".

prooimion + *nómos*, uma estrutura que nos hinos homéricos serve para contextualizar a *performance* em um festival público, mas na lírica e elegia teria um uso mais diversificado, mas sempre com o intuito de relacionar a figura do poeta ao tema louvado. Na visão de Koller (1956) e Nagy (1990), os proêmios sempre pressupunham o prelúdio a um *nómos*, sendo essa justamente a função original dos *Hinos Homéricos* que serviriam como proêmios a *nómos* executados em festivais públicos. O *nómos*, no sentido musical, era um gênero para execução instrumental ou acompanhada de canto, em geral, associado a músicos virtuosos. Desse modo, o próprio fato do fr. 11 W parecer compor um proêmio já indica que seria sucedido por um *nómos*, de modo que Obbink (2001, p. 72) considera que a partir de “*αὐταρ ἐγὼ*” (“eu então”) começaria a transição para o *nómos*, que se deteria sobre o relato histórico da Batalha de Plateias. A narrativa da batalha, portanto, seria acompanhada por uma estrutura musical mais sofisticada que a empregada no proêmio. Pavese (1995, p. 14), contudo, embora reconheça que “*αὐταρ ἐγὼ*” é uma fórmula homérica de despedida, destaca que seu uso é característico do início de versos, ocorrendo no fr. 11 W uma adaptação para o pentâmetro – motivo pelo qual o autor justifica sua interpretação de que se trata aqui de uma saudação e não de uma despedida. No mesmo verso, ocorre outra adaptação para o pentâmetro para a expressão “*εἰναλιου Νηρέος*” (“marítimo Nereu”) que costuma ocorrer na ordem contrária (Ibid.). O fato dessas expressões terem sido adaptados para o pentâmetro, no entanto, não nos parece indicativo suficiente de que haveria aqui uma mudança de sentido das fórmulas em relação aos seus usos na poesia homérica.

No verso 21, outro aspecto fulcral do fr. 11 W é o modo como Simônides invoca o auxílio da Musa, que é convocada como “*ἐπίκουρον*” (“aliada”), um vocábulo próprio do jargão militar. Obbink (2001, p. 70-71) compara a invocação da Musa de Simônides com Empedócles (B131 DK) que também menciona a Musa como uma auxiliar do seu fazer poético, supervisionando sua composição. Obbink rejeita, no entanto, que essa seja a única função da Musa no poema de Simônides, acreditando que ela também fosse invocada enquanto fonte do material narrado, o que acredita que poderia ocorrer em qualquer parte da composição – apoiando-se no fragmento B4 de Empédocles. Pavese (1995, p. 14) também cita outros poetas que invocam a musa com uma função auxiliar: Píndaro (*Olímpica* 10, v. 4-5 e *Olímpica* 13, v. 96) e Timóteo, em seu *Os Persas* (fr. 15, v. 204).

Ferreira (2013, p. 302) supõe, no entanto, que o auxílio das musas se dá mais especificamente no âmbito do “*κόσμιον*”, da organização do conteúdo do poema, e não como própria fonte do conteúdo narrado. Essa poderia ser a distinção pretendida por Simônides, que teria consciência de estar manejando o modelo épico para narrar acontecimentos recentes diferente do que fazia Homero ao cantar heróis de um passado já distante de seu tempo, cuja

rememoração dos feitos dependia inteiramente das Musas para conferir veracidade às suas palavras. Aloni (2001, p. 95) também supõe que a diferença na invocação se dá pela distância entre o tempo do poeta e dos fatos narrados, uma diferença que considera ser evidenciada também no fr. 1 W de Arquíloco. Nesse fragmento, o poeta se coloca enquanto um guerreiro-poeta, ou seja, um poeta que possui conhecimento de causa dos acontecimentos relatados por também ter participado deles.

Nos versos seguintes (vv. 22-23), Capra e Curti (1995, p. 31) veem problemas paleográficos e textuais na reconstrução de West, sendo esses problemas: a) a distância, a lacuna, entre “ἀνθρώπων εὐχομένων” (“homens que oram”) e “μελίφρονα” (“dulcífero”) nos papiros é grande; e b) antes de – δης pode ser lido um iota ou um rô, o que poderia ser preenchido por uma palavra como “χορδῆς” (“cordas”); leitura privilegiada pelos autores. Desse modo, os fragmentos utilizados para reconstruir o fr. 11 W poderiam na verdade não estar ligados nesse ponto do texto. Dadas essas ressalvas, a reconstrução de West, no entanto, parece seguir uma ordem adequada para a transição de ideias entre o mundo mítico e o contemporâneo, o que já se inicia no verso 25 com a menção àqueles que salvaram Esparta e Grécia.

Dessa forma, percebemos que a narrativa da movimentação dos exércitos gregos em direção a Plateias inicia com a menção aos espartanos, que vão se unindo a outros povos (vv. 35-41) pelo caminho até Elêusis (onde se deu o agrupamento final antes da batalha). Pavese (1995, p. 15) justifica sua leitura de que o louvor dos espartanos é central no poema pela expressão “ἀνδρῶ]ν, οἱ Σπάρτ[η]” (“dos homens, que Esparta”) constar logo na primeira posição no primeiro verso da narrativa, um procedimento semelhante ao empregado em um epigrama atribuído a Simônides (16 FGE, v. 1), dedicado aos megarenses: “Ἑλλάδι καὶ Μεγαρεῦσιν ἐλευθερον ἄμαρ ἀέξειν” (“que da Hélade e de Mégara o dia da liberdade glorificaram”). Esse epigrama, que pode ser até mesmo inspirado na elegia de Plateias, utiliza uma construção que, ao mesmo tempo que destaca o caráter pan-helênico do evento, singulariza a cidade que comissionou o poema. Aloni (2001, p. 103) também utiliza o mesmo argumento para defender que quem comissionou o poema foram os espartanos, utilizando como indício o fr. 13 W, no qual é destacada a figura dos Heraclidas (a dinastia dos reis de Esparta).

Em sentido oposto, Boedeker (2001a, p. 127) pondera que, de modo geral, as inscrições costumavam singularizar uma cidade ou se referir aos gregos (“Ἕλληνας”) como um todo. A elegia de Simônides seria, na visão da autora, excepcional, pois menciona várias cidades em suas características particulares. Veremos mais adiante as possibilidades de cidades que podem ter sido a ocasião de *performance* inicial do poema; portanto, nos limitaremos agora a seguir Boedeker, ao dizer que Simônides parece fazer um uso inovador das cidades que participaram

da batalha, uma vez que não se resume a mencionar os envolvidos (destacando a cidade que o teria comissionado), mas traz um breve elogio de cada contingente que participou em Plateias.

Desse modo, o feito do conjunto de “Esparta e Hélade” é destacado como digno de “κλέος ... ἀθάνατο<ν>” (“glória imortal”). Antes da descoberta do *POxy 3965*, o fr. 531 P de Simônides, dedicado àqueles que pereceram na Batalha das Termópilas, já indicava a associação entre “κλέος” (“glória”) e o ofício poético (STEINER, 1999), fragmento este que Ferreira (2013, p. 263) destaca como o mais importante de Simônides sobre as Guerras Médicas antes da descoberta do fr. 11 W. Isso demonstra como Simônides, como poeta profissional e itinerante, estava ciente da importância de sua função como perpetuador da glória dos feitos gregos nas Guerras Médicas. Aloni (2001, p. 96) diz que há uma “circularidade contínua entre o *kleos* do herói sacrificado ao seu próprio destino [...] e o *kleos* que a canção do poeta renova e projeta adiante pelo curso do tempo”⁸⁰. O poema é assim uma *compensação* pela perda dos “heróis ilustres”, ou seja, apesar da inestimável perda para os gregos de seus valiosos combatentes, a poesia é uma forma de não deixar esquecer essa perda, mantendo viva a glória dessa geração para a posteridade. Aloni (Ibid.) vê o mesmo procedimento nos epinícios de Píndaro, que, ao valorizar os vitoriosos nas competições atléticas, transforma essas vitórias de momentos efêmeros de glória em canções que permanecerão na posteridade. O estudioso ainda destaca que a repetição cíclica de jogos e festividades talvez seja uma importante forma de processar o luto coletivo – e o sentimento de culpa que acompanha o luto”⁸¹. Os jogos seriam uma forma não-verbal que exerceria a mesma função do epinício e do treno. As competições atléticas compartilhavam dos mesmos princípios das guerras; destaca-se, por exemplo, que tanto na guerra quanto nos jogos apenas a vitória é mencionada (não há segundo prêmio), assim como os feitos estão fadados ou à continuidade ou ao esquecimento. No entanto, para Aloni (Ibid.), com a emergência de princípios como *isonomia* e *democracia* no fim do período arcaico, formas públicas de lamento destinadas a figuras individuais começam a ser restringidas nas cidades-estado a fim de evitar seu uso político; em Atenas, essas ocasiões se reduziram ao “ἐπιτάφιος λόγος” (“oração fúnebre”) e, em Esparta, aos funerais dos reis.

Após destacar a “glória imortal” dos combatentes, o poeta inicia uma narrativa, um catálogo, das cidades aliadas, que se inicia no verso 29 e se estende até o final do fragmento. Pode se chamar de catálogo, pois há um breve elogio de cada cidade que se une aos guerreiros espartanos que partiram das margens do rio Eurotas; contudo, é também uma estrutura narrativa,

⁸⁰ Tradução minha: "unbroken circularity between the kleos of the hero sacrificed to his own destiny [...] and the kleos that the poet's song renews and projects forward through the course of time."

⁸¹ Tradução minha: "'working out' of collective mourning - and of the sense of guilt that accompanies mourning".

pois o catálogo é construído dentro do poema na medida que o exército é decrito avançando em direção a Elêusis. No início do verso 29, Pavese (1995, p. 15) prefere a reconstrução “εὐκλεές” (“famoso”) em vez de “Σπάρτης” (“Esparta”), considerando que Simônides costuma seguir a lei de Naeke – que indica o padrão métrico da poesia grega de que é raro um hexâmetro terminar no quarto pé de um espondeu. Essa leitura diminuiria consideravelmente o “peso” espartano do poema, uma vez que o nome da cidade não seria retomado em um período tão breve (em relação ao uso anterior no v. 25), de modo que nem seria mencionada nominalmente nesta sessão do “catálogo”. A expressão “ζενὸς παῖσι” (“filhos de Zeus”) no verso 29, contudo, referencia os heróis de grande importância nos ritos espartanos, Cástor e Pólux⁸². Além de serem importantes figuras de culto em Esparta⁸³, esses heróis (os “Tindáridas” mencionados no v. 30) também estavam ligados à instituição do duplo reinado espartano. Heródoto⁸⁴ traz um relato importante de como foi estabelecida em Esparta a tradição de que, quando um rei fosse para a guerra, apenas um dos Tindáridas seria invocado para acompanhá-lo, de modo que sempre ficaria um rei e um Tindárida em Esparta. No entanto, permanece em aberto a questão de se a menção aos Tindáridas é apenas pelo fato de “acompanharem” o exército de um ponto de vista ritualístico, como visto em Heródoto, ou se teriam uma presença mais direta, como Hércules ao final do fragmento 17a Swift de Arquíloco, ou como ocorre a própria interação dos deuses nas cenas de batalha na *Iliada*⁸⁵.

O modo como a participação desses heróis do passado, com estatuto divino no tempo do poeta, interfere no poema pode ser de valia para pensarmos o quanto Simônides se afasta ou se aproxima de Homero nesse ponto do texto. Um aspecto curioso é que ao narrar o mito de Aquiles é destacada diretamente a participação divina de Apolo (e provavelmente de Atena e Hera), porém ao catalogar as tropas que marcham para Plateias são destacados apenas heróis mais “humanos”, de descendência divina mais distante e de existência histórica mais palpável, como Menelau, Pelóps, Nisos, sendo os Tindáridas os únicos filhos de um deus. Desse modo, é possível que o poeta estivesse deliberadamente optando por pautar a excelência dos combatentes de seu tempo por meio dos heróis das respectivas cidades e não nos deuses, que

⁸² Pavese (1995, p. 16) diz que podem ser tidos como ambos filhos de Zeus (Hesíodo fr. 24), ambos filhos de Tindareu (*Iliada* 11.356) ou Cástor de Tindareu e Pólux de Zeus (*Cípria* 8.8; Píndaro, *Nemeia* 10.80-82).

⁸³ Havia um templo conjunto dedicado aos Tindáridas e a Menelau em Terapnae (Comentário a Álcman 7.6-13 P), uma cidade, no entanto, pertencente ao território de Tebas. Havia, contudo, um *Menelaion* em uma colina perto do Rio Eurotas, dedicado a Menelau e Helena (atestado nas inscrições: SEG 26,457,458,459,28,407) (PAVESE, 1995, p. 16).

⁸⁴ *Histórias* 5.75.2.

⁸⁵ A cena mais notável nesse sentido provavelmente se dá no canto 5, quando Diomedes, instigado por Atena (vv. 131-132), fere Afrodite (vv. 330-340). Além disso, o herói também arremete contra Apolo (vv. 436-437), restando-se apenas ao ver Ares (vv. 594-596). No mesmo canto, a deusa Dione ainda relata a Afrodite várias circunstâncias em que deuses foram feridos por mortais (vv. 381-404).

participavam mais diretamente no mundo mítico de Homero.

Nesse sentido mais humano do confronto, o general espartano Pausânias é singularizado nos vv. 33-34, sendo inclusive mencionado como o “ἄριστος” (“melhor”). Apesar de ser uma afirmação forte à primeira vista, Diodoro Sículo⁸⁶ relata que o primeiro prêmio de honra foi conferido a Pausânias e a Esparta em Plateias. Pavese (1995, p. 21) não vê Pausânias como um paralelo adequado para Aquiles – ponderando, porém, fatos que posteriormente levaram o general à ruína (os quais abordaremos na seção seguinte deste capítulo), embora reconheça que a execução do poema teria ocorrido antes da perda de prestígio do general (p. 24). Pavese (1995, p. 22) considera, assim, que a morte de Aquiles seria um exemplo da elevação/imortalização realizada por Homero dos guerreiros gregos em Troia como um todo. É nesse sentido que Pavese destaca Leônidas como o melhor paralelo para Aquiles, que assim como o primeiro se sacrificou para a vitória geral dos gregos.

No entanto, seguindo a linha de Aloni (2001, p. 98) vista anteriormente, a principal função da elegia de Plateias seria trenódica, de modo que a figura de Aquiles não precisa servir como um paralelo de um herói em particular, mas como um modelo para todos aqueles que pereceram em Plateias. Esta posição nos parece adequada, uma vez que o sacrifício de Aquiles – sua opção pela vida breve e gloriosa em detrimento da longa e anônima – reproduz mais diretamente o sacrifício daqueles que pereceram em Plateias do que de algum líder em particular, como Pausânias, fato que não exclui a possibilidade de que ele pudesse ser o patrono do poeta nesse momento. A tese de Pavese (1995) de que o mito de Aquiles seria um paralelo para Leônidas perde a sua força ao se ponderar que não é necessário um paralelo único para Aquiles no tempo do poeta, especialmente ao notar que se trata de um fragmento razoavelmente extenso detido nos acontecimentos de Plateias.

Retornando, porém, à questão relacionada à centralidade de Pausânias na elegia de Plateias, se seguirmos o relato de Heródoto, o general não teria apenas sido o líder da principal tropa como também teria agido exemplarmente em Plateias. Heródoto⁸⁷ relata que, antes da batalha, os espartanos receberam um oráculo pítico de que deveriam vingar a morte de Leônidas. Enviaram, assim, uma mensagem a Xerxes pedindo compensação pela morte de seu rei. Ao ler a mensagem, Xerxes teria zombado da audácia espartana e dito, ironicamente, ao general Mardônio que lhes desse a devida recompensa. A morte de Mardônio em Plateias funciona, portanto, como uma ironia trágica no relato de Heródoto, pois Xerxes recompensa os espartanos

⁸⁶ *Biblioteca Histórica*, 11.33.

⁸⁷ *Histórias*, 8.114.

com sua derrota e a morte de seu principal general. Heródoto⁸⁸ ainda reporta que Pausânias se negara a empalar Mardônio como alguns de seus aliados queriam em retribuição à profanação do cadáver de Leônidas. Embora negue ultrajar o cadáver do inimigo, o general espartano assume que era sua responsabilidade vingar Leônidas. Essa passagem demonstra Pausânias como um exemplo da virtude e da moderação espartana. Portanto, mesmo que o relato de Heródoto não seja totalmente confiável, especialmente no que toca aos diálogos internos entre os persas, é provável que seu relato se baseie em informações tidas como autênticas no mundo grego à época, de modo que não é possível descartar que o próprio Pausânias fosse comparado a Aquiles no poema de Simônides.

Aloni (2001, p. 104) considera possível que o poema de Plateias de Simônides tenha caído em esquecimento, sendo um indício desse apagamento a falta de menções em Heródoto a essa composição de Simônides, devido à própria queda em prestígio de Pausânias. Boedecker (2001a, p. 129) assinala, porém, uma possível influência de Simônides em Heródoto⁸⁹. Em relação ao fato de Simônides parecer prestigiar a participação dos coríntios (fr. 11 W, v. 35) enquanto Heródoto a minimiza, ponto levantado por Plutarco em *Sobre a malignidade de Heródoto* (o que veremos mais detidamente ao abordar os frs. 15-16 W em seguida), a autora acredita que Heródoto teria deliberadamente tomado uma postura mais cética em relação à atuação dessa cidade, embora tivesse conhecimento da versão de Simônides.

Os versos finais do fr. 11 W (vv. 39-45) se referem ao encontro das tropas em Elêusis. Aloni (2001, p. 87) propõe o preenchimento “συν[όντες]” (traduzido neste trabalho como “juntos”) para a lacuna do final do v. 39, o que reforça a ideia de união entre as cidades gregas aliadas. Um ponto controverso nessa parte do fragmento é a menção de que os gregos expulsam os persas da região de Pândion, da Ática. No entanto, a historiografia⁹⁰ relata que Mardônio já havia se retirado da Ática para a Beócia antes dos exércitos gregos se reunirem em Elêusis. Pavese (1995, p. 17-18) acredita que o poeta teria consciência disso, mas se expressa de modo mais “poético” relatando que os persas teriam partido quando os aliados chegam em Elêusis. Contudo, baseada no mesmo problema, Boedecker (2001a, p. 128) vê essa contradição como uma falha do suplemento de West para o v. 41. A estudiosa prefere assim a leitura de Parsons (1992 apud BOEDECKER 2001a, p. 128) de que a passagem se referiria à reunião das tropas em Elêusis simplesmente sem a menção da expulsão dos persas. Embora essa discussão seja

⁸⁸ *Histórias*, 9.78-79.

⁸⁹ Em *Histórias* (9.65.2), numa passagem que descreve como a batalha se deu no entorno do Templo de Démeter, momento que pode ter um intertexto com o fr. 17 W (v. 1) de Simônides – tema que abordaremos em mais detalhes ao tratar desse fragmento.

⁹⁰ Heródoto, *Histórias* 9.13

bastante especulativa, não descartamos o suplemento de West, julgando, como Pavese (1995), que o poeta provavelmente não empregaria a expressão em um sentido literal de que os gregos expulsam os persas logo ao chegar em Elêusis, mas que é a partir dessa reunião e da subsequente batalha em Plateias que os helenos rechaçam definitivamente a ameaça persa na região.

Além desse problema, a menção à Ática como “terra de Pândion” (“γαίης Παν]δίονος”, v. 41) pode trazer indícios de qual seria o enfoque dado a Atenas na elegia de Plateias. Há várias figuras mitológicas nomeadas Pândion, porém emerge principalmente a figura de Pândion I, um dos primeiros reis de Atenas, filho de Erecteu e marido da náiaide Zêuxipe. Se considerarmos, no entanto, as prováveis relações anteriores de Atena com Zetes e Calais movidas nos fragmentos do poema de Artemísio, há a possível intertextualidade com o Pândion filho de Fineu e Cleópatra, que foi cegado pelo pai, acontecimento que levou Fineu a receber a mesma punição por parte de Bóreas⁹¹.

No v. 42, há ainda a referência ao adivinho “Iâmideo”, que remete muito provavelmente a Tisâmeno, o adivinho mais importante de Esparta durante as Guerras Médicas. O patronímico Iâmideo remete à família dos Iâmidas, descendentes de Iamo, originária de Olímpia. Tisâmeno era filho de Antíoco e natural da Eleia na Magna Grécia, mas, devido a sua importância como adivinho, ele e seu irmão, Hagias, receberam a rara honraria de ter a cidadania espartana, uma exigência que fizera para prestar seus serviços a essa cidade⁹². Assim, percebemos a reverência e o respeito que os espartanos tiveram para com esse adivinho, cujo auxílio na batalha de Plateias parece ser retomado no poema de Simônides, como veremos ao abordar o fr. 14 W. Assim, percebemos como o fr. 11 W encerra em aberto para uma provável continuação da narrativa de batalha, possivelmente incluindo o vaticínio de Tisâmeno.

Como o fr. 12 W é quase completamente ilegível, partiremos agora para o fr. 13 W (= *POxy* 3965 fr. 27 col. ii), com os suplementos propostos por West (1993), que parece contrapor os contingentes Aquemênida e espartano, talvez em uma continuação ao “catálogo” visto no final do fr. 11 W:

.]θεα[
.]ρεμ[
.]πτο[
.]ετερη[
.]κουφ[5
θ[]πτολε[μ--	
τα.[]αρα[
	ᾠφρ' ἀπὸ μὲν Μήδ[ων	
	καὶ Περσῶν, Δώρου δ[ε	

⁹¹ Diodoro Siculo, *Biblioteca Histórica* 4.44.4.

⁹² Heródoto, *Histórias*

παισὶ καὶ Ἡρακλέος [10
 οἷ] δ' ἐπεὶ ἐς πεδίον [
 εἰ]σωποὶ δ' ἔφ[α]νευ[
 .]ρεστε[.]οντ[
 .](?)[
 .](?)[
 .](?)[
 .](?)[5
 (?) [leal em b]atalha(?)--
 (?) [](?)[
 a fim de que os med[os todo o povo expulsando
 e os persas, e de Doro[
 e Héracles os filhos [10
 os] que depois na planície [
 vi]síveis se t[o]rnaram[
 .](?)[.](?)[

Embora de difícil leitura, nesse fragmento, vemos talvez a cena que antecede o confronto, pelo avistamento das tropas na planície nos vv. 11-12, contra as forças dos persas e medos – sendo aparentemente distinguidos os dois povos (nos vv. 8-9) –, sendo o contingente grego destacado como espartano, fato demarcado pela referência aos filhos de Héracles, provavelmente os Heraclidas (vv. 10-11). Este fragmento assim parece, à primeira vista, singularizar os espartanos como os principais adversários dos persas, o que reforçaria a tese de um contexto lacedemônio para a execução do poema. Aloni (2001, p. 103) vê o fr. 13 W como a representação das forças opostas em geral, de modo que os espartanos representariam os gregos – o que corrobora a tese da prominência espartana. Boedecker (2001a, p. 129) crê, porém, que essa passagem faça parte de um catálogo maior, de modo que os lacedemônios seriam mencionados entre as outras cidades aliadas; sendo esta a única menção encontrada atualmente devido ao estado precário do fragmento.

No v. 9, possivelmente seria mencionado Egímio, o filho de Doro, responsável pela instituição da dinastia dos Heraclidas em Esparta. Egímio, ancestral dos dóricos quando ainda habitavam a região norte da Tessália⁹³ pede ajuda a Héracles para combater os lápidas (povo eólico mitológico que habitava a Tessália e a região do Monte Pélion – lugar onde Aquiles foi criado por Quíron). Após a vitória com a ajuda de Héracles, Egímio lhe oferece um terço de seu reino, mas Héracles recusa e deixa a herança do trono aos seus filhos – ocorrido que dá ensejo à narrativa mitológica da dinastia dos Heraclidas em Esparta. A conexão de Egímio com a Tessália pode fornecer indícios sobre como o mito de Aquiles (que possui várias ligações com

⁹³ Píndaro, *Pítica* 1.64.

a Tessália – região aliada dos persas) pode ser utilizado em um contexto espartano ou pan-helênico que, muito provavelmente, excluiria o louvor dessa região. O mito de Egímio e Hércules lutando contra um povo eólico (como eram os tessálios posteriores) pode servir para reclamar o direito dos helenos em geral (ou dos espartanos em particular) sobre o território dos tessálios que se aliaram aos persas e talvez sobre o próprio mito de Aquiles, que poderia estar ligado aos espartanos pela presença dórica ancestral em sua região natal. O epigrama VI FGE de Simônides dedicado ao seu amigo (devido a laços de hospitalidade) Megístias – adivinho que acompanhou Leônidas em Termópilas, onde morreu após ter recusado a ordem de seu rei de retornar para Esparta – pode trazer um elo de comparação para o uso do mito de Egímio no poema de Plateias. Como mencionado no v. 2 do epigrama VI FGE, Megístias morre ao atravessar o rio Esperqueu (que nasce na Tessália). Ferreira (2013, p. 269) compara a morte de Megístias à morte de Sarpédon ou Aquiles, sendo este último invocado não apenas pela sua *areté* (sua excelência guerreira), mas especialmente pelo "destino de morte" que escolhe, pois Aquiles, assim como Megístias nas Termópilas, valoriza a glória em detrimento de uma vida longa e obscura (FERREIRA, 2013, p. 308). Assim, o destaque dado pelo poeta à morte do amigo às margens de um rio que nasce na Tessália pode demonstrar que Simônides utilizaria o mito da ancestralidade dórica na Tessália como um motivo em suas composições endereçadas aos espartanos; o que poderia se repetir no uso do mito de Aquiles no fr. 11 W.

No entanto, a menção a Egímio e aos filhos de Hércules (os Heraclidas) se dá muito brevemente, já que, no verso 12, parece haver o avistamento dos persas ao longe, dando ensejo ao início da narrativa da batalha (SIDER, 2001, p. 21). Nos versos finais (vv. 11-13) desse fragmento, Pavese (1995, p. 7) propõe uma leitura bastante diferente em sua tradução: “E esses porque [juntaram-se na ampla] planície [beócia]/ e à vista apareceram [os medos *ou* a Musa de Plateias] /... acamparam [perto do rio de Asopo]”⁹⁴. Destacam-se principalmente os suplementos propostos por Pavese, baseados no relato de Heródoto; detalhes como a planície “beócia” no v. 11 e aos medos ou à “Musa de Plateias” no v. 12. Quanto ao último verso, Pavese propõe uma reconstrução suposicional do verso inteiro aparentemente baseando-se em Hérodoto⁹⁵, que descreve uma cena de quando os gregos se reuniram perto da cidade de Eritras na Beócia e souberam que os persas acampavam próximos ao rio Asopo.

Na economia geral do poema, porém, antes de entrar na narrativa da batalha, Simônides teria ainda relatado o vaticínio de Tisâmeno, relatado em outros testemunhos da antiguidade⁹⁶,

⁹⁴ Tradução minha: "Ed essi poiché [giunsero nell'ampia] pianura [beotica]/ ed in vista apparvero [i Medi *vel* le musa di Platea]/... Si accamparono [presso le rive dell'Asopus]".

⁹⁵ *Histórias* 9.19.

⁹⁶ Heródoto *Histórias* 9.33.1, 9.36.1; Plutarco, *Aristides* 11.

no fr. 14 W (= *POxy 3965* fr. 21), para o qual seguimos os suplementos propostos por West (1993, p. 8-9) e Pavese (1995, p. 18):

<p>· · · δεινὸν ἀμαιμάρκετον τε κακ[όν· μίμνουσι δ' ἔσεσθαι νίκην, ἧς μνήμην ἥματα πάντ[α μενεῖν. Μήδους δ' ἐξ Ἄ]σί[η]ς ἐλά(σ)ει, νεύσαντο[ς Ἀθήνηι ὄψε Διός, και]νην συμμα[χ]ήν τελέω[ν Ἄρης· εὐδά]φνοι γὰρ [ύ]π[ὸ κ]ρηπίδα τ[ανύσσει νήωι, ἄδην] ἐπά[γων εὐπ]ορίην β[ιότου παρβασιῶ]ν δὲ [δίκη]ν λήψ]ει ποτὲ Φ[οῖβος Ἀπόλλων. τόσσα μὲν Ἰαμίδες ματι]πόλω[ι στόματι Θεσπίζων προύφαινε.]ωστ[]]λυων[]χεκ[]ιν[</p>	<p>].[] . . . [] . . . []]αδον βαλλομε[ν προλ]έγω ποταμοῦ λα[οῖς ἐθέλουσιν ὅτι πέρην μά]ρψαι πρῶτα β[ι]η[σαμένοις 5 10 15</p>
<p>· · · um terrível e ines]capável ma[1, permanecendo onde está (obterá) a vitória, da qual a lem]branca por todos os di[as permanecerá. E os medos para fora da Ἄ]si[a] expulsará, assentind[o Atenas e depois Zeus, uma no]va alia[n]ça estabelecend[o Ares. Pois, sobre a bem lau]reada base do templo [estendida, o decreto]tra[zendo abundantes me]ios de s[ubsistência dos transgressore]s a justiça uma hora cobra F[ebo Apolo tamanhos feitos a pr]ofét[ica boca do Iâmida em vaticínio revelou](?)[]](?)[E]que[crátides(?]](?)[</p>	<p>].[] . . . [] . . . []](?) lançand[o dec]laro que em frente ao rio as tr[opas devem(?] quem no outro lado] primeiro ata[car (terá) 5 10 15</p>

Segundo o relato de Heródoto⁹⁷, Tisâmeno vaticina que, em Plateias, os gregos venceriam se esperassem e se defendessem, mas caso cruzassem o Asopo perderiam (o que parece ser mencionado nos vv. 3-6 desse fragmento). Ferreira (2013, p. 306) traz a interessante colocação de como esse fragmento – que é claramente na voz de um personagem – demarca o quanto o uso da primeira pessoa pode induzir ao erro, uma vez que muitos outros fragmentos da literatura antiga podem antes representar falas de personagens, e não a voz de um Eu poético. No restante dos versos legíveis (do v. 6 em diante) parecem ser descritos os resultados positivos

⁹⁷ *Histórias* 9.36.

casos os gregos obedecem ao vaticínio. Ferreira (2013, p. 306) pondera que aqui também pode haver a relação do desfecho vitorioso como cumprimento da vontade de Zeus.

Pavese (1995, p. 18) crê, no entanto, que o sujeito nos versos 7-10 seja o deus Ares, que seria citado em posição final no v. 8 ou 9 – seguimos o suplemento de West (1993, p. 8) em que Ares é citado no início do v. 9 –, apoiando-se em outros fragmentos e epigramas de Simônides⁹⁸, de modo que é o próprio deus quem expulsará os medos para a Ásia. O autor ainda lê uma referência no v. 12 a Apolo, porém não esclarece qual seria a participação do deus no contexto do vaticínio. No v. 16, há uma possível referência ao nome próprio Equecrátides. O fr. 22 W (que abordaremos a seguir) menciona um Equecrátides, pai de Antíoco, um patrono tessálio de Simônides. Porém, se de fato é mencionado algum Equecrátides no fr. 14 W, provavelmente este seria diferente do nobre tessálio referido no fr. 22 W devido à ligação da Tessália com os persas no período em questão.

Como a maioria das conjecturas em relação ao fr. 14 W são baseadas em suplementos, partiremos para os fr. 15-16 W, que remetem provavelmente à seção do catálogo das cidades na parte em que seria destacada a participação do contingente de Corinto. A principal fonte desses fragmentos é obra *Sobre a Malignidade de Heródoto* de Plutarco, na qual o biógrafo critica o pai dos historiadores por sua suposta má vontade em relação aos coríntios e aos seus feitos em suas *Histórias*. Heródoto relata sobre a atuação dos coríntios que estes teriam tido pouca participação e que apenas teriam aderido ao combate quando os aliados já estavam em vantagem⁹⁹. Plutarco (*Sobre a Malignidade de Heródoto*, 42 p. 872d = Simônides fr. 15 W), porém, defende a atuação dos coríntios pelas palavras de Simônides:

Ἀλλὰ Κορινθίους γε καὶ τάξιν ἦν ἐμάχοντο τοῖς βαρβάροις, καὶ τέλος ἠλίκον
 ὑπῆρξεν αὐτοῖς ἀπὸ τοῦ Πλαταιᾶσιν ἀγῶνος ἕξεστι Σιμωνίδου πυθέσθαι
 γράφοντος ἐν τούτοις·
 μέσσοι δ' οἱ τ' Ἔφυραν πολυπίδακα ναιετάοντες,
 παντοίης ἀρετῆς ἴδριες ἐν πολέμῳ,
 οἱ τε πόλιν Γλαύκοιο, Κορίνθιον ἄστυ, νέμονται

Mas a disciplina dos coríntios ao combater os bárbaros, e o quão grande foi a iniciativa deles no confronto de Plateias, é possível perceber pelo [poema] de Simônides escrito nos seguintes [versos]:

E no meio estavam os habitantes de Éfira de muitas fontes,
 experientes em todas as sortes de excelência em batalha.
 Os que a cidade de Glauco, a cidade coríntia, residem

A menção de Plutarco é importante pois confirma a existência de um poema de

⁹⁸ Fr. 107, 103, 116 Diehl, CEG 421.

⁹⁹ Heródoto, *Histórias* 9.69.

Simônides que abordaria a Batalha de Plateias. Em seguida, demonstra como Simônides se refere aos coríntios em tom elogioso (semelhante ao procedimento do final do fr. 11 W), sugerindo que poderia haver uma continuação do catálogo dos contingentes da batalha. Pavese (1995, p. 18) destaca que os epítetos “Éfira” e “cidade de Glauco” são usados conjuntamente para se referir à Corinto na érica¹⁰⁰. Luppe (1994, p. 21-24) aponta que “μέσσοι” no início desse fragmento teria o sentido de “estacionado” no meio e não de “lutando” no meio. Isso daria suporte à ideia de que o poeta descreve contingentes específicos de cada exército (grego e persa) e sua “disposição” no campo de batalha (“τάξις”) em vez de ambos os lados em geral – como defendido por Boedecker (2001a, p. 129). Contudo, os versos de Simônides mencionados por Plutarco não se restringem aos que compõem o fr. 15 W. Por se considerar que no poema original haveria uma lacuna entre o terceiro e o quarto verso citados por Plutarco, os editores em geral optaram por separá-los nos frr. 15 e 16 W (PAVESE, 1995, p. 19). Assim, vejamos o fr. 16 W, do qual possuímos mais informações, além da citação de Plutarco, pela descoberta de sobreposições com o fr. 5 do *POxy 3965*:

οἱ

κάλλιστον μάρτυν ἔθεντο πόνων
 χρυσοῦ τιμήεντος ἐν αἰθέρι· καί σφιν ἀέξει
 αὐτῶν τ' εὐρείαν κληδόν[α καὶ πατέρων
]πολυ[

ταῦτα γὰρ οὐ χορὸν ἐν Κορίνθῳ διδάσκων οὐδ' ἄσμα ποιῶν εἰς τὴν πόλιν,
 ἄλλως δὲ τὰς πράξεις ἐκεῖνας ἐν ἐλεγείᾳ γράφων ἰστόρηκεν.

a ele

melhor testemunha foi dos labores,
 da áurea honra [que ascende] ao céu; e crescerá
 a sua vasta f]am[a e de seus pais
]muito[

Pois essas coisas [falou] não ensinando um coro em Corinto nem compondo um poema para a cidade, mas apenas escrevendo-as para narrar em elegias.

Essa passagem, que segundo Plutarco se refere a Corinto, destaca novamente a elevação da honra através dos feitos militares. A expressão “μάρτυν ἔθεντο” (“foi testemunha”) seria, para Pavese (1995, p. 19), uma forma comum de “louvor de um empreendimento ou de uma qualidade do cantado”¹⁰¹. Esse seria um procedimento semelhante ao empregado no fr. 531 P¹⁰² de Simônides, que utiliza, porém, Leônidas (v. 7) como testemunha da excelência dos combatentes das Termópilas. Ferreira (2013, p. 308) compreende que a “testemunha” mencionada pelo poeta é o deus-sol Hélios, uma vez que a “áurea fama” ascende ao céu –

¹⁰⁰ *Iliada* 2.152.154

¹⁰¹ Tradução minha: "lode di um'impresa o di uma qualità del cantato"

¹⁰² Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 11.11.6.

provavelmente influenciada pelo verso 997 da *Teognideia*. Boedeker (2001b, p. 162) destaca que Hélios também tinha um culto lacônico, o que corroboraria a proeminência espartana no poema. O deus-sol ainda poderia ser mencionado por sua capacidade de tudo ver, dada sua posição privilegiada, posição essa que é evidenciada, por exemplo, no mito do amor furtivo entre Ares e Afrodite que é descoberto por Hélios¹⁰³. No entanto, optamos pela leitura de Pavese na tradução, acreditando que não é necessário um sujeito específico testemunhando os fatos, sendo o próprio feito dos coríntios a justificativa para a proeminência dos combatentes dessa cidade. Na citação de Plutarco é, ainda, interessante notar como ele refere ao intuito de Simônides como o de “ἐν ἐλεγείᾳ γράφων ἱστόρηκεν” (“escrevendo-as para narrar em elegias”), parecendo indicar um uso da elegia não para glorificar cidades ou patronos particulares, mas pela própria função de registrar os acontecimentos.

Tendo visto, assim, como Simônides pode ter abordado com razoável grau de detalhes o contingente coríntio em Plateias com o intuito de realizar uma espécie de registro histórico, passemos agora ao fr. 17 W (= *POxy* 2965 fr. 19), o último dos que compõem o conjunto da elegia de Plateias, parecendo conter parte da narrativa do combate. Esse fragmento, no entanto, é de difícil compreensão uma vez que foi conservada apenas a parte esquerda do papiro, da qual, em geral, somente a primeira palavra de cada verso é legível:

Δημητ[
χ[ρ]ῆμα δ[
φῆ δὲ δυ[
ἄγρετο σε[
δηρὸν [5
τοὺς α[
ρύσιον [
καὶ μ[
καὶ μ[
δα. . [10
θηευμη[
η[.]εου α[
ο[ὐ]κ ἴσχε[
ἀλλ' ετε[
ησπαι[15
φρικωθ[
σπευδον[
ἐν λεκτ[
ξείνου δ[
ἐρχομε[20
φηδε.[
χρ[
.]. φ [
αλλ[

¹⁰³ *Odisseia* 8.302.

Demét[er(ou o Santuário de Deméter)
c[o]isa[
e disse[
te torne selvagem(?)[
longo (tempo?) [5
os[
compensação [
e e[les(?]
e[
(?). . [10
contem[plaram(?]
(?).[.](?)[
n[ã]o man[tém(?]
mas (?)[
arfa[va(?) 15
aterro[rizados(?]
apressan[do(?]
(?)[
do estrangeiro[
vie[ram(?) 20
(?).[
co[isa(?]
.]. (?) [
ma[s

O elemento mais importante desse fragmento é justamente o primeiro verso que contém uma referência a Deméter ou ao seu santuário (o *Demétrion*). Pavese (1995, p. 19) crê que, embora breves, as palavras que restaram desse fragmento são compatíveis com a história de Amomfáreto – comandante do *pitanae lókhos*, um batalhão espartano que havia se recusado a realocar o acampamento sem dar combate aos persas – mencionado por Heródoto¹⁰⁴. Nesse viés, o fragmento pode se referir ao momento em que o general Pausânias, deixando Amomfáreto e seu batalhão para trás, realoca suas tropas perto do Santuário de Deméter Eleusina em *Argiopion*¹⁰⁵ ou à batalha que subsequentemente ocorreu perto desse santuário¹⁰⁶.

No entanto, destacamos que, na narrativa de Heródoto sobre a batalha que se dá no entorno do santuário de Deméter, em meio a uma batalha acirrada, é apenas quando Pausânias vê e invoca Hera do Templo de Plateias que os gregos passam a ter sucesso. Além disso, é apenas após a prece de Pausânias que a batalha transcorre para o entorno do templo de Démeter. Caso o fr. 19 W de fato se refira a essa batalha, é possível que o poema tivesse sido recitado em contexto de culto a Hera (talvez no próprio templo em Plateias), uma vez que Aquiles era um

¹⁰⁴ *Histórias* 9.53-57.

¹⁰⁵ Heródoto, *Histórias* 9.57.

¹⁰⁶ Heródoto, *Histórias* 9.59-63.

protegido da deusa. No relato de Apolônio Ródio¹⁰⁷, Tétis rejeitara as investidas de Zeus por sua fidelidade a Hera, de modo que a deusa se mantém como uma protetora do filho da divindade marítima. No canto 21 da *Ilíada* (vv. 328-330), quando Aquiles ataca o próprio rio Escamandro, são Hera e Hefesto que o impedem de morrer afogado, o que demonstra a ligação da deusa com o herói.

Desse modo, diante da possibilidade de o poema de Plateias conter a narrativa dessa batalha, podemos considerar que há razoáveis indícios de que esse poema teria sido executado em um contexto religioso, o que se manifesta também na invocação inicial de Aquiles e Tétis em um procedimento similar ao encontrado nos *Hinos Homéricos*. Em relação ao aspecto narrativo, embora não se possa precisar o modo como a batalha seria descrita, é possível perceber que ela se estenderia substancialmente para além do que nos restou no fr. 11 W, já que conteria um catálogo de pelos menos alguns contingentes participantes, assim como o vaticínio de Tisâmene. Havendo assim tamanho espaço para o relato de eventos que antecederiam a batalha, possivelmente a narrativa dos próprios eventos de batalha se estenderia por um número de versos não inferior ao dedicado aos preparativos.

2.2.4 Os fragmentos incertos e a geração das folhas (fr. 18-22 W)

A seguir trataremos de fragmentos cujas inserções em uma elegia narrativa são mais incertas, mas não completamente descartáveis. Também provenientes dos Papiros de Oxirrinco (*P. Oxy 2327, 2965 e 3965*), assim como de uma citação de Estobeu (fr. 19 W), esses fragmentos tratam de temas aparentemente simposiais, mas contêm particularidades que os aproximam da tradição épica. O fr. 18 W é largamente ilegível, mas pelas poucas palavras que nos restaram, podemos perceber a menção a um contexto de batalha. Já os fr. 19-20 W trazem uma alusão de Simônides a Homero, na qual o poeta de Ceos se refere diretamente ao rapsodo épico e ao seu *tópos* da geração das folhas. O fr. 21 W trata da tópica da perda da juventude, que embora mais própria do simpósio, pode ser relevante para a nossa discussão pela sua possível associação com os fragmentos anteriores. Já o fr. 22 W traz a interessante descrição de uma viagem a uma ilha paradisíaca, o que gerou controvérsias entre estudiosos sobre qual a função dessa imagem na economia do poema (MACE, 2001; YATROMANOLAKIS, 2001).

Passemos assim para o fr. 18 W, o qual, apesar de mais breve, é o mais provável de pertencer a uma elegia narrativa (= *P. Oxy 2965 fr. 10*):

¹⁰⁷ *Argonáutica* 4.760.

.	.]ει[
.	.] ἐλπιδ[
.	.]ντισ[
.	.]ιμαχη[
.	.]λων καλο[5
.	.] οὐδεμει[
.	.]· ἐκυδα[iv	
.	.](?)[
.	.] esperan[ça	
.	.](?)[
.	.]bata[lha(?)	
.	.](?)[5
.	.] nen[hum(?)	
.	.]· respei[tado(??)	

Vemos nesse fragmento poucas palavras legíveis, sendo a maioria ainda através de preenchimentos por parte dos editores. No segundo verso, o provável vocábulo “esperança” (“ἐλπιδ[”) pode indicar que se trata da antecipação de uma batalha – talvez ao modo do vaticínio de Tisâmeno no fr. 14 W. No verso 4, o iota no início da parte legível impede a leitura de “batalha” (“μάχης”) simplesmente, no entanto, trata-se de uma palavra com o mesmo radical, podendo ser um verbo como “ἀντιμάχομαι” (“lutar contra *alguém*”) ou “περιμαχόμεαι” (“lutar em torno de *algo* ou *alguém*”). Caso fosse uma forma do último verbo ou o substantivo derivado dele (“περιμάχηςτος”) poderia estar relacionado ao contexto de batalha do fr. 17 W, em torno do santuário de Deméter. No verso 7, a reconstrução de West “ἐκυδα[iv” deriva do verbo “κυδαίνω”, que pode ter o sentido de “glorificar” ou também o pejorativo de “vangloriar-se”. Percebe-se, assim, que, apesar da escassez de informações, esse fragmento pode remeter a um contexto de batalha.

Abordemos, agora, os fragmentos com alusões diretas a Homero, os fr. 19-20 W. O fr. 19 W cita o símile homérico da geração das folhas, mencionado no canto 6 (vv. 146-149) da *Iliada* pelo guerreiro Glauco, aliado dos troianos, a Diomedes:

> οἷη περ φύλλων γενεὴ τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.
 φύλλα τὰ μὲν τ' ἄνεμος χαμάδις χέει, ἄλλα δὲ θ' ὕλη
 τηλεθώσα φύει, ἔαρος δ' ἐπιγίγνεται ὄρη·
 ὡς ἀνδρῶν γενεὴ ἢ μὲν φύει ἢ δ' ἀπολήγει.

As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores,
 Que, umas, os ventos atiram no solo, sem vida; outras, brotam
 Na primavera, de novo, por toda a floresta viçosa.
 Desaparecem ou nascem os homens da mesma maneira¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Tradução de Carlos Alberto Nunes (2015, p. 159).

Citado por Estobeu¹⁰⁹, o fr. 19 W mostra o poeta de Ceos se referindo diretamente a Homero, e ao seu *tópos* da geração das folhas, apresentando, porém, sua visão sobre a dificuldade de se ter real consciência da brevidade da vida:

Ἐν δὲ τὸ κάλλιστον Χίος ἔειπεν ἀνὴρ·
οἷη περ φύλλων γενεή, τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.
παῦροι μὴν θνητῶν οὐάσι δεξάμενοι
στέρνοις ἐγκατέθεντο· πάρεστι γὰρ ἐλπίς ἐκάστω,
ἀνδρῶν ἢ τε νέων στήθεσιν ἐμφύεται.

Uma coisa, a melhor disse o homem de Quios:
"As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores".
Poucos dos mortais lhe dão ouvidos
e a guardam em seus corações, pois há uma esperança
que cresce no coração de cada homem quando jovem.

Percebemos, assim, como Simônides retoma o *tópos* da brevidade da vida, assumindo como poucos humanos têm noção da efemeridade de sua existência, especialmente durante a juventude na qual nutrem “uma esperança”. Sider (2001, p. 281-282) propõe que Simônides estaria se posicionando ao lado de Homero e contra Mimnermo, que também evocara o tema da geração das folhas no fr. 2 Allen, no sentido de que a poesia ou a fama teria a capacidade de conferir a imortalidade, ao contrário de Mimnermo, que considera a juventude como o único bem da existência. Vejamos, assim, o fr. 2 Allen de Mimnermo:

ἡμεῖς δ' οἷά τε φύλλα φύει πολυάνθεμος ὄρηι
ἔαρος, ὅτ' αἰψ' ἀγῆις αὖξεται ἡελίου,
τοῖς ἴκελοι πήχυιον ἐπὶ χρόνον ἄνθεσιν ἦβης
τερπόμεθα, πρὸς θεῶν εἰδότες οὔτε κακὸν
οὔτ' ἀγαθόν· Κῆρες δὲ παρεστήκασι μέλαιναι, (5)
ἢ μὲν ἔχουσα τέλος γήραος ἀργαλέου,
ἢ δ' ἑτέρη θανάτοιο· μίνυνθα δὲ γίνεται ἦβης
καρπός, ὅσον τ' ἐπὶ γῆν κίδναται ἡέλιος.
αὐτὰρ ἐπὶν δὴ τοῦτο τέλος παραμείψεται ὄρης,
αὐτίκα δὴ τεθνάναι βέλτιον ἢ βίωτος· (10)
πολλὰ γὰρ ἐν θυμῷ κακὰ γίνεται· ἄλλοτε οἶκος
τρυχοῦται, πενίης δ' ἔργ' ὀδυνηρὰ πέλει·
ἄλλος δ' αὖ παιδῶν ἐπιδεύεται, ὧν τε μάλιστα
ἰμείρων κατὰ γῆς ἔρχεται εἰς Αἴδη·
ἄλλος νοῦσον ἔχει θυμοφθόρον· οὐδέ τις ἐστὶν (15)
ἀνθρώπων ὧι Ζεὺς μὴ κακὰ πολλὰ διδοῖ.

Nós, como as folhas que nutre a florida estação
Da primavera, que rapidamente crescem com os raios do sol,
parecemos aproveitar o breve tempo do desabrochar
Da juventude, dos deuses percebendo nem o mal
Nem o bem; mas nos aguardam as negras Ceres, (5)
Uma detendo o destino da dolorosa velhice,

¹⁰⁹ *Antologia* 4.34.28.

A outra, o da morte. Breve é a juventude
 Frutífera, tanto quanto o sol se estende sobre a terra.
 Assim que chega ao fim essa estação,
 Melhor é morrer do que viver, (10)
 Pois muitos males afligem o coração. Algumas vezes, o patrimônio
 Sucumbe, e os penosos trabalhos da pobreza padece.
 Outras vezes, carece de filhos e, a eles mais que tudo
 Desejando, deixa a terra e parte para morada de Hades.
 Certas vezes ainda o acomete a doença de partir o coração. Não há homem
 (15)
 Ao qual Zeus não dê muitos males.

Vemos, portanto, que Mímnermo assume uma posição mais pessimista em relação à brevidade da vida humana, sendo a morte a única e melhor opção após o passar da juventude, enquanto que, para Simônides, parece haver uma “esperança” e talvez um pós-morte no qual pode se esperar alguma gratificação (o que veremos nos fragmentos seguintes desta seção). O *tópos* da geração das folhas é também retomado por Horácio¹¹⁰ na poesia latina, no entanto, para se referir à geração das palavras, que assim como a geração dos homens teria uma existência breve. Para Sider (2001, p. 284), a mudança de sentido em Horácio já teria a influência da visão de Simônides sobre a imortalidade conferida pela poesia. Sider (2001, p. 286) questiona se os fr. 19-20 W não poderiam fazer também parte da elegia de Plateias ponderando que, se Homero insere o tema da geração das folhas em uma cena de batalha, Simônides poderia fazer o mesmo. Rutherford (2001, p. 50) propõe que esse fragmento formaria a *sphragis*, o selo, do poema de Plateias, sendo que o lamento dos que morreram na importante batalha levaria a uma rememoração da brevidade da vida. O estudioso considera possível que o fr. 89 W de Simônides também fizesse parte da *sphragis* desse poema:

μνήμην δ' οὔτινά φημι Σιμωνίδῃ ἰσοφαρίζειν.
 ὀγδωκονταέτει παιδὶ Λεωπρέπεος,

E digo que a memória de ninguém se iguala à de Simônides,
 O filho de Leoprepres, em seus oitenta anos

Esse fragmento, embora de contexto incerto, pode ser uma *sphragis* por causa da colocação individual do poeta, destacando sua própria atividade, no caso da memória. No terceiro verso do fr. 19 W, porém, a menção aos “poucos” que levaram a sério a imagem homérica da geração das folhas é tida, para Ferreira (2013, p. 223), como uma alusão ao próprio Mímnermo e aos que não compreenderam o sentido dos versos de Homero. Ferreira (2013, p.

¹¹⁰ *Ars Poetica* 52-63; 68-72.

222) salienta ainda que alguns estudiosos julgam que esse fragmento seria da autoria de Semônides de Amorgos pela possível ligação com o fr. 1 W desse poeta – que trata dos males da existência, porém, mais aos moldes de Mimnermo que de Homero –, como Willamowitz (1913, p. 273-275) e Diehl (1952) – este último em sua edição classificou esse fragmento como o fr. 29 de Semônides. A dúvida quanto à autoria, contudo, parece ter sido dissipada com a descoberta do *P. Oxy 3965*, com composições de Simônides, que apresentou sobreposições com a citação de Estobeu. No entanto, persistem problemas de ligação, de modo que Parsons (1992, p. 43 apud FERREIRA, 2013, p. 222) considera que apenas os vv. 6-13 da citação de Estobeu seriam certamente de Simônides de Ceos.

Nesse sentido, Sider (2001, p. 275) resume os problemas de ligação entre os frs. 19 e 20 W da seguinte forma: até a publicação do *POxy 3965* acreditava-se que comporiam um fragmento contínuo, como citado em Estobeu, já que faltava somente um pentâmetro ao final do fragmento; os vv. 6-13 da citação de Estobeu, no entanto, são precedidos no *P. Oxy 3965* por 4 versos incompatíveis com os citados pelo antologista; no papiro também há 8 versos além dos encontrados na citação. Sider (2001, p. 277) considera, assim, que o antologista tenha juntado diferentes excertos de um mesmo poema de Simônides e arranjado-os dessa forma. Ponderando, porém, o modo como, em outra passagem¹¹¹, Estobeu dispõe versos de Sólon e Baquilides, Sider (2001, p. 278) não descarta que poderiam ser excertos até mesmo de poemas diferentes de Simônides.

Tendo abordado esses problemas de ligação entre a citação de Estobeu e os papiros, passemos agora ao fr. 20 W (= *POxy 3965* fr. 26 + Estobeu 4.34.38), que traz uma expansão da visão do poeta sobre o tema da brevidade da vida:

.]ειθο[
.]ντ[. . .].[
. τυτ]θὸν ἐπὶ χρό[νον	
.]ρλ[.]ω παρμενο[
θνητῶ]ν δ' ὄ[φρα τις] ἄνθος ἔχει[ι πολυέρατον ἥβης,	5
κοῦφο]ν ἔχω[ν θυμὸν πόλλ' ἀτέλεσ[τα νοεῖ·	
οὔ]τε γὰρ ἐλπ[ίδ' ἔχ]ει γηρασέμεν [οὔτε τανεῖσθαι,	
οὐδ' ὑγιᾶς ὄτα[ν ἦι, φ]ροντίδ' ἔχει κ[αμάτου.	
νή]πιοι, οἷς ταύ[τη] κείται νόος, ο[ὐδὲ ἴσασιν	
ὡς χρό]νος ἔ[σθ' ἥβης] καὶ βιότοι' ὀλ[ίγος	10
θνη]τοῖς. ἀλλὰ [σὺ] ταῦτα μαθὼν [βιότου ποτὶ τέρμα	
ψυχῆ]ι τῶν] ἀγαθῶν τλῆθι χα[ριζόμενος	
- υυ -]φράζο δὲ παλα[
- υυ -] γλώσσης ἔκφθ' Ὀμηρ[
. (.)πα.δαμα[15
. (.)ω ψυδρῆις ε[

¹¹¹ *Antologia* 4.34.

<p> (.)] ἐν θαλίησι[. . .]ι εὐστρέπτων [</p>	<p> ]ων ἔνθα καὶ []. .[</p>	20
<p> .](?)[.](?)[. . .].[.por pou]co tem[po ](?)[. . . .] (?) perma[necendo(?) enquanto os mortais possuem a amada flor da juventude, leve têm o coração e muitas coisas intermináveis planejam, pois não esperam envelhecer, nem morrer, nem quando saudáveis se preocupam com a doença. Néscios são os que pensam assim! Não sabem que o tempo da juventude e da vida é breve aos mortais. Mas [tu], aprendendo isso [ao final da vida, resiste, e com coisas boas apraz a tua alma.]demonstrou o anti[go(?)] de sua língua escapou Homer[o (.)]onipoten[te(?) (.)](?) da mentira (?)[. (.)] em festividades[. . .](?) bem trançadas [. . . .](?) aqui e []. .[</p>	<p> 5 10 15 20 </p>	

Percebe-se nos vv. 5-13, a expressão do ponto de vista do poeta da necessidade de se ter consciência da brevidade da vida e, assim, aproveitar o tempo com coisas aprazíveis; algo que não se distância do tratamento dado por outros poetas arcaicos à mesma tópica – como Mimnermo, no fr. 2 Allen, e Semônides, no fr. 1 W. A principal diferença surge, porém, a partir do v. 14, pois nesses versos finais há uma nova referência a Homero. Essa referência pode se manifestar na linha de Sider (2001) em relação ao fr. 19 W, de que, através de sua palavra, Homero e aqueles que foram narrados por ele adquiriram a imortalidade. Ferreira (2013, p. 226) pontua, nesse sentido, que “ἀλλά” (“mas”, v. 11) traz uma noção de contraste entre as duas seções do fragmento, sendo que a primeira parte remete à necessidade de se aproveitar a breve existência no deleite de boas recreações, enquanto a segunda parte se refere mais propriamente ao papel da poesia. Uma hipótese levantada pela autora é de que o poeta destacaria a poesia como conferindo a capacidade de suportar mais facilmente a vida¹¹². No entanto, o verbo “φράζω” (“demonstrar”) no v. 13 tem uma conotação mais intelectual, racional, de modo que o que teria sido demonstrado, ou comprovado, por Homero, não seria algo em um sentido afetivo de apreciação musical.

¹¹² Visão semelhante sobre o papel da poesia está presente em Hesíodo (*Teogonia*, v. 55), que refere à Mnemosine como “ληημοσύνην τε κακῶν ἄμπαυμά τε μερμηράων” (“esquecedora de males, repouso das atribuições”).

Outro aspecto que chama a atenção nesse fragmento é o uso da segunda pessoa no v. 11. Sider (2001, p. 286) acredita que o referente possa ser o próprio Mimnermo, de modo que haveria um diálogo direto com o fr. 2 Allen. Obbink, porém, considera improvável essa hipótese, uma vez que Mimnermo não estaria vivo nesse período, ponderando também que a proposta de Sider estaria mais conectada ao v. 3 do fr. 21 W (2001, p. 83-84). O uso da segunda pessoa no v. 11 seria também um elemento contra a teoria de que os fr. 19-20 W faziam parte do mesmo poema do fr. 11, levantando dúvidas sobre quem seria o referente desse endereçamento (OBBINK, 2001, p. 83). Obbink parece interpretar de forma literal essa interlocução com Mimnermo, levando em conta apenas a possibilidade de uma comunicação pessoal entre ambos. Contudo, podemos considerar que se trata de um diálogo poético, mais ao modo como Sólon (fr. 20 W) se dirige a Mimnermo (fr. 6 Allen) dizendo preferir que *moîra* (a morte) lhe atinja aos oitenta anos, ao contrário deste último que pedia que lhe atingisse aos sessenta anos – para não sofrer em demasia os males da velhice. Corrobora a hipótese de uma intertextualidade mais direta, ainda, a presença, no terceiro verso, da expressão “τυτ]θὸν ἐπὶ χρό[vov]” (“por pouco tempo”) que ecoa de modo muito próximo a expressão “πήχυιον ἐπὶ χρό[vov]” (“um lapso de tempo) no fr. 2 Allen de Mimnermo (SIDER, 2001, p. 281). Outro ponto a considerar é que o “σὺ” (“tu”) no v. 11 é um enxerto, de modo que não temos certeza se, de fato, há um endereçamento em segunda pessoa nesse fragmento.

West (1992a, p. 123) e Ferreira (2013, p. 227), contudo, defendem um contexto simposial para o poema, do qual os fr. 19-20 W fariam parte, baseando-se tanto na apóstrofe do v. 11 quanto na expressão “ἐν θαλίῃσι” (“em festividades”) do v. 17. Quanto ao uso da expressão “ἐν θαλίῃσι”, destaca-se que o vocábulo não é empregado apenas em contexto simposial, podendo remeter também a festividades públicas¹¹³.

Desse modo, mantém-se aberta a possibilidade dos fr. 19-20 W estarem contidos em uma elegia narrativa e até mesmo no poema de Plateias. A menção à brevidade da vida pode servir para invocar o grande feito dos combatentes de Plateias, que tiveram suas vidas terminadas abruptamente, como um paradigma para os contemporâneos do poeta, instigando-os a emular a conduta dos guerreiros do passado.

Portanto, passaremos agora para o Fr. 21 W (= *P. Oxy 2327* fr. 1+2(a) col. I), de temática mais simposial:

].οὐδ' ὑπερ[
]. .[. . .]μενος
ο]ὺ δύναμαι, ψυχ[ή,] πεφυλαγμένος ε[ἶ]ναι ὀπηδός·

¹¹³ *Hino Homérico 4 a Hermes*, v. 56; Heródoto, *Histórias* 3.27; 8.99.

χρυσῶπιν δὲ Δίκ[ην ἄζ]ομαι ἀχνύμενος, ἐ]ξ οὗ τὰ πρῶτα νεο[τρεφέ]ων ἀπὸ μηρῶ[ν	5
ἡ]μετέρης εἶδον τέρμ[ατα πα]ιδείης, κ]υά[ν]εον δ' ἔλεφαντίνεόν [τ' ἀνεμί]σγέτο φέ[γγος, — υυ] δ' ἐκ νιφάδων [— υυ — υυ ἰ]δεῖν. ἀλλ' αἰδ]ῶς ἤρυκε, νέου δ.[. .]ι[] ὕβριν	
. [] ἐπέβη[] νοι·	10
. [] οφύλλοις	
. ←? ἀκροπόλοισ]	
. [] τη	
.] .não por[] . [. . . .](?)	
n]ão posso, ó alm[a,] s[e]r teu dedicado assistente, a Justiça de áureo ze[lo ad]miro lamentando, d]esda que pela primeira vez de nossas [ten]ras	5
c]oxas vi o fin[al da ju]ventude, n]eg[r]o com marfínea [luz] mistur[ado, — υυ] das neves [— υυ — υυ v]er. Mas a verg]onha me restringiu, do jovem (?).[. .](?) [] transgressão	
. [] chegou[](?)	10
. [](?)	
. ←? Elevadas (montanhas?)]	
. [](?)	

Martin L. West em *Studies in Greek Elegy and Iambus* (1974), ainda considerando este fragmento como o *adespota elegiaca* 28, destaca que o poeta revela que está prestes a perder a reverência (“ἄζ]ομαι”, v. 4), ou seja, prestes a perder o controle ou a inibição sexual que mantivera devido aos costumes gregos desde que atingira a maturidade. Nos versos 5-7, há um contraste entre o claro e o escuro, aludindo à alvura da pele juvenil que se torna matizada com o negro dos pelos, representando assim a puberdade e a chegada à vida adulta, na qual deve deixar a posição de *erómenos* (de “amado”) nas relações homoafetivas. O terceiro verso parece ainda indicar uma intertextualidade com Teógnis (vv. 695-696), que também apresenta um diálogo do Eu com seu órgão de intelecto:

οὐ δύναμαί σοι, θυμέ, παρασχεῖν ἄρμενα πάντα:
τέτλαθι: τῶν δὲ καλῶν οὔτι σὺ μόνος ἐρᾷς.

Não posso, coração, te ofertar tudo o que faz bem:
Resiste! Tu não és o único a ansiar por belezas¹¹⁴.

Percebe-se, portanto, que tanto Simônides quanto Teógnis se dirigem à alma ou ao coração (tido para os gregos como órgão responsável pelo intelecto) no intuito de refrear suas emoções. Teógnis também se dirige a um interlocutor chamado Simônides entre os versos 1341-1350, que, para West (1993, p. 12), pode ser o “nosso” Simônides. No caso do fragmento 21 W

¹¹⁴ Tradução de Rafael Brunhara (2017, p. 344).

de Simônides, porém, não está claro qual o impedimento à realização da vontade amorosa do poeta, podendo se tratar da própria convenção das relações homoeróticas ou da velhice do Eu, que o impediria de participar como antes dos jogos de sedução (FERREIRA, 2013, p. 230). O desejo do poeta, contudo, é também tema central do fr. 22 W, que, de modo semelhante, apresenta um Eu incapaz de concretizar seu desejo amoroso.

O fr. 22 W já se distancia um pouco da discussão da elegia histórica, mas se mostra interessante para o presente estudo pela possibilidade de remeter a uma celebração fúnebre, trenódica, ponto levantado por Yatromanolakis (2001). Nesse fragmento, o Eu descreve sua vontade de chegar a uma ilha paradisíaca, provavelmente a Ilha dos Bem-aventurados, onde encontrará antigos amigos (ou amantes) e desfrutará de prazeres da juventude. O fr. 22 W é formado a partir da sobreposição de fragmentos dos Papiros de Oxirrincos 2327 e 3965 (*P. Oxy* 2327 fr. 3+2(a) col. ii + 4 + 3965 fr. 27):

.		.οιο θαλάσσης	
.].ουσα πόρον·	
.]μενος ἔνθα περανα[
[]	
.]οιμι κελευθο[5
.]ν κόσμ[ο]ν ιο[στ]εφάνων	
.] ἔδος πολύδενδρον ἰκο[
.	ε.[. . . .]	εὐαγ[έ]α νῆσον, ἄγαλμα .[
κα[ὶ κεν]	Ἐχεκ[ρατί]δην	ξανθότρ[ιχα	
ο.[.]	ν χειρα	λάβοι.[10
ᾠφρα	νέο[ν]	χαρίε]ντος ἀπὸ χροὸς ἄν]θος	
λείβοι	δ' ἐκ βλ[εφάρ]ων	ἡμερόεντα [πόθον	
καί κεν	ἐγ[ώ(ν)]]δος ἐν ἄνθε[σι(ν)]	
	κεκλιμένος	λευκ[.] . . φαρκίδας ἐκ.[
χαίτη[ισι]ν	χαρίε[ντ]α	νεοβλαστ[15
[.]	εὐανθέα	πλε[
μο[. . . .]	δ' ἡμερόεντα	λιγὸν .[
	ἄρτι[επέα]	νωμῶν γλῶσσαν α[
[]	
	τῶνδε.[20
εὐκομπ[
.		undís]sono mar	
.].(?) caminho·	
.](?) lá termi[nar(?)	
[]	
.		termin]ando o cami[nho	5
.](?) arran[j]o de coroas viol[ác]eas	
.] ao assento de densa mata ve[io(?)]/ ou	
vieram (?)			
.	(?)[. . . .]	radi[a]nte ilha, glória .[
e[quiçá]	Equec[ράτι]des	de dourados ca[chos	
(?)[.]	(?)	mão tomarei.[10

apontando também que a viagem à Ilha dos Bem Aventurados e o encontro com o jovem amado seriam os temas centrais do poema como um todo (p. 201-202). Parsons (1992a apud MACE, 2001, p. 200) propõe, no entanto, que o tema central é a busca por rever a versão mais jovem de Equecrátides. Embora ambas as visões possam ser tidas como centrais no fragmento, não se descarta, porém, que essa passagem estivesse contida em um contexto maior, talvez um encômio celebrando algum descendente de Equecrátides, não sendo assim o tema central do poema como um todo.

O contexto de execução desse fragmento é, portanto, objeto de debate, do qual destacaremos dois posicionamentos: de que seria executado em contexto simposial – ponto defendido por Mace (2001), assim como Ferreira (2013); e de que seria uma elegia trenódica – defendido essencialmente por Yatromanolakis (2001). West (1993, p. 13), ainda, propunha se tratar de um *propemptikon*, uma canção de despedida para alguém que está partindo. Porém, contra a posição de uma *performance* pública, Ferreira (2013, p. 236) destaca a ocorrência de imagens simposiais no fragmento, como: flores (v. 11), sedução (vv. 12 e 17) e rejuvenescimento (v. 14). Observamos, contudo, que o desejo de participar de um simpósio "mítico" na Ilha dos Bem-aventurados não indica necessariamente que o poeta estaria presente em um simpósio no momento de execução do poema.

Yatromanolakis (2001, p. 211) considera, nesse sentido, que a voz no fragmento seria de uma personagem e que esta fosse feminina, para a qual aponta a figura de Díseris, esposa de Equecrátides e mãe de Antíoco (antigo patrono de Simônides na Tessália). A base dessa proposta é o fr. 528 PMG de Simônides, encontrado em um excerto de Élio Aristides¹¹⁵ que relata que Díseris lamentou muito a morte do filho, sendo a associação entre o poeta e a rainha tessália corroborada por um escólio a Teócrito¹¹⁶:

[Élio Aristides] ποῖος ταῦτα Σιμωνίδης θρηνήσει; τίς Πίνδαρος ποῖον μέλος ἢ λόγον τοιοῦτον ἐξευρών; τίς χορὸς ἄξιον φθέγγεται τοιούτου πάθους; ποία δὲ δύσηρις Θεεταλῆ τοσοῦτον πένθος ἐπένησεν ἐπ' Ἀντιόχῳ τελευτήσαντι;
[Escólio a Teócrito] πολλοὶ ἐν Ἀντιόχοιο δόμοις· ἀντὶ τοῦ ἄγαν πλούσιοι, ὥστε πολλοῖς παρέχειν τὴν τροφήν. ἀλλ' οὐδὲν ἤνυσεν ὁ πλοῦτος αὐτῶν πρὸς τὴν νῦν δόξαν, εἰ μὴ ὑπὸ Σιμωνίδου ὑμνήθησαν . . . ὁ δὲ Ἀντίοχος Ἐχεκρατίδου καὶ Δυσήριδος υἱὸς ἦν, ὡς φησι Σιμωνίδης.

[Élio Aristides] Como Simônides comporia trenos para esses fatos? Que tipo de melodia ou palavras Píndaro encontraria para isso? Que tipo de coro poderia exprimir tal sofrimento? Como a tessália Díseris tanto lamentou a morte de [seu filho] Antíoco?

[Escólio a Teócrito] *Muitos na casa de Antíoco*: antes de [se tornarem]

¹¹⁵ 31.2 Keil.

¹¹⁶ xvi 34-35, p. 327 W.

excessivamente ricos ao ponto de prover o sustento de muitos. Mas ninguém conheceria a riqueza deles como agora sabemos, se não fosse por Simônides cantar hinos . . . e Antíoco era filho de Equecrátides e Díseris, como disse Simônides.

No primeiro excerto, portanto, o orador está questionando o modo como retratar um grande sofrimento na poesia, para o qual invoca os exemplos de Simônides, Píndaro e da rainha Díseris; aparentemente sem uma menção direta à relação entre o poeta de Ceos e Díseris. Já no escólio, é ressaltada a relação de Simônides com a família tessália chegando ao ponto do escoliasta afirmar que a fama da família na posteridade se deve ao trabalho deste poeta. Desse modo, ele poderia ter composto um treno para que a mãe entoasse em uma cerimônia fúnebre dedicada a seu filho. O fr. 529 PMG¹¹⁷ também relata que Simônides escreveu epinícios e trenos para os reis tessálios¹¹⁸. O lamento que vemos no fragmento 22 W, porém, seria para Equecrátides e não Antíoco, como relata o fr. 528 PMG, ao que Yatromanolakis (2001, p. 213) propõe que o treno poderia ser para o filho, mas contendo menções ao pai. Yatromanolakis (2001, p. 219-220) defende, por fim, que esse seria um exemplo de que a associação entre elegia e lamento fúnebre seria bastante antiga na poesia grega. Mace (2001, p. 205), no entanto, opõe-se a essa visão e considera pouco usual a voz feminina usada por poetas masculinos na poesia grega¹¹⁹ e que a menção à atividade poética ao final do fragmento indicaria uma associação do Eu com o poeta. Outro argumento levantado pela estudiosa é a frequência de *topoi* homoeróticos neste fragmento.

Desse modo, seguiremos agora por essas duas linhas de análise, apontando alguns elementos mais detidos da reconstrução do fragmento. Nos versos iniciais (vv. 1-4), Mace (2001, p. 187) observa já uma parte do desejo do poeta – de ele próprio viajar à ilha –, enquanto West (1993, p. 13) considera que se refiram ao destinatário do poema, ou seja, àquele que executaria a viagem. Já para o segundo verso, Yatromanolakis (2001, p. 214) propõe que a terminação - ουσά seja feminina, ligada à voz feminina que recitaria o poema, e que a palavra seguinte poderia ser “πόρον” (“caminho”) ou “ἄπορον” (“sem caminho”, remetendo aos percalços da viagem).

No verso 5, inicia-se uma sequência de optativos que se repetem nos vv. 7, 10, 12 e 13.

¹¹⁷ = Escólio a Teócrito 16.44 Wendel.

¹¹⁸ O lado trenódico de Simônides também era conhecido na literatura latina (Catulo 38.8; Horácio, *Carmina* 2.1.28-37).

¹¹⁹ Esse argumento não nos parece muito convincente, pois, como demonstra Yatromanolakis (2001, p. 212), há exemplos de voz feminina em poetas como Alceu 10 Voigt, Teógnis (*Teognideia*, vv. 257-260, 579, 582, 861-864) e talvez Anacreonte fr. 385 PMG, o que em uma literatura tão escassa quanto a poesia grega arcaica já é um número significativo. Há de se considerar, no entanto, que nenhum desses fragmentos se constituiria de um poema inteiro cantado por uma voz feminina.

Yatromanolakis (2001, p. 214) propõe que no verso 5 pode haver uma pergunta retórica, como: “πῶς κεν ρεῖδιην τάχα νῦν εὖρ]οιμι κέλευθο[v” (“como agora rápido e facilmente encontraria o caminho?”). O conjunto de optativos poderia também ter um sentido mais conjectural para o autor, em uma construção como εἰ + optativo e ἄν + optativo, que exprimiria uma ideia potencial, como “se eu chegasse lá, faria...”.

Esse sentido potencial pode ser esclarecido pela presença de figuras ilustres na ilha. O vocábulo “ιο[στ]εφάνων” (“de coroas violáceas”, v. 6), se seguirmos Teógnis¹²⁰ e Baquilides¹²¹, se refere às Musas, que poderiam estar na ilha acompanhando os “abençoados” (MACE, 2001, p. 188). Desse modo, o “κόσμη[ο]ν” (“arranjo”) mencionado no mesmo verso pode se referir à arte do poeta ou ao destino (a ilha). Já “ἔδος πολύδενδρον” (“assento de densa mata”) é uma expressão frequentemente usada para lugares idílicos¹²² e que no caso parece ser utilizada em aposição a “νησον” (“ilha”) do v. 8. Ainda no verso 8, “ἄγαλμα” (“glória”), para Mace (2001, p. 191), é uma marca do favor divino ou da recompensa pelos méritos, e corresponderia à própria entrada na Ilha dos Bem-aventurados.

Desse modo, chegamos ao reencontro do Eu com Equecrátides. No entanto, apesar de termos fortes indícios de que Equecrátides está associado à corte tessália, emergem dúvidas sobre quem seria o Equecrátides referido pelo poeta. A crítica sugere três possíveis personalidades (que passaremos a mencionar doravante pela combinação da letra E, de Equecrátides, e o número referente à hipótese mencionada) que poderiam ser objeto de atenção do Eu: (E1) o pai de Antíoco, um dos patronos de Simônides, e esposo de Diseris; (E2) um rei tessálio, pai de Orestes, mencionado por Tucídides¹²³; e (E3) filho de Antíoco (portanto, neto de E1), uma figura hipotética sugerida por Mace (2001). A menção a Equecrátides, para Ferreira (2013, p. 235), indica que Simônides não estaria mais na corte tessália no momento de composição desse poema, justamente por sua referência ser em tom nostálgico, e por isso o contexto para a autora é uma incógnita. Contudo, considerando que o Equecrátides mencionado seria alguém que teria falecido e se encontrava na Ilha do Bem-aventurados, não é impossível que o poeta estivesse se dirigindo a um público tessálio, recordando de um importante patrono do passado.

West (1993a, p. 13) sugere, nesse sentido, que E1 seria um velho amigo de Simônides, que o saúda ao reencontrá-lo na ilha. Para West, no entanto, haveria dois personagens diferentes mencionados no poema: um deles é Equecrátides, o amigo que recebe o poeta, e o outro é o

¹²⁰ *Teognideia*, v. 250.

¹²¹ *Ode 5*, v. 3. Na *Antologia Palatina* (13.28.12), há ainda um epigrama atribuído a Baquilides ou Simônides que utiliza o mesmo epíteto.

¹²² Como o Olimpo na *Iliada* (5, v. 367).

¹²³ *História da Guerra do Peloponeso*, 1.111.

garoto objeto de desejo do poeta. Mace (2001, p. 200) se opõe, afirmando que não há sugestão de outra personagem no contexto do poema e que “ξανθότριχα” (“de dourados cachos”, v. 11) só poderia se referir ao objeto de desejo do poeta. Mace (2001, p. 201), porém, é quem faz a sugestão menos usual, sugerindo que fosse E3, um neto do Equecrátides patrono de Simônides, o objeto de desejo do Eu, pois ele é quem estaria em idade adequada para ser um *erómenos*, um amado do poeta, que já estava em idade avançada (a qual era adequada apenas para a posição de *erastés*).

Uma situação semelhante é vista em Píndaro (fr. 123 S-M), que admira um parente mais jovem do patrono. Nigel Nicholson (2000, p. 235-236, 242-243) destaca que, em Píndaro, o modelo homoerótico é utilizado para disfarçar a condição de comissionado do poeta, ou seja, transforma a composição do poema de um simples contrato financeiro em uma relação de amor e admiração. Assim, para combinar o *tópos* da relação pederástica com um patrono adulto (que não está mais em idade adequada para ser objeto de admiração homoerótica), Píndaro usa um "terceiro elemento": o patrono quando jovem, um jovem parente do patrono ou até mesmo um exemplo mítico. O ponto fraco da sugestão de Mace (2001) em relação a E3, no entanto, é ser uma hipótese *ex nihilo*, uma vez que não há qualquer indício de que houvesse, de fato, um filho de Antíoco chamado Equecrátides, além de não estar claro o porquê desse jovem se encontrar na Ilha dos Bem-aventurados. Baseados na materialidade histórica que possuímos até o momento, a hipótese mais provável parece ser de E1, sendo este atestado em registros da antiguidade. Tendo ciência de que seu filho Antíoco fora um patrono de Simônides, o endereçamento a E1 poderia ser uma forma do Eu manifestar sua afeição ao patrono de modo indireto, já que no contexto da Ilha dos Bem-aventurados todos gozariam de uma eterna juventude, de modo que os padrões homoeróticos talvez não precisassem seguir os mesmos princípios do mundo grego habitual.

Ainda em relação ao teor erótico do poema, Mace (2001, p. 193) vê em "νεο[v] ... ἄν[θος]" (“flor da ... jovem”) uma variação de “ἡβης ἄνθος” (“flor da juventude”) e a sensualidade da passagem como um todo seria uma “reminiscência” da cena de sedução presente no *Epodo de Colônia* de Arquíloco (196a W, vv. 28-29) em que o poeta concretiza o ato sexual com Neóbula, reclinando-a (“ἔκλινα”, v. 29) em meio a flores. O amor erótico para a autora teria lugar de destaque nessas utopias, como em Empédocles¹²⁴, que relata que, na era de ouro, Afrodite era a soberana entre os deuses, indicando que os prazeres sexuais eram de suma importância nessa era da humanidade. O fato da cena do *Epodo de Colônia* se referir a

¹²⁴ B 128 DK.

uma relação heterossexual pode corroborar a hipótese da personagem feminina Díseris ser o Eu do poema; embora no caso de Simônides se trataria de uma mulher manifestando um desejo erótico, algo não muito usual na poesia grega.

Yatromanolakis (2001, p. 215) ainda crê que, no verso 12, “ἡμερόεντα πόθον” (“amável desejo”) remeta aos “sentimentos de saudade que o falecido retribuiria à *persona loquens* amada que imagina visitá-lo”¹²⁵, sendo que o autor acredita que o adjetivo “ἡμερόεις” estaria na verdade em sua forma nominativa, de modo que se relacionaria exclusivamente ao “desejo”. A expressão corroboraria o entendimento de que o poema estaria detido na ideia do reencontro, transmitindo a vontade do Eu de retomar no pós-morte o amor que teve em vida.

Além do reencontro amoroso, também parece haver a busca pelos divertimentos que tiveram em vida. Os vv. 13-14 parecem indicar mais propriamente uma cena simposial pelas menções às flores e possivelmente a uma guirlanda no v. 14. O alvo da sedução aparentemente é Equecrátides de cabelos louros (“ξανθότρ[ιχα”, v.9) de quem o Eu quer pegar a mão (“χεῖρα λάβοιμ[ι”, v. 10). Essa última expressão novamente se aproxima de Arquíloco, do fr. 118 W, que, como no fr. 196a W citado anteriormente, ocorre em contexto heterossexual: “εἰ γὰρ ὥς ἐμοὶ γένοιτο χεῖρα Ν<εο>βούλης θιγεῖν” (“assim me ocorra tomar a mão de Néobula”). Nesse sentido, Mace (2001, p. 202) considera o poema erótico (não no sentido de uma sedução real, mas de destacar a atratividade de Equecrátides) e simposial (considerando o contexto privado como o ideal para a poesia encomiástica erótica). Yatromanolakis (2001, p. 218) não vê uma indicação de um simpósio masculino comum estritamente falando, mas define a cena como a descrição de um banquete idílico, que obviamente possui semelhanças com um simpósio “normal”. Esse banquete idílico, para o autor, pode envolver ambos os gêneros como aparecem nos *Totenmahl reliefs*, relevos funerários que, apesar de haver variações, apresentavam geralmente um homem ou uma mulher reclinado ao lado de uma mesa com comida e bebida, podendo estar também presentes parentes próximos (homens ou mulheres) presentes na cena (STEWART, 2009, p. 253-255). Desse modo, ao julgar os exemplos do fragmento de Arquíloco e da imagem funerária dos *Totenmahl reliefs*, não seria impossível que a cena fosse um encontro da viúva Díseris com seu falecido marido.

No v. 14, há uma curiosa menção às “rugas” (“φαρκίδας”), provavelmente do Eu que chega à ilha. O termo é importante para a compreensão do fragmento, segundo Mace (2001, p. 194), uma vez que é a partir dele que podemos ter ideia do tipo de interação que o Eu terá na Ilha dos Bem-aventurados. West (1993, p. 12) interpreta que nesse verso haveria uma menção

¹²⁵ Tradução minha: "feelings of longing that the dead would reciprocate to the loved *persona loquens* who imagines visiting him"

à ideia de se livrar das rugas, de modo que a chegada à ilha garante o rejuvenescimento do Eu. Já “λευκ-“ (“branco”) é visto como relacionado às “rugas” por West, enquanto Parsons (1992a, p. 42 apud MACE, 2001, p. 195) propõe o suplemento “λευκ[ο]ῖς” que se relaciona a “ἄνθε[σι(v)]” (“flores”) do verso anterior. Yatromanolakis (2001, p. 216), no entanto, propõe que o sentido de “φαρκίδας” seria de que a personagem estaria escondendo as rugas com uma guirlanda, o que não nos parece muito cabível dentro do contexto temático do poema de ida a um local que garante rejuvenescimento.

A imagem simposial é ainda reforçada no v. 16 pelo vocábulo “πλε[κ-]” (ou “πλε[ξ-]”) que provavelmente se refere ao ato de “fiar”, como o fiar de uma guirlanda, acessório associado ao simpósio. Para Mace (2001, p. 192), esse contexto é em si um “complemento tradicional para paisagens utópicas”¹²⁶ na literatura grega¹²⁷. Ainda, “ἰμερόεντα λιγὸν” (traduzido aqui como “eloquente língua”, v. 17), para Mace (2001, p. 196), é uma retomada de “ἰμερόεντα” do v. 12 (“amáveis”, utilizado para descrever os olhos do jovem). Desse modo, para a autora, a expressão no v. 17 compararia a beleza do jovem atraente com a da canção, sugerindo assim “um som melífluo e sedutor, talvez de um aulo”¹²⁸. Mace (2001, p. 199) ainda vê nos versos finais do fragmento (vv. 19-22) uma transição para o “aqui e agora”, sendo “τῶνδε” (“desses”, v.20) uma referência a pessoas do presente do poeta.

Assim, percebemos como o poeta se vale de imagens simposiais para caracterizar possivelmente a recompensa do pós-morte na Ilha dos Bem-aventurados, permanecendo em aberto, porém, o contexto em que essa associação é utilizada na economia geral do poema. Desse modo, podemos ter tanto um poema breve e simposial quanto um treno ou um encômio mais longo que poderia recorrer a essa entre outras imagens para o lamento ou a celebração de uma personalidade importante. Caso se trate de um treno, esse fato teria repercussões para o modo que compreendemos o poema de Plateias, uma vez que sua execução também poderia se dar em contexto fúnebre.

Encerramos, assim, a abordagem dos fragmentos de Simônides de possível contexto narrativo descobertos entre os *Papiros de Oxirrinco*. De agora em diante, nos deteremos na consideração de questões mais particulares ao poema de Plateias (fr. 10-17 W). Assim, abordaremos a seguir a figura de Pausânias e as consequências de sua menção no fr. 11 W para

¹²⁶ Tradução minha: "traditional complement to utopian landscapes".

¹²⁷ Exemplos da associação do simpósio com a recompensa no pós-morte podem ser vistas em Píndaro (*Olímpica* 2, v. 74; *Pítica* 10, v. 40), Aristófanes (*As Rãs*, vv. 329-330) e Platão (*República* 363c-d). No exemplo de Platão, Sócrates justamente critica essa associação.

¹²⁸ Tradução minha: "a melifluous seductive sound, perhaps of the aulos". Para a noção da beleza do som do aulo, ver Teógnis (*Teognideia*, vv. 241-243).

a compreensão do poema de Plateias e, em seguida, delimitaremos as possíveis ocasiões de performance da primeira execução pública do poema.

2.3 Pausânias e o poema de Plateias

Pausânias foi o general espartano eternizado justamente pela sua liderança das tropas pan-helênicas durante a batalha de Plateias, que se constitui como o momento de reviravolta nas Guerras Médicas, quando os gregos passam a ofensiva, impulsionando os persas de volta à Ásia. A menção direta no fr. 11 W de Simônides, no entanto, pode indicar mais do que apenas o reconhecimento de um grande general, uma vez que os relatos da vida de Pausânias após a batalha de Plateias demonstram uma queda em sua estima, levando à sua eventual condenação e morte em Esparta.

Porém, façamos um breve percurso por alguns eventos significativos desse importante general a fim de traçar um possível contexto ou período para a performance do poema de Plateias. Sua nobreza derivava do seu pertencimento à família dos Agíades, que ocupava um dos dois postos de rei em Esparta, o outro sendo pertencente a um membro da família dos Euripôntidas. Pausânias, contudo, nunca se tornou rei, tendo assumido o posto de regente com a morte de seu tio Cleômbroto e pelo fato de seu primo Plistarco, o seguinte na linha de sucessão, ser muito jovem para assumir o cargo. Segundo White (apud RHODES, 1970, p. 398), os reis espartanos assumiriam o cargo com 20 anos, mas sob a tutela de conselheiros, que eram dispensados quando o rei chegava aos 30 anos. O posto de regente, contudo, não impede Pausânias de assumir um poder bastante elevado tanto entre os espartanos quanto entre os aliados gregos de modo geral – o que pode ter desencadeado a oposição dos atenienses, como se verá mais adiante. Heródoto¹²⁹ destaca um papel decisivo de Pausânias em Plateias, o que podemos considerar não apenas como o bom desempenho de sua função, mas com um exemplo de “ἀριτή” (de “excelência” em batalha), destacado, por exemplo, em sua atitude de rejeição à profanação do cadáver do general persa Mardônio¹³⁰. A vitória em Plateias também foi compreendida como uma vingança por Leônidas e Termópilas¹³¹, o que pode contribuir para o aumento da honra pela vitória. Nafissi (2013, p. 65-66) considera que a vitória em Plateias é

¹²⁹ Heródoto (*Histórias* 9.64; 9.78) destaca Pausânias como o vencedor de uma das mais belas vitórias.

¹³⁰ Heródoto, *Histórias* 9.79.1-2. Em outra passagem, Heródoto (*Histórias* 9.81.2) demonstra também o reconhecimento dado a Pausânias na distribuição dos espólios. Diodoro Sículo (*Biblioteca Histórica* 11.33) relata a decisão dos prêmios de melhor cidade combatente (“ἀριστεῦσαι πόλιν”) para Esparta e de melhor homem para Pausânias.

¹³¹ Heródoto, *Histórias* 9.64.

uma questão de honra (“τιμή”) pessoal e familiar, por ser uma vingança pessoal de Pausânias pela morte do rei Leônidas (seu tio). O autor ainda considera essa busca por honra como um dos principais impulsionadores dos futuros conflitos envolvendo esse general espartano.

Apesar de sua importância nessa batalha decisiva, que teria ocorrido em 479, o prestígio de Pausânias duraria pouco, pois, após a vitória, parte em missão para Chipre e Bizâncio, onde supostamente teria feito uma aliança com o Sátrapa persa Artabazo, que o levou a ser posteriormente acusado de “medismo” em Esparta. O general parte em campanha para o Chipre logo após Plateias e, segundo Loomis (1990, p. 491), teria chegado nessa ilha entre março e abril de 478 lá permanecendo até julho do mesmo ano. Loomis (1990, p. 487-488) acredita que a expedição ao Chipre só poderia ter ocorrido após o cerco dos atenienses e seus aliados jônicos em Sesto¹³² e que a viagem teria sido indireta, devido à falta de ventos propícios nessa época do ano na região e de provisões para os exércitos (p. 489-490). Desse modo, Loomis (1990, p. 491) disputa a cronologia mais tradicional que coloca os eventos de Chipre e Bizâncio em um mesmo ano, o que ocorreria em um período de apenas 8 meses; o autor também considera que seria um período muito breve para a reputação de Pausânias decair tão vertiginosamente. Nessa linha de pensamento, o exército liderado por Pausânias teria chegado a Bizâncio em 478, mas a tomada da cidade ocorreria apenas na primavera de 477. Shaw (2001, p. 175), ao supor os Jogos Ístmicos em Corinto como ocasião de performance para o novo fragmento de Simônides, considera que Pausânias também tenha comparecido a essa festividade por volta de 478-477¹³³.

Sobre a expedição de Pausânias, Tucídides¹³⁴ relata que o general fora para Chipre e Bizâncio com vinte navios do Peloponeso, trinta navios atenienses, além de outros navios aliados. Contudo, ainda segundo Tucídides¹³⁵, já nessa expedição teria começado a se impor o comportamento violento (“βιαιού ὄντος”) de Pausânias, que teria provocado o ressentimento especialmente dos aliados jônicos de Esparta e das cidades antes aliadas ou sob o domínio persa. A arrogância de Pausânias nesse período parece ser uma unanimidade entre os autores antigos¹³⁶.

¹³² Um dos argumentos de Loomis é a descrição de Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso* 1.89.2) de que os aliados atenienses, jônicos e do Helesponto partiram para Sesto ao mesmo tempo que o rei Leotíquidas de Esparta retornava à sua cidade após a Batalha de Mícale, que supostamente ocorrera no mesmo dia da Batalha de Plateias. A presença de navios atenienses na expedição de Pausânias é outra evidência de que esta teria ocorrido apenas após o cerco de Sesto, uma vez que dificilmente a cidade conseguiria prover navios para duas expedições ao mesmo tempo.

¹³³ Heródoto, *Histórias* 9.81.

¹³⁴ *História da Guerra do Peloponeso*, 1.94.

¹³⁵ *História da Guerra do Peloponeso*, 1.95.1-4.

¹³⁶ Heródoto, *Histórias* 8.3.2; Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 1.95, 1.130; Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 11.45.5-6, 11.46; Plutarco *Aristides* 23, *Cimon* 6.2-3. Heródoto (*Histórias* 1.132.2) ainda cita o epigrama “arrogante” de Pausânias cuja composição é atribuída a Simônides.

Contudo, a acusação contra ele nesse momento também se torna mais grave, passando a ser de *medismo*, de aliança e adoção de costumes persas como o uso de roupas, de costumes à mesa e de um par de guarda-costas constituído por um persa e um egípcio¹³⁷. Heródoto¹³⁸ apresenta a narrativa de que Pausânias queria se aliar ao rei persa a fim de possuir “ἡ Ἑλληνικὴ ἀρχή” (“o comando dos helenos”), ou seja, de que o general teria desenvolvido pretensões tirânicas. Contudo, esses relatos não são suficientes para possuímos uma visão definitiva sobre o tema, pois os relatos de Plutarco (*Aristides* 23 e *Cimon* 6) não mencionam em nenhum momento a acusação de medismo. Já quanto ao uso de indumentária do inimigo, esse hábito era comum no campo de batalha, como nos mostra a *Iliada*, no canto 17, quando Heitor veste a armadura de Aquiles (vv. 183-214). Nafissi (2013, p. 56), nesse sentido, questiona também sobre o que “em termos psicológicos e históricos”¹³⁹ levaria alguém que fora um dos maiores heróis da luta grega contra os persas a se aliar aos inimigos e pondera que a sua busca pela obtenção de “τιμή” (“honra”) pessoal pode tê-lo posto em conflito com o controle social e a política espartana de orientação conformista (NAFISSI, 2013, p. 60). Outra possibilidade é que a hostilidade de antigos aliados (como os atenienses) pode ter-lhe parecido uma traição, propiciando sua aproximação com os persas, especialmente em sua segunda estadia em Bizâncio (NAFISSI, 2013, p. 80), que será abordada a seguir.

Ao ser acusado de medismo pela primeira vez, Pausânias retorna a Esparta para julgamento, do qual é inocentado, regressando em seguida a Bizâncio, partindo, aparentemente por conta própria, de Hermione com um único navio¹⁴⁰. Shaw (2001, p. 174) comenta sobre a estranheza dessa ação, pois não fica claro o porquê de o ex-general ter optado por essa colônia eubeia em vez da base naval dos espartanos em Giteio. Contudo, ao deixar Bizâncio, os espartanos enviam Dórcis como substituto de Pausânias, que não é aceito pelas tropas, de modo que os aliados recorrem aos atenienses como fonte de liderança, o que dá origem à Liga de Delos¹⁴¹. Se confiarmos no relato de Diodoro Sículo¹⁴², os espartanos se ressentiram bastante pela perda do controle militar marítimo para os atenienses, o que parece bastante plausível se pensarmos nos futuros conflitos que darão início à Guerra do Peloponeso cinquenta anos após

¹³⁷ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 1.130.1.

¹³⁸ *Histórias* 1.128.3.

¹³⁹ “in termini psicologici e storici”.

¹⁴⁰ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 1.95.4; 1.131.1-2.

¹⁴¹ O geógrafo Pausânias (*Descrição da Grécia*, 1.95.6-7) trata da chegada de Dórcis em Bizâncio. Aristóteles (*Constituição dos Atenienses* 23.4) também relata que Aristides angariou alianças para Atenas com cidades jônicas antes aliadas de Esparta, que se afastaram desta cidade por causa de Pausânias. A partir desse relato, Rhodes (1970, p. 395) considera “inevitável” que a formação da Liga de Delos tenha se dado em 478. Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*, 1.131.1-2) também narra a aproximação dos aliados aos atenienses nesse período.

¹⁴² *Biblioteca Histórica*, 11. 50.

esses eventos envolvendo Pausânias. Os conflitos que levaram à derrocada desse general podem não estar relacionados apenas aos seus excessos pessoais, mas a conflitos internos espartanos motivados pelo excesso de influência política de um regente. Nafissi (2013, p. 85-85) chega a considerar que Esparta poderia estar à beira de uma “στάσις” (guerra civil) a esse ponto. O autor também considera que Pausânias possa ter causado inclusive conflitos com antigos aliados de Esparta como os tégeos e os argivos¹⁴³ por causa de seu comportamento, embora não possa ser descartado que esses conflitos se deram após o seu retorno a Esparta (NAFISSI, 2013, p. 83).

No entanto, após regressar a Esparta e ser julgado pela segunda vez, Pausânias é novamente inocentado, de modo que parte para o Helesponto. Sua segunda estadia em Bizâncio, porém, não é menos conflituosa que a primeira. Os atenienses, liderados por Címon¹⁴⁴, cercam a cidade e Pausânias foge para Colona. Nafissi (2013, p. 73) acredita que pode ser nessa sua segunda e breve estadia em Bizâncio que teria sido dedicado o epigrama da trípode (17a FGE) – que veremos em mais detalhes na seção seguinte – composto por Simônides, de modo a ressaltar oportunamente o papel de destaque de Pausânias em Plateias. Contudo, o general é novamente acusado em Esparta, agora convocado por meio de uma “σκύταλη” (cítale – um bastão com uma mensagem codificada), o que indicava um maior grau de autoridade. A sua acusação também é agravada nesse momento pela suposição de conspirar com os helotas (a casta de escravos espartanos), prometendo-lhes a liberdade em troca do auxílio militar. Rhodes (1970, p. 390-391) duvida de alguns elementos dessa narrativa, como o uso da cítale, que denotaria de antemão uma espécie de condenação ou reproche oficial da cidade, e a motivação que levara Pausânias a retornar mesmo ciente do perigo iminente.

Em Esparta, porém, é novamente inocentado por falta de provas, mas após novas complicações judiciais¹⁴⁵, antes de ser preso, foge para o templo de Atenas “χαλκιοίκου” (“de brônzea morada”), onde é cercado e acaba morrendo por inanição¹⁴⁶. Percebemos, assim, que a queda em prestígio de Pausânias é repleta de pontos nebulosos, no entanto, sua retirada do comando militar dos gregos abriu caminho para a ascensão dos atenienses, sob o comando de Aristides, o que possibilitou a formação da Liga de Delos. Portanto, a composição de Simônides

¹⁴³ Heródoto, *Histórias* 9.35.2

¹⁴⁴ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 1.132.

¹⁴⁵ No relato de Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*, 1.132-133), o mensageiro e ex-amante de Pausânias responsável por levar uma carta aos persas desconfiara do não regresso dos mensageiros enviados anteriormente e, assim, abriu a carta, descobrindo que havia uma ordem para matá-lo após a sua entrega. O jovem, assim, leva a carta aos éforas, que desenvolvem uma artimanha para obter uma confissão. Rhodes (1970, p. 390-392) considera que a história provavelmente passou por muitos “improvements” e que a ação dos éforas (desenvolvendo uma artimanha para obter uma confissão direta de Pausânias mesmo após a leitura da carta) é cautelosa demais até mesmo para os espartanos.

¹⁴⁶ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 1.134.

sobre a batalha de Plateias provavelmente teria se dado pouco tempo após a batalha, que ocorre em 479, segundo Loomis (1990) e Nafissi (2013), podendo ter se dado no máximo até a primeira estada de Pausânias em Bizâncio, possivelmente em 478 para Loomis (1990) e 477 para Nafissi (2013), uma vez que após esse momento o general já estaria envolvido em demasia com suas complicações jurídicas em Esparta e com conflitos relacionados aos seus antigos aliados. A relação entre Pausânias e Simônides, porém, era aparentemente um tema frequente na antiguidade¹⁴⁷, se lembrarmos especialmente da anedota de que Pausânias teria importunado Simônides em um banquete para que lhe recitasse um dito sábio, ao que o poeta replica-lhe com o seguinte verso: “lembra-te do que é um homem” (“μεμνήσθαι ὅτι ἄνθρωπος ἐστὶ”¹⁴⁸). Eliano¹⁴⁹ relata que Pausânias teria desdenhado da frase de Simônides no momento, mas que teria se lembrado dela e lamentado sua vaidade quando cercado no Templo de Atenas em Esparta. Não temos, porém, nenhuma referência nesses relatos ao contexto em que dera esse diálogo, podendo apenas imaginar ou que se dera não muito antes da condenação final do general ou que nem mesmo tenha ocorrido, considerando-a como mais uma anedota com o fim de enfatizar o caráter soberbo do general. Portanto, tendo delimitado que o poema de Plateias não poderia ter sido executado além de um ou dois anos após a Batalha de Plateias, consideraremos na seção seguinte alguns contextos de execução possíveis para esse poema.

2.4 Festival Público

O festival público se apresenta como um contexto bastante plausível para a execução inicial do fragmento de Plateias, levando em conta a temática do poema e seu caráter grandioso, com estrutura hínica e proêmio; não se exclui, porém, a hipótese de que o poema seria também reexecutado em simpósios. Contudo, ao assumir a possibilidade do festival público como principal ocasião de performance, emergem vários contextos possíveis, excluindo a princípio apenas Corinto, devido à menção de Plutarco, correspondente aos frs. 15-16 W de Simônides vistos anteriormente, de que Simônides teria exaltado Corinto em um poema que não era destinado especificamente a essa cidade. Ainda, pela demarcação de Plutarco de que Simônides estaria “apenas escrevendo-as para narrar em elegias” (“ἐν ἐλεγείᾳ γράφων ἱστορήκεν”¹⁵⁰), é aberta a possibilidade de que não haveria uma cidade privilegiada nesse poema, tendo ele um viés essencialmente narrativo e talvez pan-helênico. Assim, avaliaremos a partir de agora alguns

¹⁴⁷ Platão, *Epístola* 2, 311a.

¹⁴⁸ Plutarco, *Consolatio ad Apollonium*, 6, 105a.

¹⁴⁹ *Varia Historia*, 9.41.

¹⁵⁰ Plutarco, *Sobre a Malignidade de Heródoto* 872D-e = Simonides fr. 16 W.

dos contextos plausíveis para a execução inicial do fragmento de Plateias, suscitados por alusões feitas nos fragmentos ou por referências contidas em outras fontes, remetendo tanto a contextos referentes a cidades particulares quanto a pan-helênicos.

2.4.1 *Festival de Eleuteria em Plateias*

Pela temática do poema, emerge a possibilidade inicial de ter sido recitado inicialmente na própria cidade de Plateias em alguma comemoração ou cerimônia fúnebre em honra aos soldados que ali pereceram. Embora seja imprecisa a data de fundação, é notório que foi instituído o festival de Eleuteria com competições atléticas em honra de Zeus Eleutério (o Zeus da liberdade, por ter livrado os gregos da escravidão persa), celebrado a cada quatro anos em Plateias¹⁵¹. O geógrafo Pausânias¹⁵² afirma que também havia túmulos separados, com inscrições elegíacas, em Plateias para atenienses e espartanos:

κατὰ δὲ τὴν ἔσοδον μάλιστα τὴν ἐς Πλάταιαν τάφοι τῶν πρὸς Μήδους μαχεσαμένων εἰσί. Τοῖς μὲν οὖν λοιποῖς ἐστὶν Ἑλλῆσι μνήμα κοινόν: Λακεδαιμονίων δὲ καὶ Ἀθηναίων τοῖς πεσοῦσιν ἰδίᾳ τέ εἰσιν οἱ τάφοι καὶ ἐλεγείᾳ ἐστὶ Σιμωνίδου γεγραμμένα ἐπ' αὐτοῖς. Οὐ πόρρω δὲ ἀπὸ τοῦ κοινοῦ τῶν Ἑλλήνων Διὸς ἐστὶν Ἐλευθερίου βωμὸς ** τοῦτον μὲν δὴ χαλκοῦ, τοῦ Διὸς δὲ τὸν τε βωμὸν καὶ τὸ ἄγαλμα ἐποίησεν λευκοῦ λίθου.

E bem na entrada estão os túmulos dos que lutaram contra os medos. Dos outros helenos há um memorial comum: mas os memoriais dos lacedemônios e atenienses que sucumbiram são separados e possuem elegias de Simônides escritas sobre eles. Não muito adiante do [memorial] comum dos helenos há um altar de Zeus Eleutério ** esse é feito de bronze, mas o altar e a estátua de Zeus são feitos de rocha branca.

Nessa passagem, há a interessante menção de que nos memoriais tanto dos atenienses quanto dos espartanos as elegias são de Simônides, ficando incerto o autor do memorial comum para os demais helenos. Em seguida, Pausânias¹⁵³ descreve que essa localidade passou a celebrar o festival de Eleuteria, com competições atléticas:

ἄγουσι δὲ καὶ νῦν ἔτι ἀγῶνα διὰ ἔτους πέμπτου τὰ δὲ Ἐλευθέρια, ἐν ᾧ μέγιστα γέρα πρόκειται δρόμου: θέουσι δὲ ὀπλισμένοι πρὸ τοῦ βωμοῦ. Τρόπαιον δέ, ὃ τῆς μάχης τῆς Πλαταιᾶσιν ἀνέθεσαν οἱ Ἕλληνας, πεντεκαίδεκασταδίους μάλιστα ἐστήκεν ἀπωτέρω τῆς πόλεως.

¹⁵¹ Estrabão, *Geografia* 9.31.

¹⁵² *Descrição da Grécia* 9.2.5.

¹⁵³ *Descrição da Grécia* 9.2.6.

Realizam-se ainda hoje a cada quatro anos a Eleuteria, na qual o maior prêmio é para a corrida em que correm armados diante do altar. Já o troféu, que os helenos recolheram da batalha de Plateias, está a cinquenta estádios fora da cidade.

A continuação da descrição do geógrafo¹⁵⁴ acrescenta ainda que havia um templo para Hera e Praxíteles. Desse modo, assumindo a associação de Tétis com a deusa Hera, vista anteriormente ao tratar do fr. 17 W, é possível supor que Aquiles seria celebrado em um templo em homenagem à deusa que lhe protegia durante a Guerra de Troia.

Além disso, o festival de Eleuteria é considerado como o contexto mais provável para Rutherford (2006, p. 40) por ser um evento celebrado com grande pompa. Segundo o relato de Plutarco, após a batalha, o maior galardão pela vitória foi atribuído aos habitantes de Plateias, decisão tomada por votação entre os gregos, aprovada tanto por Pausânias quanto por Aristides (o general ateniense em Plateias). Essa decisão teve o intuito de aplacar a contenda entre espartanos e atenienses sobre quem deteve o maior mérito nessa batalha¹⁵⁵. Contudo, ao consultarem o oráculo de Delfos sobre qual sacrifício deveria ser realizado, o oráculo anunciou que o fogo em Plateias, feito pelos persas, deveria ser antes apagado e o fogo sagrado de Delfos levado para essa cidade a fim de purificá-la para então realizarem-se os rituais religiosos¹⁵⁶. Assim, um mensageiro, Euquidas, foi enviado para completar esse trajeto (Plateias-Delfos-Plateias, que possui aproximadamente 178 km) em um dia e, assim, de modo semelhante ao relato de Fidípides em Maratona, morre logo após retornar a Plateias e entregar o fogo aos seus concidadãos¹⁵⁷. De acordo com Plutarco, é apenas após esse evento que Aristides propõe que a cidade de Plateias seja considerada sagrada e inviolável e que os gregos se reúnam ali anualmente para cerimônias fúnebres e a cada quatro anos para competições atléticas (o festival de Eleuteria)¹⁵⁸. Assim, o festival em Plateias teria iniciado não muito tempo após a vitória sobre os persas.

Já Pierárt e Étienne (1975, p. 64), ao contrário, defendem que o festival de Eleuteria, como celebração atlética envolvendo diversas cidades, teria começado apenas por volta do séc. III a.C. Esses autores distinguem as menções ao culto de Zeus Eleutério em Plateias (rituais religiosos e fúnebres) do festival atlético em si. Pelos relatos de Tucídides, são atestados no séc.

¹⁵⁴ Pausânias, *Descrição da Grécia* 9.2.7.

¹⁵⁵ Plutarco, *Aristides* 20.3.

¹⁵⁶ Plutarco, *Aristides* 20.4.

¹⁵⁷ Plutarco, *Aristides* 20.5.

¹⁵⁸ *Aristides* 21.1.

V o culto a Zeus¹⁵⁹ e o ritual fúnebre¹⁶⁰. Isócrates¹⁶¹ testemunha no séc. IV os ritos fúnebres, porém o festival só é mencionado diretamente a partir do séc. III no decreto de Glauco e no fr. 129 Kock de Poseidipo. Pierárt e Etienne (1975, p. 65) argumentam que o relato de Plutarco não é confiável pela contradição que possui com o relato de Diodoro Sículo¹⁶², que menciona que o culto a Zeus Eleutério se deu em Plateias por causa de um voto coletivo dos gregos anterior à batalha, que prometeram estabelecer esse culto caso vencessem.

Ao nosso ver, o voto mencionado por Diodoro poderia dizer respeito apenas ao culto de Zeus e não ao festival como um todo, porém Pierárt e Étienne trazem também outras incongruências, como o fato de Aristóteles¹⁶³ destacar a falta de comando militar e político em Atenas no período (contradizendo a possibilidade de Aristides ter proposto a criação do festival) e o protocolo apresentando por Aristides, que é ático e, assim, pouco apropriado, na visão dos autores, para uma celebração pan-helênica – além do fato de haverem anacronismos lexicais no decreto do *koinon* dos gregos (1975, p. 66). No entanto, os autores acreditam que poderia haver um *epitáfios ágon* (jogos funerais) ateniense já no séc. V, mas não pan-helênico, pois consideram a busca por uma associação pan-helênica nos primeiros anos após a batalha de Plateias um interesse característico do século III. Nesse período, os macedônios (como antes os persas) avançavam seu domínio centralizante sobre as cidades-estado gregas, as quais, por sua parte, aliavam-se em torno dos ptolomaicos a fim de garantir sua autonomia, tensão que culminou na Guerra Cremonidiana (PIERÁRT & ÉTIENNE, 1975, p. 67-71). Assim, a destruição de Tebas (aproximadamente em 335 a.C.) apresenta-se como marco a partir do qual as outras cidades-estado se aliariam e possivelmente iniciariam um festival atlético em Plateias (Ibid.). Se aceitarmos as considerações de Pierárt e Étienne (1975), seria descartada a hipótese de um festival público com competições atléticas como a ocasião de performance inicial do fragmento de Plateias, sendo esse ponto corroborado pela ênfase em Pausânias como líder dos gregos no fr. 11 W.

Contudo, ainda há a possibilidade de o contexto de performance ser alguma das cerimônias mais iniciais, até de fundação do templo, uma vez que Tucídides¹⁶⁴ cita que Pausânias sacrificou a Zeus Eleutério logo após a batalha na ágora de Plateias. Robertson (1986) considera a existência de uma disputa entre atenienses e espartanos pela liderança da procissão

¹⁵⁹ *História da Guerra do Peloponeso* 2.71.2.

¹⁶⁰ *História da Guerra do Peloponeso* 3.58.4.

¹⁶¹ *Orações* 14.61.

¹⁶² *Biblioteca Histórica* 11.29.1-2.

¹⁶³ *Constituição dos Atenienses* 26.2.

¹⁶⁴ *História da Guerra do Peloponeso* 2.71.2-4.

inicial do festival de Eleuteria. A discussão entre atenienses e espartanos é bastante atestada, sendo utilizada até mesmo de modo proverbial¹⁶⁵ e, segundo Plutarco¹⁶⁶, foi quase a causa de uma guerra entre as duas cidades. Contudo, a inscrição *IG II², 2089*, aborda um “διάλογος” realizada por efêbos atenienses em Plateias antes do festival de Eleuteria, o que, para Robertson (1986, p. 95), seria um disputa retórica pública e cerimonial entre jovens atenienses e espartanos que ocorreria antes de cada um desses festivais, na qual ambos os lados argumentariam pela primazia de sua cidade na batalha de Plateias.

A inscrição *IG II² 2788* seria um desses discursos, feito pelo representante de Atenas, gravado em pedra. Robertson (1986, p. 96), porém, admite que a disputa retórica seria mais característica do período helenístico, mas não descarta que reuniões de efêbos atenienses pudessem ocorrer anteriormente – como já consideravam Pierárt e Étienne (1975) – e que o festival fosse celebrado a cada quatro anos após a batalha de Plateias (Ibid., p. 90-91). Assim, o posicionamento de Robertson parece corroborar o de Pierárt e Étienne de que as evidências mais sólidas do festival de Eleuteria se referem a um evento caracteristicamente helenístico, porém mantém aberta a possibilidade de haverem outros tipos de celebrações em períodos anteriores. Nesse sentido, Aloni (2001, p. 94) julga serem a construção do altar de Zeus Eleutério e o festival de Eleuteria as ocasiões mais prováveis (p. 101), posição seguida por Boedeker (2001a, p. 133). Boedeker (2001b, p. 148) afirma também que a conclusão de Étienne & Pierárt (1995) de que o festival é apenas posterior “é baseada essencialmente em silêncio”¹⁶⁷. A autora também propõe que os atenienses eram os patronos do festival, baseando-se na hostilidade entre Esparta e Plateias (que culminou na destruição desta pelos espartanos na guerra do Peloponeso¹⁶⁸) (BOEDECKER, 2001b, p. 152).

Seguindo outra linha de análise, Schachter (2016) julga o contexto de Plateias como improvável para a execução inicial do poema devido ao fato de Aquiles ser singularizado no poema, uma vez que ele não esteve presente no saque de Troia e que são enfatizadas no fragmento de Plateias a sua morte e funeral. Contudo, Schachter parece se deter na possibilidade do fragmento de Plateias ser um epinício celebrando a vitória dos gregos. No entanto, como o próprio Schachter apresenta, o único ritual formal atestado nessa localidade no séc. V foi a construção dos túmulos (2016, p. 228). Se considerarmos, assim, que o contexto inicial fosse

¹⁶⁵ Pseudo-Luciano, *Amores* 18 Macleod; Hermógenes 2. p.373-374 Walz = p. 388 Spengel; Díon Crisóstomo *Orações*, 38.38; Irineu de Alexandria, de acordo com a sua entrada na *Suda*, teria escrito um livro chamado *Sobre a precedência dos atenienses* (“περὶ τῆς Ἀθηναίων προπομπίας”).

¹⁶⁶ *Sobre a Malignidade de Heródoto* 42, 873^a.

¹⁶⁷ Tradução minha: "is based essentially on silence".

¹⁶⁸ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 3.58.4

um ritual fúnebre, Plutarco¹⁶⁹ também menciona que, além de Zeus, Hermes ctônico recebia oferendas e libações em Eleuteria, o que demonstra que cultos heroicos também eram realizados nesse festival. Além disso, a ênfase em Pátroclo e Aquiles no fragmento de Plateias pode remeter também aos seus rituais e jogos fúnebres, como ocorre no canto 23 da *Iliada*, que narra os jogos funerários de Pátroclo. Assim, resta aberta a possibilidade de que o fragmento de Plateias tivesse sido executado inicialmente em Plateias (em uma cerimônia fúnebre, com ou sem competições atléticas).

2.4.2 Delfos

Outra localidade que emerge devido ao contexto pan-helênico de suas celebrações é Delfos. O “umbigo do mundo” era conhecido especialmente pelo culto a Apolo e seu oráculo, que era requisitado por viajantes de diversas regiões da Grécia Antiga. Além disso, Delfos era a sede dos Jogos Píticos, uma das competições atléticas mais importantes do mundo antigo, realizados a cada quatro anos. Schachter (2016, p. 228-229) considera ser esse evento um contexto possível para a execução inicial do novo fragmento de Simônides (especialmente os jogos de 478 a.C.) devido à conexão que Delfos possuía com Aquiles, por ser o local onde Neoptólemo, seu filho, foi morto. Porém, Schachter (2016, p. 229-230) vê dois empecilhos para Delfos ser o palco da performance inicial do poema: (1) o próprio fato de Aquiles ser central no poema e (2) a ênfase no Peloponeso (ou em Esparta), que afastaria a possibilidade de um festival pan-helênico. Aquiles não seria um nome especialmente associado a Delfos, uma vez que o próprio Apolo, deus patrono do oráculo, esteve por trás de sua morte e também da morte de seu filho, Neoptólemo (por ter profanado os deuses durante o saque de Troia). Quanto ao contexto peloponésio, Schachter chama atenção para a ênfase no gentílico *dânaos* (mais relacionado ao Peloponeso) em vez de *acaiois* (o termo mais abrangente e mais comum nos textos homéricos) no fr. 11 W. Contudo, devido à fragmentariedade do poema, não é possível saber se esse padrão se repetiria ao longo de toda a obra.

Mesmo que seja difícil traçar uma relação entre um festival dedicado a Apolo e Aquiles, ainda assim é importante considerar a possibilidade da cidade de Delfos ser a ocasião de performance inicial do poema de Plateias. Embora tenha ocorrido por intermédio do deus protetor da cidade, a morte de Neoptólemo parece ser um evento importante para a história mítica de Delfos, sendo, por exemplo, narrada por Píndaro em duas ocasiões: na Ode Nemeia

¹⁶⁹ *Aristides* 21.5.

7 e no mais fragmentado Peã 6 (este composto para a Teoxenia, modelo de festival comum a várias cidades gregas, celebrando os ritos de hospitalidade).

A Ode Nemeia 7, dedicada a Sógenes de Egina, vencedor do pentatlo juvenil, menciona a morte de Neoptólemo em Delfos como o cumprimento de um desígnio divino de que um dos filhos de Eáco deveria permanecer para sempre em Delfos para presidir as procissões de heróis (vv. 34-47), o que mantém aberta a possibilidade de um contexto ritual para Aquiles e Neoptólemo em Delfos:

[...] ἐν Πυθίοισι δὲ δαπέδοις
κεῖται, Πριάμου πόλιν Νεοπτόλεμος ἐπεὶ πράθην, (35)
τῆ καὶ Δαναοὶ πόνησαν: ὁ δ' ἀποπλέων
Σκύρου μὲν ἄμαρτε, πλαγχθέντες δ' εἰς Ἐφύραν ἵκοντο:
Μολοσσία δ' ἐμβασίλευεν ὀλίγον
χρόνον: ἀτὰρ γένος αἰεὶ φέρειν
τοῦτό οἱ γέρας. ὄχετο δὲ πρὸς θεόν, (40)
κτέαν' ἄγων Τρωΐαθεν ἀκροθινίων:
ἵνα κρεῶν νιν ὑπὲρ μάχας ἔλασεν ἀντιτυχόντ' ἀνὴρ μαχαίρα.
βάρυνθεν δὲ περισσὰ Δελφοὶ ξεναγέται.
ἀλλὰ τὸ μόρσιμον ἀπέδωκεν: ἐχρῆν δέ τιν' ἔνδον ἄλσει παλαιτάτῳ
Αἰακιδᾶν κρεόντων τὸ λοιπὸν ἔμμεναι (45)
θεοῦ παρ' εὐτειχέα δόμον, ἠρωΐαις δὲ πομπαῖς
θεμισκόπον οἰκεῖν ἔόντα πολυθύτοις.

[...] No solo pítico
jaz Neoptólemo, depois de ter saqueado a cidade de Príamo, (35)
na qual também os dânaos muito laboraram. Mas partindo,
errou o caminho de Esquiro e, após vagar um pouco, chegou a Éfira.
Na Molóssia reinou por breve
tempo, no entanto, sua linhagem sempre carrega
essa honra. Foi consultar o deus, (40)
levando os melhores despojos de Troia,
mas lá se envolveu em uma briga por causa de seu sacrifício e em retorno foi
apunhalado.
Angustiarão-se muitíssimo os hospitaleiros délficos,
mas se deu o que fora destinado: deveria no antiquíssimo bosque
um dos soberanos eácidas permanecer pela eternidade, (45)
e junto à bem construída casa do deus habitar para observar os costumes
nas procissões dos heróis, honradas com muitos sacrifícios.

Nesse fragmento é possível perceber que, embora motivada pelo deus Apolo, a morte de Neoptólemo em Delfos não é mencionada em termos de uma animosidade particular entre o herói e o deus, mas de um destino que inevitavelmente deveria se cumprir. Ainda mais relevante para a possibilidade de Delfos abrigar um culto de Aquiles (e, também, a performance inicial do fragmento de Simônides) é o fato de que um dos filhos de Eáco deveria “habitar” (“οἰκεῖν”, v. 47) no espaço consagrado ao deus para presidir as procissões, as πομπαί (v. 46), que no

sentido religioso se referem a uma procissão solene, em geral, precedendo um evento religioso ou um festival – semelhante ao que Robertson (1986) propunha para o festival de Eleuteria. Desse modo, poderia se supor que haveria algum tipo de culto a Neoptólemo em Delfos, provavelmente não apenas dele, mas também de seu pai, Aquiles, sendo o herói especialmente celebrado em procissões cerimoniais. Como visto anteriormente com Robertson (1986) sobre a contenda entre espartanos e atenienses pela liderança da procissão no festival de Eleuteria, as procissões inaugurais poderiam ser de especial relevância nas competições atléticas.

Já o Peã 6 oferece uma narrativa maior da morte de Neoptólemo, trazendo outras discussões à tona. Nessa composição, Píndaro adiciona detalhes importantes à narrativa, como a menção de que Apolo buscava atrasar o saque de Troia matando Aquiles, o que causou um mal-estar com Hera e Atena (o que remete à reconstrução de West para os vv. 9-10 do fragmento 11 W). O poeta também destaca que Apolo, em seu próprio templo, mata Neoptólemo como vingança por este ter matado Príamo no templo de Apolo em Troia. Vejamos, então, os versos 79-120 desse peã:

Πάριος ἐ[καβόλος βροτη-
σίῳ δέμαϊ θεός, (80)
Ἴλίου δὲ θῆκεν ἄφαρ
ὀψιτέραν ἄλωσιν,
κυανοπ'λόκοιο παῖδα ποντίας
Θέτιος βιατάν,
πιστὸν ἔρκος Ἀχαι-
ῶν, θρασεῖ φόνῳ πεδάσαις·
ὄσσα τ' ἔριξε λευκωλένῳ
ἄκναμπτον Ἥρα μένος ἀν[τ]ερείδων
ὄσα τε Πολιάδι. π'ρὸ πόνων
δέ κε μεγάλων Δαρδανίαν (90)
ἔπ'ραθεν, εἰ μὴ φύλασεν Ἀπό[λ]λ[ω]ν·
νέφεσσι δ' ἐν χρυσεῖς Ὀλύμπιοι-
ο καὶ κορυφα[ῖσι]ν ἴζων
μόρσιμ' ἀνα[λ]ύεν Ζεὺς ὁ θεῶν σκοπὸς οὐ τόλ-
μα· περὶ δ' ὑψικόμῳ [Ε]λένα
χρῆν ἄρα Πέργαμον εὐρὺ[ν] ἀ-
ιστῶσαι σέλας αἰθομένου
πυρός· ἐπεὶ δ' ἄλκιμον
νέκυν [ἐ]ν τά[φω] / πολυστόνῳ θέντο Πηλεΐδαν,
άλὸς ἐπὶ κῦμα βάντες [ῆ]λ- (100)
θον ἄγγελο[ι] ὀπίσω
Σκυρόθεν Ν[ε]οπτόλεμο[ν]
εὐρυβίαν ἄγοντες,
ὃς διέπερσεν Ἴλίου πόλιν·
ἀλλ' οὔτε ματέρ' ἔπειτα κεδ' νάν
ἔιδεν οὔτε πατρῴϊαις ἐν ἀρού[ραις]
ἵππους, Μυρμιδόνων
χαλκοκορυ[στ]ῶν [ὄ]μιλον ἐγε[ί]ρων.

σχεδὸν δ[ὲ Το]μάρου Μολοσσίδα γαῖαν
 ἐξίκετ' οὐδ' [ἀ]νέμους ἔ[λ]α[θ]εν (110)
 οὐδὲ τὸν [ε]ὐρυφάρετ' ραν ἑκαβόλον·
 ᾧ[μο]σε [γὰρ θ]εός,
 γέ[ρον]θ' ὄ[τι] Π' ρίαμον
 π[ρ]ὸς ἔρκειϊον ἦναρε βωμὸν ἐ[π-
 εν]θορόντα, μὴ νιν εὐφρον' ἐς οἴ[κ]ον
 μήτ' ἐπὶ γῆρας ἰξέ-
 μεν βίου· [ἀ]μφιπόλοισι δὲ
 κ]υρ[ιᾶν] περὶ τιμᾶν
 δηρι]αζόμενον κτάνεν
 <έν> τεμέ]νεϊ φίλω γᾶς παρ' ὀμφαλὸν εὐρύν. (120)

Na mortal imagem de Páris,
 o longe-flecheiro deus (80)
 de Troia, com isto,
 postergou a captura:
 o poderoso filho da marítima
 Tétis de negros cachos,
 confiável baluarte dos acaios,
 subjugou, agrilhoando-o com a morte.
 Tal foi a sua afronta a, de alvos braços,
 Hera, resistindo à sua força inflexível;
 tal foi sua afronta à guardiã da cidade, Atenas. Antes de grandes
 sofrimentos, teriam os dardânios (90)
 arrasado Troia se não a protegesse Apolo.
 Mas, nas douradas nuvens e picos do Olimpo
 sentado, Zeus, protetor dos deuses,
 o destino perturbar não ousou.
 Por causa de Helena de longas tranças
 deveria a vasta Pérgamo
 sucumbir abrasada por rútilo
 fogo. Depois do corpo
 do bravo Pelida colocarem no lutuoso túmulo,
 pelas ondas do mar partiram (100)
 mensageiros que voltaram,
 trazendo de Esquiro, Neoptólemo,
 de vasta força,
 que Troia arrasou.
 Mas, não mais a diligente mãe
 viu, nem nos férteis campos os paternos
 corcéis, ao incitar
 a brônzea armada dos mirmidões.
 Perto do monte Tomaro, na terra molóssida
 chegar não permitiram os ventos, (110)
 nem o longe-flecheiro de vasta aljava,
 pois prometeu o deus
 que quem o ancião Príamo
 atacou no altar da corte
 matando-o, não teria bom retorno à sua casa,
 nem chegaria à
 velhice; e, quando com os atendentes do templo
 sobre as honras costumazes
 contendeu, matou-o o deus
 no caro e sacro recinto junto à vasta terra umbigo do mundo. (120)

Essa passagem do Peã 6 possui algumas semelhanças interessantes com o fr. 11 W de Simônides. Nos vv. 79-80, a morte de Aquiles é dada como ocorrendo pelo próprio Apolo na imagem mortal de Paris, o que poderia ser até mesmo uma alusão direta aos vv. 7-8 do fragmento de Simônides (SCHACHTER, 2016, p. 229). A perspectiva de uma alusão seria reforçada pela menção à oposição entre Apolo e as deusas Hera e Atena (o que também ocorre nos vv. 9-10 do fr. 11 W se aceitarmos a reconstrução de West). Os vv. 98-99 abordam especificamente o túmulo de Aquiles, podendo ser uma alusão aos ritos fúnebres em honra desse herói (como o v. 6 do fr. 11 W). Contudo, a narrativa da morte de Neoptólemo difere em um aspecto importante: enquanto na Nemeia 7 a motivação seria um desígnio envolvendo todos os Eácidas (que nem mesmo Zeus ousou intervir), no Peã 6 é o voto de Apolo (vv. 112-115) de vingar Príamo que ocasiona a morte do herói. Nesse sentido, a relação seria particular entre Neoptólemo e Delfos, não envolvendo a linhagem dos Eácidas como um todo.

Esses excertos de Píndaro, portanto, reforçam a hipótese de uma possível conexão maior entre Neoptólemo – e talvez os Eácidas como um todo – e Delfos, sendo os Jogos Píticos ou a Teoxenia possíveis contextos para a execução inicial do poema de Plateias. Porém, além das menções em Píndaro, existem dois epigramas atribuídos a Simônides que teriam sido inscritos em Delfos e que reforçam esse contexto, possivelmente na inauguração da Coluna da Serpente, monumento celebrando a vitória dos gregos nas Guerras Médicas, posteriormente trasladado para Constantinopla onde permanece até os dias atuais. O epigrama 17 (a) FGE teria sido composto para celebrar especialmente a vitória de Pausânias nas Guerras Médicas e inscrito na trípole da Coluna da Serpente, evento que é mencionado por Tucídides¹⁷⁰:

[...] ἐπὶ τὸν τρίποδά ποτε τὸν ἐν Δελφοῖς, ὃν ἀνέθεσαν οἱ Ἕλληνες ἀπὸ τῶν Μήδων ἀκροθίνιον, ἠξίωσεν ἐπιγράψασθαι αὐτὸς ἰδίᾳ τὸ ἐλεγεῖον τόδε:

“Ἑλλάνων ἀρχαγὸς ἐπεὶ στρατὸν ὄλεσα Μήδων
Παυσανίας, Φοῖβῳ μνᾶμ' ἀνέθηκα τόδε.”

[...] sobre a trípole que há em Delfos, que os helenos construíram a partir dos melhores despojos dos medos, julgou digno inscrever o epigrama com a seguinte elegia sobre si próprio:

“Comandante dos helenos quando destruíram o exército dos medos,
Pausânias, a Febo dedica este memorial”

Esse epigrama teria repercutido negativamente entre os gregos, sendo julgado soberbo

¹⁷⁰ *História da Guerra do Peloponeso* 1.132.2-3.

e símbolo da pretensão de poder pan-helênico que Pausânias intencionava possuir. Contudo, Diodoro Sículo¹⁷¹ relata que o primeiro prêmio de honra foi conferido a Pausânias, de modo que não seria tão soberbo se Pausânias tivesse dedicado uma trípode ou outra oferenda pessoal com essa inscrição. Assim o que parece ser posto em consideração é o fato de ter encomendado tal epigrama para uma trípode conjunta dos aliados gregos. De qualquer modo, essa inscrição teria sido logo apagada e substituída pelo epigrama 17 (b) FGE¹⁷², também atribuído a Simônides:

οἱ δ' Ἕλληνας ἐκ τῶν λαφύρων δεκάτην ἐξελόμενοι κατεσκεύασαν χρυσοῦν τρίποδα, καὶ ἀνέθηκαν εἰς Δελφοὺς χαριστήριον τῷ θεῷ, ἐπιγράψαντες ἔλεγεῖον τόδε,
 “ Ἑλλάδος εὐρυχόρου σωτῆρες τόνδ' ἀνέθηκαν,
 δουλοσύνης στυγεράς ῥυσάμενοι πόλιας.”

Os helenos, tomando um décimo dos espólios, prepararam uma trípode de ouro e a erigiram em Delfos como uma dedicatória ao deus, inscrevendo a seguinte elegia:

“Os salvadores da vasta Hélade, este memorial erigiram,
 tendo salvo as cidades da abominável escravidão.”

Ao assumirmos Simônides como real autor desses epigramas, estaria atestada a sua presença em Delfos, possivelmente na própria inauguração da Coluna da Serpente, em uma celebração ou ritual fúnebre em honra dos que pereceram. Contudo, Rutherford (2001, p. 41), embora postule o contexto da inauguração da Coluna da Serpente como ocasião inicial de performance do fragmento de Plateias, destaca que não há indícios que os fragmentos acima teriam algum apelo específico à batalha de Plateias, se referindo às Guerras Médicas como um todo. Cabe ressaltar, no entanto, que o monumento fora construído justamente a partir dos espólios persas tomados na batalha de Plateias, dos quais também foram feitas oferendas para Zeus em Olímpia e para Poseidon no Istmo (MEIGGS & LEWIS, 1969, p. 59), outros possíveis contextos para a execução inicial do fragmento de Plateias.

2.4.3 Anfictionia de Antélia

A Liga Anfictiônica foi uma associação religiosa surgida antes mesmo da emergência das cidades-estado gregas, reunindo representantes dos 12 principais povos gregos. A Anfictionia foi gradualmente expandindo sua influência religiosa para uma influência política,

¹⁷¹ *Biblioteca Histórica* 11.33.

¹⁷² = Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 11.33.

constituindo-se assim de uma associação política e militar entre seus representantes. A Anficionia de Antélia foi uma das mais antigas dessas reuniões, realizadas na localidade homônima, próxima às Termópilas, em honra à Deméter. Posteriormente, devido à popularidade do culto em Delfos, a Anficionia foi gradualmente sendo transferida para lá, mas permaneceu sendo realizada uma reunião em Antélia anualmente. Um dos mitos relativos à fundação dessa associação¹⁷³ era de que teria sido instituída por Anfictião, do qual deriva o nome “Anficionia”, pouco tempo após a guerra de Troia. Anfictião reinou nas Termópilas e era irmão de Helena e de Castor e Pólux (os Tindáridas que, junto de Menelau, são mencionados no v. 31 do fr. 11 W). A ênfase nesses personagens célebres da história espartana contribui para a perspectiva de um contexto lacedemônio ou de um evento em outra localidade, como na Anficionia de Antélia, que permitiria o destaque à participação dessa cidade.

Pavese (1995, p. 22) sugere que as próprias Termópilas, ou algum lugar próximo como Antélia, seriam a ocasião inicial do fragmento de Plateias, pois em sua visão o poema trataria não de Plateias, mas da batalha das Termópilas, considerando Aquiles um paradigma mais próximo de Leônidas do que de Pausânias. Outro fato que contribui para o contexto da Anficionia de Antélia é que, por ser uma celebração em honra à Deméter, ela era realizada nos Portões de Hades locais, uma vez que se trata de uma deusa ctônica, o que possibilita que Aquiles fosse honrado ali como herói e não uma divindade.

Com relação às Termópilas como ocasião de performance possível, Molyneux (1992, p.175-176) chama a atenção para dois epigramas atribuídos a Simônides, XXII (a) FGE e XXII (b) FGE¹⁷⁴, compostos em homenagem aos soldados que morreram nas Termópilas – sendo o XXII (a) dedicado a todo o conjunto de tropas e o XXII (b) especialmente aos soldados espartanos:

θαφθεῖσι δέ σφι αὐτοῦ ταύτη τῆ περ ἔπεσον, καὶ τοῖσι πρότερον τελευτήσασι
ἢ ὑπὸ Λεωνίδεω ἀποπεμφθέντας οἴχεσθαι, ἐπιγέγραπται γράμματα λέγοντα
τάδε.

(a) Μυριάσιν ποτὲ τῆδε τριηκοσίαις ἐμάχοντο
ἐκ Πελοποννάσου χιλιάδες τέτορες.

Ταῦτα μὲν δὴ τοῖσι πᾶσι ἐπιγέγραπται, τοῖσι δὲ Σπαρτιήτησι ἰδίη.

(b) Ὡ ξεῖν', ἀγγέλλειν Λακεδαιμονίοις, ὅτι τῆδε
κείμεθα τοῖς κείνων ῥήμασι πειθόμενοι.

Àqueles que foram enterrados no lugar onde sucumbiram e àqueles que pereceram antes de serem enviados por Leônidas, foram escritas as palavras que dizem o seguinte:

(a) Aqui, certa vez, três milhões lutaram

¹⁷³ Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca*, 3.14.6; Dionísio de Halicarnasso, *Das antiguidades romanas*, 4.25.3.

¹⁷⁴ = Heródoto, *Histórias* 7.227-228

contra quatro mil do Peloponeso.
Essa foi escrita para todos, mas para os espartanos em particular foi esta:
(b) Estrangeiro, avise aos lacedemônios, que aqui
jazemos, as suas ordens respeitando.

O fato de haver um poema dedicado exclusivamente aos espartanos sugere que poderia haver um contexto de performance inaugural eminentemente espartano, mesmo em um local de celebração conjunta de várias cidades. Ainda há menção em Heródoto de outro epigrama feito pelo mesmo poeta para o profeta Megístias (VI FGE)¹⁷⁵:

Μνήμα τόδε κλεινοῖο Μεγιστία, ὄν ποτε Μῆδοι
Σπερχειὸν ποταμὸν κτεῖναν ἀμειψάμενοι,
μάντιος, ὃς τότε Κῆρας ἐπερχομένας σάφα εἰδῶς
οὐκ ἔτλη Σπάρτης ἡγεμόνα προλιπεῖν.

Este é o túmulo do célebre Megístias, que os medos,
atravessando o rio Esperqueu, mataram,
profeta que, sabendo claramente que as Moiras se aproximavam,
não suportou abandonar os comandantes de Esparta.

A presença desses epigramas atribuídos a Simônides em Termópilas sugere que o poeta também teria atuado ali em um período ligeiramente posterior ao final das Guerras Médicas. A sua aparente amizade com Megístias reforça sua associação, profissional ou pessoal, com os lacedemônios, sendo esse profeta destacado no epigrama justamente pela sua lealdade aos seus generais. Mas, ainda mais significativo é o que Heródoto¹⁷⁶ comenta a respeito desses versos, reforçando a associação pessoal entre Simônides e os lacedemônios:

Ἐπιγράμμασι μὲν νῦν καὶ στήλησι, ἔξω ἢ τὸ τοῦ μάντιος ἐπίγραμμα,
Ἀμφικτύονές εἰσὶ σφεας οἱ ἐπικοσμήσαντες· τὸ δὲ τοῦ μάντιος Μεγιστίω
Σιμωνίδης ὁ Λεωπρέπεός ἐστι κατὰ ξεινίην ὁ ἐπιγράψας.

Com epigramas e túmulos, com exceção do epigrama do profeta, os anfitriões honraram-nos. Mas, o autor do [epigrama] do profeta Megístio é Simônides, filho de Leoprepes, devido à amizade.

A menção de Heródoto fornece alguns indicativos de um evento fúnebre organizado pelo conselho dos anfitriões como um todo, ou seja, envolvendo várias cidades. É incerto se os dois primeiros epigramas teriam sido compostos por Simônides ou apenas aquele dedicado a Megístio teria sido escrito e o seu túmulo financiado pelo próprio poeta¹⁷⁷. Contudo, é

¹⁷⁵ = Heródoto, *Histórias* 7.228

¹⁷⁶ *Histórias*, 7.228.16.

¹⁷⁷ A respeito da discussão em torno da autoria dos epigramas e túmulos citados por Heródoto, ver Molyneux (1992, p. 177-179).

interessante perceber como os anfictídes em um mesmo contexto celebraram os exércitos gregos que participaram das Termópilas como um todo e os espartanos em particular e separadamente (MOLYNEUX, 1992, p. 176). Apesar das incertezas nesse caso, o relato de Heródoto oferece uma evidência de que Simônides atuou na Anfíctonia, um contexto que permitia celebrações particulares para os espartanos, apesar de envolver as demais cidades aliadas.

Há também o relato de um encômio apresentado por Simônides nas Termópilas, enaltecendo o sacrifício dos que pereceram na batalha liderada por Leônidas (531 P; fr. 1 Bergk¹⁷⁸):

καθόλου δὲ μόνοι τῶν πρὸ ἑαυτῶν διὰ τὴν ὑπερβολὴν τῆς ἀρετῆς εἰς ἀθανασίαν μετήλλαξαν. διόπερ οὐχ οἱ τῶν ἱστοριῶν συγγραφεῖς μόνον, ἀλλὰ πολλοὶ καὶ τῶν ποιητῶν καθύμνησαν αὐτῶν τὰς ἀνδραγαθίας: ὧν γέγονε καὶ Σιμωνίδης, ὁ μελοποιός, ἄξιον τῆς ἀρετῆς αὐτῶν ποιήσας ἐγκώμιον, ἐν ᾧ λέγει

τῶν ἐν Θερμοπύλαις θανόντων
εὐκλεῆς μὲν ἂ τύχα, καλὸς δ' ὁ πότμος,
βωμὸς δ' ὁ τάφος, πρὸ γόνων δὲ μνᾶστις, ὁ δ' οἶτος ἔπαινος.
ἐντάφιον δὲ τοιοῦτον οὐτ' εὐρῶς
οὔθ' ὁ πανδαμάτωρ ἀμαυρώσει χρόνος.
ἀνδρῶν ἀγαθῶν ὅδε σηκὸς οἰκέταν εὐδοξίαν
Ἑλλάδος εἴλετο. μαρτυρεῖ δὲ καὶ Λεωνίδα
ὁ Σπάρτας βασιλεύς, ἀρετᾶς μέγαν λελοιπῶς
κόσμον ἀέναόν τε κλέος.

Em geral, são os únicos dentre eles a atingir a imortalidade devido a sua superior excelência. Por causa disso, não apenas os historiadores escreveram, mas muitos poetas lembraram da virilidade deles: sendo um desses Simônides, o lírico, que fez um encômio digno do valor desses heróis, no qual diz:

“Dos que morreram nas Termópilas
gloriosa é a fortuna, belo o destino,
um altar é a lápide; não é de lamentos a lembrança, mas louvável o fado,
e esse sudário nem o mofo
nem o implacável tempo o deteriorarão.
Esse túmulo faz a reputação dos valorosos homens
familiar em toda a Grécia. Testemunha é Leônidas,
rei de Esparta, que deixou grande e próspera
insígnia, assim como imperecível glória”.

Molyneux (1992, p. 187) data, conjecturalmente, a execução do excerto citado por Diodoro no outono de 480 (no mesmo ano da batalha de Plateias) em Esparta, por ser esse um período propício para solenidades, uma vez que a cidade estava relativamente isenta de distrações e de confrontos com os atenienses nesse momento. Caso fosse recitado nas próprias

¹⁷⁸ Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 11.11.6

Termópilas, o autor considera que isso só poderia ter acontecido após Plateias. Essa data seria interessante para pensar a própria execução da elegia de Plateias, pois o poema poderia abarcar não apenas essa batalha, mas outras anteriores, como a das Termópilas, um momento que preparou o terreno para as futuras e decisivas vitórias gregas na guerra.

2.4.4 *Achilleion*

Albert Schachter (2016) levanta a possibilidade de o poema de Plateias ter sido executado originalmente no período em que Pausânias esteve em Bizâncio, após ter sido enviado para comandar as tropas gregas na Ásia Menor. Schachter (2016, p. 232) destaca que, ao se supor que o poema se destina especialmente a Esparta e seus aliados dóricos, se descartaria a possibilidade de festivais em Plateias ou Delos, restando principalmente a possibilidade de o poema ter sido recitado em um santuário de Aquiles. Dois santuários desse herói são atestados nesse período: um na Ilha Branca no Mar Negro e outro, o *Achilleion*, perto de Sigeu, na entrada do Helesponto (SCHACHTER, 2016, p. 232).

Após uma investida fracassada dos atenienses contra Sestos, Pausânias liderou uma frota conjunta de navios peloponésios, atenienses e de outras cidades-estado em um ataque bem-sucedido contra Chipre e Bizâncio entre 477-478¹⁷⁹. Após a tomada de Bizâncio, começam a surgir acusações de que Pausânias estaria com pretensões tirânicas, assim como conspirando com os medos, sendo eventualmente convocado para ser julgado em Esparta. Os atenienses capitalizaram (ou motivaram) essa ação contra Pausânias a fim de reduzir a influência espartana, o que levou à ascensão de Atenas como cidade líder das forças gregas nas Guerras Médicas, culminando na formação da Liga de Delos (NAFISSI, 2013, p. 79).

No entanto, justamente no meio do percurso realizado por Pausânias em sua campanha por Chipre e Bizâncio se localiza o *Achilleion*, um templo dedicado à urna conjunta de Pátroclo e Aquiles. No canto 24 da *Odisseia* (vv. 76-84), há uma referência direta ao funeral de Aquiles, destacando que seus ossos foram depositados na mesma urna de Pátroclo. Contudo, seguindo excertos da *Iliada*, a localização de seu túmulo é incerta, uma vez que Heitor destaca, no canto 7, que, caso vencesse o duelo contra um desafiante grego, o corpo do herói acaio poderia ser levado para o Helesponto¹⁸⁰, mas Aquiles, ao dar diretrizes para o funeral de Pátroclo, solicita que façam um túmulo modesto na própria Troia¹⁸¹. Pavese (1995, p. 10) ressalta, porém, que o

¹⁷⁹ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 1.95.1-4; 1.96.1-2

¹⁸⁰ *Iliada* 7.84-94.

¹⁸¹ *Iliada* 23.245-248.

túmulo no Helesponto é mencionado em Estrabão¹⁸² e o túmulo em Sigeu por Díctis de Creta¹⁸³.

Nagy (1979, p. 343-347) destaca que havia uma forte ligação de Aquiles com o Helesponto por causa de sua mãe Tétis, que fora ali raptada por Peleu. Tétis teria levado o corpo de Aquiles para ser enterrado na Ilha Branca no Mar Morto, chamada de “Ἀχιλλέως νήσος” (“Ilha de Aquiles”) por Ariano¹⁸⁴ e ilha *Achillis* pelo historiador romano Plínio¹⁸⁵, o qual menciona também um *dromos achilleos*, onde seriam realizadas competições atléticas. Artino de Mileto, segundo a *Epítome da Etiópica* na *Crestomatia* de Proclo (1. 195-205), relataria também que nesse local estariam depositados os restos mortais de Aquiles e Pátroclo. Essa conexão de Aquiles com o Helesponto teria durado até aproximadamente os séculos II ou III d.C. Somado a isso, Simônides utiliza o epíteto materno nos vv. 19-20 do fragmento de Plateias em vez do mais usual, em referência a Peleu. A alusão à *Ilíada* poderia ter, portanto, uma ligação direta com os eventos recentes na conquista de Bizâncio, como a de uma força predominantemente dórica (com pequena participação ateniense) conquistando uma cidade da Ásia que havia sido tomada por bárbaros, contrastando também com a fracassada expedição anterior ateniense em Sestos (SCHACHTER, 2016, p. 233). Além disso, o Helesponto foi um local importante no final das Guerras Médicas, uma vez que uma tempestade destruiu boa parte da frota persa nessa localidade.

Schachter (2016, p. 233) ainda argumenta que a segunda parte da profecia (vv. 39-42 do fr. 11 W) poderia representar a política espartana na região, de que eles liderariam as forças que expulsariam os persas da Ásia. Assume-se, assim, que a execução do poema seria logo após a campanha de Pausânias em Bizâncio, e a data da performance seria entre a primavera e o verão de 478. Os atenienses presentes poderiam ter levado o texto para sua cidade, explicando, por exemplo, a referência à “lança dórica” (“Δωρίδος λόγχης”, v. 817) na peça *Os Persas* de Ésquilo (de 472) como a responsável pela vitória em Plateias. Porém, cabe frisar que Atenas teve uma significativa porção de naus na expedição que tomou Bizâncio, não ficando claro assim como Simônides manejaria o tema sem se indispor com os então aliados atenienses, levando em conta, por exemplo, que Simônides era uma poeta profissional comissionado, e há indícios de sua associação com Temístocles, assim como provavelmente compôs um poema sobre a batalha de Artemísio (na qual a frota grega foi liderada pelos atenienses). Contudo, se o epigrama 17 (a) FGE for, de fato, autêntico e de autoria de Simônides, ele e Pausânias aparentemente não teriam problemas em se indispor com os então aliados de Esparta, ou estes

¹⁸² *Geografia* 13.32.

¹⁸³ 4.15.

¹⁸⁴ *Périplo do mar Euxino*, 32.

¹⁸⁵ *História Natural* 4.34.

não implicariam Simônides pelas atitudes de Pausânias.

Ferreira (2013, p. 310-313) contra-argumenta, porém, a tese de Schachter de que a execução inicial do poema de Plateias seria o *Achilleion* em Sigeu por dois motivos: a) a idade do poeta no período em que Pausânias fora para Sigeu e b) o fato de Schachter não esclarecer quais poderiam ser "as condições de composição do poema". Em relação ao primeiro contra-argumento levantado por Ferreira, Simônides já seria de idade bastante avançada no período das Guerras Médicas, fato que dificultaria que o poeta acompanhasse Pausânias em uma viagem longa e arriscada. Assim, também é difícil conjecturar uma ocasião em que o poeta teria tempo, em meio à conturbada passagem de Pausânias por Bizâncio, para compor uma obra mais elaborada, como parece ser a elegia de Plateias. Desse modo, vemos que, apesar de haver substanciais associações entre Aquiles e o Helesponto e Sigeu, ainda assim é difícil propor um contexto bem definido para a execução do poema de Plateias nessas localidades.

2.4.5 Esparta

Pela aparente predominância de elementos peloponésios no fragmento de Plateias e pelo destaque a Pausânias, que limita o período em que o poema foi composto para meados de 470 (devido à sua condenação), emerge a possibilidade de Esparta ser o local da apresentação inicial do poema, ou algum outro contexto dedicado especialmente a essa cidade. Schachter (2016, p. 230) elenca fatores que demonstram uma proeminência espartana e de seus aliados dóricos no poema, como:

- (1) Os homens a serem lembrados são aqueles que de Esparta, ou dependendo dela, evitaram o dia da escravidão (11.25-6).
- (2) Eles partem em sua marcha a partir de Esparta, trazendo consigo heróis espartanos liderados por Pausânias, filho de Cleômbroto (11.30-4).
- (3) Eles marcharam para Corinto e então para Mégara, onde as forças armadas de povos vizinhos se reuniram (11.35-8).
- (4) São os filhos de Doros e Hércules, isto é, os peloponésios dóricos e seus líderes Heraclidas que enfrentam os medos e os persas na planície (13.8-12).
- (5) A profecia é posta na boca do profeta dos espartanos (14).
- (6) Os coríntios são descritos em termos gloriosos e corteses: eles estão entre dois outros contingentes, presumidamente, se seguirmos Heródoto (9.28 e 31): entre os lacedemônios e os tégeos na direita, e os demais peloponésios na esquerda (15-16).¹⁸⁶

¹⁸⁶ Tradução minha: "(1) The men to be remembered are those who, at, or relying on, Sparta, warded off the day of slavery (11.25–6). (2) They set out on their march from Sparta, bringing with them Spartan heroes and led by Pausanias son of Kleombrotos (11.30–4). (3) They marched to Corinth and then to Megara, where the armed forces of neighbouring peoples gathered (11.35–8).

(4) It is the sons of Doros and Herakles, that is the Dorian Peloponnesians and their Heraklid leaders, who faced the Medes and Persians in the plain (13.8–12).

(5) The prophecy is put into the mouth of the Spartans' seer (14).

Além disso, relatos literários demonstram que outras cidades, incluindo Atenas, reconheciam Esparta como a vencedora da batalha de Plateias, como o v. 817 de *Os Persas*, mencionado anteriormente, e os vv. 75-78 da *Ode Pítica 1* de Píndaro, que destacam como os atenienses ganharam em Salamina e os espartanos na batalha ao lado do monte Citerão, ou seja, em Plateias. Pavese (1995, p. 20) destaca que a Lacônia seria a região com mais cultos de Aquiles: um Escólio a Apolônio Ródio (4.814) destaca que ele era cultuado como um deus na região; Pausânias relata que havia um santuário em Brásias¹⁸⁷ e outro na estrada de Esparta para a Arcádia¹⁸⁸ dedicados a Aquiles. Pavese (1995, p. 21) pontua, no entanto, que Aquiles é referido no poema como um herói ou um semi-deus, sendo invocada na verdade a sua mãe, Tétis, como divindade.

No entanto, a Lacedemônia era um dos poucos lugares em que haveria um culto a Aquiles, não como um herói, mas como uma divindade, recebendo um festival anual em sua homenagem (SBARDELLA, 2000, p. 4-5). Na passagem em que Pausânias descreve o santuário na estrada de Esparta à Arcádia, o geógrafo¹⁸⁹ ainda fornece informações sobre como ocorreria essa celebração:

τὴν δὲ ἐπ' Ἀρκαδίας ἰοῦσιν ἐκ Σπάρτης Ἀθηναῖς ἔστηκεν ἐπίκλησιν Παρείας ἄγαλμα ἐν ὑπαίθρῳ, μετὰ δὲ αὐτὸ ἱερόν ἐστιν Ἀχιλλέως· ἀνοίγειν δὲ αὐτὸ οὐ νομίζουσιν· ὁπόσοι δ' ἂν τῶν ἐφήβων ἀγωνιεῖσθαι μέλλωσιν ἐν τῷ Πλατανιστῆ, καθέστηκεν αὐτοῖς τῷ Ἀχιλλεῖ πρὸ τῆς μάχης θύειν. ποιῆσαι δὲ σφισι τὸ ἱερόν Σπαρτιᾶται λέγουσι Πράκα ἀπόγονον τρίτον Περγάμου τοῦ Νεοπτολέμου. προῖοῦσι δὲ Ἴππου καλούμενον μνημῆμα ἐστὶ. Τυνδάρεως γὰρ θύσας ἐνταῦθα ἵππον τοὺς Ἑλένης ἐξώρκου μνηστῆρας ἰστάς ἐπὶ τοῦ ἵππου τῶν τομίων· ὁ δὲ ὄρκος ἦν Ἑλένη καὶ τῷ γῆμαι προκριθέντι Ἑλένην ἀμυνεῖν ἀδικουμένοις· ἐξορκώσας δὲ τὸν ἵππον κατώρυξεν ἐνταῦθα.

Indo para a Arcádia de Esparta, há uma estátua de Atenas, com o segundo nome Pareias, em um espaço aberto; próxima dela está um templo de Aquiles. Não costumam abri-lo, mas a todos os jovens que pretendem competir no bosque dos Plátanos é estabelecido que sacrifiquem a Aquiles antes da luta. Os espartanos dizem que o templo foi feito a eles por Prax, neto de Pérgamo, filho de Neoptólemo. Avançando, há o chamado túmulo do cavalo, pois neste lugar Tíndaro sacrificou um cavalo, fazendo os pretendentes de Helena firmarem um pacto sobre os pedaços do animal. O pacto era de proteger Helena e o marido escolhido de quem os injusticasse. Tendo ele realizado o pacto, enterrou o cavalo ali.

(6) The Corinthians are described in glorious and complimentary terms: they are between two other contingents, presumably – if we follow Herodotos (9.28 and 31) – between the Lakedaimonians and Tegeans on the right, and the other Peloponnesians on the left (15–16)”.
¹⁸⁷ *Descrição da Grécia*, 3.24.5.
¹⁸⁸ *Descrição da Grécia*, 3.20.8.
¹⁸⁹ *Descrição da Grécia*, 3.20.8-9.

O templo descrito por Pausânias apresenta elementos que poderiam ser de uma ocasião de performance para poemas de caráter público, como a presença de um evento competitivo destinado aos jovens próximo a esse local (provavelmente uma luta), que poderia incluir outras competições. No entanto, o relato sobre a construção do templo traz paralelos mais interessantes, uma vez que é dado destaque à passagem mitológica em que Tíndaro, pai de Helena e dos irmãos Cástor e Pólux, realiza um pacto entre os pretendentes da filha que vinham de todo o mundo grego. Esse pacto é que garante a mobilização e a união entre os gregos durante a Guerra de Troia até recuperar Helena e vingar Menelau. Se este fosse, de fato, o local de performance do poema de Simônides, não seria de estranhar que em seu proêmio são destacados os Tindáridas e Menelau, o marido escolhido por Helena, todos associados a esse possível local de execução. Contudo, não há indícios sobre o quão antigo seria esse santuário, o que impede que essa proposta seja levada mais adiante.

Em outra perspectiva, Podlecki (1968, p. 262) conjectura que, em vez de um festival público, poemas encomiásticos seriam recitados em ambientes que estariam num meio termo entre formal e informal, como cerimônias privadas tais quais as refeições comunais (as “σισίτια”) em Esparta. Não há evidências que apoiem essa ocasião de performance (além do próprio vocábulo “encômio”, formado por *en* + *komós*, ou seja, “no *komós*”, a procissão realizada ao final de um simpósio), porém esse contexto seria mais próximo do contexto de performance mais atestado para a poesia elegíaca, o simpósio, do que das refeições comunais.

2.4.6 *Panatenaias*

Embora o fragmento de Plateias aparente ter uma ênfase espartana nos versos supérstites, não é completamente descartado um contexto ateniense, até mesmo o das Panatenaias, se considerarmos que o poema poderia se referir às Guerras Médicas como um todo. Um evento que apoia essa hipótese é a suposta disputa entre Simônides e Ésquilo. Encontraram epigramas na ágora de Atenas de ambos os autores, havendo também a menção de uma disputa entre os dois poetas em *A Vida de Ésquilo* (8), obra composta no período alexandrino (BOWRA, 1961, p. 340-341). A mais notória semelhança com o poema de Plateias, porém, é o quarto verso do fr. XX FGE encontrado em Atenas: “Ἐλλά[δα μ]ὴ πᾶσαν δούλιον ἦμαρ ἰδεῖν” (“que a Grécia inteira não veja o dia da escravidão”), que apresenta notável similaridade ao v. 25 do fr. 11 W. Contudo, a expressão “δούλιον ἦμαρ” (“dia da escravidão”) é formular, sendo comum em Homero e também na literatura “homerizante” posterior, como em Quinto de Esmirna.

Uma tese que reforçaria um elemento ateniense no poema de Plateias seria a referência

a Pândion no fr. 11 W (v. 41), herói frequentemente ligado a Atenas, que dava nome a uma das tribos áticas, a dos Pandiões, e que possuía uma estátua sua no “Monumento dos Heróis Epônimos” da Ágora de Atenas. Em oposição, Schachter (2016, p. 231) atenta para o fato de que havia, além dos Pandiões atenienses, também um herói megarense homônimo, mencionado pelo geógrafo Pausânias¹⁹⁰, que, caso fosse esse o referido por Simônides, reforçaria a hipótese de uma prevalência das cidades dóricas no poema, descreditando o contexto ateniense para a execução inicial.

2.4.7 Tessália

Um contexto mais remoto, mas ainda assim digno de comentário, é o da Tessália, que emerge devido ao *Idílio* 16 de Teócrito. A Tessália era também conhecida por possuir um culto e um santuário de Aquiles, ambiente propício para um poema que aparentemente inicia com um hino a esse herói. O *Idílio* 16 dialoga diretamente com Simônides, ressaltando a função do poeta de Ceos como aquele que permite que a fama de seu patrono exceda a sua vida mortal, função comparada a de Homero. Além disso, Teócrito destaca a forte relação de patronagem da família dos Escópadas e Aléuadas da Tessália com Simônides.

Contudo, o que praticamente exclui a Tessália como contexto possível para a execução do poema de Plateias é a posição dos tessálios como colaboradores dos persas. No entanto, supondo um contexto totalmente pan-helênico para o local de execução inicial do poema, poderiam ser os próprios Aléuadas os patrocinadores desse poema, até mesmo como uma forma de “limpar” seu passado medizante. Molyneux (1992, p. 182) demonstra que colaborar com os persas não necessariamente excluía uma cidade de ser honrada nos memoriais erigidos após as Guerras Médicas. Um exemplo é o dos tênios, que colaboraram com os persas cedendo-lhes navios, mas que ainda assim são lembrados na Coluna da Serpente¹⁹¹, embora isso possa ser justificado por causa de um navio desertor tênio que se juntou aos gregos¹⁹².

2.4.8 Istmo

Embora Plutarco tenha destacado que Simônides não teria composto o poema para os coríntios nem ensinado um coro nessa cidade, Shaw (2001) propõe os Jogos Ístmicos como

¹⁹⁰ *Descrição da Grécia* 1.41.6

¹⁹¹ Heródoto, *Histórias* 8.66.2.

¹⁹² Heródoto, *Histórias* 8.82.1.

ocasião de performance inicial para o poema de Plateias, após uma análise tendo como chave os cultos e os topônimos de Aquiles. A atenção a Aquiles também foi manifestada por West (1993, p. 5) que acreditava possível que o poema tivesse sido entoado em um festival em honra desse herói. A análise de Shaw (2001) o leva a considerar diferentes cidades e regiões gregas, contudo, nota um caráter principalmente eólico e uma relação com cidades marítimas no culto de Aquiles, sendo o culto lacedemônio, em sua análise, de menor extensão. Na *Iliada*¹⁹³, os helenos são considerados como as tropas de Aquiles (sendo os helenos um dos três grupos que compõem as tropas gregas, junto dos acaios e dos mirmidões), visão também expressa por Tucídides¹⁹⁴, o que indica uma possível conotação pan-helênica para o herói.

Embora na *Iliada* Aquiles tenha um caráter tessálio, há escassas referências de cultos ou topônimos de Aquiles nessa região (SHAW, 2001, p. 163). Contudo, outra região com relação forte com o herói, como visto anteriormente, é o Helesponto. Nagy (1979, p. 338-347) destaca essa relação, havendo também a nomeação de Aquiles como “ποντάρκες” (“comandante do Ponto”) e a referência a Tétis, em Píndaro¹⁹⁵, como “ποντίαν” (“do Ponto”). A ilha Branca no Mar Negro parece manter essa relação com Aquiles, havendo a menção ao lamento de Tétis por Aquiles nessa região¹⁹⁶ e uma inscrição dedicada ao herói¹⁹⁷. Menciona-se também uma relação entre Aquiles e Sigeu (cidade próxima do Helesponto e colonizada por mitilenos) na *Odisseia*¹⁹⁸, além da referência ao funeral de Aquiles no *P. Oxy 3876*, atribuído a Estesícoro. Essa associação também se estende a Bizâncio. O tirano de Mileto Histieu, após ser deposto, forma uma base em Bizâncio para atuar como pirata no Mar Negro. Ao se estabelecer na cidade, teria construído um santuário para Aquiles¹⁹⁹. Outro relato, porém, traz que Pausânias²⁰⁰ seria o fundador da cidade, de modo que ele próprio poderia ter estabelecido o culto ao herói nesse momento (SHAW, 2001, p. 168).

Ainda para Shaw, outra região que parece ter uma relação próxima com Aquiles é a Lacedemônia, embora não tão forte quanto o Helesponto. As chamadas sete cidades do golfo da Messênia são oferecidas para Aquiles por Agamêmnon como tentativa de convencê-lo a retornar à guerra. Agamêmnon ressalta, com o intuito de agradar a Aquiles, que são todas próximas à água²⁰¹, o que pode explicar também a relação de Aquiles com o Ponto. Além disso,

¹⁹³ 2.681-685.

¹⁹⁴ *História da Guerra do Peloponeso*, 1.3.2-3.

¹⁹⁵ *Ístmica* 8.34.

¹⁹⁶ Proclo, *Chrestomatia* 20.

¹⁹⁷ CEG 30.869

¹⁹⁸ 24. 35-94.

¹⁹⁹ Heródoto, *Histórias* 6.5.

²⁰⁰ Justino, *Epítome das Histórias de Pompeu Trogo* 9.1.3.

²⁰¹ *Iliada* 9.150-153; 9. 292-295

o profeta Tisâmeno, provavelmente mencionado pelo enxerto de Martin West “μάν]τιος ἄντιθέου” para o verso 22 do fr. 11 W, era um Clitiáde, uma família que traçava sua ancestralidade a Neleu da Trifília (região ao norte da Messênia), assim como os heróis Tindáridas também tinham associações marítimas, sendo protetores dos marinheiros.

Shaw (2001, p. 175) acredita também que o forte culto de Poseidon em Esparta abre espaço para outras divindades marítimas. Simônides parece distinguir os homens de Esparta dos de Eurotas, uma ênfase que pode se dar pelo percurso realizado por Pausânias até Plateias, no qual teria passado por Eurotas, onde havia um templo de Aquiles fortificado por seu pai no ano anterior à batalha (SHAW, 2001, p. 174). O autor (2001, p. 175) considera ainda que duas cidades comandadas por Esparta relacionam mais diretamente as personalidades citadas no fragmento de Simônides: Prásias e Hermione – que pertenciam a Anfíctonia de Caláuria. Essa Anfíctonia, assim como a de Antélia vista anteriormente, seria uma antiga associação de cidades em torno de um elemento religioso. Contudo, há apenas uma referência²⁰² a essa organização. As cidades de Esparta, Prásias e Hermione estariam associadas a três figuras míticas, três irmãos²⁰³, ligadas a Poseidon: Geréstio, Calauro e Tânaro. Cidades com nomes derivados desses irmãos, respectivamente, na Eubeia, Trezênia e Lacônia possuíam importantes santuários de Poseidon. Nesse sentido, Unger (1877, p. 34) sugere que os Jogos Ístmicos podem ter surgido a partir dos cultos de Poseidon no mês espartano de Geréstio. Desse modo, os Jogos Ístmicos, por serem relacionados a Poseidon, poderiam ser um ambiente de união entre as cidades que faziam parte da Anfíctonia de Calauro. Shaw (2001, p. 181) conjectura, assim, que Pausânias poderia se aproveitar do mito de Aquiles para reforçar sua identidade reconciliadora entre o herói pan-helênico e o individual, do mesmo modo que Aquiles. A menção a esse herói, portanto, não teria apenas o intuito de glorificá-lo em um culto local, mas de exercer uma força conciliadora entre diferentes cidades associadas a cultos de divindades marítimas (como Poseidon e Tétis).

A possível proeminência de um culto marítimo, e sua conseqüente relação com Poseidon, no novo fragmento de Simônides e a possibilidade já levantada por Rutherford de um contexto pan-helênico, levaram Shaw (2001, p. 179) a considerar os Jogos Ístmicos como o contexto mais plausível. Nesses jogos, havia uma estátua dedicada a Poseidon²⁰⁴, além do Istmo de Corinto ser o local onde os gregos se reuniram antes e depois da batalha de Termópilas²⁰⁵.

²⁰² Estrabão, *Geografia* 8.6.14.

²⁰³ Estêvão de Bizâncio, *Étnica* p. 598 Meineke.

²⁰⁴ Heródoto, *Histórias* 9.81.

²⁰⁵ Heródoto, *Histórias* 7.172-175, 8.71-71, 8.123; Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 2.10-11; Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 11.3.3.

Posteriormente, líderes pan-helênicos, como os macedônios Filipe e Alexandre, declararam seu poder sobre a Grécia no Istmo²⁰⁶.

Assim, pela relação de Aquiles com a água, e pelo seu apelo transregional, para Shaw (2001, p. 170), o Istmo seria uma ocasião capaz de combinar essa pluralidade de associações do herói. Pondera também que existem outras associações a seu culto, como uma ligação com a ilha de Egina (mencionada frequentemente em odes de Píndaro) e o uso do epíteto “ἀγλαόφημος” para se referir a Aquiles, frequentemente utilizado para divindades marítimas. Esse epíteto é utilizado, por exemplo, por Simônides para se referir a Tétis no fr. 10 W (v. 13), pertencente ao poema de Plateias, e no fr. 3 W (v. 13), referente à batalha de Artemísio, para se referir a Nereu. No entanto, cabe ressaltar que a proposição de Shaw (2001) se detém exclusivamente sobre as características dos cultos mais estabelecidos e específicos de Aquiles (que não necessariamente seriam o ambiente da ocasião de performance inicial do poema de Plateias), assim como não fica claro como se compreenderia a menção de Plutarco (referente aos frr. 15-16 W de Simônides).

2.5 Considerações Finais

Vimos, portanto, que, de acordo com a *Suda*, Simônides escreveu poemas narrativos sobre as naumaquias de Xerxes e Artemísio em dísticos elegíacos, sobre a naumaquia de Salamina em versos líricos, mas não há menção a qualquer poema sobre a batalha de Plateias. Dos fragmentos supérstites, atribui-se os frr. 1-4 W ao poema de Artemísio, os frr. 5-9 W ao poema de Salamina, os frr. 10-17 W à elegia de Plateias e os frr. 18-22 W são aparentemente simposiais.

Com relação aos fragmentos referentes à batalha de Artemísio, destacamos que esse confronto se dera supostamente ao mesmo tempo que a batalha das Termópilas, configurando-se também como uma vitória simbólica. O fr. 1 W menciona a ilha de Escíato, local onde a frota persa sofrera grandes baixas por causa de uma tempestade. Escíato também é próxima de Esquiro, ilha associada a Aquiles (herói destacado no poema de Plateias) em uma passagem mitológica anterior à Guerra de Troia, em que Tétis esconde o herói entre as filhas do rei local a fim de evitar que fosse convocado para a guerra. Nos frr. 2-4 é mencionada a tempestade como um evento propiciado pelos heróis Zetes e Calais, filhos do deus-vento Bóreas. O uso dessas figuras mitológicas demonstra uma articulação por parte do poeta com o intuito de elevar

²⁰⁶ Plutarco, *Alexandre* 14.1; Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 17.4.1; Plutarco, *Demétrio* 25.3.

as narrativas de acontecimentos recentes ao plano mítico; um procedimento que aparece mais claramente no fr. 11 W.

Do poema sobre a batalha de Salamina, que ocorrera no estreito homônimo e se constituiu como a primeira vitória decisiva para os gregos nas Guerras Médicas, vimos no fr. 7 a menção a povos que compunham o exército Aquemênida e a um trompetista, provavelmente convocando ou sinalizando o início da batalha. No fr. 9 W, há uma possível menção aos soldados rasos (os “γυμνήτες”), fato que pode indicar que estratos mais populares também estariam presentes na récita desse poema. Pouco se pode afirmar, portanto, sobre esse poema, contudo podemos inferir que haveria alguma espécie de catálogo dos exércitos combatentes, destacando povos que constituíam ambos os exércitos.

Já a respeito do poema sobre a batalha de Plateias, embora não mencionado pela *Suda*, temos os mais extensos fragmentos. Essa batalha foi decisiva para os gregos, que, até então acoados pelos persas, passaram à ofensiva. Por esse fato, não é de se estranhar que Simônides tivesse dedicado um poema extenso ao louvo daqueles que pereceram nessa batalha. A figura mitológica de destaque nesse poema parece ser Aquiles (talvez conjuntamente com sua mãe, Tétis), ponto que parece ser aludido no mais incerto fr. 10 W. O fr. 11 W, porém, se constitui como o mais importante e bem preservado registro da elegia histórica e narrativa que possuímos hoje. Embora a maioria dos comentadores (ALONI, 2001; BOEDECKER, 2001a; OBBINK, 2001; RUTHERFORD, 2001) considere que o fragmento fosse parte de um poema dedicado à Batalha de Plateias, há outras suposições, como a de Pavese (1995) de que o poema trataria de Leônidas como tema central. De qualquer forma, vemos que Aquiles é a figura central no início do fr. 11 W, sendo invocado justamente em relação à sua morte e ao seu funeral. É curioso, nesse sentido, o destaque dado a Pátroclo (v. 6), em relação ao fato de ele e Aquiles compartilharem a mesma urna funerária, e à Tétis (vv. 19-20).

No verso 19, porém, começa uma transição entre a figura de Aquiles, representativa do passado mitológico, para o tema da batalha de Plateias. O poeta se posiciona, assim, quase como uma extensão de Homero (responsável por eternizar os heróis do passado), encarregando-se de tornar perene a memória dos combatentes em Plateias. No verso 21, porém, Simônides invoca as musas enquanto “aliadas”, uma mudança de paradigma que pode se dar pela contemporaneidade dos eventos narrados, dos quais o poeta tem sua própria memória; talvez em oposição a Homero que compora seus versos muito após a Guerra de Troia. No verso 25, Esparta parece ser destacada em relação às demais cidades gregas, destaque que é corroborado pela singularização de Pausânias no v. 34. Esse fato, no entanto, não necessariamente indica que Esparta ou Pausânias fossem os patronos do poeta, como vimos ao considerar mais

especificamente os possíveis festivais em que o poema fora recitado. Do verso 29 ao fim do fragmento, é descrita a marcha até Elêusis (local onde as tropas se reuniram antes da batalha), a qual se inicia em Esparta e vai agregando exércitos aliados pelo caminho.

O fr. 13 W apresenta o que parece ser a antecipação da batalha, havendo uma aparente ênfase na figura dos Heraclidas, a dinastia dos reis de Esparta. No fr. 14 W é apresentado o vaticínio de Tisâmeno, considerado o mais importante adivinho dos espartanos durante a campanha das Guerras Médicas. Nesse vaticínio, Tisâmeno indicava que o exército grego não deveria cruzar o rio Asopo, mas esperar em sua margem do rio pela investida persa a fim de garantir a vitória. A presença de tal profecia no poema de Plateias corrobora a tese de que se trata de um poema mais longo, observando que seriam narrados vários momentos que antecederiam a batalha. Os frr. 15-16 W parecem se referir a essa seção preliminar à batalha na elegia de Plateias, havendo nesses versos uma espécie de catálogo, do qual temos mais propriamente a menção a Corinto. No fr. 17 W, embora só foi conservada a parte inicial dos versos, logo no primeiro verso há uma referência à Deméter ou ao seu templo, que pode se tratar do templo de Deméter Eleusina perto do qual transcorreu parte da batalha.

Os frr. 18-22 W são aparentemente simposiais, porém contém temas interessantes à discussão da elegia narrativa. O fr. 18 W é interessante por conter possivelmente a descrição de uma cena de batalha, enquanto os frr. 19-20 apresentam uma intertextualidade com Homero (uma relação já vista no fr. 11 W). No fr. 19 W, Simônides cita diretamente Homero, destacando sua tópica da geração das folhas, que compara a brevidade da vida humana com a das folhas. Esse tema também foi explorado por Mimnermo (fr. 2 W), de modo que Simônides poderia também estar dialogando com esse outro poeta elegíaco. Rutherford (2001, p. 50) acredita que esse fragmento poderia operar como uma *sphragis* (o selo) do poema de Plateias, lembrando da brevidade da vida ao lamentar os que pereceram em Plateias. O fr. 20 W parece continuar a abordagem da tópica da brevidade da vida, destacando a necessidade de aproveitar ao máximo a juventude, talvez não em sentido hedonista, mas no sentido de adquirir honra durante o breve tempo de existência. O fr. 21 W, porém, apresenta o poeta lamentando a perda da juventude e a fraqueza da velhice. O intuito desse lamento parece ser voltado à impossibilidade da concretização do desejo amoroso, um tema mais propriamente simposial.

No fr. 22 W, temos uma tópica diferente, na qual o Eu indica um desejo de viajar para a Ilha dos Bem-aventurados e de reencontrar Equecrátides, possivelmente um nobre tessálio. Envoltos em uma certa polêmica, esse fragmento possui uma leitura interessante para a nossa discussão proposta por Yatromanolakis (2001), segundo a qual o fr. 22 W se trata de uma elegia trenódica, que poderia inclusive ser composta para ser executada pela viúva de Equecrátides.

Embora ainda sejam necessários mais materiais para defender essa teoria, ela demonstraria uma associação mais antiga entre elegia e treno (lamento fúnebre) e nos leva a refletir se a própria elegia de Plateias não poderia ter também uma característica mais eminentemente trenódica, voltada ao lamento daqueles que pereceram em batalha – o que não exclui um sentido encomiástico aos vitoriosos.

Comentamos, além da análise individual dos fragmentos, sobre a implicação do general espartano Pausânias ser mencionado em particular no fr. 11 W. Essa menção traz uma limitação ao período de execução do poema, considerando que o general caiu em desprestígio e foi morto poucos anos após sua vitória em Plateias. Assim, a performance teria se dado entre um ou dois anos após a batalha (que ocorrera por volta de 479). A partir dessa limitação, consideramos possíveis festivais em que o poema fora recitado. Desse modo, observamos diferentes propostas oferecidas pelos estudiosos. As suposições, em geral, consideraram festivais de caráter pan-helênico (como os festivais de Eleuteria em Plateias, Delfos, Anficionia de Antélia, o *Achilleion*, nas Panatenaias ou no Istmo de Corinto). Há também considerações que poderia ter sido composto para uma cidade em particular, sendo a possibilidade mais plausível a cidade de Esparta.

Embora Esparta pareça uma forte candidata a ter sido o contexto original de performance pela proeminência dada a ela e Pausânias, a menção de Plutarco²⁰⁷ indica um contexto pan-helênico como mais adequado. O destaque dado a Esparta e Pausânias, portanto, pode se dar não por serem os únicos patronos do poema, mas pela liderança que tiveram na batalha em questão. Não temos muitas bases para indicar o festival mais adequado, mas destacamos o festival de Eleuteria em Plateias – pelas várias inscrições e túmulos dedicados que pereceram nessa batalha – e Delfos, tanto pela importância religiosa da cidade quanto por ser o local onde fora dedicado o “arrogante” epigrama 17(a) FGE de Pausânias, cuja autoria é atribuída a Simônides. Portanto, vemos como esses fragmentos de Simônides, de modo geral, denotam o intuito do poeta de aproximar os feitos dos heróis do passado recente aos do passado (talvez como forma de incorporá-los no próprio panteão de heróis gregos). Também se nota uma possível finalidade trenódica, considerando o lamento não como um fim em si próprio, mas como uma forma de encômio e de permanência dos guerreiros do passado recente.

²⁰⁷ *De Malignitate Herodoti* 872d-e.

3 ARQUÍLOCO DE PAROS E A NARRATIVA DO MITO DE TÉLEFO

Arquíloco de Paros foi um poeta especialmente famoso por seu caráter jocoso, que por muitas vezes acabou associado à sua própria identidade. Assim, uma nova faceta do poeta foi revelada a partir da edição do *P. Oxy 4708* em 2005 realizada por Dirk Obbink, que apresentou no fr. 1 uma narrativa mitológica de aproximadamente 25 versos em uma composição do poeta, que também é o exemplo mais antigo de uma narrativa desse tipo em uma elegia (SWIFT, 2019, p. 227-228). Uma abordagem mais detida sobre esse fragmento já foi apresentada em Rosa (2016) e Brunhara & Rosa (2018), de modo que apresentaremos aqui uma leitura mais direcionada à questão da elegia histórica, deixando de lado alguns elementos mais detidos da reconstrução desse texto que podem ser encontrados nas fontes citadas.

Apresentaremos neste capítulo, portanto, o fr. 1 do *P. Oxy 4708* (= fr. 17a Swift) que traz um curioso relato do mito de Télefo, aparentemente em contraposição a um evento do contemporâneo do poeta, cujo contexto de performance original poderia ser tanto uma ocasião pública quanto um festival. Abordaremos também os demais fragmentos do *P. Oxy 4708* (fr. 2-8 = fr. 17b-h Swift) que são, no entanto, largamente ilegíveis, assim como dois fragmentos anteriormente considerados como os *adespota elegiacae*, 62 e 63 W, mas incluídos por Laura Swift (2019) em sua edição como de Arquíloco (formando os fr. 17i-j Swift) e possivelmente relacionados ao poema do *P. Oxy 4708*. Se, de fato, estiverem relacionados a esse poema, podem fornecer novas perspectivas para a leitura do fr. 17a Swift como a ligação com a Guerra Lelantina.

O fr. 1 do *P. Oxy 4708* (= fr. 17a Swift) constitui o único relato narrativo mais extenso que possuímos de Arquíloco. Embora lide com figuras mitológicas importantes, como os guerreiros gregos que combateram em Troia e Télefo, filho de Hércules, o poeta parece manipular os sentidos tradicionais desse mito, criando um claro contraste entre a “γνώμη” (“moral”) inicial, apresentada nos versos 3-4, e a narrativa mitológica que utiliza para ilustrá-la, como veremos abaixo em uma tradução baseada no texto da edição de Obbink (2005):

.....
]....[
] [εἰ δὲ] . [. . . .] . [.] . . θεοῦ κρατερῆ[ς ὑπ’ ἀνάγκης
 οὐ χρὴ ἀν[α]λ[κείη]ν και κακότητα λέγει[ν].
 π]ήμ[α]τ’ εὔ [εἴμ]εθα δ[ῆ]ι]α φυγεῖν· φεύγ[ειν δὲ τις ὄρη·
 καί ποτ[ε μ]οῦνος ἐὼν Τήλεφος Ἄρκα[σίδης] 5
 Ἄργείων ἐφόβησε πολλὴν στρατ[όν,] οἱ δὲ φέβοντο
 ἄλκιμ[οι,] ἢ τόσα δὴ μοῖρα θεῶν ἐφόβει,
 αἰχμηταί περ ἐόντε[ς.] εὐρρείτης δὲ Κ[αῖκος]
 π]ιπτόντων νεκύων στείνετο καὶ [πεδίου
 Μύσιον, οἱ δ’ ἐπὶ θῖνα πολυφλοισβοῖ[ο θαλάσσης] 10

χέρσ’] ὑπ’ ἀμειλίκτου φωτὸς ἐναιρό[μενοι
 προ]τροπάδην ἀπέκλινον εὐκνήμ[ιδες Ἴαχαιοί·
 ἀ]σπάσιοι δ’ ἐς νέας ὠ[κ]υπόρ[ο]υς [ἐσέβαν
 παῖδές τ’ ἀθανάτων καὶ ἀδελφεοί, [οὓς Ἴαγαμέμνων
 Ἴλιον εἰς ἱερὴν ἤγε μαχησομένο[υς· 15
 ο]ἱ δὲ τότε βλαφθέντες ὁδοῦ παρὰ θ[ῆ]ν’ ἀφίκοντο·
 Τε]ύθραντος δ’ ἐρατὴν πρὸς πόλιν [ἐ]ξ[έ]πεσον·
 ἔ]νθα [μ]ένος πνεύοντες ὁμῶς αὐτο[ί] τε καὶ ἵπποι
 ἀ]φρ[αδί]ηι μεγάλως θυμὸν ἀκηχέ[δατο·
 φ]άντο γὰρ ὑψίπυλον Τρώων πόλιν εἰσ[ἀναβαίνειν 20
 αἶ]ψα· μ[ά]την δ’ ἐπάτεον Μυσίδα πυροφόρο[ν·
 Ἡρακλ]έης δ’ ἦντησ[ε] βοῶν ταλ[α]κάρδιον [υἰόν, ἧ
 οὔ]ρον ἀμ[εῖ]λικ[τον] δηῖοι ἐν [πολ]έμ[ωι
 Τ]ήλεφον ὃς Δαναοῖσι κακὴν [τ]ό[τε] φύζαν ἐνόρσας
 ἦ]ρειδε [πρό]μαχος, πατρὶ χαριζόμενος 25
 ...] [.] [
 ...] . [.] ... [.....] .. [
 ...] [.....] . θα . [

Se ... sob forte compulsão do deus

Não se deve falar em fraqueza ou covardia:

corretamente nos apressamos para fugir do sofrimento hostil. Há uma hora para fugir.

Uma vez sozinho, até mesmo Télefo Arcáside 5

afugentou o grande exército dos argivos, e eles se puseram em fuga, os valentes, tanto o destino dos deuses os afugentava, embora fossem lanceiros. O rio Caico de belo fluir atulhou-se com os corpos que sucumbiam, e também a planície mísica. Eles que na margem do mar undísono 10 pelas mãos do inexorável mortal foram mortos, os aqueus de belas grevas, dispararam em retirada, de bom grado embarcando nos navios singrantes, filhos e irmãos dos imortais que Agamêmnon levava à sacra Ílion para lutar. 15

Eles, então, desviados do caminho, chegaram à praia e arremeteram contra a amável cidade de Teutras.

Ali, sorvendo furor, tanto eles quanto os corcéis, por sua estultícia muito no espírito lamentaram;

Pois pensavam adentrar Troia de altos portões 20 rapidamente; em vão pisavam na Mísia dadora de trigo.

Héacles vem de encontro a eles, clamando pelo filho de coração indômito, guardião inexorável na batalha hostil,

Télefo, que incitou os Dânaos à fuga má, e lutava na frente, agraciando o pai. 25²⁰⁸

Vemos assim que o poeta articula sua moral inicial sobre a validade da fuga quando compelida por um deus com uma narrativa que, apesar de demonstrar como até mesmo grandes heróis do passado fugiram, se detém no enaltecimento da glória do vencedor, Télefo; algo que ecoa a própria *aristeia* de Aquiles no canto 21 da *Iliada*, que também atulha o rio com os

²⁰⁸ Tradução apresentada anteriormente em Rosa (2016) e Brunhara & Rosa (2018).

cadáveres de seus inimigos²⁰⁹. Assim, o poeta parece motivar uma dupla identificação em sua audiência: com os guerreiros gregos e com o herói Télefo (SWIFT, 2014, p. 443-444). Embora rei da Mísia, Télefo era natural da Arcádia, filho de Auge e Hércules. Há muitas versões para o mito de seu nascimento, mas a variante mais comum destaca que seu avô Aleu recebeu um oráculo que alertava que o neto o destronaria. Assim, ele consagra sua única filha como sacerdotisa de Atenas, função que exigia a virgindade. Porém, quando Hércules passa pela região, ele seduz Auge, que assim engravida de Télefo. O avô ao saber da gravidez expulsa ambos – em algumas variantes são postos em um barco à deriva no mar, juntos ou apenas Télefo²¹⁰. Posteriormente, porém, são acolhidos pelo rei Teutras da Mísia, região da Ásia Menor habitada por um povo anatólio, não-grego, de modo que Télefo acaba herdando o trono da região.

O mito narrado por Arquíloco, no entanto, trata de um episódio específico, apresentado na *Cípria*²¹¹, no qual, ainda sem conseguir encontrar o caminho para Troia, o exército grego acaba desembarcando por engano na Mísia e, considerando ser essa a terra dos troianos, atacam a região. Télefo, indignado com o ataque fortuito, expulsa os invasores em um grande exemplo de virtude guerreira. Porém, na maioria das variantes do mito, por interferência de Dioniso, o herói também acaba ferido por Aquiles na coxa. Esta ferida se mostra incurável e faz Télefo, orientado por um oráculo, procurar Aquiles em Argos²¹² a fim de propor a troca de sua cura pela instrução do caminho para Troia (episódio que teria sido tema de peças dos três grandes tragediógrafos: Ésquilo, Sófocles e Eurípides).

Desse modo, vemos que, apesar de Télefo ser rei de um povo oriental, ele possui uma forte associação com a Arcádia – terra que os habitantes de Paros, terra natal de Arquíloco, atribuíam sua origem pelo fundador Parásio²¹³ (SWIFT, 2019, p. 230). Além disso, a ligação de Télefo com seu pai Hércules faz dele um herói frequente nas mitologias fundacionais de cidades gregas – sendo, por exemplo, considerado o herói fundador de Pérgamo, na Anatólia, cujo povo traçava sua ancestralidade aos árcades que acompanharam Télefo em sua ida à Mísia²¹⁴. Pouilloux (1954) destaca a importância do culto de Hércules em Tasos, onde era venerado como um deus (p. 21) em um culto que apresenta influência de povos anatólios (p.

²⁰⁹ *Iliada* 21.218.

²¹⁰ Pausânias (*Descrição da Grécia* 8.4.9) descreve que Aleu colocou Télefo e Auge em um caixote à deriva no mar e que, ao chegarem na Mísia, Teutras se casa com Auge e torna-se pai adotivo de Auge. Hesíodo no *Catálogo das Mulheres* (fr. 165, vv. 1-14) traz um relato diferente, no qual Auge aparentemente já se encontra na Mísia, sendo adotada como filha por Teutras, concebendo Télefo na região.

²¹¹ Proclo, epítome da *Crestomatia*, 1.125-134.

²¹² Proclo, epítome da *Crestomatia*, 1.130-135; Higino *Fábulas* 101; Dictis Cretensis 2.10.

²¹³ Estêvão de Bizâncio, *Étnica* 507.5-8; Heraclides Lembos 25 Dilts.

²¹⁴ Pausânias, *Descrição da Grécia* 1.4.6.

50). Desse modo, considerando a religião praticada em Tasos como influenciada por povos anatólios não-gregos, a imagem de Télefo como rei mísio parece não apresentar contradição alguma para o poeta ou sua audiência. A cidade ainda apresenta um importante templo dedicado a Hércules, o *Heracleion*, que seria bastante anterior ao tempo de Arquíloco, assim como um festival dedicado ao deus, o festival de *Heracleia*. Esse festival seria restrito à classe dirigente local, configurando-se como um ritual de caráter restrito ao grupo de aristocratas militares de Tasos (POUILLOUX, 1954, p. 29 e 369). Esse ambiente é propício para um poema como o do fr. 17a Swift, que trata de uma temática épica em linguagem formal ao mesmo tempo que usa um tom humorístico. Isso poderia ocorrer devido ao festival ser religioso, mas com um aspecto fechado de grupo, que permitiria certa liberdade no manejo do material mitológico.

Além disso, num dos portais de entrada da cidade havia uma inscrição²¹⁵ e um friso dedicado a Hércules e Dioniso, considerados os patronos da cidade, sendo que este último também possuía um templo local (WALSH, 2009, p. 179). Desse modo, uma possível continuação ao fr. 17a Swift poderia conter a narrativa de Télefo sendo ferido por intermédio de Dioniso, o que também seria um ponto que agregaria ao tom de desestabilização da audiência, que estaria, além de dividida em sua identificação com Télefo e com os aqueus, também indecisa em relação aos deuses Hércules e Dioniso. Vemos assim que o emprego do mito pelo poeta é repleto de nuances, que podem ter, além do tom cômico, a intenção de desestabilizar a audiência em relação ao sentido da moral e do mito apresentados.

Isso demonstra como o poeta não faz simplesmente uma apologia da fuga, mas define um contexto bastante específico (de se fugir sob forte compulsão do deus), que continua sendo algo indesejável e esteticamente “feio” (“κακήν”, v. 24). Essa tensão entre a fuga como desculpável, porém indesejada, somada à descrição do ataque atrapalhado dos gregos na Mísia destacam o aspecto cômico da passagem. Assim, é interessante conjecturar qual poderia ser o acontecimento central do poema, para o qual a narrativa do desembarque frustrado dos aqueus serve de exemplo e de contraponto.

Bowie (2010, p. 150-151) defende que o tema central do poema poderia ser a narrativa de Hércules e Dejanira, que seria recitada no contexto de um festival público. Nessa perspectiva, porém, não estaria claro que situação poderia ter originado a apologia de Arquíloco, já que não temos exemplos na mitologia de alguma fuga de Hércules. Nobili (2009, p. 242-244) também crê na possibilidade de um festival público ser o contexto de performance, devido à diferença na linguagem utilizada. Essa diferença pode ser esclarecida contrastando esse fragmento, com

²¹⁵ IG XII.8.356.

contornos mais épicos – mais próximo ao estilo da *Inscrição de Sóstenes*, uma inscrição em Tasos de um aparente culto a Arquíloco, contando com relatos da colonização da região –, e o mais simposial fr. 5 W (no qual o poeta menospreza o fato de ter perdido um escudo). A autora considera que o modo como o mito de Télefo é tratado o faz de interesse público, motivo pelo qual o poeta lida com o tema da fuga com mais cautela, utilizando um exemplo mítico para embasá-lo e empregando a primeira pessoa do plural (ao contrário da primeira pessoa do singular no fr. 5 W).

Nobili (2009, p. 243) crê, porém, que o tema poderia ser a colonização de Tasos, uma vez que a parte supérstite talvez fosse um proêmio dedicado a Hércules (Ibid., p. 245) e que o desembarque aqueu refletia a própria colonização pária. A autora destaca ainda o mito da história antiga de Tasos (antes mesmo da colonização pária) relacionado à personagem mítica Telefassa (ou Télefe). Em algumas versões do mito, ela é esposa de Tasos²¹⁶, em outras, de Agenor²¹⁷. Nesta última variante, Telefassa é mãe de Europa e em sua peregrinação em busca da filha que havia sido raptada por Zeus acaba por falecer na ilha de Tasos. Em outro relato, Telefassa é aparentemente mãe de Tasos, que funda a cidade homônima após se ver incapaz de encontrar Europa²¹⁸. Telefassa remete, assim, a uma etapa mais antiga da mitologia da ilha de Tasos, antes do início da colonização pelos pários companheiros de Hércules²¹⁹. Télefo poderia funcionar, portanto, como um elo de ligação entre as figuras de Telefassa (pela semelhança de seus nomes) e de Hércules (do qual era filho), unindo assim essas duas etapas da mitologia da cidade de Tasos.

Swift (2012, 2014, 2019), porém, assim como Obbink (2006) e West (2006), prefere a visão de que o fragmento em questão trata de uma referência a um evento do passado recente do poeta. Swift (2017, p. 144) aponta a estrutura anelar como um exemplo de que a narrativa do mito de Télefo não se estenderia muito além do que possuímos hoje. No entanto, um problema que se apresenta para essa perspectiva é que se o objetivo fosse apenas exemplificar a moral inicial com a narrativa, não seriam necessários tantos versos para esse fim. Nesse sentido, West (2006, p. 15) pondera que, se o intuito do poeta fosse apenas evocar uma lenda conhecida por sua audiência, ele enunciaria apenas os versos 5-7. A narrativa mais alongada demonstra que o poeta tem um interesse especial em contar esta passagem do ciclo épico. Também seria de estranhar se o poeta não abordasse a continuação do mito em que Télefo é

²¹⁶ Harpocrático, *Léxico*, 77.2.

²¹⁷ Estêvão de Bizâncio, *Étnica* 306.14 Meineke.

²¹⁸ Apolodoro, *Biblioteca* 3.1.1.

²¹⁹ Apolodoro, *Biblioteca* 2.5.9.

ferido por Aquiles com a ajuda de Dioniso – o que agregaria sentido à moral inicial sobre a necessidade da fuga.

Porém, caso considerarmos – como Swift (2019) e Obbink (2006) – que o tema central do poema pode ser algum acontecimento ou batalha contemporânea do poeta, cremos que não poderia ser um evento muito próximo (uma batalha perdida), uma vez que isso evocaria sentimentos muito intensos em sua audiência, o que inviabilizaria o caráter cômico. Desse modo, a fuga que o poeta busca defender provavelmente ocorreria durante algum conflito em que o povo que constitui a audiência (provavelmente os tásios) teria saído vitorioso ao final. Sob a hipótese de estarmos lidando com um poema mais extenso, o recurso ao mito poderia ter até mesmo a função de um alívio cômico em um relato maior de conflitos colonizatórios ou militares.

Se analisarmos em conjunto com os demais fragmentos do *P. Oxy 4708* (frr. 17b-i Swift), encontramos indícios de que Arquíloco relataria acontecimentos militares nesse papiro, além do fr. 17a Swift, de modo que poderiam até mesmo fazer parte de um mesmo poema. Levando em conta o fr. 3 W, assim como o fr. 17j Swift (que veremos mais adiante neste capítulo), levantamos a hipótese que o poeta poderia estar tratando da Guerra Lelantina (ou algum conflito relacionado), que ocorreu na Eubeia entre Cálcis e Erétria e, segundo Tucídides²²⁰, seria a única a mover alianças de várias cidades gregas depois da Guerra de Troia e antes da Guerra do Peloponeso. Embora sejam escassas as fontes sobre essa guerra e haja bastante controvérsia sobre a sua real extensão²²¹, é interessante notar que a ilha de Paros, a terra natal de Arquíloco, é muito próxima da ilha de Tenos, que aparentemente fora um território erétrio antes da guerra²²². Assim, se o conflito, de fato, tivesse tomado proporções maiores envolvendo diversas cidades, provavelmente Paros teria participado de alguma forma desse conflito.

Nesse sentido, o próprio fato do mito do desembarque desastrado dos aqueus na Mísia se tratar de um conflito entre gregos, que não deveriam guerrear entre si, pode indicar um tom de crítica ou deboche do poeta em relação às causas ou à natureza do conflito entre Cálcis e Erétria – ou algum outro conflito local, talvez criticando o fato de os gregos lutarem entre si em vez de se ocuparem da ameaça de povos não gregos. Desse modo, trataremos agora dos demais fragmentos incluídos por Swift (2019) como parte do fr. 17, a fim de ver o contexto do papiro

²²⁰ *História da Guerra do Peloponeso* 1.15.

²²¹ Heródoto (*Histórias* 5.99) cita apenas que Samos apoiou Cálcis, e Mileto apoiou Erétria. Contudo, a partir da inferência dos aliados dessas cidades, outras poderiam também ter se somado ao conflito. Burn (1929) oferece a estimativa mais alta, considerando mais de 40 cidades possivelmente envolvidas. Para uma consideração mais cética sobre as possíveis cidades envolvidas, ver Tausend (1987, p. 501-503).

²²² Estrabão, *Geografia* 10.1.10.

ao qual o fr. 17a pertencia, assim como os possivelmente relacionados fr. 17i e 17j pertencentes ao *P. Oxy 2507*. A maioria desses fragmentos é largamente ilegível, de modo que faremos alguns comentários pontuais sobre os fragmentos e seus aspectos mais relevantes. No fr. 17b Swift (= *P. Oxy 4708* fr. 2), por exemplo, encontramos algumas poucas palavras legíveis que indicam um tema militar:

.]	ἐξοκ[
.	.].	ει
.	.]γε	σκέπαρ[νον
.	.]πατήρ	
.	.]ομενους . . . [5
.	.].	ἀρετῆι
.	.]κ[α]	κότητος
.	.]	
.	.].	. . .
.	.]	. [10
[.]ου	. [
	 [
] . [
		
.	.]ενκα[har	
.	.].	(?)
.	.](?)	εν[χό
.	.]pai	
.	.](?) . . . [5
.	.].	excelência
.	.]da	c[o]vardia
.	.]	
.	.].	. . .
.	.]	. [10
[.](?)	. [
	 [
] . [
		

No primeiro verso, o vocábulo “ἐξοκέλλω” tem o sentido de encalhar ou de “conduzir em direção a *algo*” (com o sentido de “abalroar”), de modo que este termo pode indicar uma batalha naval ou um desembarque. Já “ἐνχό” no verso 4 remete ao instrumento de carpintaria, talvez relacionado, no caso, à construção dos navios. O que configura esse fragmento como provavelmente tratando de uma cena de batalha, no entanto, são as menções à “excelência” e à “covardia” nos vv. 6 e 7, sendo que o termo que designa covardia (“κ[α]κότητος”) ecoa o v. 3 do fr. 17a.

O fr. 17c (= *P. Oxy 4708* fr. 3) é ainda mais exíguo de informações, contudo ainda parece seguir em um contexto de batalha naval:

ἐννοσι]γαίου []
] . . μεν ὄρφνη[ι]
]εῖν
]
]
]α .[
] .[
] .[

Do treme-]terra []
] . . para a escuridã[o]
](?)
]
]
] (?) .[
] .[
] .[

Vemos nesse fragmento a rápida menção ao “treme-terra” (“ἐννοσι]γαίου”) Posêidon, que traz a possibilidade um contexto náutico para esse fragmento também. Já o termo “ὄρφνη”, perceptível no segundo verso, remete à escuridão, em geral da noite, mas possuindo também usos em sentido figurado, como remetendo à “escuridão” do destino²²³ ou à escuridão das profundezas da terra, do caos ou do Hades²²⁴.

Os fragmentos restantes do *P. Oxy 4708* são ainda mais escassos de informações. O fr. 17d (= *P. Oxy* fr. 4) possui apenas um verso parcialmente legível, do qual nada podemos deduzir de seu contexto:

] . ης
] . []
]ν ὄφρ' ἔτι πασα[
] . []
] . . [5

] . (?)
] . []
](?) de modo que ainda todo[s]
] . []
] . . [5

Pela incerteza do único verso legível nesse fragmento, o máximo que podemos inferir é um contexto coletivo – caso o “todos” (“πασα[”) se refira a pessoas. No entanto, nem isso está claro.

²²³ Teógnis, *Teognideia* v. 1077.

²²⁴ Plutarco, *De primo frigido*, 952e

Vale dizer que nos privaremos aqui de apresentar os fragmentos que são completamente ilegíveis (como o Fr. 17e) e passamos, então, para o Fr. 17f (= *P. Oxy* 4708 fr. 6), que também parece indicar um contexto militar:

] . [
] . . . ο [
] ην . . . [
] . κτε [
] . . . ρεα [5
] ε . . . [] ε [
] . ιδα . . [
] πρωτ . . [
 ὀ]στέα λε[υκὰ
 .]. 'σ'σιδε . . [10
 .] . . . [] χηκ [
] . ε . . [
] . . . [
] . [.] . [

] . [
] . . . (?) [
] (?) . . . [
] . μα[ταρ(?)
] . . . (?) [5
] (?) . . . [] (?) [
] . (?) . . [
] primeiro(?) . . [
 ο]σσοσ b[rancoσ
 .]. metal(?) . . [10
 .] . . . [] (?) [
] . (?) . . [
] . . . [
] . [.] . [

Observa-se que a maioria dos termos traduzidos nesse fragmento, na verdade, são de leitura inconclusiva, como “matar” no verso 4 e “metal” no verso 10. Apenas o verso 9 apresenta uma reconstrução mais confiável, com a menção aos “ossos brancos” (“ὀ]στέα λε[υκὰ”). Essa expressão é de uso formular, aparecendo na *Iliada*, por exemplo, na descrição do golpe que Idomeneu desfere em Erimante (Canto 17, vv. 345-347). Mais interessante, contudo, é o seu uso em contextos fúnebres como ao descrever os ossos de Pátroclo sendo depositados na urna²²⁵ e os restos mortais de Heitor²²⁶. Desse modo, poderíamos aqui estar diante de uma cena de batalha ou fúnebre, talvez (seguindo a discussão sobre a elegia fúnebre

²²⁵ *Iliada* 23.252.

²²⁶ *Iliada* 24.793.

feita no capítulo sobre Simônides de Ceos) em um contexto público de lamento a guerreiros do passado.

Os fr. 17g e 17h também são completamente ilegíveis, de modo que trataremos agora dos fragmentos obtidos a partir do *P. Oxy 2507* anteriormente catalogados como parte dos *adespota elegiaca*. Esses fragmentos contêm referências mais diretas a cenas de batalhas, assim como aos povos participantes. Desse modo, vejamos o fr. 17i Swift (= *P. Oxy 2507*; *adespota elegiaca* 61 W):

.]νοσ[
 .]λος ατε[
 .].η πολυω[νυμ-
 .]μιν πῆμ' ἐφύτ[ευσε βροτοῖς
 . ο]ῦκ ἂν ἔγωγε μ[5
 .]των φάσγανον[
 .]ην μοι κεχαρισμ[έν-
 .]νεην Θεσσαλ[
 .]στος Ἀθηναίησ[
 .]ν δῶρον ἐπιστ[αμεν- 10
 . ἀ]λκὴν ἐρρύσατο .[
 .]δακρυόεντα β[έλεα
 .]η πυρὶ μὲν πολυ[
 .]γος λάμπετο και[ομεν-
 .]([?)[
 .]([?)[
 .].(?) muitos η[ομες
 .]([?) calamidades eng[endrou aos mortais
 . n]ão faria(?) eu[5
 .]([?) espada[
 .]([?) a mim agraci[an-
 .]([?) Tessál[ia
 .]([?) Atenienses[
 .]([?) regalos conheç[en- 10
 . c]oragem defendeu .[
 .]lacrimosos d[ardos
 .]([?) fogo e muito[
 .]([?) flamejou que[imando(?]

A expressão “de muitos nomes” (“πολυω[νυμ”) no terceiro verso sugere a presença de uma divindade, provavelmente a que engendra males aos mortais no verso seguinte. É interessante notar que o mesmo adjetivo é utilizado para se referir à Musa no fr. 11 W (v. 21) de Simônides. Esse não parece ser o caso aqui, uma vez que, no verso seguinte, a divindade é descrita como causadora de calamidades, o que não é compatível com a imagem das Musas.

No quinto verso, há ainda o uso da primeira pessoa, não sendo possível afirmar, porém, se se trata da voz do poeta ou de alguma personagem. O contexto militar é refletido pelas

referências à “espada” (“φάσγανον”, v. 6), à “coragem” (“ἀ]λκὴν”, v. 11), aos “lacrimosos dardos” (“δακρυόεντα β[έλεα”, v. 12), assim como ao “fogo” (“πυρὶ”, v. 13), que pode remeter à destruição de alguma cidade ou fortaleza. A menção à Tessália e aos atenienses (vv. 8-9) indica uma precisão por parte do poeta em relação aos acontecimentos abordados, dos quais, no entanto, não temos informações exatas. Podem, no entanto, se relacionar a algum conflito da Guerra Lelantina, uma vez que a participação da Tessália no conflito é geralmente aceita²²⁷. No entanto, o Fr. 17j (= *P. Oxy 2508; adespota elegiaca 62 W*) nos traz o maior indicativo de que o poema desse papiro trataria de algum acontecimento da Guerra Lelantina:

.]	ην τετράφαλον[
.]	τοῖσιν ἔβη ταχύ[
.]	ἐν γὰρ τοῦτ' ἔπος α[
.]	ισιν ἓνα πρόμον[
.]	ας ἀσπίδας ἀντ[5
.]	τείνησι Καρύς[τι-	
.]	ον χῶρον Ἐρετρ[τέων	
.]	ν ἔργον ἐμήσατ[ο	
.]	πάλων βουσὶν ἐσ[
.]	ης ἐς ἀνάκτορ[ον	10
.]	δυσμενέων ἐ[
.]	οῦσα μένει δ' [
.]	ωνδ' εἶπε τάδ[
.]	ἐνοπὴν θωρή[
.]	ν ἄνδρα Διὶ ξυ[ν	15
.]	σ ἐχέτω δόμο[
.]	άνερα· τῶσφ.[
.]	λος ἔβη[
.]	τως ἔφε[
.]	άδων.[20
.]	ης ἀντ[
.]	εμουτ[
.]	άλι σὸν[
.]	έπαυσε[
.]	λης αἰτ[25
.]	(?) quadricórnio[
.]	ja eles foi rapidamente[
.]	pois nisso a palavra[
.]	(?) um dos que luta na dianteira[
.]	(?) escudos con[tra(?)	5
.]	estendendo Caris[to (<i>ou carístios</i>)	
.]	(?) a terra dos erétr[ios	
.]	(?) o trabalho concebera[m	
.]	(?) aos touros (?) [
.]	(?) ao palác[io	10
.]	dos inimigos (?) [
.]	(?) espera (?) [

²²⁷ Mencionada por Plutarco (*Moralia 760e-761b*).

.](?) disse essas[coisas(?)
 . g]rito (?) [
 .](?) homem junto de Zeu[s 15
 .](?) para que tenha (?) [
 .]homem (?) [
 .](?) foi [
 .](?) [
 .](?) [20
 .](?) [
 .](?) [
 .](?) [
 .]parou [
 .](?) [25

O fr. 17j, assim, nos oferece uma cena mais nítida de batalha, cujo cenário poderia ser a Erétria (mencionada no v. 7), palco da Guerra Lelantina, sendo possivelmente mencionada também a cidade de Caristo no v. 6, que também se situava na Eubeia, talvez também participante dos conflitos entre Cálcis e Erétria. Os elementos que indicam um contexto de batalha são vários: a menção ao elmo “quadricórnio” (“τετράφαλον”, v. 1), ao guerreiro que luta na linha de frente (“πρόμων”, v. 4), aos “inimigos” (“δυσμενέων”, v. 11). Talvez possa haver também uma referência a um sacrifício (de touros, mencionados no v. 9), assim como essa batalha pode ser narrada em tons míticos, como no fr. 11 W de Simônides, pela referência ao apoio de Zeus no v. 15. Desse modo, o poeta traz certos detalhes (como a menção à Erétria e a Caristo) que indicam a abordagem de um tema histórico (embora não saibamos a via de transmissão ou a proximidade temporal do poeta com os acontecimentos narrados).

Por fim, vemos que o contexto que envolve o fr. 17a Swift e os demais fragmentos do *P. Oxy 4709* é bastante incerto, não sendo possível saber nem mesmo se fariam parte de um mesmo poema. Contudo, a narrativa do mito de Télefo se mostra um exemplo importante de como a elegia poderia utilizar temas mitológicos para esclarecer ou contrapor lições que se abrem para o presente do poeta.

O fr. 17a Swift, portanto, poderia possivelmente estar presente em um poema mais longo, lidando talvez com a fundação e a colonização de Paros ou então com conflitos militares de um passado recente do poeta. Já em relação aos frs. 17 i-j Swift dos *P. Oxy 2507 e 2508*, temos menos certezas ainda, não sendo possível nem afirmar se fazem parte de um mesmo poema e muito menos do mesmo poema do *P. Oxy 4708*. Contudo, caso estejam relacionados, isso pode trazer à tona um importante material para conhecermos a Guerra Lelantina, tão escassa de informações.

4 A *ESMIRNEIDA* DE MIMNERMO

O poeta Mimnermo, tido já na antiguidade como um poeta do amor e do vinho²²⁸, aparentemente também se aventurou nas elegias narrativas, utilizando o dístico elegíaco para tratar de temas tanto do passado mítico quanto de eventos recentes. O nome *Esmirneida* para o título de um livro do poeta é testemunhado apenas uma vez na antiguidade em um comentário de um escoliasta²²⁹ a um dístico de Mimnermo (Fr. 13 Allen²³⁰), mas provavelmente relaciona-se também ao que Pausânias²³¹ (Fr. 14 Allen) chamava de a elegia da batalha dos esmirnenses contra os lídios de Giges, que seria extensa o bastante para conter um proêmio com invocação das musas (WEST, 1974, p. 73).

Poucos detalhes são oferecidos nesses relatos sobre a natureza desse poema, contudo, o título *Esmirneida*, remetendo à amazona Esmirna, pode indicar uma relação com o passado mítico e com a fundação da cidade de Esmirna na Ásia Menor. A descrição de Pausânias da obra como uma elegia sobre a batalha contra Giges indica, no entanto, um conteúdo militar relacionado a um passado recente (aos conflitos territoriais com o império lídio em expansão), e, se de fato contém relação com a fundação da cidade, narraria um amplo período histórico.

A existência de um poema relatando a guerra dos esmirnenses contra os lídios não deixa de ser algo intrigante, pois esse povo asiático estava em uma campanha na Ásia Menor que eventualmente o levou à conquista das principais cidades gregas da região. No período ligeiramente anterior a Mimnermo ou no início de sua vida, Giges havia tomado Cólofon (uma das principais candidatas à cidade natal do poeta, junto da própria Esmirna) e preparou um cerco a Esmirna, do qual os esmirnenses saíram vitoriosos. Uma etimologia proposta por Pasquali (1923, 1935 apud WEST, 1974, p. 73) para o nome Mimnermo sugere que o termo é oriundo do rio Hermo devido à vitória dos esmirnenses ter ocorrido às suas margens. No entanto, tal proposta possui pouca confirmação devido à frequência de nomes jônicos com essa terminação, de modo que Adrados (2007, p. 208), por exemplo, considera que se trata de um nome de origem asiática e teofórico (relacionado a alguma deidade). A investida dos lídios contra os esmirnenses seria concretizada, porém, com o bisneto de Giges, Aliates; período que

²²⁸ Propércio 1.9.11-12; Horácio, *Epístolas* 1.6.65-66.

²²⁹ *Comentário a Antímaco de Cólofon* F 180 Wyss.

²³⁰ Para Mimnermo, seguiremos os números dos fragmentos baseados na edição de Allen (1993), por se tratar de um comentário bastante abrangente e detido na obra desse poeta, ao invés da edição de West (1998), usada como referência para os demais elegíacos abordados neste trabalho. Para o leitor que preferir acompanhar a edição de West, destacamos que a numeração é praticamente idêntica com exceção dos frs. 13, 14, 15, 16 Allen (que correspondem respectivamente aos frs. 13a, 13, 14, 15& 16 West) e os frs. 22 e 23 Allen (correspondentes aos frs. 21a e 22 West).

²³¹ *Descrição da Grécia*, 9.29.4.

pode ser a motivação do fr. 15 Allen, no qual Mimnermo parece contrapor a inaptidão dos esmirnenses contemporâneos com a excelência dos seus antepassados (que conseguiram derrotar Gíges nas margens do Hermo). Assim, embora a vitória contra Gíges tenha sido importante, os conflitos com os lídios e a ameaça desse império ainda eram muito presentes, o que pode conferir também um caráter exortativo ou exemplar ao poema de Mimnermo, possuindo uma função de motivar e incitar seus concidadãos à ação no presente.

O fr. 9 Allen ainda traz uma breve descrição da fundação de Esmirna e dos primeiros habitantes da cidade com menções aos colonizadores jônicos que datariam do período de aproximadamente 1000 a.C. A menção a esse passado distante pode, porém, ter o intuito de relembrar os contemporâneos do poeta da importância e da antiguidade de sua cidade, talvez com a conotação de exortá-los a defendê-la no presente. É interessante notar que Estrabão²³², fonte desse fragmento, afirma que ele se encontrava no livro *Nanó*; o que não impede, porém, que fosse parte da *Esmirneida*, como veremos mais adiante. Nesse sentido, Allen (1993, p. 23) acredita que apenas o fr. 13 pertenceria sem sombra de dúvidas à *Esmirneida*, descartando os frs. 9 e 15 Allen por considerar que seriam exortativos e pertencentes a outros poemas que tratavam de conteúdos similares. Adrados (2007, p. 210-211), porém, embora desconsidere em grande parte a possibilidade de uma elegia inteiramente narrativa, postulava esses três fragmentos (9, 13 e 15 Allen), assim como possivelmente o fr. 17 Allen, como parte da *Esmirneida*, ponderando, porém, que os elementos históricos teriam a função de exemplo mítico para fins parenéticos, ou seja, para exortar os concidadãos à batalha contra os seus inimigos. Assim, mesmo que nem todos esses fragmentos sejam parte da *Esmirneida*, eles ainda se mostram interessantes para nossa investigação, uma vez que tratam de conteúdos míticos e históricos em dísticos elegíacos, de modo que veremos ao longo deste capítulo as possibilidades de exercerem a função de exemplo ou de atuarem como narrativas independentes.

Com a dificuldade de precisar quais fragmentos compõem a *Esmirneida*, a extensão e o conteúdo dessa obra são ainda mais incertos. Allen (1993, p. 25) julga que, se o centro do poema é a batalha contra Gíges, como testemunha Pausânias, a menção à fundação da cidade só poderia ser feita como uma breve digressão. Considera também que o poema não poderia ser muito grande, contendo por volta de 400 a 500 versos apenas, possivelmente estando dentro do outro livro de Mimnermo, o mais testemunhado *Nanó*. Este último era provavelmente uma edição, uma compilação, helenística de diversos poemas simposiais breves de Mimnermo, algo semelhante ao processo de formação da *Teognideia* de Teógnis. No entanto, o poeta alexandrino

²³² *Geografia*, 14.634.

Calímaco²³³, famoso por sua predileção pela poesia breve e concisa, faz um contraste entre duas obras aparentemente de Mimnermo:

.....]ι μοι Τελχῖνες ἐπιτρύζουσιν ἀοιδῆ,
 νήιδες οἱ Μούσης οὐκ ἐγένοντο φίλοι,
 εἵνεκεν οὐχ ἔν ἄεισμα διηνεκὲς ἢ βασιλ[η
]ας ἐν πολλαῖς ἦνυσα χιλιάσιν
 ἦ.....].ους ἦρωας, ἔπος δ' ἐπὶ τυτθὸν ἐλ[ίσσω
 παῖς ἄτε, τῶν δ' ἐτέων ἢ δεκάς οὐκ ὀλίγη.
].[.]και Τε[λ]χῖσιν ἐγὼ τόδε· ‘φῦλον α[
] τήκ[ειν] ἦπαρ ἐπιστάμενον,
].. ρειην [ὄλ]ιγόςτιχος· ἀλλὰ καθέλκει
πολὺ τὴν μακρὴν ὄμπνια Θεσμοφόρο[ς·
τοῖν δὲ] δροῖν Μίμνερμος ὅτι γλυκὺς, αἰ κατὰ λεπτόν
] ἡ μεγάλη δ' οὐκ ἐδίδαξε γυνή.

...] minha canção, os Telquines chiando,
 os inexperos da musa não se tornaram amigos,
 pois não em canto contínuo ou rainha
 ...] em muitos milhares cantei
 a....] herois, mas o verso sobre pouco desenrolo
 como um menino, embora as décadas de anos não sejam poucas.
].[.]e aos Telquines, eu [afirmo] isto: raça [
] consumir o fígado sabendo,
].. desperdiçar os versos breves. Mas traz
 ... muito a grande fértil Legisladora.
Das duas, a mais doce de Mimnermo, as em breve
] ensinaram e não a grande mulher. (grifos meus)

Esse recorte, logo do início da *Aitia*, embora bastante fragmentário e com várias alusões às quais não temos mais acesso, apresenta uma defesa do poeta ao seu estilo poético em contraposição ao daqueles que chama de “telquines”. Os telquines foram um povo pré-helênico que seriam os primeiros habitantes de Creta, Rodes, entre outras localidades próximas. Eram tidos na mitologia como excelentes metalúrgicos (associados a Hefesto), porém péssimos artistas (CUENCA Y PRADO & BRIOSO, 1980, p. 138). Calímaco utiliza essa alegoria para representar seus adversários poéticos defensores dos grandes épicos, o que parece ser aludido no v. 3 com as menções ao “canto contínuo” e à “rainha” (que poderia representar as heroínas da poesia épica) e no v. 5 com a menção aos “heróis”. Os versos mais relevantes para a discussão aqui proposta, no entanto, são os versos 11 e 12 pela menção direta a Mimnermo e à “grande mulher”.

Várias conjecturas foram feitas sobre a que obras se referem “as em breve” e a “grande mulher”. Töchterle (1980, p. 226) resume os posicionamentos em duas hipóteses mais pertinentes, a primeira, que chama de “Nanno-These”, é que a “grande mulher” seria o livro

²³³ *Aitia* 1.1-12.

Nanó e “as em breve” seriam outros poemas menores. Já a segunda hipótese, chamada “Smyrneis-These”, é de que a “grande mulher” se refere à *Esmirneida* e “as em breve” à *Nanó*. Cabe mencionar aqui também que, assim como *Esmirna* remete a uma amazona, *Nanó* também remete a uma personagem feminina, uma aulista ou uma hetera, segundo alguns relatos da antiguidade (WEST, 1974, p. 75). Porém, a palavra *Nanó* também se aproxima de “νᾶνος” (“anão”), o que pode inviabilizar a *Nanno-These*, a não ser que Calímaco estivesse pensando em um jogo de imagens deliberado, opondo o título com a extensão do poema. Contudo, pelo que se sabe dessa obra, embora compusesse um livro, provavelmente seria uma amálgama de poemas simposiais breves, ou seja, do estilo favorito de Calímaco.

Por outro lado, Della Corte (1943, p. 11 apud ALLEN, 1993, p. 153) considera que a *Esmirneida* seria um poema de grande extensão e narrativo, como as elegias narrativas atribuídas a Xenófanes e Simônides. Colonna (1952 apud ALLEN, 1993, p. 153) considera que poderia ser um poema de “κτίσις” (de fundação) tratando das origens da cidade de Esmirna. Bowie (1986, p. 28) apoia a hipótese de Colonna e contraria objeções de que a associação de amazonas com a fundação de cidades na Ásia Menor seria tardia, do período helenístico, apoiando-se nos relatos de Pausânias²³⁴ e Hecateu de Mileto²³⁵. Töchterle (1980, p. 232-233) lembra que no período helenístico a amazona Esmirna também era associada à “μεγάλη μήτηρ” (“a grande mãe”), Cibele, uma relação que provavelmente não passaria despercebida para um aficionado por etimologias como Calímaco e que reforçaria a alusão da “grande mulher” à *Esmirneida*. Para Töchterle (1980, p. 233-234), a palavra “γλυκύτης” do verso 12 (em sua edição do texto), mais do que o sentido de “doçura”, possui também a conotação de “exemplar”²³⁶, de modo que a *Nanó* seria a grande inspiração para a obra de Calímaco. Nesse sentido, a “Smyrneis-These” parece ser a mais provável, levando em conta que haveria uma diferença bastante substancial tanto na extensão quanto no teor das obras *Esmirneida* e *Nanó*.

Há também uma suposição de que a “grande mulher” pudesse se referir não a uma obra de Mimnermo, mas à *Lyde* de Antímaco, uma vez que o título também remete a uma mulher e que, por ser uma obra extensa, é citada e criticada no fr. 398 Pf. de Calímaco (TÖCHTERLE, 1980, p. 226). Cuenca y Prado & Brioso (1980, p. 138) julgam, no entanto, pouco verosímil essa proposição, pois então seriam comparadas duas obras extensas de dois autores, o que não parece ser o objetivo de Calímaco.

Töchterle (1980, p. 227) ainda levanta a possibilidade da “grande mulher” estar

²³⁴ *Descrição da Grécia*, 7.2.6.

²³⁵ FGH 1 F 226.

²³⁶ Tradução minha: “vorbildlich”.

relacionada a algum poema de Filetas de Cos; desse modo, a intenção de Calímaco no excerto anterior seria de mencionar que a obra de Mimnermo, cujas obras em geral seriam mais breves, é mais *doce* que Filetas. Essa proposta se baseia essencialmente no Escólio Florentino²³⁷ referente a essa passagem da *Aitia* de Calímaco, o qual relata que:

[παρα]τίθεται τε ἐν ζ(υγ)κρίσει τὰ ὀλίγων στί[χ(ων) ὄν]τ(α) ποιήματα
Μιμνέρμου τοῦ Κο[λοφω]νίου καὶ Φιλίτα τοῦ Κόου βελτίονα τ(ῶν)
πολυστίχων αὐτ(ῶν) φάσκων εἶναι [.....]

Coloca em conjunto os poemas de Mimnermo que são de poucos versos dizendo serem melhores do que os longos versos de Filetas de Cos [...]

O Escólio Londrino²³⁸ também indica que Calímaco preferia Mimnermo a algum outro poeta, porém não menciona se esse poeta era Filetas. No entanto, na poesia latina, Calímaco e Filetas são várias vezes²³⁹ associados um ao outro, porém, sem indicação de oposição ou rivalidade entre eles. Töchterle (1980, p. 229-230) propõe também que o “μεγάλη” (“grande”) pode ser usado para se referir ao estilo e à dicção e não ao tamanho/extensão da obra. Dessa forma, a crítica seria ao “estilo pomposo”²⁴⁰ (Klein, 1975 apud Töchterle, 1980, p. 230) dos poetas épicos. Nesse sentido, a obra “ideal” para Calímaco seria a *Esmineida* de Mimnermo por ser um épico menor tanto em extensão quanto em tom. Allen (1993, p. 25), por exemplo, aponta que a *Esmirneida* seria um poema entre 500-600 versos, detendo-se apenas na batalha dos esmirnenses contra Gíges e não algo grande contendo entre 1500-2000 versos com a história de Esmirna desde sua fundação mítica. Desse modo, a *Esmirneida* poderia ser não um livro separado, mas uma parte da *Nanó*. Nessa linha de interpretação, a “grandeza” da *Esmirneida* residiria não no fato de ser uma obra muito extensa, mas em sua extensão comparada ao restante da obra de Mimnermo, assim como na dicção mais elevada. Deste modo, Allen resume sua posição sobre o intuito da menção de Calímaco a Mimnermo da seguinte maneira:

que melhor maneira de responder seus críticos do que lembrando-os de que até mesmo a modesta empreitada de Mimnermo na “épica”, em um poema que lidaria com pelo menos um rei, Gíges, e os heróis de um tempo passado, não teria contribuído em nada para aquela reputação de doçura que suas elegias de pequena-escala haviam garantido. (1993, p. 25)²⁴¹

²³⁷ PSI 1219, fr. 1 12-15 = Pfeiffer Bd. I, 3, V. 12-15 = Filetas fr. 5a Spoudanakis.

²³⁸ P. Lit. Lond. 181. Col. I. 5-6 = Pfeiffer Bd. I, 3, V. 5-6.

²³⁹ Propércio, *Elegias* 3.1; Quintiliano, *Institutos de Oratória* 10.1.58 (o autor afirma que Filetas está apenas atrás de Calímaco em qualidade entre os elegíacos); Ovídio, *A Arte de Amar* 3.329, *Remédios do Amor* v. 760.

²⁴⁰ Tradução minha: “high-flown style”.

²⁴¹ “what better way to answer those critics than to remind them that even Mimnermus' modest venture into 'epic', in a poem which had to do with at least one king, Gyges, and the heroes of an earlier day, had contributed nothing to that reputation for sweetness which his small-scale elegies had secured.”

Jacoby (1918, p. 298), em contraposição, propunha que Mimnermo seria pioneiro no que chama de “epílios elegíacos”²⁴² que seria algo novo e experimental em seu tempo, algo diferente das parêneses políticas de Tirteu e Sólon ou da poesia de cunho mais pessoal de Arquíloco. A posição de Jacoby assemelha-se e antecipa, de certa forma, a proposta de Bowie (1986) – de existirem obras narrativas (como um epílio, um pequeno épico) em dísticos elegíacos. Müller (1988, p. 206) também considera que o gênero da *Esmirneida* fosse próximo a epílios como *O Casamento de Peleu e Tétis* de Catulo.

Nas seções subsequentes, abordaremos alguns fragmentos de Mimnermo que remetem a uma temática épica e que assim poderiam fazer parte da *Esmirneida* ou de poemas elegíacos com conteúdo similar. De acordo com Allen (1993, p. 25), pode-se afirmar com algum grau de certeza apenas que o fr. 13 faria parte desse poema por ser o único a ter uma menção direta, porém o fr. 14 também tem grandes chances de remeter ao mesmo poema pela menção a um prêmio, o que seria uma característica de poemas de maior extensão e de dicção elevada. Também consideraremos poemas aparentemente exortativos, como os frr. 9 e 15, mas que remetem a episódios históricos como a fundação de Esmirna e os conflitos com os lídios.

4.1 Fr. 9 Allen - A colonização de Esmirna

O fr. 9 Allen, embora não possua qualquer inferência direta de ligação com a *Esmirneida*, é interessante por conter uma breve narrativa da colonização de Esmirna, remetendo aos primeiros imigrantes jônicos de Pilos na Messênia, que partiram para Cólofon e então Esmirna. Esse fragmento é conhecido através de uma citação feita por Estrabão²⁴³ em uma passagem interessante sobre a história de Esmirna, que possui também referências a Hipônax e Calino:

Αὗται μὲν δώδεκα Ἴωνικαὶ πόλεις, προσελήφθη δὲ χρόνοις ὕστερον καὶ Σμύρνα εἰς τὸ Ἴωνικὸν ἐναγαρόντων Ἐφεσίων· ἦσαν γὰρ αὐτοῖς σύνοικοι τὸ παλαιόν, ἠνίκα καὶ Σμύρνα ἐκαλεῖτο ἢ Ἐφεσος· καὶ Καλλίνος ποῦ οὕτως ὠνόμακεν αὐτήν, Σμυρναίους τοὺς Ἐφεσίους καλῶν ἐν τῷ πρὸς τὸν Δία λόγῳ

“Σμυρναίους δ' ἐλέησον” καὶ πάλιν “μνησαὶ δ' εἴκοτέ τοι “μηρία καλὰ βοῶν [Σμυρναῖοι κατέκησαν].”

Σμύρνα δ' ἦν Ἀμαζῶν ἢ κατασχοῦσα τὴν Ἐφεσον, ἀφ' ἧς τοῦνομα καὶ τοῖς ἀνθρώποις καὶ τῇ πόλει, ὡς καὶ ἀπὸ Σισύρβης Σισυρβίται τινὲς τῶν Ἐφεσίων ἐλέγοντο· καὶ τόπος δὲ τις τῆς Ἐφέσου Σμύρνα ἐκαλεῖτο, ὡς δηλοῖ Ἰππῶναξ

“ᾧκει δ' ὀπισθε τῆς πόλιος ἐνὶ Σμύρνη μεταξὺ Τρηχέης τε καὶ Λεπρῆς ἀκτῆς.”

²⁴² Tradução minha: “elegischen Epyllions”.

²⁴³ *Geografia*, 14.1.4.

ἐκαλεῖτο γὰρ Λεπρὴ μὲν ἀκτὴ ὁ πρῆων ὁ ὑπερκείμενος τῆς νῦν πόλεως, ἔχων μέρος τοῦ τείχους αὐτῆς· τὰ γοῦν ὀπισθεν τοῦ πρῆωνος κτήματα ἔτι νυνὶ λέγεται ἐν τῇ Ὀπισθολεπρία· Τραχεῖα δ' ἐκαλεῖτο ἡ περὶ τὸν Κορησσὸν παρώρειος· ἡ δὲ πόλις ἦν τὸ παλαιὸν περὶ τὸ Ἀθῆναιον τὸ νῦν ἔξω τῆς πόλεως ὄν κατὰ τὴν καλουμένην Ὑπέλαιον, ὥστε ἡ Σμύρνα ἦν κατὰ τὸ νῦν γυμνάσιον ὀπισθεν μὲν τῆς τότε πόλεως, μεταξύ δὲ Τρηχίης τε καὶ Λεπρῆς ἀκτῆς· ἀπελθόντες δὲ παρὰ τῶν Ἐφεσίων οἱ Σμυρναῖοι στρατεύουσιν ἐπὶ τὸν τόπον, ἐν ᾧ νῦν ἔστιν ἡ Σμύρνα, Λελέγων κατεχόντων· ἐκβαλόντες δ' αὐτοὺς ἔκτισαν τὴν παλαιὰν Σμύρναν διέχουσαν τῆς νῦν περὶ εἴκοσι σταδίου· ὕστερον δὲ ὑπὸ Αἰολέων ἐκπεσόντες κατέφυγον εἰς Κολοφῶνα, καὶ μετὰ τῶν ἐνθένδε ἐπιόντες τὴν σφετέραν ἀπέλαβον· καθάπερ καὶ Μίμνερος ἐν τῇ Ναννοῖ φράζει μνησθεὶς τῆς Σμύρνης ὅτι περιμάχητος αἰεὶ

Αἴψα δ' ἔπειτα Πύλου Νηλήιον ἄστῳ λιπόντες
 ἡμερτὴν Ἀσίην νηυσὶν ἀφικόμεθα,
 ἐς δ' ἐρατὴν Κολοφῶνα βίην ὑπέροπλον ἔχοντες
 ἐζόμεθ', ἀργαλῆς ὕβριος ἡγεμόνες·
 κεῖθεν δ' Ἀλήεντος ἀπορνύμενοι ποταμοῖο
 θεῶν βουλῆι Σμύρνην εἰλομεν Αἰολίδα.

Essas são as doze cidades jônicas, mas, algum tempo depois, também Esmirna foi incluída, sendo indicada pelos efésios pois foram vizinhos no passado, quando também Éfeso se chamava Esmirna. Calino também parece nomeá-la assim, chamando de esmirnenses os efésios no hino a Zeus:

“tende piedade dos esmirnenses” - e, de novo - “lembra-te se alguma vez belas coxas de bois os esmirnenses sacrificaram”.²⁴⁴

Esmirna era uma amazona que conquistou Éfeso, da qual vem o nome tanto das pessoas quanto da cidade, assim como a partir de Sísiβes alguns chamam os efésios de sisírbitas. Também um lugar de Éfeso era chamado de Esmirna, como esclarece Hipônax:

“Vivia atrás da cidade, em Esmirna,
 entre a Traqueia e o Monte Lepra”.²⁴⁵

Pois chama de Monte Lepra o promontório que se situa acima da cidade, possuindo parte da sua muralha. De qualquer modo, as possessões atrás do promontório são ainda chamadas de na “*Opistolepria*”²⁴⁶; e é chamada de Traqueia a parte em volta da montanha. A cidade no passado era em volta do Ateneu, o qual agora está fora da cidade no lugar chamado Hipeleu. Desse modo, Esmirna era perto do atual ginásio, atrás da cidade, entre Traqueias e o Monte Lepra. Separando-se dos efésios, os esmirnenses partiram para o local no qual agora se encontra Esmirna, dominada então pelos léleges. Expulsando-os, fundaram a antiga Esmirna, que se distancia da atual em vinte estádios. Posteriormente, sendo expulsos pelos eólios, fugiram para Cólofon, e, junto dos que lá habitam, retomaram sua própria terra. Dessa forma, Mimnermo na *Nanó* assim afirma, mencionando que Esmirna sempre foi disputada:

²⁴⁴ Fr. 2 W.

²⁴⁵ Fr. 50 W.

²⁴⁶ Palavra composta em grego a partir de ὀπισθεν (“atrás”) e “Ἀέπτρα” (“Lepra”, um nome próprio), possuindo assim o sentido de a “Lepra de trás”.

Logo após deixarem a cidade neleida de Pilos
à desejada Ásia em navios chegaram
na amada Cólofon, força esmagadora possuindo,
assentamo-nos, instigadores de dolorosa transgressão;
e a partir do rio Ales investindo
com o conselho dos deuses tomamos a eólida Esmirna.

Tratando primeiramente do relato de Estrabão, pode-se perceber a ênfase que o geógrafo dá à relação entre Esmirna e Éfeso, destacando a origem do nome *Esmirna* a partir de um bairro de Éfeso — para Jacoby (1918, p. 266), toda a cidade de Éfeso teria sido chamada de Esmirna e não apenas um bairro ou região — e que a relação entre as cidades teria se perpetuado, uma vez que a própria inclusão de Esmirna na liga das cidades jônicas na Ásia se deu pela mediação dos efésios. É destacada também a relação de Esmirna com Cólofon, que é considerada como refúgio dos Esmirnenses após serem expulsos de sua cidade por uma população eólica.

O fragmento de Mimnermo citado por Estrabão, porém, apresenta algumas particularidades que trazem desafios para a leitura do geógrafo. No fr. 9 Allen, a relação com Cólofon (e não com Éfeso) parece ser destacada, assim como são destacados os pílios da Messênia, e não os jônicos ou os efésios, como os colonizadores de Cólofon. Pilos é mencionada em seu epíteto ligado a Neleu, filho de Tiro e Poseidon e pai, dentre outros filhos, de Nestor, herói representante da sabedoria na *Iliada*. Segundo uma variante do mito²⁴⁷, Neleu teria fundado Pilos na Messênia após ter perdido a disputa pelo trono de Iolco para seu irmão, Pélias. Em outra variante²⁴⁸, a fundação da cidade é atribuída aos léleges (povo autóctone, provavelmente anterior à chegada dos gregos e dos indo-europeus à região), mencionados na passagem anterior de Estrabão também como os habitantes prévios de Esmirna. Nessa linha, porém, a ocupação dos léleges em Pilos teria sido breve, pois Neleu logo a teria conquistado com um exército de pelásgios vindos de Iolco.

Também é intrigante a menção à tomada da “eólida” Esmirna, parecendo implicar que os eólicos já habitavam a localidade. A fim de buscar esclarecer o contexto histórico mencionado por Mimnermo, podemos dividir, seguindo Allen (1993, p. 75-79), as etapas da colonização de Esmirna como: a imigração de Pilos a Cólofon, a colonização de Cólofon e, por fim, a conquista de Esmirna.

Os pílios citados por Mimnermo como colonizadores de Cólofon provavelmente seriam liderados por Andremon, mencionado nominalmente por Mimnermo no fr. 10 Allen.

²⁴⁷ Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca* 1.9.9.

²⁴⁸ Pausânias, *Descrição da Grécia* 4.36.1.

Pausânias²⁴⁹ pensa em Andremon provavelmente como jônico ao considerá-lo filho de Codro, o último rei mítico de Atenas, que, por sua vez, é filho de Melanto, um rei neleida de Pilos que, ao ser deposto pelos Heraclidas de Esparta, migra para Atenas, onde acaba se tornando rei. Assim, Mimnermo poderia estar se referindo aos pílios nesse sentido mais primevo de serem os ancestrais dos jônicos atenienses, descendentes do pílio Melanto. Allen acredita que o poeta se refira a uma migração direta de pílios para a Ásia Menor, uma vez que não apresenta passagens por Atenas ou qualquer outro lugar nessa rota e menciona apenas os pílios e Andremon como os fundadores de Cólofon (1993, p. 76). A leitura de Allen (1993), no entanto, nos parece um tanto rígida, desconsiderando um possível sentido mais “poético” à passagem.

Com relação à expressão “cidade neleida de Pilos” (“Πύλου Νηλήιον ἄστυ”), na *Iliada*²⁵⁰ parece haver uma distinção entre a “Πύλον Νηλήιον” (“neleida Pilos”) e a “ἄστυ” (“cidade”), sendo a primeira expressão utilizada para se referir ao território e a segunda apenas à cidade, ao centro urbano, de Pilos (ALLEN, 1993, p. 80) – distinção essa que não parece ser retomada por Mimnermo, que utiliza ambas nomeações no mesmo verso. Isso pode indicar tanto que o poeta desconhecia a distinção homérica quanto que não enfatizasse esse aspecto, talvez devido a essa distinção ter perdido seu sentido no período entre a obra homérica e a de Mimnermo.

Quanto ao período da imigração dos pílios, a obra *A vida de Homero* de Pseudo-Heródoto (um autor posterior, mas que se identifica como Heródoto) apresenta relatos sobre a fundação de Esmirna (que é, inclusive, apresentada como a verdadeira cidade natal de Homero). A partir dessa obra, Huxley (1956, p. 106) propõe que a fundação teria ocorrido em 1102 a.C. O ataque colofônio seria, assim, em qualquer momento entre 1100 e 800. Jacoby (1918, p. 264) também destaca que nessa obra Teseu (herói de caráter fortemente ateniense) é dado como fundador de Esmirna, o que pode indicar uma associação, ao menos na antiguidade tardia, entre Atenas e a colonização jônica da Ásia Menor.

Partindo, porém, para a etapa da colonização de Cólofon, existem mais relatos que podem ser contrapostos ao de Mimnermo. Com relação às origens de Cólofon, um testemunho interessante é fornecido por Pausânias²⁵¹:

Κολοφώνιοι δὲ τὸ μὲν ἱερὸν τὸ ἐν Κλάρῳ καὶ τὸ μαντεῖον ἐκ παλαιοτάτου γενέσθαι νομίζουσιν· ἔχοντων δὲ ἔτι τὴν Καρῶν ἀφικέσθαι φασὶν ἐς αὐτὴν πρῶτους τοῦ Ἑλληνικοῦ Κρηῖτας, Ῥάκιον καὶ ὅσον εἶπετο ἄλλο τῷ Ῥακίῳ [καὶ ὅσον ἔτι] πλῆθος, ἔχον τὰ ἐπὶ θαλάσσει καὶ ναυσὶν ἰσχυρὸν· τῆς δὲ χώρας τὴν

²⁴⁹ *Descrição da Grécia*, 7.3.5.

²⁵⁰ *Iliada* 11.682; 14.281; 21.128.

²⁵¹ *Descrição da Grécia*, 7.3.1-4.

πολλὴν ἐνέμοντο ἔτι οἱ Κᾶρες. Θερσάνδρου δὲ τοῦ Πολυνεΐκου καὶ Ἀργείων ἐλόντων Θήβας [καὶ] ἄλλοι τε αἰχμάλωτοι καὶ ἡ Μαντῶ τῷ Ἀπόλλωνι ἐκομίσθησαν ἐς Δελφούς· Τειρεσίαν δὲ κατὰ τὴν πορείαν τὸ χρεῶν (7.3.2) ἐπέλαβεν ἐν τῇ Ἀλιαρτίᾳ. ἐκπέμψαντος δὲ σφᾶς ἐς ἀποικίαν τοῦ θεοῦ, περαιοῦνται ναυσὶν ἐς τὴν Ἀσίαν, καὶ ὡς κατὰ τὴν Κλάρων ἐγένοντο, ἐπεξίασιν αὐτοῖς οἱ Κρήτες μετὰ ὄπλων καὶ ἀνάγουσιν ὡς τὸν Ῥάκιον· ὁ δὲ – μανθάνει γὰρ παρὰ τῆς Μαντοῦς οἵτινές τε ἀνθρώπων ὄντες καὶ κατὰ αἰτίαν ντινα ἦκουσι – λαμβάνει μὲν γυναῖκα τὴν Μαντῶ, ποιεῖται δὲ καὶ τοὺς σὺν αὐτῇ συνοίκους. Μόψος δὲ ὁ Ῥακίου καὶ Μαντοῦς καὶ τὸ παράπαν τοὺς Κᾶρας ἐξέβαλεν ἐκ τῆς (7.3.3) γῆς. Ἴωνες δὲ ὄρκους ποιησάμενοι πρὸς τοὺς ἐν Κολοφῶνι Ἕλληνας συνεπολιτεύοντο, οὐδὲν ἔχοντες πλεόν· βασιλείαν δὲ Ἴώνων ἡγεμόνες Δαμασίχθων λαμβάνει καὶ Πρόμηθος Κόδρου παῖδες. Πρόμηθος δὲ ὕστερον τὸν ἀδελφὸν Δαμασίχθωνα ἀποκτείνας ἔφυγεν ἐς Νάξον, καὶ ἀπέθανε μὲν αὐτόθι ἐν τῇ Νάξῳ, τὸν νεκρὸν δὲ οἵκαδε ἀπαχθέντα κατεδέξαντο οἱ Δαμασίχθωνος παῖδες· καὶ ἔνθα ὁ τοῦ Προμήθου τάφος, Πολυτειχίδες ὄνομά (7.3.4) ἐστὶ τῷ χωρίῳ. Κολοφωνίοις δὲ ὅπως μὲν τὴν πόλιν συνέπεσεν ἐρημωθῆναι, προεδήλωσέ μοι τοῦ λόγου τὰ ἐς Λυσιμάχων· ἐμαχέσαντο δὲ Λυσιμάχῳ καὶ Μακεδόσι Κολοφώνιοι τῶν ἀνοικισθέντων ἐς Ἔφεσον μόνοι, τοῖς δὲ ἀποθανοῦσιν ἐν τῇ μάχῃ Κολοφώνιον τε αὐτῶν καὶ Συμυρναίων ἐστὶν ὁ τάφος ἰόντι ἐς Κλάρων ἐν ἀριστερᾷ τῆς ὁδοῦ.

Os colofônios consideram que o templo e o oráculo de Claros são de máxima antiguidade. Dizem que detendo a terra os cários, os primeiros dos gregos a chegar nessa região foram os cretenses, [liderados por] Rácio, e após Rácio uma multidão se seguiu, possuindo as regiões costeiras e sendo fortes nas naus; os cários, no entanto, ainda mantinham a maior parte da região. Quando Tersandro, filho de Polínice, e os argivos capturaram Tebas, entre outros prisioneiros, Manto foi conduzida a Apolo em Delfos. Tirésias, no caminho, chegou ao seu fim em Haliartia. E sendo enviados pelo deus para colonizar, atravessaram com naus para a Ásia, mas, quando chegaram a Claros, os cretenses os atacaram e os conduziram até Rácio. Assim, ele, sabendo a partir de Manto que tipo de pessoas eram e a razão de chegarem ali, tomou Manto como esposa e fez dos que chegaram com ela seus concidadãos. Mopsos, o filho de Rácio e Manto, removeu os cários completamente dessa terra. Os jônicos fizeram um juramento aos helenos em Cólofon de coabitarem com eles, não havendo nenhuma distinção entre eles, mas o reino foi tomado pelos líderes jônicos Damasihton e Prometeu, filhos de Codro. Prometeu posteriormente assassinou seu irmão Damasihton e fugiu para Naxos; o seu corpo, porém, foi levado para casa e recebido pelos filhos de Damasihton. E o local onde está o túmulo de Prometeu se chama Politeíquides. E como a cidade dos colofônios sucumbiu ao ser assolada, isso já esclareci em meu relato sobre Lisímaco. Lutaram contra Lisímaco e os macedônios apenas os colofônios que migraram para Éfeso, e dos que morreram em batalha, tanto dos colofônios quanto dos esmirneses, o túmulo está na esquerda do caminho de quem vai para Claros.

No relato de Pausânias sobre a colonização de Claros (que conteve um importante oráculo da antiguidade) e Cólofon, podem ser percebidos outros povoamentos da região antes da chegada dos jônicos. Os primeiros habitantes seriam, portanto, os cários – um povo anatólio, que outrora provavelmente se situava na região do Mar Egeu – a qual foi conquistada, pelo menos em parte, pelos cretenses. Os jônicos, exilados de Tebas, assim, teriam se somado à

população cretense preexistente, vindo a colaborar na expulsão dos remanescentes cários da região e, eventualmente, assumiram o poder da cidade, como demonstra o excerto de Damasícton e Prometeu. A menção a esses dois reis jônicos de Cólofon reforça também a possível origem ateniense desses colonizadores. Contudo, nota-se a discrepância entre Pausânias, que apresenta Damasícton e Prometeu como fundadores de Cólofon, e Mimnermo que destaca Andremon. A relação entre colofônios e efésios é mencionada aqui apenas a partir do período helenístico, com a menção a migrantes colofônios em Éfeso que teriam lutado contra Lisímaco (guarda-costas de Alexandre, que, após a sua morte e repartição do império macedônico, se tornou rei, entre outras regiões, da Ásia Menor).

Huxley (1959) propõe uma conciliação entre os relatos de Mimnermo e Pausânias com a suposição de que haveriam dois movimentos migratórios distintos: o movimento dos jônicos descendentes de Codro e dos pílios liderados por Andremon, sendo os pílios os últimos a chegarem – ordem posteriormente invertida pelo próprio Huxley (1966 apud ALLEN 1993, p. 76). Segundo o autor, os messênios micênicos (da região de Pilos), que seriam o povoamento mais antigo da região, não se “dorizaram” logo após a queda da família dos neleidas, mas essa identidade teria permanecido ainda no período de poder dos epítidas que os sucederam. Huxley (1959, p. 106) assim propõe “Αἰτύτιον τε Πύλον” (“e a epítida Pilos”) como emenda na lacuna do primeiro verso, considerando que os neleidas estariam fugindo dos novos governantes. Desse modo, o relato de Pausânias não conteria a imigração dos pílios por ser um movimento posterior ao que estaria narrando no excerto (HUXLEY, 1956, p. 105). Dihle (1962, p. 261-262), no entanto, apresenta oposições a essa tese, considerando que os Epítidas seriam associados mais propriamente aos Heraclidas de Esparta²⁵² e que sua capital seria Esteniclero e não Pilos. A reconstrução da lacuna do primeiro verso fica, portanto, envolta em controvérsias, havendo várias suposições, nenhuma plenamente convincente. Allen (1993) propõe a leitura “Αἴψα δ’ ἔπειτα Πύλον” (“logo depois de Pilos”), adotada em nossa tradução, o que destaca a ideia de movimento inicial a partir de Pilos, a cidade de Andremon.

No segundo verso, porém, o poeta anuncia que “chegamos” (“ἀφικόμεθα”) à “desejável Ásia” (“ἡμέρτην Ἀσίην”). O uso da primeira pessoa aqui já foi compreendido de duas maneiras: o “nós” não seria o próprio Eu do poeta, mas alguma personagem, uma vez que a primeira pessoa implicaria a participação na migração dos pílios, leitura proposta por Tsagarakis (1977, p. 27 apud ALLEN 1993, p. 81); ou o “nós” é utilizado em sentido coletivo, denotando uma ligação entre os cidadãos do passado e do presente, como utilizado no Fr. 2 W de Tirteu nos

²⁵²Essa associação, no entanto, poderia ter ocorrido apenas posteriormente. Cf. Allen 1993, p. 76

versos 13-15 (ALLEN, 1993, p. 81). Cabe notar também que há um paralelismo entre “ἀφικόμεθα” (“chegamos”, v. 2), “ἔζόμεθ(α)” (“assentamo-nos”, v. 4) e “ἔιλομεν” (“tomamos”, v. 6), todos verbos em aoristo na primeira pessoa do plural e remetendo a diferentes momentos históricos que não necessariamente ocorreram em uma mesma geração. Além disso, podemos pensar na elegia narrativa, seguindo Grethlein (2010, p. 7), como um gênero que, tal qual os demais que tratam da narrativa histórica no período arcaico, visa mitigar as contingências de acaso (os elementos do acaso que podem mudar uma comunidade e que não podem ser remediados pela ação humana) e estabelecer uma continuidade histórica entre passado e presente. A elegia histórica permitiria a noção de permanência para o futuro, e o sentido coletivo da primeira pessoa seria fundamental para estabelecer essa continuidade entre os ancestrais remotos e os atuais esmirnenses.

Dessa forma, assumindo o sentido coletivo do “nós” como o povo esmirnense em seus desdobramentos históricos, vemos que eles chegam à “ἰμέρτην” (“desejável”) Ásia, adjetivo que Vivante (1982, p. 120 apud ALLEN 1993, p. 81) considera particular a lugares que são habitados, amados e admirados, o que implica assim a povoação prévia da região por outros povos. No entanto, o termo *Ásia* possui aqui um sentido incerto. Originalmente, o termo parece indicar o noroeste da Anatólia, uma região chamada pelos hititas de **Assuwa*. Posteriormente, o termo parece ser utilizado particularmente para indicar o reino lídio²⁵³, o que não parece ser o uso empregado por Mimnermo já que os lídios eram os principais inimigos dos esmirnenses em seu tempo. Na poesia, o toponímico “Ásia” aparece primeiro em Arquíloco, no fr. 257 W (“ὁ δ’ Ἀσίης καρτερὸς μηλοτρόφος” - “O forte nutridor de ovelhas da Ásia”), que também não parece se referir à Anatólia de modo geral. Allen (1993, p. 80-81) acredita que, em Mimnermo, *Ásia* remete mais propriamente às áreas costeiras (região de concentração dos colonizadores gregos) e que a associação com a Lídia pode ter começado posteriormente ao período do poeta, quando os lídios passam a dominar grande parte da Anatólia.

O sentido de “desejável”, portanto, pode se referir não tanto ao desejo dos primeiros colonizadores, mas ao apreço que os contemporâneos do poeta têm pela região. Corrobora essa visão a adjetivação de Cólifon no terceiro verso como “ἔρατην Κολοφῶνα” (“amada Cólifon”) – um adjetivo que é utilizado em Homero apenas para os dons de Afrodite²⁵⁴, sendo o adjetivo “ἔρατεινός” (“amável”) o mais comumente utilizado para lugares, com exceção de uma passagem no *Hino Homérico 4 a Hermes* (v. 477) que traz “πολὴν ἔρατήν” (“cidade amada”). Contudo, em Mimnermo, esses colonizadores não são subjugados pelos residentes locais como

²⁵³ Heródoto, *Histórias* 4.45,3; Estrabão, *Geografia* 13.627; Calino, fr. 5b W; Demétrio de Skepsis F 41 Gaede.

²⁵⁴ *Iliada* 3.64.

em Pausânias, mas chegam com “esmagadora força” (“βίην ὑπέροπλον”), o que pode indicar uma possível conquista violenta da região.

A conquista violenta parece ser corroborada pela menção aos *líderes* ou “instigadores de transgressão” (“ὑβριος ἡγεμόνες”). O termo “ὑβρις” (*hybris*), traduzido aqui por “transgressão”, possui uma conotação forte de desmedida, soberba, arrogância, algo passível de punições divinas na religiosidade grega. Teógnis²⁵⁵ alerta para os perigos de um líder *hybristés* (“transgressor”), que pode causar danos mesmo em uma população seja moderada. Nesse sentido, Mimnermo estaria fazendo uma dura crítica aos líderes de seu povo em um tempo passado ou recente. Willamowitz (1913, p. 283-284), seguindo uma linha que tratava Mimnermo como um membro das classes mais populares, via aqui uma crítica aos aristocratas colofônios. A *hybris* estaria relacionada à conduta dos líderes contemporâneos diante da ameaça lídia, um reproche que se assemelharia ao fr. 15 Allen do poeta, que descreve um guerreiro esmirnense de um período anterior ao poeta em seu momento de excelência em combate contra os lídios. Jacoby (1918, p. 274-275) opõe-se a Willamowitz e acredita que a *hybris* foi cometida no passado distante, considerando que na época da execução desse poema, Cólófon já teria sido conquistada pelos lídios (Ibid. p. 278). Desse modo, fica incerto quem seriam esses líderes transgressores e de qual período, porém a menção à transgressão provavelmente reflete o contemporâneo do poeta, servindo talvez para justificar o porquê dos esmirnenses estarem acossados pelos lídios no presente.

Os dois últimos versos do fr. 9, porém, se detêm sobre a partida de Cólófon e a tomada de Esmirna. No verso 5, a palavra “διαστήεντος” (“extendido” ou “dividido”), mencionada por Estrabão, requer uma emenda provavelmente com o nome do rio de onde partem os colofônios que tomam Esmirna, uma vez que faria pouco sentido citar um rio sem nomeá-lo. Vários nomes já foram propostos, como o rio Asteeis ou Meles; Allen (1993, p. 82) sugere o rio Ales, que utilizamos na tradução, por ser apresentado como o rio de Cólófon nas tradições mais antigas²⁵⁶. Sobre a conquista de Esmirna, Heródoto²⁵⁷ cita que uma facção dos colofônios foi expulsa durante uma guerra civil, de modo que seus membros teriam partido e sido recebidos em Esmirna, então dominada pelos eólicos. Contudo, quando os esmirnenses eólicos foram participar de um festival de Dioniso fora dos portões da cidade, os recém-chegados colofônios

²⁵⁵ *Teognideia*, v. 1081.

²⁵⁶ Para uma discussão mais pormenorizada da emenda do v. 5, ver Allen (1993, p. 82-84). Um argumento contra a proposição do rio Ales é apresentada por Gerber (1999, p. 98-99), que propõe que esse rio se encontra ao sul de Cólófon, enquanto Esmirna se situa ao norte, de modo que seria estranho que os colofônios expulsos se reunissem ali com a intenção de partir para Esmirna.

²⁵⁷ *Histórias*, 1.150.

fecham os portões e tomam controle da cidade; posteriormente, por meio de um acordo, devolvem os bens móveis dos eólios, que se dispersam entre as outras cidades eólicas da região. A anterior presença de eólicos em Esmirna explica, assim, o porquê dessa cidade ser incluída entre as antigas 12 cidades eólicas da Ásia Menor na descrição de Heródoto²⁵⁸.

Esse relato de Heródoto pode ser útil para compreender duas expressões empregadas no último verso: “conselho dos deuses” (“θεῶν βουλῆι”) e “Esmirna eólida” (“Σμύρνην [...] Αἰολίδα”). Em relação à primeira expressão, ela poderia se referir justamente ao estratagema dos refugiados colofônios para tomar a cidade dos eólicos, o que poderia ser compreendido não como algo desleal, mas como um plano legitimado pelos deuses (HUXLEY, 1959, p. 105). Outra suposição nesse sentido, levantada por Steinmetz (1969, p. 75 apud ALLEN 1993, p. 78), é que esse conselho dos deuses provavelmente se referiria a um oráculo como o de Claros, uma tese suportada por evidências arqueológicas da região e pelo relato de Pausânias²⁵⁹, que atesta a antiguidade e importância do santuário em Claros. A expressão, no entanto, costuma aparecer em negativas como no fr. 3 Diehl de Focílides (“οὔτ’ ἐνὶ βουλῆι” – “nem em conselho”) e no canto 12 da *Iliada* (vv. 213-214, “οὔτ’ ἐνὶ βουλῆι/οὔτέ ποτ’ ἐν πολέμῳ” – “nem em conselho,/ nem em guerra”), o que demonstra um manejo da tradição por Mimnermo.

Com relação ao epíteto “Esmirna eólida”, ele parece ter sido de amplo uso na antiguidade²⁶⁰. Pausânias²⁶¹, assim como Heródoto, cita Esmirna como uma das cidades eólicas, mas que foi posteriormente tomada pelos jônicos; não cita, porém, qualquer estratagema nessa conquista. Jacoby (1918, p. 285) pensa que o sentido de *tomar* empregado por Mimnermo seria de “conquistar de volta o que nos pertence”²⁶², pensando num contexto como o do excerto de Estrabão, apresentado no início deste capítulo, no qual os jônicos seriam expulsos pelos eólicos, mas depois retomariam a cidade. O fragmento, no entanto, menciona apenas a chegada dos jônicos em Esmirna e a sua conquista com o “conselho dos deuses”, não fornecendo indícios para aprofundar a leitura de Jacoby.

Há ainda um outro uso do epíteto de Esmirna como eólida no Epigrama Homérico 4 (extraído do capítulo 14 da obra mencionada anteriormente *Vida de Homero* de Pseudo-Heródoto), que apresenta outras semelhanças com o fr. 9 Allen. Vejamos, então, os versos 1-8 deste epigrama²⁶³:

²⁵⁸ *Histórias* 1. 149.

²⁵⁹ *Descrição da Grécia*, 7.3.1.

²⁶⁰ Calímaco Epigrama 5.12; Antologia Palatina 7.398.5 e Arriano *Alexandri Anabasis* 5.6.4

²⁶¹ *Descrição da Grécia*, 7.5.1.

²⁶² Tradução minha: “erobern wir zürück, was uns gehört”.

²⁶³ Utilizamos a edição de Evelyn-White (1982) para o texto grego.

οἷη μ' αἴση δῶκε πατήρ Ζεὺς κύρμα γενέσθαι,
 νήπιον αἰδοίης ἐπὶ γούνασι μητρὸς ἀτάλλων.
 ἦν ποτ' ἐπύργωσαν βουλῇ Διὸς αἰγιόχοιο
 λαοὶ Φρίκωνος, μάργων ἐπιβήτορες ἵππων,
 ὀπλότεροι μαλεροῖο πυρὸς κρίνοντες Ἴρηα, (5)
 Αἰολίδα Σμύρνην ἀλιγείτονα ποντοτίνακτον
 ἦν τε δι' ἀγλαὸν εἶσιν ὕδωρ ἱεροῖο Μέλητος·
 ἔνθεν ἀπορνύμεναι κοῦραι Διὸς, ἀγλαὰ τέκνα,

De tal destino pai Zeus presa me fez,
 infante criando-me nos joelhos de minha venerável mãe.
 Certa vez, pelo conselho de Zeus porta-égide, amou
 o povo de Frícono - cavaleiros de furiosos corcéis,
 mais capazes de distinguirem-se na guerra que o ardente fogo - (5)
 a eólida Esmirna, beira-mar, chacoalhada pelas águas,
 pela qual passa a resplandecente água do sacro Meles.
 De lá, partem as filhas de Zeus, resplandecentes moças,

Podem ser percebidos vários ecos entre esse epigrama homérico e o fragmento de Mimnermo. Temos no epigrama as expressões “βουλῇ Διὸς αἰγιόχοιο” (“conselho de Zeus porta-égide”, v. 3), “Αἰολίδα Σμύρνην” (“eólida Esmirna”, v. 6), a menção ao rio Meles (v. 7) – o qual é uma das sugestões de preenchimento do v. 5 do fr. 9 Allen – e “ἔνθεν ἀπορνύμεναι” (“De lá partindo”, v. 8). Como a origem dos epigramas homéricos é bastante incerta, é difícil precisar qual seria a direção da influência entre o autor do epigrama e Mimnermo, mas, supondo que *Vida de Homero* seria do período helenístico ou posterior, é bastante possível que fosse influenciada por Mimnermo. A menção à Frícono também destaca o caráter eólico de Esmirna nesse epigrama, uma vez que esse herói seria a origem do epíteto de cidades eólicas como Larrisa e Cyme (GROTE, 1869, p. 193); essa menção pode ser intencional por parte do autor a fim de destacar a antiguidade de Homero, demonstrando como o poeta era de um período anterior ao do domínio jônico de Esmirna. Desse modo, percebe-se que o epíteto “eólida” em Mimnermo não é meramente formulaico ou casual, mas provavelmente indica uma etapa real da colonização dessa cidade.

Por fim, tendo em mente as discussões históricas em torno do contexto narrado por Mimnermo, podemos observar que, embora não possamos precisar por quantos versos se estenderia o relato histórico, podemos notar como Mimnermo, geralmente tido como poeta do amor e do simpósio, detinha-se também sobre temáticas militares ou fundacionais de sua cidade.

O relato de Estrabão menciona esses versos como parte da *Nanó*, o que pode corroborar a tese de Allen (1993) de que a *Esmirneida* seria uma parte desse livro e não uma obra (um livro) à parte. De qualquer modo, a não ser que Estrabão tenha se equivocado em sua referência, a *Nanó* conteria poemas breves de diferentes temáticas, incluindo temas históricos como o do fr. 9 Allen. Além disso, não podemos inferir qual o contexto em que o poeta cita essa passagem

histórica, se se trataria de uma narrativa detida na história antiga da cidade ou de um preâmbulo a ser utilizado como exemplo ou introdução à narrativa de acontecimentos presentes (como os das batalhas contra os lídios). Allen (1993, p. 78-79) pondera que a referência só faz sentido se for considerado que a colonização dos colofônios se dá por “conselho dos deuses” em contraposição à *hybris* dos antepassados pílios, de modo que os contemporâneos do poeta devem lutar para manter o território que lhes foi confiado pelos deuses; o que conferiria um caráter essencialmente exortativo a esse poema. Porém, mesmo que a narrativa histórica tenha ecos e uma função exortativa para o presente, isso não impede que essa narrativa possa se estender além dos versos que restaram agora no fr. 9 Allen, contendo mais detalhes sobre a fundação e as etapas da colonização de Esmirna.

4.2 Fr. 13 Allen - uma cena de batalha na Esmirneida

Este fragmento é o único cujo pertencimento à *Esmirneida* é atestado na antiguidade, sendo encontrado em um escólio a Antímaco. Embora importante pela atestação do título e pelos indícios que traz do tom e do conteúdo da obra, o escoliasta transmite apenas um dístico de Mimnermo:

Μίμνερμ[ος] δ' [ἐν] τῆι Σμυρν[η] {ι} δι·
ὥς οἱ πᾶρ βασιλῆος, ἐπε[ί ρ'] ἐ[ν]έδεξατο μῦθον,
ἦ[ἴξ]αν κοίλη[ς ἀ]σπίσι φραξάμενοι.²⁶⁴

e Mimnermo na *Esmirneida*:

Assim os de junto de rei, quando dera a ordem,
investiram cingindo-se com os côncavos escudos.

Esse dístico nos deixa várias questões em aberto, como: quem são esses guerreiros mencionados e qual seria o rei que os comanda. Tais pontos levam também a questões sobre o evento narrado e sua relação com o conjunto da *Esmirneida*. A partícula “ὥς” (traduzida por “assim”) do início do dístico é comumente associada ao símile (READY, 2011, p. 70), que, pela natureza do ataque ser em conjunto, pode estar associado com símiles iliádicos referentes ao ataque de abelhas²⁶⁵ ou pássaros²⁶⁶ (ALLEN, 1993, p. 111). A existência de um símile ressalta a possibilidade de que esse excerto estaria inserido em uma narrativa maior de uma batalha, que permitiria inclusive o uso de recursos mais elaborados, como o próprio símile.

²⁶⁴ Fr. 13 Allen = Comentário a Antímaco de Cólofon F 180 Wyss: Papyr. Hermup. Mediol. II 26-32, ed. A. Vogliano

²⁶⁵ *Iliada* 2.84-93.

²⁶⁶ *Iliada* 2.459-468.

Além disso, a referência ao “rei” (“βασιλῆος”) sem maiores qualificações remete também aos reis dos grandes impérios da Ásia, que possuíam estruturas monárquicas mais consolidadas que os gregos nesse período. Esse tipo de referência pode ser percebido no modo como os reis persas eram descritos na literatura grega posterior, o que pode ser notado, por exemplo, no modo como Xenofonte refere-se aos reis persas na *Anábasis*²⁶⁷.

Diehl (1949, p. 54) indagara se esse rei não seria o próprio rei lídio Giges, hipótese defendida por Gentili-Prato (1988, p. 58) e Allen (1993). Ainda segundo Allen (1993, p. 111), esse seria um dos usos mais antigos da palavra “βασιλέως” para se referir a um monarca. Tal vocábulo é empregado também na elegia arcaica por Tirteu (fr. 5 W, v. 1) remetendo ao rei espartano Teopompo, contudo, o sentido em Esparta não seria propriamente o de um monarca absoluto, visto que o poder nessa cidade era dividido. Se aceitarmos que o “rei”, de fato, é Giges, a *Esmirneida* lidaria com acontecimentos do passado recente do poeta, uma vez que o cerco dos lídios a Esmirna era relativamente recente, ligeiramente anterior a Mimnermo ou do início de sua vida. Embora os esmirnenses tenham saído vitoriosos desse cerco e Giges tenha se concentrado mais nas campanhas contra os cimérios, a ameaça lídia continuava presente no período de Mimnermo (a qual efetivamente se concretizaria com Aliates), de modo que essa elegia poderia ter uma conotação de exortação para os contemporâneos do poeta.

Resta em aberto, porém, a relação desses acontecimentos com o título, já que a amazona Esmirna estaria ligada à história remota, ao passado mítico da cidade, período que poderia ser narrado em uma breve digressão (como ocorre no fr. 9 Allen) de modo a traçar uma continuidade entre os feitos dos ancestrais e os atuais esmirnenses. Fica também em aberto uma possível relação com a elegia “sobre a batalha contra Giges” mencionada por Pausânias (Fr. 14 Allen), uma vez que ambas abordariam o mesmo contexto histórico. Desse modo, ambos títulos poderiam ser utilizados para um mesmo poema ou poderiam ser poemas diferentes que tratavam o conflito com os lídios sob vieses diferentes.

O rei possui ainda um exército formidável, pois prontamente executa sua ordem ao recebê-la. O “μῦθος” (o “mito” ou, no caso, mais propriamente “ordem” ou “comando”) é segundo Vogliano (apud ALLEN 1993, p. 112), editor do Papiro de Mião – no qual foi encontrado o escólio –, “ouvido” ou “aceito” pelos guerreiros, considerando tratar-se aqui do aoristo médio de “ἐνδέχομαι” (que possui as acepções de “assumir”, “aceitar”, “admitir”, das quais também possui o sentido de “ouvir a *algo*”). Allen (1993, p. 112) traz, no entanto, que o verbo é na verdade “ἐνδέκνυμι”, forma jônica de “ἐνδείκνυμι” (que possui, entre outras

²⁶⁷ Como na expressão “ὅστις δ’ ἀφικνεῖτο τῶν παρὰ βασιλέως” (“quem quer que chegue vindo da parte do rei” - *Anábasis* 1.15), que apresenta semelhanças com a expressão empregada por Mimnermo.

acepções, a de “apontar” ou “declarar”), pois o escoliasta usa o dístico de Mimnermo justamente para comparar dois usos desse verbo por Antímaco. Desse modo, o agente é o “rei” que dá a ordem (o “μῦθος”) para o ataque, reforçando o enfoque nesse monarca na narrativa de Mimnermo. Richard Martin (1992, p. 29-30), ao considerar as diferenças semânticas entre as palavras “μῦθος” e “ἔπος” na *Iliada*, postula que a primeira tem um sentido mais marcado, ou específico, relacionado a um discurso de autoridade ou performático, enquanto “ἔπος” (e o seu plural “ἔπεα”) teria o sentido amplo de discurso. Embora Martin (1992, p. 29) considere que essa diferença semântica possa ser, em certos casos, atenuada por pressões textuais, a sua definição para “μῦθος” parece bastante adequada para esclarecer o discurso, a ordem, do rei no fr. 13 Allen.

Quanto ao segundo verso, que descreve a formação dos guerreiros ao receber o comando, ele possui uma construção quase idêntica ao verso 7 do fr. 19 W de Tirteu (que, embora bastante fragmentário, parece descrever uma cena de batalha e possuir um caráter exortativo): “κοίλις ἀσπίσι φραζάμ[ενοι” (“com os côncavos escudos cingi[ndo-se”). Essa construção pode indicar o uso de fórmulas ou expressões de um repertório comum compartilhado entre os elegíacos arcaicos para a descrição de cenas de batalha. Já o verbo “ἥ[ϊξ]αυ”, se tiver de fato o sentido de “investir”, reforçaria a hipótese do símile, no qual o ataque conjunto dos soldados lídios poderia se assemelhar também ao ataque de aves de rapina ou cães de caça quando investem contra uma presa²⁶⁸ (ALLEN, 1993, p. 111).

Por fim, a expressão “escudos côncavos” aparece, além do fr. 19 W de Tirteu, no verso 12 do fr. 141 Voigt de Alceu na descrição de um conjunto de armaduras capturadas de inimigos. Allen (1993, p. 112) acredita que o termo em Mimnermo pode se referir tanto aos escudos hoplitas, que eram de fato convexos, quanto aos escudos menores pré-hoplitas (uma hipótese bastante válida se considerarmos que os guerreiros em questão fossem lídios – que não seguiam a formação hoplita). Desse modo, o sentido da expressão com o verbo “φραζάμενοι” (particípio aoristo de “φράσσω” - “cercar”), para Allen (1993, p. 112), seria algo como “guerreiros ‘cercados’ por escudos”²⁶⁹ como ocorre no verso 268 do canto 17 da *Iliada*: “φραχθέντες σάκεσιν χαλκήρεσιν” (“cingindo-se com brônzeos escudos”). Com isso, Mimnermo parece estar “mesclando” imagens da épica para descrever métodos de batalha diferentes do contexto descrito nos textos homéricos. Portanto, pode-se perceber nos exíguos versos atribuídos à *Esmirneida* no fr. 13 Allen que esse poema, ao menos, trata de um contexto bélico, provavelmente relacionado a eventos do passado recente do poeta.

²⁶⁸ Cf. *Iliada* 21.254, 6.657; *Odisseia* 15.182-183

²⁶⁹ “warriors ‘fenced about’ by shields”

4.3 Fr. 14 Allen - a genealogia das Musas

O fragmento 14 Allen não possui propriamente nenhum verso de Mimnermo, mas transmite os testemunhos de Pausânias, de um comentarista de Alcman e de um escólio de Píndaro, que relatam que este poeta tratara da genealogia das Musas no próêmio de uma de suas elegias:

Pausânias 9.29.4 Μίμνερμος δέ, ἐλεγείᾳ ἐς τὴν μάχην ποιήσας τὴν Σμυρναίων πρὸς Γύγην τε καὶ Λυδοῦς, φησὶν ἐν τῷ προοιμίῳ θυγατέρας Οὐρανοῦ τὰς ἀρχαιοτέρας Μούσας, τούτων δὲ ἄλλας νεωτέρας εἶναι Διὸς παῖδας.

Com. in Alcman P. Oxy. 2390 F 2 ii 29 (PMG 5 fr. 2) Γῆς [μὲν] Μούσα[ς θυγατέρας ὡς Μίμνερμ[ος .]τασ ἐγγε|[νεαλόγησε.

C. Schol. Pind. Nem. 3.16b ὁ μὲν Ἀρίσταρχος Οὐρανοῦ θυγατέρα τὴν Μοῦσαν δέδεκται, καθάπερ Μίμνερμος (fr. 13) καὶ Ἄλκμαν (fr. 119) ἱστοροῦσιν

Pausânias 9.29.4 Mimnermo, na elegia sobre a guerra travada pelos esmirnenses contra Gíges e os lídios, diz no próêmio que as filhas de Urano são as musas mais antigas, e as outras, mais jovens, são filhas de Zeus.

Comm. in Alcman P. Oxy. 2390 F 2 ii 29 (PMG 5 fr. 2) filhas de Gaia, por um lado, assim Mimnermo dá a sua genealogia

C. Schol. Pind. Nem. 3.16b Aristarco toma a musa como filha de Urano, do mesmo modo que Mimnermo (fr. 13) e Alcman (fr. 119) observam.

Esses três relatos demonstram como se desenvolveu uma tradição de que Mimnermo teria, de algum modo, reportado a origem das Musas, havendo dois relatos de que seriam filhas de Urano e um de que seriam filhas de Gaia. Isso leva a crer que nesse próêmio Mimnermo consideraria as Musas como filhas de Urano e Gaia, o casal primevo da mitologia grega. Essa posição seria também compartilhada por outros poetas do período arcaico, como Alcman; podendo também sugerir que essa genealogia fosse mais característica de povos da Ásia Menor, próxima de onde se situa a ilha de Lesbos, terra natal de Alcman. No entanto, o verso 9 do fr. 8 PMG de Alcman apresenta Mnemosine como a mãe das Musas, o que pode indicar que ambos poetas apenas compartilhavam a origem paterna das Musas ou, então, que Alcman também consideraria que havia duas gerações dessas deusas.

A menção às musas como filhas de Urano, um deus primitivo, e não Zeus – atribuição mais usual – não deixa de ser intrigante. Segundo Pausânias, Mimnermo destacaria que haviam duas gerações de Musas, algo ainda mais inusitado. Detiënne (1988) pondera que haviam outros

catálogos das musas anteriores ao das nove musas de Hesíodo²⁷⁰, havendo uma tradição relatada por Pausânias²⁷¹ de que haviam três musas e outra relatada por Cícero de quatro musas²⁷². Allen (1993, p. 114) sugere que o fato de Mimnermo transmitir que essas deusas eram filhas de Urano revela que a “inspiração poética tinha de ser datada nas próprias origens do mundo, na união do Céu e da Terra; mas, a tradição de que as Musas eram filhas de Zeus não poderia ser ignorada, de modo que foi dito que havia duas gerações de Musas, as olímpicas e as pré-olímpicas”²⁷³. A proposição de Allen leva em conta que haveriam duas tradições sobre a genealogia das Musas circulando no período e que Mimnermo havia, de certa forma, sincretizado ambas versões.

No entanto, o que mais chama a atenção nesse fragmento em relação à natureza narrativa da elegia é a menção a um proêmio. O proêmio pode indicar uma estrutura poética longa, a qual só pode estar presente em um poema de maior extensão. Os proêmios poderiam ser bastante extensos, como no caso da *Teogonia* de Hesíodo, na qual o proêmio corresponde a aproximadamente 1/10 do poema (ALLEN, 1993, p. 115). Proêmios extensos poderiam ser também a origem dos *Hinos Homéricos*. O primeiro relato direto a esses hinos, feito por Tucídides²⁷⁴, descreve o *Hino 3 a Apolo* como um proêmio. Richardson (1974, p. 3-4) conjectura que, ao menos em sua gênese, a função desses hinos era servir como um prelúdio para a récita de um texto épico mais extenso – o que é indicado, por exemplo, nos vv. 19-20 do *Hino 6 à Afrodite*, nos quais o rapsodo pede auxílio para a vitória na competição.

Contudo, proêmios mais breves também são possíveis, constituídos apenas pela invocação da assistência divina de Apolo ou das Musas (assistência imprescindível à ação do poeta²⁷⁵), podendo ser tão breve quanto um dístico, como ocorre no fr. 13 W de Sólon. Desse modo, fica em aberta a questão da extensão do proêmio e do poema ao qual pertencia o fr. 14 Allen como um todo, contudo, por ter espaço para não apenas invocar, mas traçar a genealogia das Musas e distinguir suas gerações, somos inclinados a pensar que não se trataria de um proêmio tão breve quanto o de Sólon.

Quanto à inserção desse proêmio na *Esmirneida*, no entanto, a suposição depende

²⁷⁰ *Teogonia*, vv. 76-79.

²⁷¹ *Descrição da Grécia*, 9. 2-3. Pausânias relata que as três musas seriam *Mélete* (relacionada à prática necessária à execução da arte poética), *Mnéme* (memória) e *Aóide* (o canto, a própria execução do poema). O número das musas teria sido expandido para nove por intervenção do rei macedônio Piero e teria se dado, conjectura o geógrafo, ou pela própria opinião do rei, ou devido a uma decisão oracular ou ainda por influência trácia.

²⁷² *Sobre a Natureza dos Deuses*, 3.54. É relatado que a primeira geração das musas consistiria além de *Mélete* e de *Aóide*, também de *Arché* (relacionada ao princípio do canto) e *Thelxinoé* (relacionada ao encantamento proporcionado pela arte).

²⁷³ Tradução minha: "poetic inspiration had to be dated back to the very beginning of the world, to the union of Sky and Earth; but the tradition that the Muses were daughters of Zeus could not be ignored, and so there were said to be two generations of Muses, Olympian and pre-Olympian"

²⁷⁴ *História da Guerra do Peloponeso*, 3.104.

²⁷⁵ cf. *Odisseia* 8. 481; 22.347; *Iliada* 2.484-492

inteiramente de se assumir ou não que essa obra e a “elegia da guerra dos esmirnenses contra Giges e os lídios” constituiriam um mesmo poema. Se pensarmos que o “rei” do fr. 13 Allen é Giges, então temos uma probabilidade maior de que ambos fragmentos fariam parte de um mesmo poema detido sobre a guerra contra os lídios, podendo ser o relato das origens de Esmirna uma digressão breve, algo que poderia ocorrer próximo ao próêmio. De outro modo, teríamos que Mimnermo produzira ao menos dois poemas mais extensos (sendo ainda mais incerto o quão extensos poderiam ser) sobre temas bélicos ou fundacionais.

4.4 Fr. 15 Allen - a excelência de um guerreiro do passado

O fr. 15 Allen será o último fragmento de Mimnermo a ser abordado aqui em sua possível inserção na *Esmirneida*. Nesse fragmento há uma breve descrição de batalha, na qual um guerreiro, provavelmente esmirnense de um período anterior ao poeta, é descrito em seu momento de excelência em batalha contra os lídios:

οὐ μὲν δὴ κείνου γε μένος καὶ ἀγήνορα θυμὸν
 τοῖον ἐμ<έο> προτέρων πεύθομαι, οἳ μιν ἴδον
 Λυδῶν ἵππομάχων πυκινὰς κλονέοντα φάλαγγας
 Ἑρμιον ἄμ πεδίον, φῶτα φερεμμελίην·
 τοῦ μὲν ἄρ' οὐ ποτε πάμπαν ἐμέμψατο Παλλὰς Ἀθήνη
 δριμύ μένος κραδίης, εὖθ' ὃ γ' ἀνὰ προμάχους
 σεύαιθ' αἱματόεν<τος ἐν> ὑσμίνῃ πολέμοιο,
 πικρὰ βιαζόμενος δυσμενέων βέλεα·
 οὐ γάρ τις κείνου δηίων ἔτ' ἀμεινότερος φῶς
 ἔσκεν ἐποίχεσθαι φυλόπιδος κρατερῆς
 ἔργον, ὅτ' ἀγῆισιν φέρετ' ὠκέος ἠελίοιο

Não como a força e o intrépido espírito daquele,
 tal qual aprendi de meus ancestrais, que o viram
 as cerradas falanges de cavaleiros lídios romper
 na planície do Hermo, homem lanceiro.
 Dele jamais de modo algum censurou Palas Atena
 a pungente força do peito, quando na frente
 investia para a luta da sangrenta guerra,
 compelido pelos afiados dardos dos inimigos.
 Nenhum contendor era melhor mortal do que ele
 no trabalho de atacar no forte clangor da
 batalha, quando se lançava aos raios do rápido sol.

Esse fragmento, inicia, portanto, destacando a transmissão do relato de excelência desse guerreiro com base nos ancestrais, o que sugere um tom exortativo ao poema, funcionando a imagem do guerreiro implacável do passado como um modelo para os cidadãos contemporâneos de Esmirna, os quais ainda estavam em conflito com os lídios. A conduta do

guerreiro em batalha é impecável, tanto que nem a própria deusa da guerra e da estratégia militar, Atena, pode lhe encontrar alguma falta.

Como esse fragmento se enquadraria dentro do poema é bastante incerto. O poema poderia ser exortativo e não muito maior que o fragmento, contendo apenas algumas contextualizações para o público contemporâneo do poeta. A possível inserção na *Esmirneida* é, no entanto, mais dúbia. Allen (1993) acredita que é um poema exclusivamente exortativo, assim como o fr. 9 Allen, muito embora tratem de temas que também seriam apresentados na *Esmirneida*. Jacoby (1918, p. 294) também parece duvidar que o fr. 9 Allen e o fr. 15 Allen compusessem um mesmo poema, dado que se o poeta tivesse testemunhado a excelência do guerreiro do fr. 15, o seu nome não lhe seria desconhecido. Grethlein (2007), porém, deixa em aberto essa questão, objetando que a elegia narrativa possivelmente estaria atrelada ao presente e que o relato histórico tinha como principal propósito exercer influência para ações do contemporâneo do poeta. O poema poderia se constituir como um reproche aos contemporâneos de Mimnermo, comparando a coragem do guerreiro em sua *aristeia* com a falta dela nos guerreiros de seu tempo.

Além disso, Grethlein (2007) defende um maior intertexto homérico, especialmente entre a imagem do guerreiro esmirnense e a figura de Diomedes. A estrutura do poema seria modelada em uma passagem do canto 4 (vv. 370-399) da *Iliada* em que Agamêmnon ataca verbalmente Diomedes, com o intuito de motivá-lo à batalha. Nessa passagem, Agamêmnon invoca a valentia de Tideu, pai de Diomedes, a fim de questionar a falta de valentia do filho, em sua visão. O fragmento de Mimnermo se assemelha particularmente aos versos 372-375, quando Agamêmnon relata os feitos de Tideu, que é anterior a sua geração:

οὐ μὲν Τυδέϊ γ' ὄδε φίλον πτωσκαζέμεν ἦεν,
ἀλλὰ πολὺ πρὸ φίλων ἐτάρων δηϊοῖσι μάχεσθαι,
 ὡς φάσαν οἱ μιν ἴδοντο πονεύμενον: οὐ γὰρ ἔγωγε
ἦντις' οὐδὲ ἴδον: περὶ δ' ἄλλων φασὶ γενέσθαι.

Não costumava Tideu trepidar, por maneira nenhuma;
sim, muito adiante de seus companheiros, o imigo enfrentava.
 É o que me dizem os homens que o viram lutar; **que eu, de fato,**
nunca ante os olhos o tive; era sempre entre os seus o primeiro²⁷⁶ (Grifos meus).

Pelos termos grifados, é perceptível o eco dessa passagem no fr. 15 Allen de Mimnermo, que também destaca o fato de não ter testemunhado presencialmente a excelência do guerreiro do passado. Destaca-se ainda que apesar de se tratar de uma referência a Tideu, o endereçamento

²⁷⁶ Tradução de Carlos Alberto Nunes (2015, p. 123).

é feito a Diomedes. O herói descrito por Mimnermo seria, para Grethlein (2007, p. 105), uma espécie de “Diomedes Redivivus”, porém, mais exemplar que o próprio herói homérico (o que veremos em mais detalhes adiante).

Além dessa passagem, a própria *aristeia* de Diomedes no canto 5 (vv. 93-96), na qual o herói é motivado por Atena a investir até mesmo contra deuses, como Ares e Afrodite, pode ter servido como modelo para Mimnermo. Outros fragmentos do elegíaco também podem possuir ecos de Diomedes, como o fr. 2 Allen, da geração das folhas, que reflete a fala de Glauco para Diomedes no canto 6 da *Ilíada* (v. 146) e o fr. 23 Allen²⁷⁷, que traz o testemunho de que Mimnermo teria narrado o ferimento de Diomedes em Afrodite. No fr. 23 Allen lê-se:

Τροϊζηνίας· Τροϊζηνία ἢ Ἀφροδίτη. Ἰδρύσατο δὲ αὐτὴν Τροϊζενίαν καλουμένην ἢ Φαίδρα, ἠνίκα ἐράσθη τοῦ Ἴππολύτου. Ἡ δὲ Ἀφροδίτη, καθά φησι Μίμνερμος ὑπὸ Διομήδους τρωθεῖσα παρεσκεύασε τὴν Αἰγιαλείαν πολλοῖς μὲν μοιχοῖς συγκοιμηθῆναι, ἐρασθῆναι δὲ καὶ Κομήτου τοῦ Σθενέλου υἱοῦ. τοῦ δὲ Διομήδους παραγενομένου εἰς τὸ Ἄργος, ἐπιβουλεύσαι αὐτῶν τὸν δὲ καταφυγόντα εἰς τὸν βωμὸν τῆς Ἥρας, διὰ νυκτὸς φυγεῖν σὺν τοῖς ἐταίροις, καὶ ἐλθεῖν εἰς Ἰταλίαν πρὸς Δαῦνον βασιλέα, ὅστις αὐτὸν <δόλωι> ἀνεῖλεν.

Trezênia. Trezênia [é] Afrodite. Situa-a como trezênia invocando-a Fedra, quando se apaixona por Hipólito. Afrodite, de acordo com Mimnermo, tendo sido ferida por Diomedes fez Aigialeia dormir com muitos amantes, e amar Cometo, filho de Estênelo. Voltando Diomedes para Argos, conspirou contra ele. Ele fugiu para o templo de Hera, partindo pela noite junto dos companheiros, foi para a Itália ao [domínio do] rei Dauno, o qual, através de um engenho, o capturou.

De acordo com esse relato, Diomedes, apesar de ter recebido permissão e suposta proteção de Atena, ao ferir a deusa Afrodite, acaba sendo punido pela deusa do amor, que induz sua esposa Aigialeia a ter muitos amantes, um dos quais conspira contra a vida do herói (o que se assemelha também ao retorno de Agamêmnon). Diomedes parte então para a Itália, lugar em que lhe é atribuída a fundação de muitas cidades²⁷⁸. Contudo, pode haver uma conexão mais particular com Mimnermo, pois relatos transmitem, por exemplo, que uma dessas cidades relacionadas a Diomedes na Itália, Polieium, havia sido fundada por jônios fugindo dos lídios²⁷⁹, descritos em certas fontes mais particularmente como colofônios²⁸⁰.

A relação de Diomedes e Aigialeia poderia ser tratada também em outros poemas de Mimnermo, talvez em um poema mais amplo tratando desse tema. Schneidewin (1846, p. 152)

²⁷⁷ *Escólio à Alexandra de Licofrão*. 610.

²⁷⁸ Estrabão, *Geografia* 6.3.9; Mauro Sérvio Honorato, *In Vergilli Aeneidos Libros*, 8.9.1-15.

²⁷⁹ Estrabão 6.264.

²⁸⁰ Ateneu 12.523c; Aristóteles Fr. 584 Rose; Timeu FGH 566 F 51.

acredita que, no fr. 16 Allen, Mimnermo tratasse dessa tópica ao dizer:

καί μιν ἐπ' ἀνθρώπους βάζις ἔχει χαλεπή
ἀργαλέης αἰεὶ βάζιος ἰέμενοι.

e o rumor é difícil para os humanos,
o doloroso rumor sempre pronunciam.

No caso, o rumor provavelmente se relacionaria ao adultério de Aigialeia e ao sofrimento que isso teria causado a Diomedes. Assim, vários ecos do mito de Diomedes parecem constar na obra de Mimnermo, expandindo mais esse intertexto, até mesmo o fr. 1 Allen, que trata com amargura a velhice, poderia estar relacionado ao personagem, que, em sua velhice, sendo desprezado pela deusa do amor, poderia já não encontrar razões para viver. Além de Diomedes, seu pai Tideu, teria sido objeto do canto de Mimnermo. Uma anedota da vida de Tideu diz que, assim como ocorre com seu filho, é traído por sua esposa, Ismene:

στασιάζεται δὲ τὰ περὶ τὴν ἡρώϊδα ἱστορούμενα καὶ τὴν ἀδελφὴν αὐτῆς Ἴσμήνην. ὁ μὲν γὰρ Ἴων ἐν τοῖς διθυράμβοις καταπρησθῆναί φησιν ἀμφοτέρως ἐν τῷ ἱερῷ τῆς Ἥρας ὑπὸ Λαοδάμαντος τοῦ Ἐτεοκλέους· Μίμνερμος δὲ φησι, τὴν μὲν Ἴσμήνην προσομιλοῦσαν Θεοκλυμένῳ ὑπὸ Τυδέως κατὰ Ἀθηνᾶς ἐγκέλευσιν τελευτῆσαι. ταῦτα μὲν οὖν ἔστιν τὰ ξένως περὶ τῶν ἡρώϊδων ἱστορούμενα

Variam as histórias sobre a heroína e sua irmã Ismene. Íon, nos ditirambos, diz que ambas foram cremadas no templo de Hera por Laomedonte, filho de Etéocles. Mimnermo diz que Ismene tendo relações com Teoclimeno foi enviada por Tideu para o seu fim. Essas foram as coisas estranhas contadas sobre as heroínas.

Esse relato demonstra como os mitos de pai e filho se confundem e como ambos teriam sido explorados por Mimnermo. Ambos heróis eram conhecidos pela excelência em batalha; Diomedes sendo um guerreiro dileto de Atena e Tideu um exemplo de atitude impecável em batalha – exemplo, como visto anteriormente, empregado por Agamêmnon no canto 4 da *Iliada* para reprovar o comportamento do filho.

Contudo, regressando à discussão do fragmento em si, primeiramente nota-se que o primeiro verso não corresponde ao início do poema, uma vez que já inicia fazendo uma comparação com o guerreiro do passado. Grethlein (2007, p. 103) destaca que a estrutura segue aparentemente o padrão “πυνθάνεσθαί τινός τι” (“recebemos de alguém que”), o que literalmente levaria a leitura “eu não ouvi que sua força e espírito bravo são tais (como os dos homens de hoje) dos meus ancestrais”²⁸¹ (GRETHLEIN, 2007, p. 104) – leitura que não parece

²⁸¹ Tradução minha: “I have not heard that his strength and brave spirit are such (as that of men of today) from my elders”.

fazer muito sentido levando em conta a descrição posterior do guerreiro do passado. Nesse sentido, Allen (1993, p. 117) atenta que as negativas apontam para um tom exortativo, ecoando novamente a passagem do reproche de Agamêmnon a Diomedes no canto 4 (vv. 372-375) da *Iliada*. Essa passagem destaca a superioridade em combate do herói do passado sobre os contemporâneos mencionando que Tideu não trepidava, assim como Agamêmnon destaca que não presenciou a excelência de Tideu em combate, mas que recebeu esse relato pelos que vieram antes dele. Os “mais antigos” (“προτέρων”), mencionados no segundo verso do fragmento de Mimnermo, podem também remeter à própria tradição épica, apoiando-nos, por exemplo, no uso que Xenófanés (fr. 1 W, vv. 19-23) faz dessa expressão:

ἀνδρῶν δ' αἰνεῖν τοῦτον ὅς ἐσθλὰ πῶν ἀναφαίνει,
ὡς ἦι μνημοσύνη καὶ τόνος ἀμφ' ἀρετῆς,
οὔ τι μάχας διέπειν Τιτῆνων οὐδὲ Γιγάντων
οὐδὲ < > Κενταύρων, πλάσμα<τα> **τῶν προτέρων**,
ἢ στάσιας σφεδανάς· τοῖς οὐδὲν χρηστὸν ἔνεστιν·

e louvar aquele que bebendo revela nobres dizeres,
de modo que possam ser memoráveis e alcancem a excelência.
Não deve alguém falar das batalhas dos Titãs nem de Gigantes,
nem dos < > Centauros, **no estilo dos antigos**,
nem da violenta guerra civil; dessas coisas não proveito. (Grifos meus)

Em Xenófanés, portanto, há nitidamente uma referência aos ancestrais como remetendo à poesia épica e aos heróis do tempo mítico. Grethlein (2007, p. 109) acredita, no entanto, que a expressão “eles que o viram” (“οἱ μιν ἴδον”) em Mimnermo implica que o poeta teve contato direto com aqueles que testemunharam a ação do guerreiro exemplar, assim ele teria conhecimento desse acontecimento por sua própria experiência e não pelo dom das musas, o que poderia ser uma característica dos “sentidos de ouvir e ver para marcar a elegia como diferente da poesia épica”²⁸². Essa consideração de Grethlein sobre a demarcação da elegia, enquanto algo mais voltado para o presente em contraposição à épica, é particularmente válida se considerarmos o fr. 11 W de Simônides, no qual o poeta conclama a musa como “aliada” (“ἐπίκουρον”), demarcando assim que os acontecimentos que serão narrados foram transmitidos para o poeta através daqueles que foram suas testemunhas, de modo que as musas não são a única fonte de toda a informação.

Nos versos 3-4, passa-se à descrição da cena de batalha, em que o guerreiro se embrenha nas falanges lídias. Esses versos parecem também ter uma ligação com a passagem da *aristeia*, o momento de excelência máxima em batalha, de Diomedes no canto 5 da *Iliada*, da qual

²⁸² Tradução minha: "senses of hearing and sight to mark elegy as different from epic poetry".

destacamos os versos 93-96:

ὥς ὑπὸ Τυδεΐδῃ **πυκινὰ κλονέοντο φάλαγγες**
 Τρώων, οὐδ' ἄρα μιν μίμνον πολέες περ ἔόντες.
 τὸν δ' ὥς οὖν ἐνόησε Λυκάονος ἀγλαὸς υἱὸς
 θύνοντ' **ἄμ πεδίον** πρὸ ἔθεν **κλονέοντα φάλαγγας**,

as **densas turmas** troianas, assim, pelo forte Diomedes eram desfeitas; ainda que muitas, cediam-lhe ao ímpeto. Logo que o viu o rebento filho notável do herói Licaônio, enfurecido, **no campo**, e, dispersas, as teucas **falanges**²⁸³. (Grifos meus)

Essa passagem da *aristeia* de Diomedes apresenta algumas relações interessantes com o fragmento de Mimnermo, das quais se destacam o uso das expressões “*πυκινὰ κλονέοντο φάλαγγες*” (traduzida por Nunes como “densas turmas [...] eram desfeitas”, no entanto, mais literalmente “rompia as cerradas falanges”) no verso 93 e “*κλονέοντα φάλαγγας*” (“cerradas falanges”) no verso 96 que são idênticas à expressão empregada por Mimnermo no terceiro verso do fr. 15 Allen, assim como “*ἄμ πεδίον*” (“no campo” na tradução de Nunes, ou, mais especificamente, “na planície”) no verso 96 presente no quarto verso do fragmento de Mimnermo. Podemos ver, portanto, que há semelhanças notáveis no modo como o guerreiro de Mimnermo rompe as falanges inimigas e a conduta de Diomedes no canto 5 da *Iliada*.

Em relação ao contexto bélico real, por “falanges”, compreende-se em Mimnermo mais propriamente o sentido de linha ou fileira de combatentes e não de batalhão ou “falange” no sentido contemporâneo. Contudo, Mimnermo também remete aos lídios como “cavaleiros” (“*ἵππομάχων*”), o que traz problemas para a leitura dessa cena de batalha. Os lídios eram notórios cavaleiros²⁸⁴, mas a formação em falanges não seria algo característico para a cavalaria. Jacoby (1918, p. 289) acredita que a nomeação dos lídios enquanto cavaleiros seria para distingui-los dos hoplitas jônicos. Allen (1993, p. 118) duvida que o herói jônico fosse hoplita, uma vez que esse estaria em ampla desvantagem em um ataque direto contra um batalhão de cavalaria. No verso 4, a menção ao “homem lanceiro” (“*φῶτα φερεμμελίην*”) também pode sugerir que o guerreiro esmirnense seja hoplita ou lute a pé. O termo “*φερεμμελίην*” (“lanceiro”) é um *hapax*, sendo essa sua única aparição na literatura grega. Mimnermo pode ter optado por essa palavra, em vez da mais usual “*ἔμμελής*”, a fim de criar uma aliteração com “*φῶτα*” (“homem”). O elegíaco também poderia estar se valendo da imagem do hoplita para enfatizar

²⁸³ Tradução de Carlos Alberto Nunes (2015, p. 132).

²⁸⁴ Menções aos lídios como um povo equestre podem ser encontradas em Heródoto I 79, I 94; já o epigrama da *Antologia Palatina* VI 2, atribuído a Simônides, nomeia os persas como “*ἵππομάχων*”.

a diferença entre gregos e lídios num âmbito exclusivamente poético, não revelando necessariamente as estratégias militares correntes em seu tempo.

A referência à deusa Atena no verso 5, porém, talvez envolva uma diferença que torna mais clara a intertextualidade do guerreiro de Mimnermo com Diomedes. O guerreiro esmirnense é tão exemplar que nunca é reprovado pela deusa, ao contrário de Diomedes que é criticado por ela no canto 5 (vv. 800-824). A menção ao fato de o guerreiro não ser atingido por nenhum dardo (v. 8) também remete a Diomedes, que é atingido por uma flecha de Licáon²⁸⁵. No entanto, a referência à Atena pode, além da comparação com Diomedes, também ter relação com a religiosidade local. A deusa é também mencionada por Mimnermo no fr. 21 Allen, e escavações na localidade da antiga Esmirna revelaram um templo de Atena. A implicação poderia ser de que o poeta menciona que a deusa, de estatuto importante para os esmirnenses, não censurava o guerreiro do passado com o intuito de indicar que censura os contemporâneos (ALLEN, 1993, p. 119). Page (1961, p. 68), contudo, substituiu a partícula “μὲν” por “κεν” que possui um sentido de suposição (algo que se traduziria como “nem a deusa o censuraria”), sugerindo que o poeta não poderia saber e transmitir o pensamento da deusa²⁸⁶. Essa leitura reduziria bastante o peso da comparação e da *aristeia* do guerreiro, além de que, se o poeta está realmente modelando seu guerreiro em Diomedes, não haveria problemas em indicar os pensamentos da divindade, como fazia Homero.

Os versos 9-11 do fragmento de Mimnermo dialogam também com o verso 375 do canto 4 da *Iliada* (citado anteriormente); fato que, somado ao uso das formas verbais no passado, sugere que o guerreiro descrito já estivesse morto no período da execução do poema. A expressão “ninguém era melhor” (“οὐ τις... ἔτ’ἀμεινότερος”) retoma a questão do reproche aos contemporâneos do poeta, ficando implícito que no presente existem lídios melhores guerreiros que os esmirnenses, o que Allen (1993, p. 120) considera como “outra crítica tácita à preguiça e à covardia de seus concidadãos”²⁸⁷.

Por fim, o verso 11 apresenta um problema de leitura. Enquanto a interpretação mais usual seria de que os “rápidos raios do sol” teriam a acepção de “enquanto vivia” (WILAMOWITZ, 1913, p. 276), ou seja, de que o guerreiro agia da forma impecável, como descrita anteriormente enquanto viveu, o uso do dativo instrumental em “αὐγῆισιν” (“raios”) inviabiliza essa leitura. Allen (1993, p. 122) acredita que há um complemento faltando que apareceria no verso seguinte – posição também adotada por Gerber (1999, p. 97) – assim, a

²⁸⁵ *Iliada* 5.99.

²⁸⁶ Cf. *Iliada* 13.127;17.398.

²⁸⁷ Tradução minha: "another tacit criticism of his fellow townsmen's laziness and cowardice".

leitura seria algo como “[sujeito] carregavam aos rápidos raios do sol”. Campbell (1991, p. 231) traz uma leitura interessante de que seria o próprio guerreiro quem “investia” contra os “rápidos raios do sol”. Assim, percebe-se que a expressão também daria um certo fechamento à narrativa da investida do guerreiro esmirnense sobre as falanges lídias. Resta, portanto, em aberto o modo como essa imagem seria invocada na economia geral do poema, que, mesmo que estivesse centrado em questões do contemporâneo do poeta, não poderia ser muito breve, pois teria espaço suficiente para uma digressão sobre um guerreiro do passado.

4.5 Considerações finais

Levando em conta os quatro fragmentos de Mimnermo vistos neste capítulo em suas possíveis relações com a *Esmirneida*, percebe-se que muito pouco pode ser dito com exatidão sobre essa obra. Contudo, esses fragmentos fornecem vários indícios de que Mimnermo, seja na *Esmirneida* ou em outros poemas, abordou temas fundacionais (como no fr. 9 Allen) e, mais amplamente, temas bélicos relacionados ao seu presente ou ao seu passado recente. O forte uso de imagens homéricas corrobora a perspectiva de que a elegia era empregada para tratar de temas históricos; ainda, a ocorrência frequente dos conflitos contra os lídios na poesia de Mimnermo indica um viés contemporâneo para a elegia, de modo que o poeta pode empregar esse gênero com o intuito de dar destaque a acontecimentos do passado recente, incorporando-os à dicção e ao repertório épico.

Com relação à *Esmirneida*, embora continue em aberto se essa obra formaria parte do livro *Nanó* ou era independente desta, é perceptível de qualquer forma que se tratava de uma elegia narrativa de razoável extensão. Pelo fr. 9 Allen, nota-se que a própria obra *Nanó*, se não continha a *Esmirneida*, também apresentaria temas de valor histórico. Nesse fragmento, o poeta narra em um breve número de versos várias etapas da imigração jônica na Ásia Menor (a partida de Pilos na Messênia, a passagem por Colófon e a chegada em Esmirna), fato que pode sugerir que esse período não fosse o foco da narrativa, mas que outros períodos históricos da história de Esmirna fossem centrais nos versos seguintes. A menção à *hybris* desses colonizadores pode indicar uma intenção exortativa ou explicativa para eventos contemporâneos, como a ameaça lídia. O poeta pode estar, nesse sentido, atribuindo a causa dos perigos de seu tempo a uma espécie de *miasma* (uma forma de castigo divino hereditário) causado pela condução transgressora dos ancestrais esmirnenses.

O fr. 13 Allen traz aparentemente o conflito com os lídios, demonstrando que o poeta abordaria em tons épicos batalhas de um passado recente. Caso esse fragmento fizesse parte da

Esmirneida, teríamos que essa obra abrangeria temas históricos de diferentes períodos, desde a fundação da cidade (fator evidenciado pelo próprio título da obra remeter à amazona fundadora mítica da cidade) até os conflitos contemporâneos contra os lídios. Essa *epicização* do passado recente pode ser vista também no fr. 15 Allen, que parece se diferenciar dos demais fragmentos abordados por seu teor mais exortativo, ao apresentar a *aristeia* de um guerreiro esmirnense em confronto com os lídios. Contudo, não descartamos que esse fragmento poderia também estar contido na *Esmirneida*, considerando que a narrativa histórica em Mimnermo poderia ter implicações diretas (exortativas) para sua audiência.

Quanto à extensão da *Esmirneida*, pelo fr. 14 Allen e a atribuição a um proêmio de Mimnermo de uma genealogia das musas, pensamos nessa obra como uma candidata a conter esse proêmio, tomando como exemplo a invocação das musas no fr. 11 W de Simônides. Desse modo, temos que Mimnermo abordou com características narrativas ao menos dois períodos históricos: a imigração jônica na Ásia Menor (provavelmente a fim de tratar da fundação de Esmirna) e os conflitos do passado recente do poeta contra os lídios. Embora incerto se ambos períodos fossem abordados na *Esmirneida*, vemos que mesmo um poeta associado frequentemente ao amor e ao vinho como Mimnermo também se detinha na abordagem de temas históricos, provavelmente com fins políticos, almejando reforçar a identidade esmirnense em um período de grande ameaça, que acabou se concretizando com a invasão da cidade por Aliates, que pode ter sido o próprio fim do poeta (CAMPBELL, 1991, p. 222-223).

5 CALINO DE ÉFESO - O “HINO A ZEUS” E OS CONFLITOS DA ÁSIA MENOR

Calino foi um dos mais antigos poetas elegíacos gregos²⁸⁸, tendo vivido em Éfeso na Ásia Menor em meados do século VII a.C. Contudo, pouquíssimos fragmentos e testemunhos de sua obra restaram, sendo o fr. 1 W o único poema, de tamanho considerável, pelo qual podemos ter alguma ideia do estilo e da qualidade poética de Calino. Esse fragmento é essencialmente exortativo, muito ao estilo de Tirteu, demonstrando grande habilidade poética na construção de imagens exortativas impactantes. Alguns breves testemunhos, porém, apresentam que Calino abordava conteúdos históricos em sua poesia, de modo que talvez o próprio fr. 1 W estivesse contido em um poema mais extenso que incluiria narrativa de temas históricos.

Os fragmentos que mais chamaram a atenção para a questão da elegia narrativa, no entanto, são o fr. 2 W e 2a W, os quais são mencionados por Estrabão²⁸⁹ na mesma passagem em que é citado o fr. 9 Allen de Mimnermo:

Αὗται μὲν δώδεκα Ἴωνικαὶ πόλεις, προσελήφθη δὲ χρόνοις ὕστερον καὶ Σμύρνα εἰς τὸ Ἴωνικὸν ἐναγαγόντων Ἐφεσίων· ἦσαν γὰρ αὐτοῖς σύνοικοι τὸ παλαιόν, ἥνικα καὶ Σμύρνα ἐκαλεῖτο ἢ Ἐφεσος· καὶ Καλλίνος που οὕτως ὠνόμακεν αὐτήν, Σμυρναίους τοὺς Ἐφεσίους καλῶν ἐν τῷ πρὸς τὸν Δία λόγῳ (fr. 2 W) “Σμυρναίους δ’ ἐλέησον” καὶ πάλιν (fr. 2a W) “μνήσαι δ’ εἰκοτέ τοι “μηρία καλὰ βοῶν [Σμυρναῖοι κατέκην].”

Essas são as doze cidades jônicas, mas algum tempo depois também Esmirna foi incluída sendo indicada pelos efésios: pois foram vizinhos no passado, quando também Éfeso se chamava Esmirna: também Calino parece nomeá-la assim, chamando de esmirnenses os efésios no hino para Zeus: (fr. 2 W) “tende piedade dos esmirnenses” - e, de novo - (fr. 2a W) “lembra-te se alguma vez belas coxas de bois os esmirnenses sacrificaram”.

Como visto anteriormente, ao tratar do fragmento de Mimnermo, Estrabão considera que os “esmirnenses” mencionados por Calino remetem na verdade aos efésios, que em um tempo mais antigo possuiriam um bairro ou uma região da cidade denominada Esmirna. Bowie (2009, p. 114), no entanto, considera duvidoso que Calino estivesse se referindo aos efésios aqui, levando em consideração, por exemplo, que Estrabão afirma que esses excertos foram retirados do “hino a Zeus” de Calino. Nesse sentido, Zeus era a divindade patrona de Esmirna,

²⁸⁸ Possivelmente mais antigos que Arquíloco, de acordo com Estrabão (14.1.40 = Calino fr. 3 W) e Ateneu (12.525c). Órion (*lexycon* etym. s.v. ἔλεγος - col. 58.8 Sturz) menciona que alguns creditam Calino como o inventor do dístico elegíaco.

²⁸⁹ *Geografia*, 14.1.4.

enquanto Ártemis era a deusa identitária de Éfeso²⁹⁰. Assim, Calino poderia ter sido comissionado pelos esmirnenses ou simplesmente estaria participando de um simpósio nessa cidade, inserindo a invocação a Zeus como uma forma de homenagear seus anfitriões. Bowie (2010, p. 158) também considera que os poetas elegíacos desse período, como Calino e Tirteu, pertenceriam provavelmente à aristocracia devido ao próprio fato de participarem de simpósios; esse fato também esclareceria uma certa “mobilidade” desses poetas em cidades com grupos aristocráticos associados. Embora Bowie (2009, 2010) traga uma perspectiva interessante para o contexto de execução inicial do poema de Calino, é difícil fazer qualquer afirmação contundente dada a universalidade do culto a Zeus na Grécia Antiga. Podemos considerar, no entanto, qual seria a finalidade do “hino a Zeus” mencionado por Estrabão, se a invocação ao deus constituiria o poema inteiro ou formaria apenas uma seção do poema.

Tomando como paradigma o fr. 11 W de Simônides, Lulli (2011, p. 27) conjectura que o “hino a Zeus” poderia estar na parte inicial ou no próêmio de uma elegia mais longa, como o hino a Aquiles que inaugura o fragmento de Simônides. Outra possibilidade levantada pela autora é de que a invocação ao deus pode ocorrer por parte de uma personagem e não na voz do próprio poeta, o que justificaria também a menção aos esmirnenses (enquanto habitantes da cidade de Esmirna e não efésios) em caso de o poeta não estar presencialmente na cidade, nem ser comissionado por ela.

A narrativa de eventos históricos antigos ou recentes seria algo importante no contexto de Calino, uma vez que a população grega da Ásia Menor estava envolta em conflitos com outros povos locais. Outros fragmentos indicam que Calino de alguma forma tratou desses conflitos. Um dos conflitos mencionados por Calino seriam as investidas do povo cimério (e de uma tribo em particular, os Treres) na Ásia Menor. Um importante indício de que Calino abordaria as incursões cimérias na Anatólia é o fr. 5 W, também contido em uma passagem de Estrabão²⁹¹:

ἄλλης δέ τινος ἐφόδου τῶν Κιμμερίων μέμνηται πρεσβυτέρας ὁ Καλλῖνος
ἐπὶ φῆ
“νῦν δ' ἐπὶ Κιμμερίων στρατὸς ἔρχεται ὀβριμοεργῶν,”
ἐν ἧ τὴν Σάρδεων ἄλωσιν δηλοῖ.

De outra antiga investida dos cimérios lembra Calino quando diz:
“Agora avança o exército dos cimérios devastadores”
no qual esclarece a captura de Sardes.

²⁹⁰ O templo de Ártemis é mencionado por Plínio em *História Natural* (VII, 38).

²⁹¹ *Geografia*, 14.1.40.

Nessa passagem, embora completamente descontextualizada, podemos inferir que o exército nômico cimério constituía-se como uma forte ameaça para as cidades estabelecidas na costa ocidental da Anatólia. Pouco se sabe sobre as origens dos cimérios, mas acredita-se que eram um povo irânico ou trácio que teria ocupado inicialmente alguma região ao norte do Cáucaso. Já em tempos remotos teriam também algum grau de assimilação com os cítios. No séc. VIII, teriam feito grandes incursões, saqueando a cidade de Urartu do império Neo-Assírio e chegando ao ápice de seu poder com a invasão da Anatólia e o saque de Sardis. Contudo, o período de supremacia ciméria foi breve, sendo já dominados pelo rei lídio Aliates (SULIMIRSKI & TAYLOR, 2001, p. 555-556, p. 559). Cabe salientar também que o adjetivo “ὄβριμοεργῶν” (traduzido por “devastadores”) remete mais propriamente ao fato de serem instigadores de atos de violência, sendo o termo utilizado também para atos de violência contra os deuses²⁹² (LULLI, 2011, p. 25). O fato de serem instigadores de violência também é um tópico importante no fr. 9 Allen de Mímnemo, que menciona os colonizadores de Esmína como “βίην ὑπέροπλον ἔχοντες” (“força esmagadora possuindo”, v. 3) e “ἀργαλέης ὕβριος ἡγεμόνες” (“instigadores de dolorosa transgressão”, v. 4). Retornando ao termo empregado por Calino, nota-se que seu uso estava relacionado a comportamentos soberbos ou “híbristicos”²⁹³, o que o aproxima da expressão de Mímnemo relativa aos instigadores de transgressão (de *hýbris*). Contudo, a expressão “βίην ὑπέροπλον” (“força esmagadora”) empregada por Mímnemo tem uma conotação mais positiva²⁹⁴, o que parece adequado tendo em vista a possível intenção de mitigar a conotação negativa de *hýbris* na narrativa dos próprios colonizadores da sua cidade. Calino, por se referir a um povo inimigo, provavelmente busca destacar o caráter desmedido de suas ações, talvez como forma de destacar a legitimidade de seu próprio povo. Desse modo, Gerber (1999, p. 21) acredita que o fr. 5 W pode estar relacionado à exortação contida no fragmento mais extenso de Calino, o fr. 1 W, de modo que ambos estariam contidos em um poema exortando os contemporâneos a reagirem à ameaça dos inimigos cimérios. Vejamos, assim, o fr. 1W:

μέχρις τ<έο> κατάκεισθε; κότ' ἄλκιμον ἔξετε θυμόν,
ὦ νέοι; οὐδ' αἰδεῖσθ' ἀμφιπερικτίονας

²⁹² *Iliada* 5.403.

²⁹³ No canto 22 (v. 418), da *Iliada*, “ὄβριμοεργός” é o termo utilizado por Príamo para se referir a Aquiles, logo após ele profanar o cadáver de Heitor, um exemplo de atitude desmedida. Hesíodo (*Teogonia*, v. 996) emprega o adjetivo para se referir a Pélias, o rei de Iolco que enviou Jasão em sua jornada pelo velocino de ouro, um outro exemplo de postura desmedida.

²⁹⁴ A expressão é empregada por Hesíodo (*Teogonia*, v. 670) para se referir aos hecantonquicos (seres de “cem mãos”) quando conclamados por Zeus para auxiliar os deuses olímpicos na guerra contra os titãs. Na *Posthomérica* (12.35) de Quinto Esmirneu, Odisseu utiliza a expressão para se referir ao exército aqueu ao apresentar o plano do cavalo de Troia. Teócrito (*Idílio* 25, v. 152) utiliza a expressão para se referir a Hércules.

ὄδε λίην μεθιέντες; ἐν εἰρήνῃ δὲ δοκεῖτε
ἦσθαι, ἀτὰρ πόλεμος γαῖαν ἅπασαν ἔχει

.....

καί τις ἀποθήσκων ὕστατ' ἀκοντισάτω.
τιμῆν τε γάρ ἐστι καὶ ἀγλαὸν ἀνδρὶ μάχεσθαι
γῆς πέρι καὶ παίδων κουριδίης τ' ἀλόχου
δυσμενέσιν· θάνατος δὲ τότ' ἔσσεται, ὅπποτε κεν δὴ
Μοῖραι ἐπικλώσωσ'. ἀλλὰ τις ἰθὺς ἴτω
ἔγχος ἀνασχόμενος καὶ ὑπ' ἀσπίδος ἄλκιμον ἦτορ
ἔλσας, τὸ πρῶτον μειγνυμένου πολέμου.
οὐ γάρ κως θάνατόν γε φυγεῖν εἰμαρμένον ἐστὶν
ἄνδρ', οὐδ' εἰ προγόνων ἦι γένος ἀθανάτων.
πολλάκι δηϊότητα φυγῶν καὶ δοῦπον ἀκόντων
ἔρχεται, ἐν δ' οἴκῳ μοῖρα κίχεν θανάτου,
ἀλλ' ὁ μὲν οὐκ ἔμπης δῆμῳ φίλος οὐδὲ ποθεινός·
τὸν δ' ὀλίγος στενάχει καὶ μέγας ἦν τι πάθη·
λαῶι γὰρ σύμπαντι πόθος κρατερόφρονος ἀνδρὸς
θνήσκοντος, ζώων δ' ἄξιος ἡμιθέων·
ὥσπερ γάρ μιν πύργον ἐν ὀφθαλμοῖσιν ὄρωσιν·
ἔρδει γὰρ πολλῶν ἄξια μῶνος ἐών.

Até quando ficareis reclinados? Quando tereis ânimo bravo,
ó jovens? Não vos envergonhais dos vizinhos
estando assim tão folgados? Em paz pareceis estar,
mas a guerra toma a terra toda

.....

que mesmo alguém à beira da morte lance seu último dardo.
Pois é uma esplêndida honra ao homem lutar
pela terra, pelos filhos e pela esposa legítima
contra inimigos. A morte apenas ocorrerá, quando assim
as Moiras fiarem. Mas, que de imediato se lance,
lança brandindo e, embaixo do escudo, indômito coração
encobrimdo ao começo do misturar da guerra.
Pois não há como fugir da morte decretada
ao homem, nem mesmo se é da progênie dos imortais.
Muitas vezes, [um homem] fugindo da pugna e do ruído dos dardos
regressa, mas em casa o atinge a moira da morte;
de modo algum, o amam ou sentem falta o povo.
O outro, porém, por pequenos e grandes é lamentado se algo sofre.
Pois o povo todo tem saudade do homem destemido
que morre, o qual vivente é par dos deuses.
Em seus olhos o veem como uma torre,
pois vale por muitos, sendo apenas um só.

Este, que é o fragmento mais conhecido – e substancial – de Calino, traz um Eu que conclama os jovens a tomar parte em uma guerra que se espalha por toda a terra. No primeiro verso, o verbo “κατάκεισθε” (“reclinados”) indica um contexto simposial, por este verbo estar usualmente associado à posição em que ficavam os simposiastas (LULLI, 2011, p. 23). O poeta, no entanto, repudia essa atitude em um momento em que toda a terra, remetendo provavelmente apenas à Ásia Menor, está em guerra (v. 4). Essa menção pode estar associada a um contexto real de conflito, possivelmente com os próprios cimérios que investiam contra diversas cidades

anatólicas, como a outrora próspera capital dos lídios, Sardes, ou os gregos da Magnésia (BACH, 1831, p. 18). Os efésios de Calino também poderiam possuir uma relação mais amistosa com os lídios (diferente dos esmirnenses de Mimnermo), sendo o rei lídio Creso, inclusive, um dos principais financiadores da construção do segundo templo de Ártemis em Éfeso²⁹⁵ (LELOUX, 2018, p. 53-54, p. 58), o que tornaria a destruição da capital desse povo algo ainda mais impactante e ameaçador para eles.

Lulli (2009, p. 29) postula, assim, que o fr. 1 W de Calino não seria apenas uma exortação desprovida de uma função específica, indicando que a função exortativa poderia estar estritamente relacionada com o contexto sócio-histórico conflituoso da Ásia Menor. Com relação a Sardes, um testemunho de Estrabão²⁹⁶ menciona que Calístenes apoiara-se em Calino (fr. 5b W) para descrever os vários povos que saquearam Sardes:

Φησι δὲ Καλλισθένης ἀλῶναι τὰς Σάρδεις ὑπὸ Κιμμερίων πρῶτον, εἴθ' ὑπὸ Τρηρῶν καὶ Λυκίων, ὅπερ καὶ Καλλῖνον δηλοῦν τὸν τῆς ἐλεγείας ποιητὴν, ὕστατα δὲ τὴν ἐπὶ Κύρου καὶ Κροίσου γενέσθαι ἄλωσιν. λέγοντος δὲ τοῦ Καλλίνου τὴν ἔφοδον τῶν Κιμμερίων ἐπὶ τοὺς Ἑσίωνας γεγονέναι καθ' ἣν αἱ Σάρδεις ἐάλωσαν, εἰκάζουσιν οἱ περὶ τὸν Σκήψιον ἰαστὶ λέγεσθαι Ἑσιονεῖς τοὺς Ἀσιονεῖς: “τάχα γὰρ ἡ Μηονία” φησὶν “Ἀσία ἐλέγετο”.

Diz Calístenes que Sardes foi capturada primeiro pelos cimérios, depois pelos treres e lícios, como demonstra o poeta elegíaco Calino, e depois ainda por Ciro e Creso. Tendo tratado Calino da investida dos cimérios contra os esíonas*, na qual Sardes foi capturada, inferem os discípulos de Escépsio que Esíonas* em jônico quer dizer asíonas*, pois ele diz: “pois talvez a Meônia foi chamada de Ásia”²⁹⁷.

De acordo com essa passagem, Calino teria abordado não apenas a invasão ciméria, mas também os ataques dos treres e dos lícios (outro povo anatólico). Em relação aos treres, essa tribo é dada como trácia por Estêvão de Bizâncio²⁹⁸ que remete a um hemístiquio de Calino (fr. 4 W): “conduzindo homens treres” (“Τρήρας ἄνδρας ἄγων”). A expressão de Calino, porém, não confirma a afirmação de Estêvão sobre a relação dos treres com os trácios. Por outro lado, os treres são mencionados como uma tribo ciméria no fr. 3 W de Calino, contido em um

²⁹⁵ Uma tradição – mencionada por Heródoto (1.26), Eliano (*Várias Histórias* 3.26) e Polieno (*Estratagemas* 6.50) – reporta que Éfeso teria sido a primeira cidade grega a ser atacada pelo rei lídio Creso. Estando sitiada e tendo uma de suas torres rompida pelos lídios, o tirano efésio Píndaro (que seria também sobrinho de Creso, indicando uma relação anterior entre ambos os povos) recorre a um estratagema de conectar a cidade com uma corda ao templo de Ártemis (deusa de especial adoração entre os lídios), consagrando a cidade à deusa. Creso teria se compadecido da cidade e chegado a um acordo com Píndaro, o qual, porém, é forçado a deixar a cidade.

²⁹⁶ *Geografia* 13.4.8.

²⁹⁷ Demétrio de Escépsis fr. 41 Gaede.

²⁹⁸ *Ética*, p. 634.3 Meineke.

argumento de Estrabão²⁹⁹ sobre a anterioridade de Calino em relação a Arquíloco.

καὶ τὸ παλαιὸν δὲ συνέβη τοῖς Μάγνησιν ὑπὸ Τρηρῶν ἄρδην ἀναιρεθῆναι, Κιμμερικῶ ἔθνους, εὐτυχήσαντας πολὺν χρόνον, τὸ δ' ἐξῆς τοὺς Ἐφεσίους κατασχεῖν τὸν τόπον. Καλλῖνος μὲν οὖν ὡς εὐτυχούντων ἔτι τῶν Μαγνήτων μέμνηται καὶ κατορθούντων ἐν τῷ πρὸς τοὺς Ἐφεσίους πολέμῳ, Ἀρχίλοχος δὲ ἤδη φαίνεται γνωρίζων τὴν γενομένην αὐτοῖς συμφορὰν “κλαίει * θάσων οὗ τὰ Μαγνήτων κακά.” ἐξ οὗ καὶ [αὐ]τὸν νεώτερον εἶναι τοῦ Καλλίνου τεκμαίρεσθαι πάρεστιν.

E na antiguidade ocorreu que os magnésios foram completamente destruídos pelos treres, uma tribo ciméria, após terem prosperado por bastante tempo; em seguida, o local foi ocupado pelos efésios³⁰⁰. Calino lembra dos magnésios ainda como prósperos e bem-sucedidos na guerra contra os efésios. Arquíloco, porém, já parece conhecer a desdita que lhes ocorreu: “lamento os males dos tásios e não dos magnésios”³⁰¹. Por causa disso, pode-se inferir que ele é mais novo que Calino.

Essa passagem do geógrafo demonstra que Calino também relatara de algum modo a guerra entre efésios e magnésios. Com relação ao ataque cimério, Bowie (2010, p. 152) acredita que esse poderia ser o próprio ataque que causou a morte de Giges e que Calino poderia ter composto um poema detido sobre o “Saque de Sardes”. Contudo, o excerto de Estrabão remete mais propriamente ao fato de Calino ter composto uma elegia sobre o conflito entre Éfeso e Magnésia. A Magnésia referida aqui é provavelmente a colônia denominada “Magnésia do Meandro”, que, juntamente da “Magnésia do Sípilo”, foi uma cidade na Ásia Menor fundada por colonizadores da cidade de Magnésia na Tessália. Teógnis, em duas passagens³⁰², relata que a “ὑβρις” (“transgressão”) era associada à causa da destruição da Magnésia. Uma consideração semelhante de que os excessos (algo que passou a ser associados aos jônicos de modo geral³⁰³) causaram a destruição dos magnésios está presente em Ateneu³⁰⁴ (= Calino fr. 3 W), o qual, no entanto, traz que essa cidade foi destruída pelos efésios e não pelos cimérios. O historiador romano Plínio³⁰⁵ também relata que os lídios estiveram em guerra com os magnésios durante o

²⁹⁹ *Geografia*, 14.1.40.

³⁰⁰ Para Gerber (1999, p. 14-15), lê-se aqui “milésios”, de modo que seriam os milésios que ocuparam o local antes habitado pelos magnésios.

³⁰¹ Arquíloco fr. 20 W

³⁰² *Teognideia*, vv. 603-604 e vv. 1101-1104.

³⁰³ Heródoto (*Histórias* 1.143.2) relata que os atenienses teriam deixado de se considerar jônicos justamente pela carga pejorativa que o nome adquirira. Na comédia, Aristófanes debocha dos jônicos em pelo menos três peças: em *A Paz* (v. 933), associa os jônicos à covardia; em *As Mulheres na Assembleia* (v. 918), à lascívia; e, em *As Tesmoforiantes* (v. 163), a um estilo de dança lascivo. Esta última associação parece ter permanecido na poesia latina, como em Horácio (*Carmina* 3.6.21), que descreve a dança jônica como uma forma de corrupção das jovens romanas.

³⁰⁴ *O Banquete dos Eruditos* XII. 28 p. 525c.

³⁰⁵ *História Natural* 35.34

reinado de Candaules (antecessor de Gíges), o qual teria adquirido uma pintura que representaria essa guerra.

Portanto, percebe-se que temas históricos não eram raros na obra de Calino. Contudo, um fragmento curioso pode indicar que o poeta efésio também tratara de temas fundacionais. O fr. 7 W, mencionado por Estrabão³⁰⁶, reporta que Calino abordara a narrativa mitológica em torno da fundação de Hamáxito, cidade entre a Troade e a Eólida:

συνοικειούσι δὲ καὶ τὴν ἱστορίαν εἴτε μῦθον τούτῳ τῷ τόπῳ τὴν περὶ τῶν μυῶν. τοῖς γὰρ ἐκ τῆς Κρήτης ἀφιγμένοις Τεύκροις (οὗς πρῶτος παρέδωκε Καλλῖνος ὁ τῆς ἐλεγείας ποιητής, ἠκολούθησαν δὲ πολλοί) χρησμὸς ἦν, αὐτόθι ποιήσασθαι τὴν μονὴν ὅπου ἂν οἱ γηγενεῖς αὐτοῖς ἐπιθῶνται· συμβῆναι δὲ τοῦτ' αὐτοῖς φασι περὶ Ἀμαξιτόν· νύκτωρ γὰρ πολὺ πλῆθος ἀρουραίων μυῶν ἐξανθήσαν διαφαγεῖν ὅσα σκύτινα τῶν τε ὀπλῶν καὶ τῶν χρηστηρίων· τοὺς δὲ αὐτόθι μείναι· τούτους δὲ καὶ τὴν Ἰδὴν ἀπὸ τῆς ἐν Κρήτῃ προσονομάσαι.

Tanto a história quanto o mito relacionam esse lugar aos ratos, pois os teucros que vieram de Creta (a respeito dos quais primeiro transmitiu Calino, o poeta elegíaco, o qual foi seguido por muitos) receberam um oráculo de que deveriam fazer sua morada onde os “nascidos da terra” os atacassem. Dizem que isso ocorreu perto de Hamáxito. De noite, uma grande multidão de ratos do campo emergiu e comeu todo o couro das armas e dos utensílios, e, nesse lugar, eles [os teucros] permaneceram. Eles também nomeraram o [monte] Ida a partir do [monte] Ida em Creta.

Esse fragmento, assim, demonstra a abordagem de um mito fundacional por parte de Calino, remetendo a uma cidade que não era a sua terra natal, manipulando um material épico. O motivo dos ratos, nesse sentido, não é nenhuma inovação ou tema exclusivo de Calino, estando presente também em Heródoto, Calímaco, assim como possivelmente no canto 1 da *Iliada* com a menção ao Apolo *Smintheus*³⁰⁷. Dougherty (1994, p. 38) acredita que o poema provavelmente não se deteria na fundação de Hamáxito, mas que a citação de Estrabão é uma evidência de que havia, pelo menos, “um tratamento da fundação de Hamáxito dentro de uma narrativa elegíaca maior com foco histórico”³⁰⁸. A autora baseia essa afirmação nos outros acontecimentos históricos tratados pelo poeta, como o saque de Sardes (visto anteriormente no fr. 5b W), o sucesso dos magnésios contra os efésios (fr. 3, também já abordado) e a morte de Calcas e o destino dos pamfílios – tratados no fr. 8 W, contudo, este fragmento é considerado espúrio por West (1998, p. 50).

³⁰⁶ *Geografia* 13.1.48.

³⁰⁷ Heródoto 2.14.1-5; Calímaco *Aitia* fr. 177.21-24 Pf. Quanto ao epíteto *Smintheús* (“Σμινθεύς”) para Apolo, embora de etimologia incerta, pode ter origem na palavra “σμίνθος” (*sminthos*, “rato”) (LSJ).

³⁰⁸ Tradução minha: “treatment of the founding of Hamaxitos withing a larger narrative elegy of historical focus”.

Outro aspecto interessante do fr. 7 W é que Estrabão ressalta algumas escolhas lexicais adotadas por Calino, como o uso da palavra “teucros” e a associação do Monte Ida na Ásia Menor com o monte homônimo em Creta. Mazzarino (1973, p. 43) vê o uso do gentílico “teucros” (para se referir aos primeiros habitantes não-gregos da Tróade), em vez de *troas* ou *dardânios*, comuns na épica, como um movimento de pesquisa por parte do poeta, visando recuperar a designação original desses habitantes (o que é corroborado pela menção à nomeação do Monte Ida na Anatólia ser baseada no homônimo cretense). Lulli (2011, p. 29) concorda com a visão de Mazzarino, considerando que a elegia do período arcaico já conteria o germe do tipo de investigação histórica que daria origem à historiografia. Um outro indício dessa conexão de Calino com a história antiga de sua região pode ser encontrado no fr. 6 W, contido numa passagem de Pausânias³⁰⁹:

ἐποιήθη δὲ ἐς τὸν πόλεμον τοῦτον καὶ ἔπη Θηβαῖς· τὰ δὲ ἔπη ταῦτα Καλλίνος ἀφικόμενος αὐτῶν ἐς μνήμην ἔφησεν Ὅμηρον τὸν ποιήσαντα εἶναι, Καλλίνῳ δὲ πολλοί τε καὶ ἄξιοι λόγου κατὰ ταῦτα ἔγνωσαν

E sobre essa guerra trata o épico *Tebaida*. Desses versos, Calino, quando chega à ocasião de mencioná-los, diz ser Homero o autor, e muitos peritos concordaram com a palavra de Calino.

Nessa passagem, é transmitido que Calino é um dos mais antigos (e reconhecidos) testemunhos da autoria homérica de um poema épico chamado *Tebaida* – o qual possui apenas alguns outros testemunhos esparsos –, que tratava da guerra entre os irmãos Etéocles e Polinices, filhos de Édipo. No entanto, intriga o modo como Calino teria abordado esse tema dentro de uma elegia. Uma possibilidade é de que Calino poderia no começo de um poema elegíaco comparar sua produção com aquela de Homero, algo similar ao que ocorre no fragmento 11 W de Simônides. Lulli (2011, p. 28-29) conclui que o fr. 6 W indica ao menos que Calino possuía uma íntima relação e conhecimento da tradição épica, assim como a maioria dos elegíacos arcaicos.

O último fragmento de Calino a ser abordado aqui é ainda mais incerto que os vistos anteriormente, considerado espúrio por West (1998, p. 50) pelo fato de apenas um códice do texto de Estrabão, autor da citação, trazer a menção a Calino, enquanto os demais mencionam o historiador helenístico Calístenes. A passagem é digna de consideração, no entanto, por se tratar de outra passagem de Estrabão³¹⁰ que trata das origens míticas de um povo anatólico, no caso, os pamfílios, um povo autóctone do sul da Anatólia:

³⁰⁹ *Descrição da Grécia*, 9.9.5.

³¹⁰ *Geografia* 14.4.3.

Καλλῖνος δὲ τὸν μὲν Κάλχαντα ἐν Κλάρῳ τελευτῆσαι τὸν βίον φησί, τοὺς δὲ λαοὺς μετὰ Μόψου τὸν Ταῦρον ὑπερθέοντας τοὺς μὲν ἐν Παμφιλίᾳ μεῖναι τοὺς δ' ἐν Κιλικίᾳ μερισθῆναι καὶ Συρίᾳ μέχρι καὶ Φοινίκης.

Calino diz que Calcas perdeu a vida em Claros, mas, dos povos liderados por Mopso, atravessando o Tauro, alguns permaneceram na Pamfília, outros se espalharam na Cilícia e também na Síria até a Fenícia.

Calcas e Mopso seriam os melhores adivinhos do período épico e também rivais. No relato que Estrabão atribui a Calino, após a morte de Calcas, Mopso teria liderado parte do povo para a Pamfília, na Ásia Menor, sendo que alguns desses imigrantes teriam se espalhado pela costa até à Síria. Mazzarino (1973, p. 46) vê aqui outro indício da “capacidade de pesquisador”³¹¹ de Calino, devido ao fato de ter sido descoberta uma estela em hieróglifos lúvios e em fenício na atual Kara Tepe na Turquia referindo-se à “casa de Mopso”; a partir dessa inscrição, o autor sugere que haveria uma figura histórica assim chamada e que Calino estaria de algum modo transmitindo essa tradição. Caso Calino tenha, de fato, narrado a história de Mopso, teríamos indícios de que o poeta teria relatado uma variedade de mitos da história antiga da Ásia Menor. Além disso, embora não tenhamos certeza de que Calino seja a verdadeira fonte da informação contida no fr. 6 W, podemos conjecturar que o copista desse manuscrito de Estrabão poderia ter se equivocado justamente por haver uma associação na antiguidade entre Calino e temas da história antiga da Ásia Menor.

Assim, por fim, vemos que Calino tem uma interessante coleção de menções a acontecimentos históricos de períodos próximos e distantes de seu tempo, incluindo também a tópica fundacional. Contudo, é difícil fazer qualquer afirmação concreta a respeito da natureza dos poemas aos quais pertenciam os fragmentos devido à extrema escassez de informações, porém pela grande quantidade de temas históricos dentro de seu pequeno *corpus* podemos inferir, como Lulli (2011, p. 18), que certamente essas passagens estariam contidas “em uma seção elegíaca de natureza propriamente narrativa”³¹². No entanto, a análise da obra do poeta Tirteu, a qual é semelhante à de Calino em seu conteúdo exortativo, pode colaborar na compreensão de como temas exortativos e históricos poderiam se entrecruzar na elegia grega.

³¹¹ Tradução minha: “capacità di ricercatore”.

³¹² Tradução minha: “in una sezione elegiaca di natura propriamente narrativa”.

6 A *EUNOMIA* DE TIRTEU

Um pequeno conjunto de fragmentos do poeta espartano (ou ateniense) Tirteu chama a atenção pela temática diferente em relação ao resto da produção desse poeta elegíaco. Tirteu lida na maioria de seus fragmentos supérstites, e especialmente nos mais longos, com a exortação bélica, detendo-se na incitação e na valorização da moral guerreira espartana. Contudo, os fragmentos que serão abordados neste capítulo se caracterizam pela temática cívica, incluindo alguns relatos da história espartana – temática que poderia estar relacionada ao poema *Eunomia* (“Boas Leis”) atribuído a ele.

A *Eunomia* formaria uma espécie de constituição ou de relato poético da formação das instituições políticas espartanas (o que abordaremos ao longo deste capítulo), de modo que teria um importante valor cívico nessa cidade. O fr. 1 W³¹³ de Tirteu recorda que o poeta seria um exemplo de que guerras civis surgem quando há grande desigualdade social³¹⁴, o que indica que conflitos cívicos (ou suas causas) seriam também temas dessa obra:

ἔτι ὅταν οἱ μὲν ἀπορῶσι λίαν, οἱ δ' εὐπορῶσιν (γίνονται αἱ στάσεις). καὶ μάλιστα ἐν τοῖς πολέμοις τοῦτο γίνεται· συνέβη δὲ καὶ τοῦτο ἐν Λακεδαιμόνι, ὑπὸ τὸν Μεσσηνιακὸν πόλεμον· δῆλον δὲ [καὶ τοῦτο] ἐκ τῆς Τυρταίου ποιήσεως τῆς καλουμένης Εὐνομίας· θλιβόμενοι γάρ τινες διὰ τὸν πόλεμον ἠξίουσαν ἀνάδαστον ποιεῖν τὴν χώραν.>

Ainda quando alguns empobrecem em demasia, enquanto outros enriquecem (acontecem as guerras cívicas); e especialmente nas guerras isso acontece. Isso ocorreu também na Lacedemônia, durante a Guerra da Messênia, o que é evidente pelo poema de Tirteu chamado *Eunomia*, pois alguns oprimidos pela guerra queriam fazer uma redistribuição da terra.

Esses conflitos (embora provavelmente não chegassem ao ponto de se tornarem efetivamente guerras civis³¹⁵) poderiam estar relacionados ao balanço de poder entre os aristocratas e as classes mais populares. Raaflaub (2006, p. 392) destaca que, no final do séc. V, a palavra *eunomia* seria considerada, de modo geral, um ideal oligárquico, apoiando-se na defesa desse sistema político feita pelo “Velho Oligarca”³¹⁶, o autor da *Constituição de Atenas*, tratado sobre o sistema político ateniense por muito tempo atribuído a Xenofonte. Em contraste,

³¹³ = Aristóteles, *Política* 1306b, 35 – 1307a1.

³¹⁴ Ponto de vista também mencionado por Pausânias (*Descrição da Grécia* 4.18.2-3).

³¹⁵ Esparta era notória por não ter tido guerras civis desde um período muito antigo (Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 1.18).

³¹⁶ Pseudo-Xenofonte, *Constituição de Atenas*, 1.8-9.

o ideal democrático seria a isonomia³¹⁷. Nesse sentido, Fragkaki (2015, p. 47) crê que: “a institucionalização dos órgãos políticos, a forma particular de governo e a aquisição legal de dominação sobre o *demos* teriam ocorrido em Esparta após a elegia *Eunomia* de Tirteu”³¹⁸, de modo que essa obra teria influência fundamental na definição das instituições políticas espartanas, as quais, embora mantendo o papel central dos oligarcas e dos reis, promoviam mecanismos de divisão de poder.

Retornando, ainda, ao termo *eunomia* e aos seus usos mais antigos, percebe-se que ela é personificada em certas ocasiões, como na *Teogonia* de Hesíodo (vv. 901-903), na qual é apresentada como filha de Têmis (“Justiça”) e irmã de Dice (deusa relacionada à aplicação da justiça) e Irene (“Paz”). Andrewes (1938, p. 89) considera que essa genealogia indica que ela, assim como sua mãe, referia-se a um valor do indivíduo enquanto membro de uma comunidade. Tendo em mente a *eunomia* como uma característica do indivíduo em relação ao coletivo, Andrewes (1938, p. 101) crê que o termo em Tirteu não se refira a uma mudança constitucional, mas sim a uma exortação aos cidadãos para manterem as leis, cada um individualmente. Para chegar a essa conclusão, Andrewes (1938, p. 93) analisa um relato de Tucídides³¹⁹, considerando que o historiador ateniense teria provavelmente antecipado a *Eunomia* de Tirteu para antes de 800 a.C. a fim de torná-la simultânea à “constituição” de Esparta – que teria se fixado por volta desse período para o autor. Heródoto³²⁰ também menciona o termo no sentido de manter as leis e não no de instaurá-las. Além do uso aparecer nos historiadores, o termo também é utilizado no fr. 4 W (vv. 31-39) de Sólon, sendo neste contrastado com a *disnomia* (a falta, ou o uso irregular, das leis). No caso de Sólon, Andrewes (1938, p. 90) vê o poeta possivelmente comparando os resultados de suas próprias leis (que teriam gerado a *eunomia*) com as leis anteriores promovidas por Drácon (que teriam levado à *disnomia*).

De modo similar, para Blaise (2006, p. 122), considerando o emprego da palavra tanto em Sólon quanto em Tirteu, a *eunomia* não seria uma virtude “positiva”, pois “é uma atividade que restaura uma situação de balanço e sempre pressupõe a desordem, que é contrabalançada pela *eunomia*”³²¹. O sentido não seria muito diferente do empregado por Homero, por exemplo na *Odisseia* (17.487), para o qual a *eunomia* não remete ao ideal das leis, mas à atividade de

³¹⁷ Embora pudesse haver uma “*oligarkhía isónomos*”, ou seja, uma oligarquia com igualdade de direitos entre os cidadãos, como relatado por Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso* 3.62.3-4).

³¹⁸ Tradução minha: "the institutionalisation of the political organs, the particular form of government and the legal acquisition of *demos*' domination, would have occurred in Sparta after the elegy *Eunomia* of Tyrtaeus".

³¹⁹ *História da Guerra do Peloponeso* 1.18.

³²⁰ *Histórias* 2.124.

³²¹ Tradução minha: "it is an activity that restores a situation of balance and always presupposes the disorder that *eunomia* counterbalances."

mantê-las. Blaise (2006, p. 123), desse modo, considera que a *eunomia* não atua sobre a natureza humana, mas sobre as ações e as atividades que devem ser praticadas em "boa ordem".

Aristóteles³²² traz uma definição ainda mais específica para a prática da *eunomia*, considerando que seria não apenas a obediência às leis, mas a obediência até mesmo às leis ruins. Essa, no entanto, parece ser a definição particular e idiossincrática do filósofo, sendo que ele ainda refere a própria obediência às leis e a obediência aos costumes como acepções possíveis para o termo. Desse modo, provavelmente essas duas últimas seriam as acepções mais correntes em seu tempo.

Contudo, além da discussão em torno do suposto título da obra de Tirteu, há o debate que emerge especialmente devido ao fr. 4 W, sobre a possível ligação do poema *Eunomia* com o texto da *Grande Rhetra*, que seria uma espécie de constituição espartana. A ligação da *Eunomia* com a *Grande Rhetra* é envolta em muitas polêmicas, ficando incerto se o poema de Tirteu de certa forma descrevia a *Rhetra*, se teria instituído essa lei ou ainda se não teria qualquer relação com ela – essa última tese defendida especialmente por Van Wees (1999, apud RAAFLAUB, 2006, p. 396).

Quanto ao termo *rhetra*, que dá nome a essa lei, Wade-Gery (1943, p. 65) destaca que, assim como os termos “νόμος” e “θέσμος” em Atenas, *rhetra* se referia às decisões legislativas (às *acta*) de modo geral, não distinguindo procedimentos ordinários dos excepcionais. Nesse sentido, a deliberação que ficou conhecida como *Grande Rhetra* não seria propriamente uma constituição (um documento fundador da política espartana), mas uma decisão deliberativa que promoveu grandes mudanças e definiu características importantes das instituições políticas dessa cidade. Fragkaki (2015, p. 35) ressalta também que Esparta é um dos exemplos mais célebres de cidades gregas que careciam de uma legislação escrita.

A principal fonte da antiguidade, além do fragmento 4 W de Tirteu, a mencionar a *Grande Rhetra* é a obra de Plutarco, *Licurgo* (6.1-4), que relata como esse rei espartano instituiu a lei que definiu a ordem política espartana e estabeleceu a *eunomia*³²³ a partir de um oráculo pítico:

Οὕτω δὲ περὶ ταύτην ἐσπούδασε τὴν ἀρχὴν ὁ Λυκοῦργος ὥστε μαντεῖαν ἐκ Δελφῶν κομίσει περὶ αὐτῆς, ἣν ῥήτραν καλοῦσιν. ἔχει δὲ οὕτως: “Διὸς Συλλανίου καὶ Ἀθανᾶς Συλλανίας ἱερὸν ἰδρυσάμενον, φυλὰς φυλάξαντα καὶ ὠβὰς ὠβάξαντα, τριάκοντα γερουσίαν σὺν ἀρχαγέταις καταστήσαντα, ὥρας ἕξ ὥρας ἀπελλάζειν μεταξύ Βαβύκας τε καὶ Κνακιῶνος, οὕτως εἰσφέρειν τε

³²² *Política*, 1294a.

³²³ Em outra passagem do *Licurgo* (1.4) de Plutarco, o biógrafo relata que algumas tradições nomeavam o pai do legislador como *Eunomus*, o que demarca sua posição enquanto instaurador da estabilidade política em Esparta, mas também enquanto uma figura já com tons míticos em sua biografia.

καὶ ἀφίστασθαι· δάμω δὲ τὰν κυρίαν ἤμεν καὶ [2] κράτος.” ἐν τούτοις τὸ μὲν φυλάς φυλάζει καὶ ὠβάς ὠβάζει διελεῖν ἐστὶ καὶ κατανεῖμαι τὸ πλῆθος εἰς μερίδας, ὧν τὰς μὲν φυλάς, τὰς δὲ ὠβάς προσηγόρευκεν. ἀρχαγέται δὲ οἱ βασιλεῖς λέγονται, τὸ δὲ ἀπελλάζειν ἐκκλησιάζειν: ὅτι τὴν ἀρχὴν καὶ τὴν αἰτίαν τῆς πολιτείας εἰς τὸν Πύθιον ἀνήψε. τὴν δὲ Βαβύκαν Χεΐμαρρος, καὶ τὸν Κνακιῶνα νῦν Οἰνοῦντα προσαγορεύουσιν: Ἀριστοτέλης δὲ τὸν μὲν Κνακιῶνα ποταμόν, τὴν δὲ Βαβύκαν γέφυραν. [3] ἐν μέσῳ δὲ τούτων τὰς ἐκκλησίας ἤγον, οὔτε παστάδων οὐσῶν οὔτε ἄλλης τινὸς κατασκευῆς, οὐθὲν γὰρ ᾤετο ταῦτα πρὸς εὐβουλίαν εἶναι, μᾶλλον δὲ βλάπτειν, φλυαρῶδεις ἀπεργαζόμενα καὶ χαύνουσι φρονήματι κενῶ τὰς διανοίας τῶν συμπορευομένων, ὅταν εἰς ἀγάλματα καὶ γραφὰς ἢ προσκίγια θεάτρων ἢ στέγας βουλευτηρίων ἡσκημένους περιττῶς ἐκκλησιάζοντες ἀποβλέπωσι. τοῦ δὲ πλῆθους ἀθροισθέντος εἰπεῖν μὲν οὐδενὶ γνώμην τῶν ἄλλων ἐφεῖτο, τὴν δ’ ὑπὸ τῶν γερόντων καὶ τῶν βασιλέων προτεθεῖσαν ἐπικρῖναι κύριος ἦν ὁ δῆμος,[4] ὕστερον μὲντοι τῶν πολλῶν ἀφαιρέσει καὶ προσθέσει τὰς γνώμας διαστρεφόντων καὶ παραβιάζομένων, Πολύδωρος καὶ Θεόπομπος οἱ βασιλεῖς τάδε τῇ ῥήτρᾳ παρενέγραψαν: αἱ δὲ σκολιὰν ὁ δᾶμος ἔλοιτο, τοὺς πρεσβυγενέας καὶ ἀρχαγέτας ἀποστατήρας ἤμεν, τοῦτ’ ἐστὶ μὴ κυροῦν, ἀλλ’ ὅλως ἀφίστασθαι καὶ διαλύειν τὸν δῆμον, ὡς ἐκτρέποντα καὶ μεταποιοῦντα τὴν γνώμην παρὰ τὸ βέλτιστον. ἔπεισαν δὲ καὶ αὐτοὶ τὴν πόλιν ὡς τοῦ θεοῦ ταῦτα προστάσσοντος, ὡς πού Τυρταῖος ἐπιμέμνηται διὰ τούτων.

De tal forma apressava-se Licurgo para esse governo que procurou o oráculo de Delfos sobre o assunto, que foi chamado de *rhetra*. Dizia o seguinte: “De Zeus Silânio e Atena Silânia um templo erigindo, organizando as tribos [*phylas*] e distribuindo as *obás*, instituindo trinta membros da *gerousía* junto dos governantes [*arkhagétai*], de tempo em tempo “realizando a *apélla*” [*apellázein*] entre o *Bábyka* e o *Knakion*, assim introduza e rejeite [as deliberações]; ao povo caberá a autoridade e o [2] poder”. Nesse [oráculo], organizar as tribos e distribuir as *obás* significa distribuir a população em grupos, como as *phylas* [tribos], que chamam de *obás*. Por governantes designam os reis, e por “realizar a *apélla*” o “realizar a assembleia” [*ekklesiázein*], uma vez que o começo e a causa dessa política vêm do pítico [Apolo]. *Bábyka* é o [rio que hoje se chama] *Xeímarros*, e o *Knakion* agora chamam de Eno. Aristóteles, porém, traz que *Knakion* é o rio e *Bábyka* uma ponte. [3] Entre esses dois conduzem as assembleias, sem salões nem qualquer construção, pois não consideram serem esses propícios ao bom julgamento, mas sim causadores de frivolidades e pensamentos vãos na mente dos presentes, uma vez que estátuas, pinturas, palcos de teatros ou os tetos dos conselhos distraem os congregados. Da multidão reunida nenhum pode propor uma ação, cabe aos *gerontes* [anciãos] e aos reis iniciar [ações] e ao povo cabia o poder de decidir. [4] Posteriormente, no entanto, de tantas rejeições e adições às ações, distorcendo-as e agindo à margem da lei, os reis Polidoro e Teopompo redigiram a seguinte *rhetra*: “as decisões distorcidas tomadas pelo povo, os anciãos e os governantes podem demovê-las”; isto é, não deixá-las passar, mas removê-las completamente e dispersar o povo, de modo que mudem de ideia e as alterem para o melhor interesse. Eles levaram [essa adição] à cidade como se o deus a tivesse comandado, como Tirteu lembra nos seguintes versos: [fr. 4 W].

Essa passagem de Plutarco é crucial para a discussão sobre a *Grande Rhetra* e a origem das instituições espartanas. Iremos nos determos agora apenas no texto de Plutarco abordando posteriormente em mais detalhes o fr. 4 W de Tirteu, que possui uma importante e complexa

interrelação com esse relato.

Em Plutarco, a origem da *Grande Rhetra* seria um oráculo délfico que foi dado a Licurgo, que fora indaga-lo oráculo devido ao seu descontentamento com a situação política desregrada prevalecente em Esparta. Nesse período, são mortos o pai e o irmão de Licurgo, de modo que este se vê forçado a deixar Esparta por um período e viajar por outras cidades³²⁴.

Ao retornar a Esparta, o oráculo ordena primeiramente que se construa um templo para Zeus e Atena Silânia e que sejam demarcadas as *phylas* e as *obas*. Também parece ser na *Grande Rhetra* que é instituída a *gerousía* (o conselho de anciãos) com seu número de trinta membros incluindo os dois reis. Outra instituição importante que parece começar com essa *rhetra* é a *apélla*, comparada por Plutarco à *ekklesia* (“assembleia”) ateniense, ou seja, ao conselho público de cidadãos, mas que no caso de Esparta seria realizado a céu aberto entre o rio *Bábyka* e a ponte *Knákion* – segundo o relato de Aristóteles. O processo legislativo da *apélla* é também curioso, uma vez que os *gerontes* e os reis são os únicos que podem propor novas leis, cabendo ao povo, no entanto, o poder de decisão final. Contudo, essa distribuição de poder parece ter sido reduzida com a “adição” dos reis Polidoro e Teopompo que permite aos oligarcas rejeitar a decisão do povo.

A credibilidade do relato de Pausânias, no entanto, é bastante questionável, sendo essa passagem repleta de controvérsias que vão desde a datação até o próprio envolvimento de Licurgo, do oráculo e das instituições mencionadas, entre outros problemas relacionados à história antiga de Esparta. Lidaremos primeiramente com a figura do rei Licurgo e os problemas ligados à sua associação com a autoria (ou recebimento) da *Grande Rhetra*. Tratemos, portanto, de outro relato que aparentemente corrobora a versão de Plutarco, apresentado por Heródoto (*Histórias* 1.65):

ἐπὶ γὰρ Λέοντος βασιλεύοντος καὶ Ἥγησικλέος ἐν Σπάρτῃ τοὺς ἄλλους πολέμους εὐτυχεόντες οἱ Λακεδαιμόνιοι πρὸς Τεγεήτας μούνους προσέπταιον.
 [2] τὸ δὲ ἔτι πρότερον τούτων καὶ κακονομώτατοι ἦσαν σχεδὸν πάντων Ἑλλήνων κατὰ τε σφέας αὐτοὺς καὶ ξείνοισι ἀπρόσμικτοι: μετέβαλον δὲ ᾧδε ἐς εὐνομίην. Λυκούργου τῶν Σπαρτητέων δοκίμου ἀνδρὸς ἐλθόντος ἐς Δελφοὺς ἐπὶ τὸ χρηστήριον, ὡς ἐσήμει ἐς τὸ μέγαρον, εὐθὺς ἢ Πυθίῃ λέγει τάδε.
 [3] “ἦκεις ᾧ Λυκόοργε ἐμὸν ποτὶ πίονα νηόν
 Ζηνὶ φίλος καὶ πᾶσιν Ὀλύμπια δώματ’ ἔχουσι.
 δίζω ἢ σε θεὸν μαντεύσομαι ἢ ἄνθρωπον.
 ἀλλ’ ἔτι καὶ μᾶλλον θεὸν ἔλπομαι, ᾧ Λυκόοργε.

³²⁴ Além do próprio Pausânias (*Licurgo*, 2.3; 3.5), na narrativa tradicional, antes da reforma de Licurgo a cidade vivia em *anomia*, pela qual Licurgo passa a viajar, indo para Creta e outras ilhas (Éforo F 149). Segundo Aristóteles (*Política*, 1271b), teria conhecido Homero ou seus descendentes e trazido sua poesia para o Peloponeso; ao regressar, recebe o oráculo pítico para pôr fim à *anomia* (Éforo F 149;174; Aristóteles fr. 535 Rose; Diodoro Siculo, *Biblioteca Histórica* 7.12).

” [4] οἱ μὲν δὴ τινες πρὸς τούτοις λέγουσι καὶ φράσαι αὐτῶ τὴν Πυθίην τὸν νῦν κατεστεῶτα κόσμον Σπαρτιήτησι. ὡς δ’ αὐτοὶ Λακεδαιμόνιοι λέγουσι, Λυκοῦργον ἐπιτροπεύσαντα Λεωβώτεω, ἀδελφιδέου μὲν ἑαυτοῦ βασιλεύοντος δὲ Σπαρτιητέων, ἐκ Κρήτης ἀγαγέσθαι ταῦτα. [5] ὡς γὰρ ἐπετρόπευσε τάχιστα, μετέστησε τὰ νόμιμα πάντα, καὶ ἐφύλαξε ταῦτα μὴ παραβαίνειν: μετὰ δὲ τὰ ἐς πόλεμον ἔχοντα, ἐνωμοτίας καὶ τριηκάδας καὶ συσσίτια, πρὸς τε τούτοις τοὺς ἐφόρους καὶ γέροντας ἔστησε Λυκοῦργος.

No reino de Leontes e Hegesícleo em Esparta, os lacedemônios tiveram sorte em todas as outras guerras, perdendo apenas a [que travaram] contra os tégeos. Antes, possuíam um dos piores governos entre todos os gregos em suas próprias relações e não tinham ligação com estrangeiros. No entanto, da seguinte maneira mudaram para as “boas leis” (*eunomien*): Licurgo, um homem de reputação entre os espartanos, foi a Delfos para um oráculo, e, assim que entrou no salão, a Pítia disse:

“Vens, ó Licurgo, ao meu rico santuário,
tu que és amigo de Zeus e de todos que têm no Olimpo a morada.
Não sei se te chamo de deus ou de homem.
mas suponho que mais a um deus te pareces, ó Licurgo.”

Alguns dizem que a Pítia ainda lhe deu a ordem [a constituição] que há até hoje em Esparta. Os próprios lacedemônios, porém, dizem que Licurgo, enquanto era guardião de seu irmão Leobotes, rei de Esparta, a trouxe de Creta. Assim que se tornou guardião, mudou todas as leis e cuidou para que não fossem violadas. Então tratou das questões relacionadas à guerra: os batalhões juramentados, as tropas de trinta e os banquetes públicos [*sissítia*]; depois dessas questões, foram estabelecidos por Licurgo os éforas e os anciãos.

Heródoto, assim, apresenta que a atribuição da origem da *Grande Rhetra* ao oráculo era uma das duas versões que circulavam em seu tempo e que não era aceita nem mesmo pelos próprios lacedemônios. No entanto, a legislação de Licurgo era no período clássico tida como a base da política espartana, marcada pela *eunomia* e pelo *kósmos* (“ordem”, termo empregado por Heródoto), tendo como suas principais deliberações o estabelecimento da *gerousía*, da *apélla* e dos éforas, sendo apenas a instituição dos dois reis dada como anterior (Kõiv, 2003, p. 159). Kõiv (2003, p. 148) ainda destaca que dois períodos são apontados como possíveis momentos decisivos para a definição das instituições espartanas: (1) imediatamente após as invasões dos Heraclidas (ou seja, dos dóricos) e (2) o tempo de Licurgo, 7 gerações depois. Se as reformas fossem mais recentes (não no início da colonização dórica em Esparta) como apresentam os relatos de Plutarco e Heródoto, elas seriam posteriores a Licurgo, uma vez que antes de 600 a.C. Esparta não era regida pelo sistema de Licurgo nem por nada parecido, não existindo ainda o estado militarizado que posteriormente se tornou icônico (ANDREWES, 1938, p. 100). Além disso, não se conhece nenhum Licurgo no séc. VII, o que leva Andrewes (1938, p. 92-93) a crer que Heródoto pode ter se confundido pelo fato de realmente terem ocorrido reformas drásticas na política espartana por volta do ano 600 e pelos espartanos declararem que seu sistema político fora instaurado por Licurgo.

Alguns relatos da antiguidade já duvidavam da atribuição do desenvolvimento do sistema político espartano no tempo de Licurgo. Helânico³²⁵ atribui a Eurístenes e Proclo (os dois primeiros reis Heraclidas) a criação das instituições e refuta a tradição de Licurgo como legislador. O orador Isócrates³²⁶, reportando o início da colonização da região, informa que, das três tribos dóricas locais, uma, a dos lacedemônios, incorria em frequentes distúrbios civis (mais do que qualquer outro povo grego segundo o orador). Desse modo, Isócrates relata que os espartanos (outra das três tribos) aplicaram “isonomia” e “democracia” entre eles, mas reduziram os lacedemônios ao status de periecos (*perioikoi*, “os que habitam perto”), situação que segundo o orador não seria pior que a dos escravos. Dessa forma, segundo o relato, o estabelecimento de princípios de “isonomia” (igualdade perante a lei) e de “democracia” (participação política do povo) teriam iniciado pouco após a colonização dórica, ou seja, logo no começo da povoação dórica no Peloponeso.

Em relação à colonização dórica, cabe salientar que deve ter começado por volta do século X a.C. e que já existiam povoações (de aqueus provavelmente) autóctones – o que pode estar relacionado ao conflito com os messênios, que formariam um desses povos, o que será visto em mais detalhes ao tratarmos dos frs. 6-7 W. A identidade dórica estava também muito associada aos reis Heraclidas (considerados descendentes de Hércules), que no relato mítico seriam os herdeiros ao trono espartano por direito, mas que o teriam recuperado apenas com a chegada dos dóricos à região do Peloponeso. Na tradição espartana, os Heraclidas seriam os herdeiros por direito porque Hércules restituiu o trono que havia sido usurpado por Hipocoonte ao rei dórico Tíndaro (em um período anterior à imigração ao Peloponeso em que os dóricos habitavam a região da Tessália). Desse modo, ao devolver o poder a Tíndaro, este oferece uma parte de seu reino a Hércules em retribuição. O herói rejeita a oferta, mas propõe que seus filhos posteriormente assumam o trono dórico após a morte de Tíndaro. A sucessão, no entanto, não segue o combinado e passa ao marido de Helena, filha de Tíndaro, Menelau. Assim, o acordo entre Tíndaro e Hércules é apenas concretizado, restituído aos Heraclidas (descendentes de Hércules), com a chegada dos dóricos à região da lacedemônia durante o reinado de Tisâmeno, filho de Orestes (NAFISSI, 2009, p. 118).

Os Heraclidas, assim, eram centrais para a identidade espartana, relacionada ao seu elemento dórico, e que teria sido construída gradualmente entre os séculos X e VIII. Ainda, nessa tradição, a cidade de Amicleia era dada como a capital da dinastia de Tíndaro, de modo que Esparta, enquanto capital, passa a ser associada com uma identidade propriamente dórica e

³²⁵ FgrH 4 F 116.

³²⁶ *Panathenaicus*, 177-178.

Heraclida. Nesse imaginário, apenas ao superar a resistência dos aqueus, dos povos autóctones do Peloponeso, é que a *eunomia* fora estabelecida entre os dóricos (NAFISSI, 2009, p. 118-119).

Desse modo, uma posição que nos parece bastante ponderada sobre a definição da política espartana é a apresentada por Kõiv (2003, p. 160) de que essa legislação e o sistema político espartanos seriam produtos de um longo processo que teria começado com a chegada dos dóricos à Lacedemônia e com a gradual afirmação da dinastia heraclida como elemento central da identidade dórica espartana. Isso não impede, no entanto, que muitos historiadores ainda procurem estabelecer um ponto central para uma "revolução de Licurgo", um marco no desenvolvimento da política espartana em que grandes transformações (embora não todas) tivessem ocorrido. Nesse sentido, Nafissi (2009, p. 124) destaca que teria ocorrido uma "revolução do século sexto"³²⁷ independentemente de ter sido realizada em um ato único ou mesmo por Licurgo ou outro líder em particular. O autor (Ibid.) divide essa "revolução" em quatro fases:

(1) o desenvolvimento da comunidade pré-política [...]; (2) o reforço do reinado (*basileia*); (3) a primeira definição das instituições políticas (a cidadania, a assembleia e a *gerousia*); (4) a maturação dessas instituições (a ascensão do eforato) e a definição "clássica" do *status* legal da cidadania com efeitos sobre as classes e as comunidades dependentes (helotas e periecos) em uma "reforma do século sexto".³²⁸

Desse modo, podemos presumir que, apesar das incertezas se a *Eunomia* remetia a movimentos históricos específicos e reais, é provável que essa obra refletisse e sistematizasse em linguagem literária as transformações sociais mais importantes do sistema político espartano. Em relação a esses momentos históricos específicos, retornemos agora ao excerto do *Licurgo* de Plutarco e à origem oracular da *Grande Rhetra*, um tema que já despertou bastante debate sobre a real origem dessa legislação.

O fr. 4 W de Tirteu (que será abordado em mais detalhes a seguir) corrobora a posição de que a origem da legislação viria de um oráculo ou, pelo menos, que os espartanos consideravam ser essa a origem. Nesse sentido, Busolt (1920, p. 43) destaca que *rhetra* significaria "formulação", mas que em Esparta uma formulação só se tornava uma *rhetra* após

³²⁷ Tradução minha: "sixth-century revolution."

³²⁸ Tradução minha: "(1) development of the pre-political community [...]; (2) reinforcement of the kingship (*basileia*); (3) first definition of political institutions (citizenship, assembly and *gerousia*); (4) maturation of these institutions (rise of the ephorate) and "classical" definition of the legal status of citizenship with effects on the dependent classes and communities (Helots and *perioikoi*) in a "sixth-century reform."

ser legislada; assim, o autor considera que a *Grande Rhetra* seria apenas um oráculo pítico e que fora falsamente considerado uma *rhetra*, como uma deliberação política das instituições espartanas. Wade-Gery (1943, p. 62) concorda com a posição de Busolt em relação ao significado do termo *rhetra* em Esparta, mas chega a uma conclusão oposta: a *Grande Rhetra* é que seria o produto de um ato legislativo que fora falsamente considerado um oráculo pítico. Em outro viés, Andrewes (1938, p. 62) propõe que o oráculo não teria um fator determinante para as reformas políticas que estavam ocorrendo em Esparta e seria somente uma legitimação do processo já em andamento na cidade. Fragkaki (2015, p. 38) ainda acredita que, como Plutarco cita o oráculo em prosa, o texto original da *rhetra* seria em prosa (de modo que o oráculo, sempre emitido em hexâmetros dactílicos, já teria sido transposto para esse formato). No entanto, a questão é bastante inconclusiva, uma vez que, como descrito por Plutarco, foi feita uma “adição” à *rhetra* e assim a legislação pode ter sido definida pelos governantes que, a fim de ganhar maior legitimidade, poderiam tê-la passado como um oráculo (como afirma Plutarco).

Já em relação às *phylai* e às *obai*, há certa indefinição sobre o quanto essas instituições teriam sido de fato criadas nesse período. Fragkaki (2015, p. 39) crê que o sentido poderia ser de criar ou de reunir as *phylai* (as tribos) já existentes; já *obe* poderia ter o mesmo sentido que teve no período romano, em que seria sinônima de “κώμη” (“vilarejo”) e, portanto, designaria uma medida territorial. Andrewes (1938, p. 101) acredita que poderia ter ocorrido nesse período uma reorganização das tribos já existentes. Wade-Gery (1943, p. 70), porém, propõe um sentido diferente de que as expressões “φυλὰς φυλάξαντα” (“organizando as tribos [*phylas*]”) e “ὠβὰς ὠβάξαντα” (“distribuindo as obás”) se referiam a algum de tipo de procissão ou marcha desses grupos, talvez em uma data comemorativa, como quando era realizada a *apélla*. O sentido nos parece ser, porém, mais próximo do apresentado por Fragkaki (2015) ou Andrewes (1938), uma vez que em um contexto de reorganização política parece ser mais importante tratar da organização e distribuição territorial e/ou populacional do que de uma festividade cívica.

O sentido de *apélla*, embora seja claramente entendido como uma reunião pública, é discutível em relação à sua regularidade e ao seu grau de semelhança com a *ekklesia* ateniense. Wade-Gery (1943, p. 66), desconsidera a possibilidade de “ἀπέλλα” ser um equivalente exato de “ἐκκλησία” para os espartanos, baseando-se no uso do termo em inscrições e no nome de um festival chamado *apelláia* (que poderia ocorrer no mês *apellaios*, possivelmente o primeiro do ano em Esparta). O autor (Ibid., p. 67) considera também que a expressão “ὥρας ἐξ ὥρας” (“de tempos em tempos”) significa que reuniões ocorreriam anualmente, provavelmente no mês de

apellaios. Fragaki (2015, p. 42) concorda com a anuidade do conselho, mas lembra Tucídides³²⁹, que relata que em seu tempo a *apélla* ocorria a cada lua cheia, uma regularidade que, no entanto, poderia ter sido instaurada apenas posteriormente. É importante salientar também que “Ἀπέλλων” era o nome dórico para Apolo, o que reforça o contexto mítico para o estabelecimento dessa instituição.

Além da dificuldade de definição em relação à regularidade da *apélla*, outro ponto debatido é o sujeito do verbo “ἀπελλάζειν”. Há duas possibilidades: (1) Licurgo é quem convoca a *apélla* ou (2) a assembleia espartana. A primeira leitura é a mais frequente, adotada, por exemplo, por Fragkaki (2015, p. 37), mas Wade Gery (1943, p. 166) defende a segunda opção, uma vez que esse poderia ser o procedimento padrão de convocação dessa reunião. A questão pode estar relacionada ao contexto referido na *rhetra*, se a legislação está mencionando o contexto imediato da primeira convocação da *apélla* ou se há uma prescrição para a continuidade da instituição. O termo “ἀρχαγέται” (“governantes”) esclarecido por Pausânias³³⁰ como sinônimo de “βασιλεῖς” (“rei”), transmite ainda o sentido primeiro de fundadores ou líderes de uma comunidade, colônia ou família (FRAGKAKI, 2015, p. 41). Esse fato pode corroborar a ideia de que a *rhetra* remete ao contexto imediato da primeira reunião na qual são deliberados os principais pontos dessa constituição. Essa ideia pode também se aproximar daquela expressa no fr. 9 Allen de Mimnermo em relação aos fundadores de Esmirna, mencionados no sentido de remeter aos antepassados que colonizaram a cidade.

Resta assim, antes de entrarmos propriamente na discussão dos fragmentos, considerar brevemente qual teria sido a extensão das reformas de Licurgo instituídas pela *Grande Rhetra* e qual o papel dessa legislação na definição de instituições importantes da política espartana. Em relação às instituições oligárquicas, Fragkaki (2006, p. 40-41) propõe que já existia um conselho aristocrático em Esparta, mas que a inovação da *rhetra* é instituir a *gerousía* (o conselho de anciãos) como uma instituição que passava a dividir o poder com os reis. Nafissi (2009, p. 126) considera que a *Grande Rhetra* não foi uma lei, mas uma suposta “prescrição fundacional”³³¹, cujo intuito era atribuir aos primeiros reis Heraclidas a fundação das instituições centrais da política espartana, de modo que ela seria uma reformulação de uma tradição altamente reconhecida entre os espartanos.

Um ponto, no entanto, que chama a atenção na definição da *rhetra* é o papel do *demos* (“povo”), no qual aparentemente reside a decisão final (o que é alterado posteriormente com a

³²⁹ *História da Guerra do Peloponeso* 1.67.

³³⁰ *Plutarco*, 6.2.

³³¹ Tradução minha: “founding prescription”.

adição de Teopompo e Polidoro). Fragkaki (2015, p. 45) acredita que a *rhetra* aumentou o poder do "povo", dando a ele a capacidade de transformar uma discussão em uma decisão. A autora (2015, p. 49) ainda destaca que posteriormente o eforato seria uma forma de aumentar ainda mais o poder do povo, restringindo o dos reis e da *gerousía*. Andrewes (1938, p. 101), no entanto, destaca que o eforato seria uma instituição antiga, citando a lista dos éforos epônimos datada da metade do século VIII, mas que a instituição teria aumentado seu poder significativamente após Quílon (já no século IV), quando passou a estar quase a par do poder dos reis. Pelas associações aristocráticas de Tirteu, Andrewes (1938, p. 98) ainda julga que o poeta seria a última pessoa a celebrar os interesses do povo, sendo que poderia estar na verdade polemizando contra o povo, o que o estudioso considera estar expresso na injunção ao povo para se comportar bem no fr. 4 W (Ibid., p. 99). Aristóteles³³², no entanto, ao tratar do procedimento deliberativo em Cartago, apresenta semelhanças notáveis com o processo espartano, incluindo um grande espaço para a participação popular. O uso de vários termos espartanos para explicar o processo político cartaginense leva Wade-Gery (1943, p. 72) a considerar que o filósofo espelha o padrão cartaginês no espartano, especialmente no que toca a uma injunção de que a decisão final cabe ao povo. Isso que evidencia que no período clássico já era célebre no mundo grego, e em Atenas mais particularmente, a visão de que o sistema deliberativo espartano garantia um papel decisivo ao povo no processo legislativo local.

A adição à *rhetra* descrita por Plutarco, porém, devolvia o poder final para as mãos dos aristocratas. Historiadores modernos, contudo, duvidam que se tratava, de fato, de uma adição e consideram mais provável que a condição de que os reis e a *gerousía* poderiam rejeitar decisões do povo já estaria na legislação original da *rhetra*. Nafissi (2009, p. 126) conjectura que Plutarco descreve a adição a fim de conciliar os relatos do oráculo de Licurgo com o fr. 4 W de Tirteu. Raaflaub (2006, p. 397-398) também considera que ela já estaria no texto original da *rhetra*, mas que, mesmo nos casos em que a decisão do povo era rejeitada, a proposta não era simplesmente levada adiante pela *gerousía*, mas reelaborada e reintroduzida a fim de que o povo pudesse decidir novamente sobre ela. Seguindo a visão de Raaflaub (2006), o povo espartano, embora privado de um controle maior sobre as decisões políticas espartanas, ainda teria um papel decisório importante.

Andrewes (1938, p. 97) assinala que não se deve confundir a *Grande Rhetra* com a *Eunomia* pelo fato de Plutarco mencionar uma emenda. Embora a *rhetra* possa estar relacionada às reformas ocorridas por volta de 600 a.C., a *Eunomia* não se enquadraria nesse contexto

³³² *Política* 2, 1273a.

(especialmente se o fr. 2 W for genuíno como é na opinião de Andrewes), uma vez que a *Eunomia* englobaria o bom mantimento das leis e da tradição e não sua instituição.

Após termos considerado essas questões sobre o contexto político espartano em que se insere a *Eunomia* de Tirteu, e sua relação com a *Grande Rhetra*, com ênfase no relato de Plutarco, abordaremos em mais detalhes os fragmentos considerados como possíveis partes desse poema (fr. 2 W, 4 W, 5 W, 6 W, 7 W, 8 W), assim como os fr. 18-23 W e 23a W que, embora não sejam usualmente considerados parte da *Eunomia*, tratam de contextos bélicos relacionados, como a Guerra da Messênia.

6.1 Fr. 2 W - As origens de Esparta

O fr. 2 W de Tirteu apresenta uma breve descrição da chegada dos dóricos em Esparta (vv. 12-15), remetendo a elementos oraculares e ao desígnio dos deuses (uma retórica semelhante à empregada por Mimnermo no fr. 9 Allen). No entanto, os versos iniciais (1-11) estão em estado bastante fragmentário, o que suscita dúvidas quanto ao tema tratado antes da abordagem da arqueologia espartana:

]...υι.[
]..ε θεοπρο[π
]..φ..ενακ[
]..μαντειασαν[
]τειδεταθή.[(5)
]πάντ' ειδεν.[
 ἄ]νδρας ἀνιστ[αμεν
]ι[.]ηγαλα[
]..[...]θεοῖσι φί[λ
]ω περιθώμεθα κ[(10)
]αν ἐγγύτεροι γέν[εος
 αὐτὸς γὰρ Κρονίων, καλλιστεφάνου πόσις Ἴηρης
 Ζεὺς Ἡρακλείδαις ἄστῳ δέδωκε τῶδε,
 οἷσιν ἅμα προλιπόντες Ἐρινεὸν ἠνεμόεντα
 εὐρεῖαν Πέλοπος νῆσον ἀφικόμεθα (15)
 []γλαυκώπ[ι]δος[

] ...(?)..[
].. profe[cia(?]
].. (?) [
]..oráculos[(5)
] (?) [
] tudo vendo[
] homens levant[aram-se
] (?) [
]..[...]dos deuses ami[go
] obedecemos [(10)
] os povos próximos[

pois o próprio Cronida, esposo de Hera de bela coroa,
 Zeus, aos Heraclidas **deu esta cidade**,
 os quais deixaram a ventosa Eríneo
 e à vasta ilha de Pélops chegaram (15)
 []de olhos glaucos[(Grifos meus)

Primeiramente, em relação à parte mais fragmentária (vv. 1- 11), observa-se nos vocábulos compreensíveis uma ênfase na questão oracular, sendo esse tópico mencionado nos versos 2, 5 e 10 (se crermos que o verbo remete a obedecer ao oráculo). Pela referência aos homens que se levantam (v. 8), podendo se referir ao levantar para falar em assembleia (GERBER, 1999, p. 39) – após receberem os oráculos – ou para partir à guerra, presumindo que o oráculo talvez se relacionava à conquista de outros povos (mencionados no v. 11). Esses povos próximos, por sua vez, podem estar relacionados aos periecos – lacedemônios desprovidos de poderes políticos, originários de povos pré-dóricos da região – ou aos messênios, cuja guerra com Esparta se dera entre 650-640 a.C., provavelmente uma geração antes da *Eunomia* (ANDREWES, 1939, p. 96). Desse modo, os conflitos colonizatórios poderiam ser um tema de destaque da *Eunomia*.

A temática oracular relaciona esse fragmento com o 4 W (que representa o oráculo recebido por Licurgo), talvez indicando que fizessem parte de um mesmo poema. Soma-se a essa temática o fato de ambos fragmentos tratarem de temas cívicos em contraposição a mais usual temática bélica-exortativa de Tirteu (BRUNHARA, 2014, p. 206). Os vv. 2-7, no entanto, segundo Brunhara (2014, p. 207), poderiam exortar guerreiros do presente (de modo que os vv. 12-15 seriam um exemplo do passado mítico) ou então narrar uma batalha da história antiga da cidade. A segunda opção parece plausível para esse fragmento, já que o verso 12 utiliza a conjunção “γὰρ” (“pois”) que indica uma continuidade com o tema tratado anteriormente, podendo se referir a algum acontecimento do passado (como a Guerra da Messênia ou a própria “revolução” de Licurgo) de impacto profundo para a identidade espartana (equiparável à colonização dórica). Desse modo, a referência aos homens que se levantam no verso 7 poderia remeter tanto a guerreiros posteriores quanto aos próprios colonizadores, de modo que os “amigos dos deuses” (v. 9) remeteriam aos próprios Heraclidas, que recebem o poder sobre Esparta por desígnio do próprio Zeus (v. 13), tornando a identidade dessa família diretamente associada à espartana. A menção aos Heraclidas como os que recebem o poder sobre Esparta pode estar associada também a um público-alvo aristocrático, fato que pode indicar a associação do poeta a esse grupo, de modo que estaria reivindicando nesse poema a lealdade aos reis³³³

³³³ Andrewes (1938, p. 97) destaca que Tirteu invoca a lealdade aos reis como o único elemento necessário à solução dos problemas espartanos. O poeta não propõe nenhum projeto de transformação social para a cidade.

(ANDREWES, 1938, p. 97).

O uso da primeira pessoa do plural no verso 10 (que se repete no v. 15, com “chegamos”) também suscita debates sobre o quão inclusivo seria esse recurso em Tirteu. Tarditi (1983 apud NOUSSIA, 2010, p. 14) ao considerar fragmentos papiráceos de Tirteu (18-23 W) crê que o “nós” geralmente se refere à classe nobre a qual pertence o poeta e cujos valores quer preservar; nessa ótica, a primeira pessoa não seria tão inclusiva. Brunhara (2014, p. 206) nota ecos do uso da primeira pessoa em outros fragmentos de Tirteu, como o fr. 10 W (vv. 13-14) e o fr. 19 W (vv. 11-12), que poderiam se tratar da voz de uma personagem e não do Eu. Assim, o autor (Ibid., p. 211-212) crê que a primeira pessoa funciona como um registro tradicional a fim de reforçar a identidade coletiva e a identificação com a obra. D'Alessio (2009 apud BRUNHARA, 2014, p. 214), nesse sentido, destaca que o uso da primeira pessoa torna possível que qualquer pessoa da comunidade possa se identificar com o poema.

Portanto, o uso da primeira pessoa do plural seria particularmente importante na execução de poemas em festivais públicos nos quais o poeta representasse toda uma comunidade. Apoiando-se na perspectiva de uma poesia inclusiva de Tirteu, baseando-se em Bowie (2001) e na teoria da estrutura estrófica da elegia grega de Faraone (2008), Brunhara (2014, p. 213) considera que o fr. 2 W poderia ter passagens exortativas (como os vv. 2-11) e narrativas (vv. 12 adiante) intercaladas.

Morisson (2007, p. 41), no entanto, ao tratar das particularidades locais nos poemas de Safo, Álcman, Alceu e Píndaro considera que elas criam na verdade um sentimento de “*pseudo-intimacy*”, o que atrairia as audiências secundárias (nas *reperformances*) ao darem a sensação de estranhamento e de inserção nesse contexto tão característico de outro povo. Assim, a primeira pessoa poderia indicar não uma identificação real, mas um recurso poético comum na elegia arcaica (como se vê no fr. 9 Allen de Mimnermo), indicando mais propriamente uma identificação da audiência no contexto performático do poema.

Já a parte que narra a fundação de Esparta traz ainda algumas considerações interessantes. Primeiramente, destaca-se o estranho epíteto de Zeus como marido de Hera. Brunhara (2014, p. 210-211) ressalta, em relação a esse epíteto, a possível força dos cultos à Hera em Esparta, do qual Hércules era considerado o fundador³³⁴. Cabe destacar também que, embora Hera fosse a grande opositora do herói, tanto Hércules quanto os Heraclidas levam em

Essa insistência na fidelidade aos reis pode se dar pela atuação do poeta como um general, como relata Estrabão (*Geografia* 8.4.10), embora o real sentido do termo “στρατηγῆσαι” (“atuar como general”) seja incerto. Desse modo, Andrewes (1938, p. 100) sugere que Esparta se encontrava em um perigo iminente de uma guerra civil, provavelmente motivada pela insatisfação de espartanos que teriam perdido suas terras na Messênia.

³³⁴ Pausânias, *Descrição da Grécia*, 3.15.9.

seus nomes a referência à deusa. O destaque à cidade de Eríneo – uma das quatro principais cidades da Dóride (região ancestral dos dóricos na Tessália) – demarca também a antiguidade dos acontecimentos narrados, que remetem aos princípios da imigração dórica. A menção à “ilha de Pélopos” (o Peloponeso) como um todo no verso 15, apresentada como uma espécie de “presente” aos dóricos por parte de Zeus, indica também a visão de controle de toda a região como um direito dos espartanos, o que poderia ser utilizado para justificar a dominação dos povos pré-dóricos da região, como os periecos, os messênios e, talvez, os helotas.

6.2 Fr. 4 W - O oráculo e a *Grande Rhetra*

O fr. 4 W apresenta a reprodução do oráculo recebido por Licurgo, o qual dera origem à *Grande Rhetra*. Duas fontes preservaram esse fragmento, Plutarco na obra *Licurgo* (6.4) e Diodoro Sículo em sua *Biblioteca Histórica* (7.12.6). Apesar de serem apresentados em contextos diferentes, os textos citados por ambos autores são muito semelhantes, convergindo nos versos centrais. Plutarco relata que os versos teriam sido compostos por Tirteu, enquanto Diodoro os menciona como o próprio oráculo da Pítia dado a Licurgo. Plutarco ainda comenta que os reis Polidoro e Teopompo teriam acrescentado a prescrição de que os reis e a *gerousía* poderiam recusar a decisão do povo (“αἱ δὲ σκολιὰν ὁ δᾶμος ἔλοιτο, τοὺς πρεσβυγενέας καὶ ἀρχαγέτας ἀποστατήρας ἤμεν” - “as [decisões] desviadas tomadas pelo povo, os anciãos e os governantes podem dissolvê-las”). Vejamos, assim, a versão do fragmento como citado por Plutarco:

Φοίβου ἀκούσαντες Πυθωνόθεν οἴκαδ' ἔνεικαν
μαντείας τε θεοῦ καὶ τελέεντ' ἔπεα·
ἄρχειν μὲν βουλῆς θεοτιμήτους βασιλῆας,
οἷσι μέλει Σπάρτης ἡμερόεσσα πόλις,
πρεσβυγεν<έα>ς τε γέροντας· ἔπειτα δὲ δημότας ἄνδρας (5)
εὐθείαις ῥήτραις ἀνταπαμειβομένους.

De Febo Pítio ouvindo, para casa trouxeram
os oráculos do deus e as perfeitas palavras:
governar o conselho cabe aos reis honrados pelos deuses,
aos quais cabe cuidar da amável cidade de Esparta,
e aos veneráveis anciãos. Em seguidas aos homens do povo (5)
respondendo em turno às retas leis [*rhetras*].

O relato de Diodoro diverge apenas nos dois primeiros versos do texto transmitido por Plutarco, os quais em sua versão enfatizam a figura do deus Apolo, bem como acrescenta dois dísticos ao final:

Δὴ γὰρ ἀργυρότοξος ἄναξ ἐκάεργος Ἀπόλλων
 χρυσοκόμης ἔχρη πίονος ἐξ ἀδύτου,
 ἄρχειν μὲν βουλῆς θεοτιμήτους βασιλῆας,
 οἷσι μέλει Σπάρτης ἱμερόεσσα πόλις,
 πρεσβυγενεῖς δὲ γέροντας, ἔπειτα δὲ δημότας ἄνδρας, (5)
 εὐθείαις ῥήτραις ἀνταπαμειβομένους
 μυθεῖσθαί τε τὰ καλὰ καὶ ἔρδειν πάντα δίκαια,
 μηδέ τι βουλευεῖν τῆιδε πόλει <σκολιόν>
 δήμου τε πλήθει νίκην καὶ κάρτος ἔπεσθαι.
 Φοῖβος γὰρ περὶ τῶν ᾧδ' ἀνέφηνε πόλει. (10)

Assim o rei do arco argênteo, o longe-flecheiro Apolo
 de cachos dourados proclama a partir do sacro recinto:
 governar o conselho cabe aos reis honrados pelos deuses,
 aos quais cabe cuidar da amável cidade de Esparta,
 e aos veneráveis anciãos. Em seguida aos homens do povo (5)
 respondendo em turno às retas leis [*rhētras*],
 falando belas [sentenças] e em todas as ações agindo com justiça,
 não deliberando nada <desviante> para essa cidade.
 E à multidão do povo seguem a vitória e a força.
 Assim, Febo essas [palavras] revelou à cidade. (10)

A versão de Diodoro, assim, reforça a ideia de se tratar de um oráculo pítico, o que vai de encontro ao relato do autor de que se trata do próprio oráculo que fora passado a Licurgo. Em geral, os estudiosos optaram por confiar mais na versão de Plutarco, considerando a sequência de vários epítetos de Apolo na versão de Diodoro como um indício de que esses versos seriam adições posteriores. Essa hipótese, no entanto, é frágil, considerando a natureza formular da poesia arcaica, sendo possível também encontrar um verso composto inteiramente por epítetos no v. 11 do fr. 23a de Tirteu. De Falco (1941, p. 159 apud BRUNHARA 2014, p. 222) aponta, no entanto, que as duas versões poderiam ser verdadeiras, uma vez que o primeiro dístico mencionado por Plutarco poderia anteceder o primeiro dístico mencionado por Diodoro.

Considerando o fragmento como um todo, sua atribuição à *Eunomia* de Tirteu se dá especialmente pela temática cívica abordada. Raaflaub (2006, p. 396) propõe que apenas os hexâmetros seriam o texto do oráculo, observando que os pentâmetros são apenas preenchimentos que não acrescentam nada em sentido às prescrições feitas nos hexâmetros. O estudioso (Ibid. p. 397) considera que se nos concentrarmos apenas nos hexâmetros, podemos perceber que Tirteu apresenta uma hierarquia: os reis, a *gerousía* e, por fim, o povo; notando, no entanto, que a decisão final recai ao povo. Desse modo, Raaflaub (2006, p. 397) considera, ao contrário de Van Wees (cuja tese veremos mais adiante), que o fragmento de Tirteu e a *rhētra* em prosa não seriam tradições opostas, mas complementares. No entanto, não considera claro por que o poeta declara como um oráculo apenas a seção estritamente política da *rhētra* (não tratando, por exemplo, da organização da *apélla*), apresentando uma visão que reflete

provavelmente a interpretação corrente da *rhetra* em Esparta ou pelo menos o entendimento do grupo que lhe interessava defender.

A adição mencionada por Plutarco antes de citar o fragmento é hoje em dia considerada espúria para a maioria dos estudiosos, uma vez que a delimitação do poder do povo já estaria no texto original do oráculo. O próprio fragmento não apresenta qualquer indício de que haveria alguma mudança no seu texto, o que leva Nafissi (2009, p. 127) a acreditar que o poema de Tirteu mencionava os reis Polidoro e Teopompo em outra passagem (talvez no fr. 5 W), o que teria confundido Plutarco e o levado a atribuir a adição a eles.

O primeiro verso na versão de Plutarco, no entanto, inicia com a menção ao recebimento – à escuta (“ἀκούσαντες”, “ouvindo”) – do oráculo de Apolo. É incerto quem seria o recipiente da profecia do deus. Enquanto Diodoro relata que a Pítia profetiza para Licurgo, em Plutarco não há uma menção direta, nem o próprio fragmento o indica. Brunhara (2014, p. 227) crê que o sujeito do oráculo pode ter sido intencionalmente vago a fim de mesclar temporalidades, passando assim a noção de continuidade entre os líderes do passado e do presente.

Em relação ao poema ser uma retransmissão de um oráculo pítico real, Gigante (1961, p. 237 apud BRUNHARA, 2014, p. 226) destaca que Tirteu era conhecido como "O Pítico" em virtude de retransmitir profecias délficas. O adjetivo é utilizado em um escólio à *Arte Gramática* de Dioniso Trácio³³⁵ que não considera Tirteu como um poeta, embora compusesse versos, por não compartilhar dos elementos comuns aos demais poemas:

Ποιητὴς δὲ κεκόσμηται τοῖς τέσσαρσι τούτοις, μέτρῳ, μύθῳ, ἱστορίᾳ καὶ ποιᾷ λέξει, καὶ πᾶν ποίημα μὴ μετέχον τῶν τεσσάρων τούτων οὐκ ἔστι ποίημα· ἀμέλει τὸν Ἐμπεδοκλέα καὶ τὸν Πύθιον καὶ τοὺς περὶ ἀστρολογίας εἰπόντας οὐ καλοῦμεν ποιητάς, εἰ καὶ μέτρῳ ἐχρήσαντο, διὰ τὸ μὴ χρήσασθαι αὐτοὺς τοῖς τῶν ποιητῶν χαρακτηριστικοῖς.

O poeta vale-se de quatro [características]: metro, mito, história e modo de elocução, e todo poema que não apresenta essas quatro [características] não é um poema. Por exemplo, Empédocles, o Pítio e os que falam de astrologia não os chamamos de poetas, embora empreguem o verso, porque não utilizam as mesmas características dos demais poetas.

Apesar desse escólio ser bastante tardio (do período bizantino), ele indica que, ao menos posteriormente, a obra de Tirteu passou a ser lida em uma ótica diferente. Embora não saibamos exatamente em que sentido o escoliasta considerava a obra de Tirteu divergente dos demais

³³⁵ III, 1, p. 168, 8 Hilgard = testimonia 38 Gentili.

poetas, uma suposição, derivada de seu adjetivo e de suas comparações com o filósofo Empédocles e os astrólogos (cujas obras poderiam ser algo próximo de uma poesia didática), seria de que sua temática era dotada de um caráter mais “realista”, talvez didático no sentido de ser voltada para a instrução dos jovens espartanos e mais detida nas questões políticas, militares e históricas de sua cidade. Isso indicaria que o relato mais detido de acontecimentos históricos seria algo especialmente atrelado à produção de Tirteu.

No terceiro verso, a menção aos reis “honrados pelos deuses” (“θεοτιμήτους”) é o primeiro uso atestado dessa expressão na poesia grega (BRUNHARA, 2014, p. 228). A menção aos reis poderia se referir tanto aos Heraclidas de modo geral quanto aos reis Polidoro e Teopompo – sendo este último mencionado no fr. 5 W – que, segundo Plutarco, teriam feito o acréscimo à *rhetra*. West (1974, p. 185) julga, no entanto, improvável o relato de Plutarco, pois, se os reis tivessem feito uma alteração sem o conhecimento dos demais, seria de estranhar que esse fato fosse lembrado publicamente ou assumido pelos governantes espartanos.

Já o quarto verso apresenta paralelos com o v. 2 do fr. 9 Allen de Mimnermo (“ἡμερτὴν Ἀσίην” – “amável Ásia”), o que indica que a expressão não era estranha à elegia arcaica, talvez comum em elegias de teor histórico/fundacional. Prato (1968, p. 72) acredita também que a menção a Esparta como amável pode ser devido à cultura elevada da cidade na época, ainda conhecida “mais do que pela sua rígida disciplina e pelo poder militar, pelo seu esplendor nas atividades artística e agonais e pela sua larga hospitalidade concedida aos artistas estrangeiros”³³⁶. O rigor militar da cidade parece ter sido justamente estabelecido ou, ao menos, ter ganho ímpeto com a “revolução” de Licurgo, que, como dito anteriormente, teria ocorrido por volta do ano 600 a.C.

No que toca à organização política, o fr. 4 W apresenta uma estrutura bem hierarquizada das funções e graus de poder político. Nesse sentido, os versos 3 e 5 (que são hexamétricos) listam as três principais instituições demarcadas pela *Grande Rhetra*: o reinado, a *gerousía* e o povo. Elas parecem ser mencionadas na ordem de hierarquia, sendo notável também que apenas os reis e a *gerousía* são adjetivadas (respectivamente como “θεοτιμήτους” - “honrados pelos deuses” e “πρεσβυγενεῖς” - “veneráveis”). Apenas o eforato não é mencionado; ausência pela qual presume-se que essa instituição ou ainda não fora instituída ou não detinha o grau de poder que viria a ter no período clássico, quando rivalizava com os reis e a *gerousía*.

O sexto verso traz problemas de leitura em relação à real função do povo no texto da *rhetra*, pois a expressão “ἀνταπαμειβομένουσ” (“respondendo em turno”) é ambígua. Van Wees

³³⁶ Tradução minha: “piú che per la sua rigida disciplina e la sua potenza militare, per lo splendore dell’attività musicale e agonale e per la larga ospitalità accordata agli artisti stranieri”.

(1999, apud RAAFLAUB, 2006, p. 396) defende uma posição de que o poder popular seria bastante restrito nesse período da história espartana. O autor (1999, p. 10, apud RAAFLAUB, 2006, p. 396) interpreta que o sentido aqui seria de que o povo apenas aprovaria as propostas movidas pelos oligarcas, não detendo o poder de decisão final. Segundo Van Wees (1999, p. 78-79 apud RAAFLAUB, 2006, p. 395), apoiando-se na poesia épica, os líderes espartanos, assim como os iliádicos, exerceriam um controle total sobre os súditos. Raaflaub (2006, p. 395), no entanto, argumenta que o papel dos líderes na própria *Iliada* não era absoluto, mas constantemente posto à prova, de que modo que “os desafios seriam uma parte vital do processo de decisão, e a assembleia possui um papel comunal crucial”³³⁷. Brunhara (2014, p. 233) considera que o verso como um todo funciona como uma espécie de eufemismo para a suposta adição dos reis Polidoro e Teopompo para coibir “as [decisões] desviadas tomadas pelo povo” (“αἰ δὲ σκολιὰν ὁ δᾶμος ἔροιτο”). O autor (Ibid., p. 236) considera ainda que Plutarco, embora empregue *rhetra* no sentido de um oráculo na passagem imediatamente anterior à menção ao fragmento de Tirteu, em outros pontos de sua obra utiliza o termo denotando uma deliberação tomada em assembleia³³⁸.

O verso seguinte, no entanto, apresenta uma injunção endereçada diretamente ao povo de manter a ordem social e não tomar decisões desviadas ou “tortas” (“σκολιόν”), o que indica ao menos um temor em relação a possíveis abusos por parte do povo. A palavra “σκολιόν”, porém, é um preenchimento, rejeitado por Van Wees (1999, p. 11, apud RAAFLAUB, 2006, p. 396), que, pela sua proposição de que o poder do povo seria bastante limitado ou nulo, supõe que o preenchimento seria algo com o sentido de que o povo não poderia deliberar além do já feito. Brunhara (2014, p. 238) considera esse verso uma antítese do verso anterior que exortava o povo a produzir belas sentenças e a agir com justiça. Assim, o mais provável parece ser que o povo teria algum poder de decisão na assembleia espartana, uma vez que não seria plausível que ele fosse citado na *rhetra* se seu papel seria apenas acatar as decisões dos oligarcas como proposto por Van Wees (1999). Com isso, nos parece mais provável que, como propõe Raaflaub (2006, p. 397-398), o povo detivesse o poder de decisão final sobre as propostas movidas pelos reis ou pela *gerousía*, mas no caso dos oligarcas discordarem da decisão, a proposta poderia ser retomada e reelaborada a fim de que fosse apreciada pelo povo novamente.

O verso final apresenta uma retomada da figura de Apolo, conclamando ainda a permanência da lei, o que fornece um fechamento do oráculo, enfatizando sua procedência

³³⁷ Tradução minha: "the challenges are a vital part of decision making, and the assembly plays a crucial communal role"

³³⁸ *Agis* 5.2; 9.1.

divina. Andrewes (1938, p. 100), no entanto, crê que o dístico final é resultado de uma versificação da *rhetra* e a posição estabelecida atualmente é puramente accidental. Apesar dessa possível alteração, a estrutura do fragmento como sobreviveu nos relatos de Plutarco e Diodoro é bastante fechada, mantendo assim a verossimilhança com um oráculo real.

Tendo considerado, assim, algumas das discussões mais pertinentes em relação a como o fr. 4 W se situa em relação à história espartana, abrem-se muitas dúvidas em relação a sua possível ligação com a *Eunomia*. Pelo fragmento possuir uma estrutura bastante fechada, ele poderia ser perfeitamente um poema isolado rememorando uma passagem célebre do oráculo pítico ou do lendário governante Licurgo. Nesse sentido, Rösler (1990, p. 230-237, apud BRUNHARA, 2014, p. 244) defende o simpósio como um contexto propício para a rememoração de ditos célebres, o que o tornaria um contexto plausível para o fr. 4 W.

Contudo, a menção a um episódio decisivo para a definição das instituições espartanas e para a estabilidade política da cidade parece um tema indispensável para a narração da *Eunomia* e também propício a uma narrativa mais longa e apurada. Caso estivesse no mesmo poema do fr. 2 W, teríamos então uma narrativa que, independentemente do número de versos que contivesse, lidaria com tópicos que vão desde a colonização espartana pelos antepassados dóricos até a poucas gerações anteriores ao poeta.

Em seguida, veremos os frr. 5, 6 e 7 W, que tratam da Segunda Guerra da Messênia, um período também tumultuado e marcante para a história e para a definição da identidade espartana. Tal conflito não teria ocorrido muito antes das reformas de Licurgo de modo que ambos eventos históricos poderiam constar no mesmo poema, a *Eunomia*.

6.3 Frr. 5, 6 e 7 - A Conquista e o Destino da Messênia

Os fragmentos que serão abordados a seguir tratam de temas relacionados aos conflitos entre espartanos e messênios e ao destino destes últimos. A historiografia tradicional divide esses conflitos em três guerras. A primeira é de meados do século VIII e teria durado vinte anos, culminando na depopulação dos messênios, forçados a migrar ou a serem escravos; a segunda guerra teria ocorrido cerca de quarenta anos após a primeira, já no século VII, e seria uma rebelião dos messênios contra a escravidão ou a exploração econômica dos espartanos. A terceira revolta teria ocorrido já no período clássico; motivados por um terremoto, que acometera Esparta, Messênios e helotas se rebelaram contra a então fragilizada cidade.

Nafissi (2009, p. 120-121) estipula as datas para esses acontecimentos. Estabelece para a primeira guerra o período entre 743-724, apoiando-se no livro quarto da *Descrição da Grécia*

de Pausânias e entre 685-668 para a segunda guerra, que, segundo Riano³³⁹, ocorre durante o reinado de Latíquida I, no final do século VII; um ponto de vista do qual Pausânias já tinha dúvidas. Nafissi (Ibid.) pondera, no entanto, que esses relatos não possuem validade documental, sendo a terceira guerra da Messênia a única de fato atestada, e aponta que o reinado de Teopompo (citado por Tirteu) é a única fonte para uma tentativa de datação mais precisa. A única revolta na Messênia da qual temos confirmação, portanto, fora entre 464-455, motivada por um terremoto; desse modo, as pesquisas recentes enfatizam os messênios como um povo desejoso de manter suas próprias tradições e identidade, o que só foi possível com a independência da região em 369 a.C. (NAFISSI, 2009, p. 120; KENNEL & LURAGHI, 2009, p. 251).

Contudo, a imprecisão das datas e a falta de mais testemunhos pode indicar que os conflitos na Messênia poderiam não ser eventos com definições bem estabelecidas no tempo. Kennel & Luraghi (2009, p. 250), baseados em indícios de que a cidade de Nicória na Messênia fora destruída por fogo e abandonada por volta da metade do séc. VIII, propõem um novo olhar sobre os conflitos entre Esparta e Messênia:

Provavelmente a conquista espartana da Messênia não deve ser vista como o resultado de uma guerra, como as fontes da antiguidade a descrevem, mas como um processo mais longo e complexo, que inclui, além da completa conquista militar de algumas partes da região, outros tipos de episódios, como algumas comunidades menores, vilarejos, sendo absorvidas na esfera de Esparta, semelhante ao que deve ter ocorrido com os periecos da Lacônia, ou a fundação de novos assentamentos por iniciativa espartana, talvez através da relocação da população de outras partes do Peloponeso, incluindo a Lacônia³⁴⁰.

Percebe-se, assim, que o conflito entre espartanos e messênios foi provavelmente algo mais complexo do que se imaginara. Nesse sentido, a conquista da Messênia não seria o resultado de guerras específicas, mas um longo processo de investidas espartanas e de assimilação cultural. Tendo visto assim um breve contexto dos conflitos entre Esparta e Messênia, vejamos agora como Tirteu tratou o tema em suas elegias.

³³⁹ FGrH 265 F43 = Pausânias, *Descrição da Grécia* 4.15.2.

³⁴⁰ Tradução minha: “Probably the Spartan conquest of Messenia should not be envisioned as the result of one war, as the ancient sources depict it, but rather as a longer and more complex process, that included, beside outright military conquest of some parts of the region, other sorts of episodes, such as some smaller, village-like communities being absorbed into the orbit of Sparta very much like perioikoi of Laconia also may have been, or the foundation of new settlements by Spartan initiative, perhaps by relocating population from other parts of the Peloponnese, including Laconia”.

6.4 Fr. 5 - A Conquista

No fr. 5 W, Tirteu fornece um breve resumo do que seria a primeira guerra da Messênia, trazendo detalhes tais como o período do conflito, sua duração e o rei em atuação. O fragmento é formado pela junção de três citações. Pausânias³⁴¹ cita os dois primeiros versos, o terceiro é citado em um escólio às *Leis* de Platão³⁴² e os versos 4-8 são mencionados por Estrabão³⁴³; sendo o último dístico citado ainda por Pausânias³⁴⁴. Assim, podemos ler o fragmento:

ἡμετέρῳ βασιλῆϊ, θεοῖσι φίλῳ Θεοπόμπῳ,
ὄν διὰ Μεσσήνην εἵλομεν εὐρύχορον,
Μεσσήνην ἀγαθὸν μὲν ἀροῦν, ἀγαθὸν δὲ φυτεύειν·
ἀμφ' αὐτὴν δ' ἐμάχοντ' ἑννέα καὶ δέκ' ἔτη
νωλεμέως αἰεὶ ταλασίφρονα θυμὸν ἔχοντες (5)
αἰχμηταὶ πατέρων ἡμετέρων πατέρες·
εἰκοστῶι δ' οἱ μὲν κατὰ πῖονα ἔργα λιπόντες
φεῦγον Ἴθωμαίων ἐκ μεγάλων ὀρέων.

Ao nosso rei, amigo dos deuses Teopompo,
que tomou a vasta Messênia,
Messênia boa para arar, boa para colher,
pela qual lutaram por dezenove anos,
sempre com coração implacável e paciente, (5)
os lanceiros pais de nossos pais.
No vigésimo ano, eles deixaram os férteis campos,
partindo para o grande monte Itomeu.

Nesse fragmento, podemos perceber que Tirteu destaca a conquista da Messênia como um episódio importante para a história espartana, destacando a fertilidade da região três vezes no segundo e no terceiro verso, frisando também a extensão do conflito. Logo no primeiro verso, porém, vemos o poeta utilizando, assim como no fr. 2 W, o pronome possessivo na primeira pessoa do plural para se referir ao rei Teopompo, que teria vivido por volta de 700 e sido o comandante durante a primeira guerra da Messênia (NAFISSI, 2009, p. 121). O rei é mencionado como “amigo dos deuses” (“θεοῖσι φίλῳ”), um epíteto que possui uma imagem mais impactante pela aliteração com o próprio nome do rei (estando o substantivo próprio e o adjetivo no caso dativo). Como visto anteriormente com o epíteto “honrado pelos deuses” (“θεοτιμήτους”) no v. 3 do fr. 4 W, essa retórica de associar os reis com os deuses não é nada estranha a Tirteu. Prato (1968, p. 75) considera que a expressão além de apresentar um traço

³⁴¹ *Descrição da Grécia* 4.6.5.

³⁴² 629a.

³⁴³ *Geografia* 6.3.3.

³⁴⁴ *Descrição da Grécia* 4.13.6.

épico – e, portanto, não estranho à elegia –, possui ainda um tom da "dicção délfica", semelhante ao modo que o oráculo se dirige a Licurgo em Plutarco: como “amigo do deus” (“θεοφιλής”) em *Licurgo* (5.4) e como “amigo de Zeus” (“Ζηνι φίλος”) em *Non posse suaviter vivi secundum Epicurum* (1103.a.7)³⁴⁵. Já a referência a Teopompo como “nosso” rei é uma clara relação de continuidade histórica, sendo o período de seu reinado apenas algumas gerações anterior a Tirteu. Questiona-se, no entanto, novamente quão inclusiva é a expressão, já que, dadas as tendências aristocráticas do poeta, pode ter em mente não os espartanos como um todo, mas apenas a elite oligárquica (BRUNHARA, 2014, p. 254).

Em seguida, no segundo e no terceiro parágrafo, a Messênia é mencionada em particular pela fertilidade dos seus campos. O vale de Pâmiso na Messênia era a região mais fértil do Peloponeso; na era do Bronze, essa era uma das mais prósperas e mais densamente habitadas do Peloponeso, contudo, já ao final dessa era, a região foi despovoada por motivos desconhecidos (KENNELL & LURAGHI, 2006, p. 249). O epíteto “bom” (“ἀγαθόν”) era frequentemente utilizado para designar cidades (BRUNHARA, 2014, p. 256), o que pode indicar que os messênios possuíam um grau de civilização relativamente avançado. Nota-se, nesse sentido, que na épica a falta de cultivo era tida como um sinal de barbárie³⁴⁶. Já o epíteto “εὐρύχορον” (literalmente “vasta terra”), empregado no segundo verso, é utilizado na épica para se referir à própria Esparta³⁴⁷, o que pode indicar já uma espécie de *hibridização* na poesia de Tirteu entre as identidades messênica e espartana. No entanto, cabe notar que há um problema de concordância no terceiro verso entre o adjetivo “ἀγαθόν” (“bom”, no masculino) e o substantivo “Μεσσήνην” (“Messênia”, no feminino). Como esse verso provém de uma fonte diferente, pode-se imaginar que haveria um ou mais versos entre o segundo e o terceiro verso da edição de West, na qual poderia haver alguma palavra no masculino com a qual concordava o adjetivo (PRATO, 1968, p. 76). De Martino & Vox (1996, p. 551, apud BRUNHARA, 2014, p. 256) sugerem, porém, que poderia se tratar aqui de uma construção de “ἀγαθόν” na forma neutra com um infinitivo³⁴⁸, uma construção onde não é necessário que o verbo concorde com o substantivo.

O escoliasta às *Leis* (629a), que é a fonte do terceiro verso desse fragmento, menciona que o verso citado por ele era bastante popular em seu tempo, mas afirma também que fazia parte de um contexto de exortação:

³⁴⁵ Também citada por Enomau (fr. 10 Mullach).

³⁴⁶ Como na *Odisseia* (9. 108) que refere a falta de cultivo, assim como de respeito aos deuses, como sinal da incivilidade dos cíclopes.

³⁴⁷ *Odisseia* 13.141; 15.1.

³⁴⁸ Essa construção é presente na *Iliada* (7.282; 24.130-131).

ἀφικόμενος δὲ οὔτος εἰς Λακεδαίμονα καὶ ἐπίπνουσ γενόμενος
 συνεβούλευσεν αὐτοῖς ἀνελέσθαι τὸν πρὸς Μεσσηνίου πόλεμον,
 προτρέπων παντοίως· ἐν οἷς καὶ τὸ φερόμενον εἰπεῖν ἔπος (fr. 4 W, v. 3).

Chegando ele [Tirteu] à Lacedemônia, inspirou-se e exortou-os de todas as formas a se mobilizarem para a Guerra da Messênia, entre as quais proferiu o seguinte verso (fr. 4 W, v. 3).

Essa menção poderia nos levar a desconsiderar esse verso como parte da *Eunomia* e reforçaria a hipótese de que a seção narrativa serviria apenas ao propósito de comparação ao contexto presente. Esse contexto poderia ser o da segunda guerra da Messênia, para a qual o poeta estaria motivando seus guerreiros, lembrando-os da primeira vez que conquistaram a região. Contudo, levando em conta o frequente jogo entre passado e presente visto nas demais elegias históricas, não é possível dizer que, por ter uma função exortativa para o presente, a narrativa do passado não fosse extensa ou uma parte importante do poema.

Os versos 4-8, segundo Brunhara (2014, p. 259-260), apresentam em tons épicos a ligação entre o passado mítico e o presente, reforçando a ideia de continuidade e de coesão do povo espartano, um processo que denomina "*heroicização do passado recente*". Brunhara (2014, p. 266) considera que esse procedimento visaria mais a fins parenéticos do que ao relato histórico preciso. Questiona-se aqui, porém, o quanto, para o público da Grécia Arcaica, os dois fins não seriam relacionados, considerando que para os gregos antigos a poesia era um dos grandes veículos para a transmissão de sua tradição.

Outro ponto que evidencia essa *heroicização do passado recente* é a menção aos 19 anos de conflito no verso quarto. Embora possa se referir a um período real, é mais provável que ocorra aqui um espelhamento do período que os gregos estiveram na Guerra de Troia. No canto 24 (vv. 765-766) da *Ilíada*, Helena utiliza a mesma expressão para se referir ao tempo que esteve em Troia. Esse exemplo corrobora, portanto, a visão de que Tirteu estaria se apropriando da tradição épica para “elevar” o status das conquistas recentes de seus conterrâneos. Como veremos a seguir, ao tratar dos fragmentos 6 e 7, a conquista da Messênia apresenta outros paralelos com a captura de Troia, como o fato de se tratar da conquista de um povo invasor sobre uma população autóctone. Esse verso, no entanto, apresenta uma mudança na pessoa verbal, passando da primeira pessoa do plural dos versos anteriores para a terceira pessoa do plural (“lutaram”, “ἐμάχοντο”), mudança que, para Prato (1968, p. 74), indica que a atual disposição dos versos é artificial (embora o autor ainda considere que façam parte de um mesmo poema), havendo uma sobreposição de situações distintas. Esse fato inclusive leva o autor a dispor o fr. 5 W em três fragmentos separados em sua edição: os dois primeiros versos formam

o fr. 2 Prato, o terceiro verso o fr. 3 Prato e os cinco últimos versos o fr. 4 Prato.

Os versos 5 e 6, porém, chamam a atenção pelos epítetos para se referir aos ancestrais espartanos (“pais de nossos pais”, “πατέρων ἡμετέρων πατέρες”): “νωλεμέως” (“implacável”, ou mais literalmente “incessante”, “sem trégua”) e “ταλασίφρονα” (“paciente”). Primeiramente, a referência aos combatentes da primeira guerra da Messênia como “pais de nossos pais” pode ser entendida literalmente ou como um recurso poético remetendo aos ancestrais de modo geral. Se literal, a expressão indica que a guerra teria ocorrido aproximadamente 70 anos antes do poeta, próxima do ano 700 (BRUNHARA, 2014, p. 263; NAFISSI, 2009, p. 121). A expressão é utilizada na *Iliada*³⁴⁹ com sentido literal, porém esse uso indica que a expressão também poderia ser formular. Assim, do mesmo modo que ocorre com a menção aos dezenove anos de conflitos, essa expressão pode ter um sentido mais de aproximação com as narrativas épicas do que de fornecer um relato preciso. O adjetivo “νωλεμέως” é utilizado na épica para se referir à resistência e à persistência em combate, como a de Odisseu em relação ao Ciclope³⁵⁰ (BRUNHARA, 2014, p. 262). Reforça essa associação com Odisseu, o fato de “ταλασίφρονα” ser, segundo Prato (1968, p. 77), um “epíteto fixo” do herói da *Odisseia*. A utilização de um epíteto atrelado a Odisseu, portanto, não deve ser fortuita, podendo recorrer justamente à característica paciente e determinada desse herói homérico como um modelo da ação dos antepassados espartanos nos conflitos com os messênios.

No verso 7, o destino da guerra da Messênia é resolvido no último (o vigésimo) ano, muito semelhante ao que ocorre na Guerra de Troia, na qual o grande engenho que possibilita a conquista de cidade só é deliberado no último ano, sendo ainda obra da astúcia de Odisseu. No último verso, é mencionada muito brevemente a fuga dos Messênios (que poderia ter continuidade em outros versos, como, por exemplo, no fr. 23 W, a ser visto posteriormente). Brunhara (2014, p. 265) argumenta que a brevidade da menção à fuga se deve talvez pelo *éthos* negativo que Tirteu dá a ela, de modo que não queira narrá-la em mais detalhes. Também o poeta estaria associando esse *éthos* aos messênios em contraposição ao *éthos* espartano de jamais fugir. Contudo, a construção do *éthos* da fuga em suas consequências parece ter prosseguimento nos fr. 6 e 7 W.

³⁴⁹ 14.118.

³⁵⁰ *Odisseia*. 9.435.

6.5 Frr. 6 e 7 - o destino dos messênios

Os fragmentos 6 e 7 W remetem aos pesados fardos impostos aos messênios após a conquista espartana. Muito se discute a respeito da natureza da punição espartana, se seria uma imposição econômica, ao modo como ocorria com os periecos, ou a própria escravidão (de modo que os messênios se somariam ou seriam a base da população helota). Ambos os fragmentos são citados por Pausânias³⁵¹, que afirma que a pena dos Messênios fora dar metade de sua produção agrícola a Esparta, assim como ficavam obrigados a comparecer aos funerais de autoridades espartanas. A semelhança temática entre ambos levou Gentili & Prato (1988) a editá-los como um único fragmento (fr. 5 G-P). Vejamos, portanto, o fr. 6 W que remete ao confisco de metade dos alimentos produzidos pelos messênios:

ὥσπερ ὄνοι μεγάλοις ἄχθεσι τειρόμενοι,
δεσποσύνοισι φέροντες ἀναγκαίης ὑπο λυγρῆς
ἥμισυ πάνθ' ὅσων καρπὸν ἄρουρα φέρει.

Como asnos por enormes fardos oprimidos,
aos senhores levam, forçados pela desgraça,
metade de tudo quanto a terra produz

Nota-se, assim, que o poeta reconhece o peso extremo da punição imposta aos messênios. No fr. 7 W, temos um registro mais claro da humilhação imposta pelos espartanos a esse povo, obrigando-o a enlutar-se por seus conquistadores:

δεσπότης οἰμῳζόντες, ὁμῶς ἄλοχοί τε καὶ αὐτοί,
εὔτέ τιν' οὐλομένη μοῖρα κίχοι θανάτου.

os senhores lamentando, tanto eles quanto as esposas,
sempre que a infeliz moira da morte abate algum deles.

Nesse fragmento temos a apresentação de um costume imposto pelos espartanos aos povos lacedemônios vizinhos conquistados e aos helotas, obrigados a lamentar a morte dos reis e autoridades espartanas³⁵². A expressão “μοῖρα κίχοι θανάτου” (“a moira da morte abate”) é de uso comum na elegia, sendo encontrada também em Calino³⁵³, Mimnermo³⁵⁴ e Sólon³⁵⁵. Emerge, no entanto, a questão do porquê de Tirteu descrever os fardos impostos aos messênios. Bergk (1882, p. 12), em sua edição, via aqui uma manifestação de piedade por parte do poeta.

³⁵¹ *Descrição da Grécia* 4.14.4-5.

³⁵² Heródoto 6.58.2-3.

³⁵³ fr. 1 W, v. 15.

³⁵⁴ fr. 6 Allen.

³⁵⁵ fr. 20 W.

O poeta, assim, estaria fazendo uma espécie de *mea culpa* espartana, talvez considerando que suas punições iniciais fossem demasiado severas e, por isso, ocasionaram a revolta dos messênios. Embora essa visão pareça um pouco romântica, se consideramos a obra magna da literatura grega, a *Iliada*, que – embora as súplicas dos guerreiros rendidos nunca sejam atendidas, sendo eles conseqüentemente mortos (KELLY, 2014) – tem como um elemento importante o sentimento de piedade despertado em relação ao destino das personagens (NAGY, 2013, p. 64-65). Assim, não seria totalmente estranha a ideia de ter piedade para com os inimigos conquistados. Embora, não descartemos que pudesse haver um sentido de piedade no poema de Tirteu, é improvável, no entanto, que esse fosse o objetivo central da narrativa da guerra da Messênia em Tirteu.

Jacoby (1918, p. 2) defendia nesses fragmentos uma característica exortativa, servindo o infortúnio dos messênios como um exemplo para os espartanos das conseqüências de se perder em batalha. Nesse sentido, consideramos que essa exortação envolveria um certo grau de piedade ou empatia para com os conquistados, ao menos ao ponto de os espartanos conseguirem se imaginar na posição dos messênios para empenharem-se a fim de não serem algum dia subjugados da mesma maneira.

Brunhara (2014, p. 279-280) crê, no entanto, que não se trata de piedade, mas da defesa de Tirteu à "violência justa". Exemplos da justificação da violência na poesia grega seriam: a expressão “ἀργάλης ὕβριος ἠγεμόνες” (“instigadores de dolorosa transgressão”) em Mimnermo, fr. 9 Allen (exemplo que, no capítulo dedicado a Mimnermo do presente trabalho, associamos mais a um caráter negativo da ação desses líderes); a equiparação de *bíe* (“violência”) e *dike* (“justiça”) no v. 16 do fr. 36 W de Sólon; os versos 39 e 52 da *Teognideia*, que mencionam o tirano como uma punição para a *hýbris* da cidade; e Píndaro (fr. 169a, vv. 1-5), possivelmente o exemplo mais claro da “violência justa”, que declara que a lei (“νόμος”) reina tanto entre mortais e imortais e impõe a justiça com “βιαιότατον/ ὑπερτάτα χεῖρῖ” (“com a maior violência/ e mão soberana”, vv. 4-5). Nesse sentido, argumenta-se aqui que certamente haveria entre os espartanos a visão da conquista da Messênia como um direito ou algo justo, mas que para a articulação do poema de Tirteu, especialmente levando em conta o possível caráter exortativo do poema mencionado pelo escoliasta das *Leis* de Platão mencionado anteriormente, seria necessário um certo grau de “empatia” no sentido dos espartanos verem no exemplo dos messênios as conseqüências que podem ter se, por acaso, deixarem sua disciplina militar e passarem do lado dos conquistadores para o dos conquistados.

Retornando ao fr. 6 W de Tirteu, vemos assim que o símile do asno é interessante para ilustrar a percepção de uma punição extrema imposta aos messênios. O símile é considerado

por Brunhara (2014, p. 271) como uma forma de *enárgeia* (“vividez”), um recurso retórico que consiste no uso de imagens impactantes e detalhadas a fim de reforçar a identificação do público. O autor destaca ainda que há três símiles no exíguo corpus tirtaico, o que indica que esse seria um recurso usual desse poeta (BRUNHARA, 2014, p. 273). Noussia (2010, p. 19) destaca, nesse sentido, que: “Tirteu fornece indícios para a memória que dão estímulo às emoções: o efeito de toda essa estratégia é a identificação e a intimidade entre autor e público”³⁵⁶. Esta consideração pode nos ajudar a esclarecer o modo como Tirteu trata da temática histórica em sua *Eunomia*, possivelmente rememorando acontecimentos de conhecimento geral entre os espartanos, mas visando retomar um *éthos* característico desses eventos históricos a fim de estimular seus concidadãos a ações no presente. Noussia (2010, p. 12) ressalta, nesse sentido, que o poeta não demonstra algo novo, mas reacende as tradições e a ética já estabelecidas no grupo ao qual pertence. Ao considerar o fr. 11 W de Tirteu, que se detém especialmente na descrição de como os guerreiros devem se comportar em batalha, Noussia (2010, p. 15) denomina a retórica empregada por Tirteu como uma retórica “em circuito fechado”³⁵⁷, que se dirige a uma audiência experiente nas situações de batalha citadas, utilizando oposições entre bem e mal a fim de reforçar a coesão do grupo. Embora não seja o tipo de imagens que vemos nos fragmentos da *Eunomia*, podemos pensar nos fr. 5, 6 e 7, de certa forma, como uma *enargéia* do esplendor da vitória (marcado por tons épicos no fr. 5 W) e das consequências da derrota (abordadas nos fr. 6 e 7).

Em relação ao símile do asno, sob outra ótica, Corrêa (2010 p. 260) destaca que o *éthos* do asno era, de modo geral, associado aos gêneros literários mais baixos e seu papel próximo ao do escravo, sendo asno e escravo descritos “por sua propensão à glotonice, pela libido exacerbada, por certa astúcia ou ‘malandragem’ e por uma atitude insolente perante os seus mandantes”. Côrrea (2010, p. 288) registra ainda que a figura do asno representando a miséria da vida no campo ou do escravo se destaca especialmente na literatura helenística e romana em autores como Pseudo-Luciano³⁵⁸, Apuleio³⁵⁹ e Artemidoro³⁶⁰. No entanto, Homero³⁶¹ compara Ajax ao asno como um exemplo de resistência, sendo o recuo do herói ilíadico entre as falanges troianas comparadas ao asno que, atacado por meninos, continua comendo seu pasto e só deixa o campo após se fartar. Brunhara (2014, p. 276) crê que Tirteu utilize o símile do asno em uma

³⁵⁶ Tradução minha: "Tirteo fornisce indizi per memoria che danno stimoli alli emozioni: l'effetto di tutte queste strategie è l'identificazione e l'intimità emozionale tra autore e pubblico"

³⁵⁷ Tradução minha: “a circuito chiuso”.

³⁵⁸ Na obra satírica *Lúcio ou o Asno*.

³⁵⁹ *O Asno de Ouro*, 7-11.

³⁶⁰ *Sobre a Interpretação dos Sonhos* 1.37.

³⁶¹ *Iliada* 11.558-566.

acepção mais próxima da que se tornou comum a partir do período helenístico. O *éthos* helenístico descrito por Corrêa (2010) é particularmente cabível ao contexto dos messênios no que toca à insolência com os mandantes, considerando especialmente o contexto da segunda guerra da Messênia, que seria uma revolta contra o jugo espartano.

O fragmento, no entanto, é ambíguo no que se refere ao tipo de jugo imposto aos messênios: seriam eles reduzidos à posição de periecos, detendo uma relativa autonomia, mas humilhados pela pesada tributação e pela obrigação de velar seus conquistadores? Ou seriam essas punições um eufemismo para uma situação de escravidão imposta aos messênios? Testemunhos da antiguidade como Heródoto³⁶² e Plutarco³⁶³ reportam que a maior parte dos helotas eram messênios capturados. Antíoco³⁶⁴ também apresenta o contexto da primeira guerra da Messênia como o momento de constituição dos helotas, mas afirma que estes eram lacedemônios dóricos que se recusaram a lutar nessa guerra e assim foram escravizados. Já para Tempompo³⁶⁵ e Pausânias³⁶⁶, os helotas seriam aqueus de uma população anterior à conquista dórica. Nafissi (2009, p. 122) acredita que os helotas poderiam ter alguma conexão com a identidade messênia, mas isso só teria emergido após a revolta motivada pelo terremoto (a Terceira Guerra da Messênia).

No entanto, o autor também pondera que a escravidão de um povo inteiro etnicamente homogêneo contraria o costume grego, de modo que, se fosse esse o destino dos messênios, seria algo sem precedentes entre as cidades gregas. Kennel & Luraghi (2009, p. 248) trazem outro problema para a associação entre helotas e messênios pelo fato de que os helotas parecem ter existido desde os primórdios de Esparta, o que inviabilizaria a tese de que seriam messênios escravizados, embora não exclua a possibilidade de que os messênios tenham sido incorporados em parte a essa classe. Para Kōiv (2003, p. 150), é possível que os vários relatos reflitam diferentes origens para diferentes comunidades de periecos e helotas, sendo, porém, os reinados de Teleclo e seu filho Alcâmenes (no séc. VIII, reinados nos quais se inicia a Primeira Guerra da Messênia) o período no qual provavelmente se deu a institucionalização dos periecos. Contribui para essa datação o fato da cidade de Helos (que segundo uma tradição comum na Antiguidade dera origem ao nome dos helotas³⁶⁷) foi capturada por Alcâmenes. Ainda para Kōiv (2003, p. 154), as versões de Antíoco, Pausânias e Teopompo não seriam mutuamente

³⁶² *Histórias* 1.101.2.

³⁶³ *Licurgo*, 8.6.

³⁶⁴ FGrh 555 F 13.

³⁶⁵ FGrH 115 F 122.

³⁶⁶ *Descrição da Grécia* 3.2.7.

³⁶⁷ Pausânias, *Descrição da Grécia* 3.20.6.

excludentes, pois podem remeter a tradições diferentes que lidam com a mesma materialidade histórica.

Desse modo, vemos que nenhuma posição é conclusiva em relação ao destino dos messênios, exceto que sofreram uma forte repressão econômica por parte de Esparta. Nafissi (2009, p. 122-123) destaca que existiam diferentes tipos de agricultores na Esparta dos séculos VIII e VII: livres, semi-livres, em situação de escravidão por débito e os escravos propriamente ditos. Sendo assim, os messênios poderiam também estar em diferentes tipos de relação econômica com Esparta, não pertencendo todos a uma mesma classe. Nafissi (2009, p. 122) resume seu posicionamento, considerando que “Tirteu fala ironicamente de uma comunidade perieca que se rebelou contra Esparta, comparando seus membros a escravos e exagerando sua condição econômica”³⁶⁸. Desse modo, concluímos que, independentemente da condição em que os messênios se encontravam, o objetivo de Tirteu parece ser o de destacar a subjugação e humilhação sofrida por esse povo.

6.6 Fr. 18-23a W - O Papiro de Berlim

Os fragmentos 18-23 W foram encontrados no *Papiro de Berlim* 1175, datado do período ptolomaico, e foram publicados primeiramente por Willamowitz (1918 apud WEST, 1967, p. 173) que já o atribui a Tirteu. West (1967) dividiu o conteúdo do papiro em 6 fragmentos (os quais para o estudioso não necessariamente estariam relacionados), sendo os fragmentos 18, 20 e 22 W correspondentes à primeira coluna do papiro (quase ilegível) e os fragmentos 19, 21 e 23 W correspondentes à segunda coluna. De Falco e Coimbra (1941, p. 154 apud BRUNHARA, 2014, p. 291) consideram os seis fragmentos como uma única elegia exortativa que retrataria as últimas batalhas que levariam à conquista de Ira, uma fortaleza messênia. Já o fr. 23a W foi encontrado no *P. Oxy* 3316 em 1980 e apresenta uma cena de batalha, provavelmente relacionada à segunda guerra da Messênia.

Iremos abordá-los, portanto, na ordem da edição de West (1998). Embora pouco legível, o fragmento 18 W aponta para uma temática oracular:

[α]γαλλομένη
 []α και κροκόεντα
desunt versus tres
 []πυ[. . .].[.]ν
 []τερ]άεσσι Διός

³⁶⁸ Tradução minha: “Tyrtaeus speaks derisively of a perioikic community that had rebelled against Sparta, likening its members to slaves and exaggerating its economic plight”.

[e]xultante (feminino)
 [] e cróceo
faltam três versos
 [](?)[.(.)].[.](?)
 [aos] sinais de Zeus

Percebe-se a exiguidade de informações nesse fragmento. No entanto, é notória a presença de uma personagem feminina no primeiro verso. A menção à cor crócea (cor do açafreão) pode estar designando a vestimenta ou algum adorno dessa personagem, talvez uma deusa. O verso final contém uma menção aos “sinais” (ou presságios) de Zeus, o que indica um contexto oracular, cujas orientações são vistas como provenientes dos deuses. Embora completamente especulativo, poderia se imaginar esse fragmento em um contexto semelhante ao do fr. 4 W, talvez contendo a narrativa de um acontecimento histórico ou bélico espartano a partir da sanção oracular do deus.

O fr. 19 W, que pertence à segunda coluna do Papiro de Berlim, é o mais legível do papiro e apresenta a descrição de uma cena de batalha:

[.[.(.)].οσ[
 . -τ]ῆράς τε λίθων κα[ἰ
 .]ν ἔθνεσιν εἰδομ[ένους
 . βρ]οτολοιγὸς Ἄρης ακ[
 .]ιθείη, τοὺς δ' ὑπερα[(5)
 .]].[.]ν εἰοικότες η[
]αι κοίλης ἀσπίσι φραξάμ[ενοι,
 χωρὶς Πάμφυλοί τε καὶ Ὑλλεῖς ἠδ[ὲ Δυμᾶνες,
 ἀνδροφόνους μελίας χερσὶν ἀν[ασχόμενοι.
]δ' ἀθανάτοισι θεοῖς ἐπὶ πάντ[α τρέποντες (10)
]ατερμ..ηὶ πεισόμεθ' ἠγεμ[ό
 ἀλλ' εὐθὺς σύμπαντες ἀλοιη<έο>[μεν
 ἀ]νδράσιν αἰχμηταῖς ἐγγύθεν ἰς[τάμενοι.
 δεινὸς δ' ἀμφοτέρων ἔσται κτύπος[
 ἀσπίδας εὐκύκλους ἀσπίσι τυπτ[(15)
 .]ήσουσιν ἐπ' ἀλλήλοισι π[ερόντες·
 θώρηκε]σ δ' ἀνδρῶν στήθεσιν ἀμ[φι
 λοιγὸ]ν ἐρωήσουσιν ἐρεικόμενοι[ι
 αἰ δ' ὑπὸ] χερμαδίων βαλλόμενοι μ[εγάλων
 χάλκεια]ι κ[όρυ]θεσ καναχὴν ἔξου[σι (20)

];[.(.)][
] (?) e pedra e[
] às tribos assemelhando-se
] Ares, miséria dos mortais [(5)
]em reta, os de cima [
].[.] semelhantes [
] cingindo-se com os côncavos escud[os,
 separados os pampílios, os hileos e [os dímanes,
 assassinas lanças nas mãos bran[dindo.

....] aos deuses imortais acima de tud[o nos voltamos (10)
] (?) obeçamos os lí[deres(?)
 Mas, imediatamente todos juntos avance[mos
 dos h[omens lanceiros perto pr[ostrando-nos.
 terrível será, de ambos os lados, o clangor[
 escudos circulares contra escudos cho[cando-se (15)
]uns sobre os outros c[aindo
 couraç[s em torno dos peitos dos homens[
 a ruín[a refreiam destruído[s
 pelos] enorme pedregulhos l[ançados
 os brônzeos elmos farão grande estron[do (20)

Nota-se, portanto, a referência a uma batalha futura nesse fragmento, o que pode enquadrá-lo entre os fragmentos exortativos de Tirteu. Contudo, a referência aos pamfíleos, híleos e dímanes (as três tribos espartanas) sugere um detalhe histórico, que pode indicar uma narrativa histórica mais precisa. Bowra (1933, p. 63 apud BRUNHARA, 2014, p. 294) via nesse fragmento mais propriamente uma exortação à organização militar e não ao combate em si, o que o diferenciaria das demais elegias exortativas de Tirteu. Brunhara (2014, p. 295), no entanto, compara o fr. 19 W com os vv. 35-38 do fr. 11 W de Tirteu, a fim de demonstrar como essa diferença não é tão acentuada como pensava Bowra:

ὁμεις δ', ὧ γυμνήτες, ὑπ' ἀσπίδος ἄλλοθεν ἄλλος
 πτώσσοντες μεγάλοις βάλλετε χερμαδίοις
 δούρασί τε ξεστοῖσιν ἀκοντίζοντες ἐς αὐτούς,

E vós, de armadura leve, que se agacham aqui e ali
 sob os escudos, lançai grandes pedras,
 arremessando polidas lanças contra eles³⁶⁹

Nessa passagem de uma elegia tipicamente exortativa de Tirteu, o poeta se dirige diretamente aos soldados das classes mais baixas (os “γυμνήτες”, literalmente “soldados nus”), indicando a conduta (a organização) que devem manter em batalha. No v. 19 do fr. 19 W parece haver também uma referência a esse tipo de soldados devido à menção aos “enormes pedregulhos” (“χερμαδίων ... μ[εγάλων”) que eram arremessados geralmente por esses soldados, que, pela falta de proteção, colocavam-se atrás dos guerreiros de armadura pesada e atiravam projéteis como pedras e lanças contra os inimigos. No segundo verso, West (1974, p. 160), agregando uma adição já proposta por Diehl, sugere a seguinte reconstituição: “βλητήρας τε λίθων και τοξότας ἄνδρας” (“lançadores de pedras e homens arqueiros”). Essa leitura reforçaria a presença dos soldados baixos nesse fragmento de Tirteu.

West (1974, p. 187) considera, porém, que, a partir do v. 6, o poeta passa a se referir

³⁶⁹ Tradução de Brunhara (2014, p. 341-342).

mais especificamente aos hoplitas. A expressão “κοίλις ἀσπίσι φραξάμ[ενοι” (“cingindo-se com os côncavos escudos”), por exemplo, é de aparente uso formular na elegia grega, sendo utilizada também por Mimnermo no fr. 13 Allen. O verbo “φραξάμ[ενοι” (“cingindo-se”) assim como o verbo “ἀνασχόμενοι” (“brandindo”) no v. 9 denotam, para Brunhara (2014, p. 296), posturas adotadas antes de se iniciar uma batalha. Desse modo, para o autor (BRUNHARA, 2014, p. 294), esse fragmento apresenta um “Eu vislumbrando [...] um combate a se travar em um futuro próximo”. Esse vislumbre do futuro, no entanto, não indica necessariamente que esse fragmento pertencesse a um poema distinto da *Eunomia*, pois assim como a elegia se abre para a narrativa do passado a fim de exortar a audiência a eventos contemporâneos, não é impossível que uma elegia se abrisse para considerações do passado que influenciasses tanto o presente quanto o futuro próximo do poeta. Brunhara (2014, p. 299) nota que “πεισόμεθ” (“obedeçamos”, v. 11), “ἀλοισέομεν” (“avancemos”, v. 12) e ἔξουσι (“farão”, v. 20) estão no futuro do indicativo, que, em um contexto simposial, seria um recurso de *enargéia* de modo a trazer mais vivacidade aos presentes à batalha prestes a ocorrer. Brunhara (2014, p. 300) ainda crê que o uso dos futuros seria um traço característico da poesia exortativa em contexto simposial, não considerando assim o fr. 19 W muito diferente dos demais poemas exortativos de Tirteu.

Contudo, se na lacuna do v. 11 lermos “Líderes” (uma leitura bastante provável) teríamos um contexto parecido com o fr. 9 Allen de Mimnermo, que remete aos líderes em um contexto histórico, inclusive enquanto instigadores de transgressão (*hybris*). A conjunção “ἀλλά” (“mas”) no início do v. 12, marca uma transição da exortação (que talvez se apoiasse em acontecimentos históricos, o que justificaria a menção às tribos espartanas no v. 8) para a ação, para a descrição da batalha futura. Desse modo, embora tenhamos aqui uma elegia exortativa, talvez ela não siga a mesma estrutura das demais elegias de Tirteu e seja voltada mais especificamente para uma batalha ou uma guerra em particular (como a segunda guerra da Messênia).

Desse modo, tratemos agora do fr. 20 W, o qual, embora forneça poucas informações, traz os interessantes temas de Dioniso e dos jogos atléticos, possivelmente em um contexto fúnebre:

[Διονύσο]ιο τιθήνηι
 [-κό]μου Σεμέλης[]
 []φεμψ.[...]σει
 []
 [] [] (5)
 []μενη[]
 [] [] [] [] []
 []α φέρειν

[ἀ]εθλοφ[ό]ροι περὶ νίκης
 [τέρ]μ' ἐπιδερκόμενοι (10)
 [καλ]λίτροχον ἄρμα φέροντες
 []όμενοι
 []εύοντας ὀπισθεν
 []χαίτας ὑπὲρ κεφαλῆς
 []συνοίσομεν ὄξυν ἄρηα (15)
 [].θεσιν.[.].[]
 [ο]ὔδὲ λογήσει
 []σέχων[

[À nutr]iz de Dioniso
 [de cabe]los Sêmele
 [](?)[...] (?)
 []
 [].[] (5)
 [](?)[]
 []:[.].[.(.)] (?)[:].[]
 [] levar
 [p]remiados pela vitória
 [a m]eta contemplando (10)
 [ca]rros de belas rodas conduzindo
 [] (?)
 [] atrás
 [] cachos sobre a cabeça
 []suportaremos a pungente batalha (15)
 []. (?).[.].[]
 [n]ão levarão em conta
 [](?)[

Esse fragmento apresenta uma referência interessante ao deus Dioniso nos versos iniciais, assim como uma referência aos jogos atléticos (vv. 9-11) provavelmente em comparação com a guerra (v. 15). Chama a atenção o fato de Tirteu, poeta geralmente tão afeito a temáticas militares, tratar de Dioniso, o deus do vinho e do teatro. A relação com o deus, no entanto, pode ter relação com algum festival realizado em Esparta, como o de Ártemis *Orthia* ou o festival de Jacíntia. Embora esses locais não fossem designados diretamente ao culto de Dioniso, para Otto (1965), o deus estaria relacionado às figuras tanto de Ártemis quanto de Jacinto. Com relação à deusa Ártemis, foram encontradas máscaras de Dioniso no templo de Ártemis *Orthia*, deusa que possui epítetos semelhantes ao do deus do vinho (OTTO, 1965, p. 87). Um dos epítetos de Dioniso é “ὠμηστής” (“comedor de carne crua”) utilizado também para monstros ctônicos como Órtros, o cão de Gerião, cujo nome se assemelha à designação da deusa nesse culto (*Orthia*). Além disso, “ὀρθός” (“reto”) era também um epíteto atribuído a Dioniso (OTTO, 1965, p. 113-114). Em relação aos cultos prestados a ambos os deuses, Pausânias³⁷⁰ nota que o festival de Esciereia em Aléa, dedicado a Dioniso, possuía um ritual de flagelação

³⁷⁰ Descrição da Grécia 8.23.1.

de jovens mulheres, prática que o próprio geógrafo compara ao flagelo de rapazes no festival de Ártemis *Orthia* em Esparta.

Otto (1965, p. 205) nota semelhanças também entre os mitos de Dioniso e de Jacinto. Jacinto era em geral tido como de origem espartana, sendo considerado filho do rei Ébalo³⁷¹ ou Amiclas, fundador mítico da cidade de Amicleia (próxima a Esparta)³⁷². Outra versão o apresentava como filho da musa Clio e de Piero, filho do tessálio Magnes³⁷³. O aspecto mais importante de seu mito, porém, é sua relação amorosa com o deus Apolo, assim como o fato de ter despertado o amor dos ventos Zéfiro e Bóreas, assim como do mortal Tâmiris. Otto (1965, p. 204) considera as semelhanças mais notáveis nos mitos de Dioniso e Jacinto o fato de ambos morrerem na flor da juventude e serem ressuscitados. Além disso, ambos são criados por amas (as ninfas Nísiades criam Dioniso, e Ártemis nutre Jacinto), possuem uma companheira – Dioniso possui Ariadne, e Jacinto, Peribeia –, assim como um séquito de seguidoras (as bacantes e as jacintiras). No que diz respeito à relação entre o deus e o herói com sua ama, na estrada de Esparta na direção de Amicleia – que possivelmente fora a capital do lacônicos antes da invasão dórica – havia um festival chamado *Tithenidia* em honra às amas, no qual era celebrada a relação de Jacinto com sua ama, Ártemis *Korythalia*. Além desse festival, havia o mais celebrado festival de Jacíntia, comemorado no mês espartano homônimo, que rememorava a morte de Jacinto e sua ressurreição (OTTO, 1965, p. 205). Em Delfos, Dioniso era também relacionado a Apolo (amante de Jacinto), de modo que ambos os deuses compartilhavam o mesmo ano délfico, assim como os frontões do templo de Apolo possuíam representações de ambos os deuses.

Desse modo, é possível que esse fragmento de Tirteu fosse recitado em um contexto cultural associado de alguma forma ao deus Dioniso. Poderíamos descartar o festival de *Tithenidia*, uma vez que seu escopo era bastante distinto da temática beligerante de Tirteu. Contudo, competições musicais seriam apresentadas tanto no festival de Ártemis *Orthia* (DAWKINS, 1929, p. 406) quanto na Jacíntia, que incluía também competições atléticas como as corridas de cavalos e carruagens (PETTERSSON, 1992, p. 10).

Isso nos leva à segunda imagem encontrada no fr. 20 W, que se refere às competições atléticas, provavelmente uma corrida de cavalos devido à referência à meta (v. 10) e aos carros (v. 11). O atletismo, contudo, parece ser utilizado como uma metáfora para a guerra, uma vez que esse tema é inserido logo em seguida no v. 15. Essa comparação não é de se estranhar,

³⁷¹ Luciano, *Diálogos dos Deuses*, 16.

³⁷² Pseudo-Apolodoro 3.10.3; Pausânias 3.1.3.

³⁷³ Pseudo-Apolodoro 1.3.3.

notando a natureza agonística dos jogos gregos, vistos também como uma preparação para a guerra (KYLE, 2014, p. 30). Entretanto, não se pode descartar a hipótese de que a menção aos jogos pode remeter ao próprio contexto em que o poema fora recitado. Nesse sentido, o novo fragmento elegíaco de Simônides (fr. 11 W) também parece indicar um contexto semelhante, iniciando com uma invocação de Aquiles em comparação a Pátroclo (v. 6), uma referência que pode estar relacionada à cena dos jogos funerais de Pátroclo no canto 23 da *Iliada*. No fr. 12 W (vv. 1-12) do próprio Tirteu, há um *priamel* – uma estrutura poética que consiste na enumeração e negação de itens a fim de reforçar a qualidade do item mencionado ao final – em que o poeta rejeita várias formas de glória (entre elas os esportes, vv. 2-4) se não acompanhadas da virtude militar. Perry (2014, p. 62) assinala também que os jogos na poesia épica contribuem para a conquista de *timé* (“honra”) e *kléos* (“glória”), atributos que os guerreiros homéricos buscam acima de tudo. Murray (2014, p. 311) comenta que uma das origens possíveis para o surgimento das competições atléticas em eventos religiosos na Grécia Antiga seriam as performances reiterativas dos jogos fúnebres de heróis locais. Nesse sentido, os jogos teriam um papel bastante significativo na manutenção das tradições de uma comunidade, enfatizando as distinções entre vivos e mortos ao mesmo tempo que reintegram a comunidade após a perda de membros importantes. As competições atléticas teriam uma característica semelhante à da poesia elegíaca histórica, como presumida por Grethlein (2010), uma vez que ambas seriam eventos públicos que proporcionariam um elemento de conexão entre o passado e o presente de uma comunidade e que visariam mitigar as *contingências do acaso*:

Ver o passado como imperturbável pelo acaso cria a estabilidade necessária para as identidades e as ações. Apesar da escassa transmissão da elegia, é possível traçar em alguns fragmentos os usos exemplar e tradicional do passado, enquanto outros fragmentos elegíacos elaboram a fragilidade humana (p. 54)³⁷⁴.

Vemos assim como a poesia de Tirteu, de modo geral, enquadra-se no que Grethlein (2010) chama de “uso exemplar e tradicional do passado”, e podemos conjecturar também que o uso do passado no caso da Guerra da Messênia teria um forte apelo à criação da estabilidade e da identidade espartana. Tendo assim considerado essas possíveis finalidades e ocasiões de performance desses fragmentos de Tirteu, tratemos, por fim, brevemente dos fr. 21 W e 22 W que são demasiadamente ilegíveis. Assim, apresentamos o fr. 21 W:

³⁷⁴ Tradução minha: “Viewing the past as undisturbed by chance creates the stability necessary for identities and actions. Despite the scanty transmission of elegy, it is possible to trace in some fragments the exemplary and traditional use of the past, whereas other elegiac fragments elaborate on human fragility”.

χαλκ[
 ουδεμ[
 πιπτ[
 μαρνα[
 Ἀργέζ[τ (5)
 ὄσσουσ[
 Ἀργέζ[τ
 ἀλλαρ[
 εστη..[
 [(10)
 φ[
 ημελ[
 ουταρ[
 ἀλλὰ θεοι.[
 οἷσι μέλει Σ[πάρτης ἡμερόεσσα πόλις (15)
 .[...].[
 φοι[

brônz[eo(?)
 nenh[um(?)
 ca[em(?)
 atac[am(?)
 reluzen[te(?) (5)
 tão grande quant[o
 reluzen[te
 (?) [
 (?)..[
 [(10)
 (?) [
 (?)[
 (?) [
 mas o deuses.[
 aos quais compete cuidar [da amável cidade de Esparta (15)
 .[...].[
 (?)[

Do fr. 21 W, resta apenas um verso razoavelmente legível, o verso 15: “οἷσι μέλει Σ[πάρτης ἡμερόεσσα πόλις” (“aos quais compete cuidar da amável cidade de Esparta”). Em conjunto com o verso anterior, que aparentemente destaca os deuses como os que cuidam da cidade de Esparta, poderíamos ter aqui outra referência às origens divinas dos reis espartanos. A referência à “amável cidade de Esparta” faz parte da reconstrução do verso, que o assemelha ao fr. 4 W (v. 4).

O fr. 22 W, porém, é completamente ilegível. Passemos, assim, para os fragmentos 23 W e 23a W. Estes fragmentos são particularmente importantes por novamente tratarem da guerra da Messênia, sendo os messênios citados diretamente no fr. 23 W e indiretamente (pela referência a seus aliados) no fr. 23a W. Vejamos, assim, o fr. 23 W:

ο.[..]στευο[
 ἐξείης πα[

τεῖχος α.[.]οστη[
 οισ.μπαλλομε[
 κλῆρος καὶ ταφ[(5)
 Μεσσην<ίω>ν[
 τεῖχος τερυ[
 οἱ μὲν γὰρ β[
 ἀντίοι ἰστ[α
 οἱ δ' ἐκτὸς [βελέων (10)
 ἐν δὲ μέσοις ἡμεῖς σ.[
 πύργου δυ[
 λείψουσ' ἰλη[δὸν
 οἱ δ' ὡς ἐκ πο[
 κυ[.]αδ[(15)
 τοῖς ἴκελοι μ[
 Ἥρης αἰδοίησ [
 εὐτ' ἄν Τυνδαρί[δαι

(?).[..](?) [
 em ordem to[dos(?)
 muralha (?) [.] (?) [
 (neles coli[diram?)
 o lote e o túm[ulo(?) (5)
 dos messên<io>s[
 a muralha (?) [
 pois uns
 em oposição colo[cando-se(?)
 e outros que de fora [os dardos (10)
 e no meio nós (?) [
 da torre (?) [
 deixaram em tro[pas
 e outros de (?) [
 (?).[..](?) (15)
 a eles semelhantes (?) [
 Hera venerável [
 quando os Tindári[das

Embora não tenhamos muita clareza sobre a situação narrada, podemos ao menos inferir que se trata de um contexto de batalha (muito provavelmente um cerco) envolvendo os messênios. Nos versos 2 e 9, temos menções à organização militar e à conduta em batalha (o que pode ser tratado também no verso 4, de leitura mais difícil), o que indica a narrativa do próprio choque entre as tropas. A muralha (“τεῖχος”) é mencionada duas vezes nos versos 3 e 7, assim como uma torre no verso 12, o que torna provável que a batalha descrita seja o ataque espartano a uma fortaleza messênica, povo mencionado no verso 6. A batalha pode já estar em seu final caso aqueles mencionados como os que “deixam em tropas” no v. 13 se refira aos messênios. Nos dois versos finais, temos ainda a menção a deusa Hera, que, como visto anteriormente, possuía uma posição especial no panteão espartano, assim como aos Tindáridas (Castor e Pólux), heróis também bastante cultuados na região e mencionados igualmente no fr. 11 W de Simônides. West (1974, p. 187) trata o fr. 23 W como um contexto de batalha diferente

dos frs. 19 e 20 W, uma vez que cita o cerco próximo ao fim da batalha, enquanto os outros dois descrevem uma batalha em pleno andamento ou ainda por acontecer. Embora baseados em muitas especulações, podemos perceber que nesses fragmentos temos um exemplo de Tirteu narrando um acontecimento passado ao longo de pelo menos dezoito versos, o que demonstra que o poeta também rememorava eventos importantes da história espartana e não se deteria apenas em exortações ao presente e ao futuro de seus conterrâneos. Tratemos, por fim, do fr. 23a W que, ao contrário dos apresentados anteriormente nesta seção, não está presente no *Papiro de Berlim*, mas no *P. Oxy.* 3316:

]...ισα[...] φ θ ορα[
].ὑπερ π[ο]λλὸν α [
 ...[.].ενων [..]χει βέλε' ἄγρ[ια
 γλαυκῶπις θυ[γ]ατηρ αἰγιόχ[οιο Διός
 πολλοῖδὲ ξυστοῖσιν ἄκοντισσ[
 α]ίχμηις ὄξειης ἄνδρες ἐπισ[
 γ]υμνομάχοι προθε[ό]ντες ὕ.[
 . .] καδεις Ἀργείωννελ [...] χ
 ...].μεν παρὰ τεῖχ[ος
 . . .]. θηισιν · ὕδωρ . . [
 . . .]παρ' Ἀθηναίης γ[λαυκώπιδος
 . . .] ιψαντ. [.] ταφρο .[
 .πάντ[ας μὲν κτενέουσ[ι
 Σπα]ρτητέων ὅποσου[ς
 ἐξ]οπίσω φεύγοντας α[

]...(?)[...](?) [
].muito ac[i]ma (?) [
 (10) ...[.]. (?) [..](?) dardos selva[gens
 A de olhos glaucos fi[lha do porta-égi[de Zeus
 muitos com pontiagudas lança[rão(?]
 h[omens lanceiros com afiadas (?][
 s[oldados rasos corr[e]ndo na frente (?).[
 (15) . .] (?) argivos(?) [...] (?)
 ...](?) junto à mura[lha
 . . .]. (?) . água . . [
 . . .] junto à Atenas d[e olhos glaucos
 . . .] (?) . [.] fosso .[
 (20) .to[dos matará]o
 dos espa[rtanos tantos quanto[s
 para a reta[guarda fugindo (?)[

Nesse fragmento, percebe-se também a descrição de uma cena de batalha (vv. 12-14), talvez um cerco como no fr. 23 W pela menção a uma muralha (v. 16) e possivelmente à “água” (v. 17) e ao “fosso” (v. 19) que remeteriam a estruturas de proteção dessa fortificação. No v. 15, temos também a menção aos argivos, que seriam aliados dos messênios. Brunhara (2014, p. 291) supõe que esta seria uma elegia exortativa que faz referência à aliança de argivos e arcádios

com os messênios³⁷⁵. Pausânias³⁷⁶ descreve que a segunda guerra da Messênia se dera no período dessa aliança. Se seguirmos a proposição de Pausânias, poderiam haver dois poemas diferentes: a *Eunomia*, que tratava da primeira guerra da Messênia, a do "tempo dos pais dos pais" como menciona Pausânias, e o poema do conflito abordado pelo fr. 23a W. No entanto, não está muito claro o aspecto exortativo desse fragmento e parece mais possível que se trate da narrativa de uma batalha já ocorrida, até mesmo pela provável menção à fuga no v. 22. A deusa mencionada aqui é Atena (que Tirteu também menciona no fr. 2 W, v. 16), também invocada por Arquíloco nos fr. 94 W e 98 W durante a descrição de cenas de batalha.

Ainda temos nesse fragmento novamente a menção aos “γ]υμνομάχοι” (“soldados rasos”), dessa vez, em ação. Desse modo, o poeta poderia novamente ter recitado essa elegia em um contexto público, em que estariam presentes cidadãos de todos os estratos sociais ou, em um contexto simposial, que teria em mente a *reperformance* do poema inclusive nas classes mais baixas.

6.7 Considerações Finais

Concluimos, assim, que os fragmentos históricos ou narrativos de Tirteu comentados neste capítulo foram compostos em um período de agitação ou de conflitos civis em Esparta, de modo que o poeta aparenta apresentar a conservação das estruturas políticas e sociais como o principal meio de resolver os conflitos vigentes. A *Eunomia*, nesse sentido, configura-se como uma conclamação ao reestabelecimento da ordem, encorajando a lealdade aos reis. Essa narrativa, portanto, provavelmente não instituíria novas leis (como a *Grande Rhetra*) nem propunha inovações políticas. No tocante à história, o objetivo talvez seria propor uma narrativa particular e mais definitiva a fim de legitimar transformações políticas e sociais que ocorreram de modo gradual desde a colonização dórica do Peloponeso (por volta do séc. X) até a chamada “Revolução de Licurgo” (no séc. VI).

O fr. 2 W fornece um exemplo dessa afirmação da autoridade dos reis espartanos, evocando o direito divino dos Heraclidas sobre a cidade, atribuído provavelmente a um oráculo sancionado por Zeus. A seção narrativa referente à história antiga de Esparta nesse fragmento poderia se estender talvez significativamente além do que nos restou, podendo haver também alguma analogia para esclarecer determinada situação do contemporâneo do poeta. O fr. 4 W também retoma a questão oracular, trazendo o relato da *Grande Rhetra*, possivelmente

³⁷⁵ Tema abordado no fr. 8 W de Tirteu = Estrabão 8.4.10.

³⁷⁶ *Descrição da Grécia* 4.15-16.

transmitindo o próprio texto oracular em seus hexâmetros. Embora o relato dessa lei pudesse ser a única intenção do poema, é bem possível que Tirteu, em um esforço por organizar a história espartana em momentos decisivos, descrevesse a *Grande Rhetra* em um poema mais extenso abordando outros desses momentos históricos. Vemos, por esses dois casos, que Tirteu justifica sua alcunha de “O Pítico” utilizada por Dioniso Trácio³⁷⁷, o que pode indicar que, ao relatar importantes oráculos da formação do sistema cívico espartano, também apresentasse algum tipo de narrativa histórica que esclarecesse seus contextos.

Nos fr. 5-7 W temos outro conjunto de temas históricos que fariam parte dos momentos decisivos da história espartana cristalizados por Tirteu, as Guerras da Messênia. Esses conflitos podem ser tanto um objeto de narrativa histórica quanto um contexto de exortação aos contemporâneos do poeta. Enquanto o fr. 5 W relata a Primeira Guerra da Messênia, que ocorrera antes do período do poeta, os fr. 6-7 W ao destacar o destino dos messênios podem funcionar como uma analogia, talvez com finalidade exortativa – para que os espartanos de seu tempo não incorram no mesmo destino que infligiram ao outro povo – ou como uma descrição dos excessos que cometeram no passado e que levaram à segunda guerra contra os messênios. Os fr. 18-23a W (contidos no *Papiro de Berlim*) constituem outra fonte que demonstra que Tirteu teria narrado episódios dos conflitos contra os messênios. No caso dos fragmentos do *Papiro de Berlim*, apesar do estado mais incompleto, há indícios de que contém uma narrativa com mais detalhes históricos, como a investida contra uma fortaleza messênica.

Por fim, Tirteu demonstra um exemplo de uso político da história, compondo em sua obra um instrumento de apoio à instituição do reinado dos Heraclidas, assim como fornecendo uma certa “sistematização” da história espartana em determinados momentos chave, uma história que, como propõe Kõiv (2003), seria mais gradual e complexa.

³⁷⁷ *Arte Gramática* III,a, p. 168, 8 Hilgard = testimonia 38 Gentili.

7 ELEGÍACOS MENORES

Neste capítulo, abordaremos alguns poetas elegíacos com indícios menos substanciais de autoria de elegias narrativas. Para isso, iremos nos basear especialmente no recorte de poetas apresentado por Ewen Bowie (2010), os quais possuem indícios mais vagos e poucos fragmentos ou testemunhos que indicam a composição de elegias narrativas ou a execução delas em festivais públicos. Entre os poetas destacados, Xenófanes é o que possuímos mais fontes, podendo ter tratado da colonização de Cólofon ou da imigração para Elea em dísticos elegíacos. Além de Xenófanes, Semônides de Amorgos poderia ser o verdadeiro autor de uma obra chamada *Arqueologia de Samos*, Íon de Quios de uma obra (em elegia ou em prosa) tratando da fundação de sua cidade e Paníassis de Halicarnasso de uma obra que tratava da colonização jônica na Ásia Menor de modo geral. Por fim, serão abordados brevemente alguns poetas/músicos bastante antigos como Sacadas de Argos, Clonas da Tégea, Árdalo de Trezena e Meles de Cólofon, cujos testemunhos, no entanto, são ainda mais escassos que os demais.

7.1 Xenófanes

Já do final do período arcaico, esse poeta e filósofo pode indicar uma possível continuidade da elegia narrativa no período clássico. Apesar de ser famoso por suas considerações filosóficas incisivas sobre a natureza da religião grega (como a de que se bois, cavalos e leões possuíssem deuses os fariam a sua imagem)³⁷⁸, assim como pela crítica às contradições dos filósofos e dos poetas antigos, como Homero e Hesíodo³⁷⁹, Xenófanes também foi um poeta elegíaco. Sua produção em dísticos supérstite, porém, é bastante breve, lidando essencialmente com temas simposiais, os quais não parecem estar relacionados aos temas de suas elegias narrativas.

Um testemunho de Diógenes Laércio³⁸⁰, no entanto, apresenta que Xenófanes teria composto um poema de dois mil “versos” (“ἔπη”) sobre a fundação de Cólofon, sua cidade natal, e sobre a colonização de Elea na Itália:

Ἐποίησε δὲ καὶ Κολοφῶνος κτίσιν καὶ τὸν εἰς Ἑλέαν τῆς Ἰταλίας ἀποικισμὸν ἔπη δισχίλια. καὶ ἤκμαζε κατὰ τὴν ἐξηκοστὴν Ὀλυμπιάδα.

Compôs “a fundação de Cólofon e a colonização de Elea” em dois mil versos.

³⁷⁸ fr. 14-16 D-K.

³⁷⁹ Fr. A1 W.

³⁸⁰ *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, 9.20.

Floresceu no tempo da 60ª Olimpíada.

Esse testemunho traz à tona a abordagem de material histórico por Xenófanés, contudo não há qualquer indicação de que esse poema seria em dísticos, sendo relatado também por Diógenes Laércio³⁸¹ que Xenófanés compunha versos hexamétricos. O termo “ἔπη” utilizado para referir ao poema histórico de Xenófanés geralmente é utilizado para se referir ao verso hexamétrico, contudo não se descarta a possibilidade de que esse poema se trate de uma elegia, pensando na acepção mais geral do termo “ἔπη”, que possuiria simplesmente o sentido de “versos” (BOWIE, 1986, p. 31-32; LULLI, 2011, p. 43). O total de versos poderia também se referir não a um, mas a dois ou mais poemas mais breves que tratavam desses temas históricos, uma vez que não parece haver uma conexão clara entre esses dois períodos históricos e as cidades relatadas além da própria experiência pessoal do poeta.

Lulli (2011, p. 43-44), no entanto, chama a atenção para alguns dísticos elegíacos de Xenófanés referidos por Ateneu³⁸² (que constituem o fr. 3 W de Xenófanés) e que poderiam integrar elegias maiores, possivelmente sobre os temas fundacionais de Cólofon ou Elea mencionados por Diógenes Laércio:

ἀβροσύνας δὲ μαθόντες ἀνωφελέας παρὰ Λυδῶν,
 ὄφρα τυραννίης ἦσαν ἄνευ στυγερῆς,
 ἦτεσαν εἰς ἀγορὴν παναλουργέα φάρε' ἔχοντες,
 οὐ μείους ὥσπερ χεῖλιοι ὡς ἐπίπαν,
 αὐχαλέοι, χαίτησιν ἴαγαλλομεν εὐπρεπέεσσιν,
 ἀσκητοῖς ὀδμήν χρίμασι δευόμενοι.

Luxuosas inutilidades aprendendo dos lídios,
 quando não possuíam a abominável tirania,
 iam para a ágora portando vestes todas de púrpura,
 não menos de dois mil de costume,
 soberbos, adornando os cachos bem arrumados,
 úmidos com o cheiro dos melhores unguentos.

Esse fragmento indica uma mudança de conduta dos cidadãos colofônios, que, na visão de Xenófanés, corromperam seus costumes, anteriormente modestos, com os luxos dos lídios. Os povos asiáticos – e conseqüentemente os gregos da Ásia Menor – eram costumeiramente associados ao excesso de luxos, o que feria a ética habitual grega da simplicidade nos costumes, cujo exemplo mais notável e extremo era a cultura espartana. A ênfase dada às roupas e aos perfumes, por serem adornos utilizados para encontros públicos, pode indicar um contexto simposial para o fr. 3 W (LULLI, 2011, p. 45). Contudo, no segundo verso, há uma indicação

³⁸¹ *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, 9.18.

³⁸² *Banquete dos Eruditos*, 526a.

temporal específica (remetendo ao tempo anterior à dominação estrangeira da cidade), que poderia ser um indício da “necessidade de fornecer indicações cronológicas precisas em uma estrutura narrativa orientada ao tratamento de acontecimentos históricos”³⁸³ (Ibid.). Concordam também com a possibilidade de inclusão do fr. 3 W em uma elegia histórica maior Bowie (1986, p. 32) e Schmid (1947, p. 25-30 apud LULLI, 2011, p. 45), que apontam que Xenófanes poderia ter participado da fundação de Elea junto dos fócios. Opõe-se a essa possibilidade, Dougherty (1994, p. 40) considerando que o fragmento não traz elementos suficientes para esclarecer a questão e nem considerar se a fundação de Cólófon e a colonização de Elea comporiam um ou dois poemas.

Em relação a essa questão histórica, Xenófanes, um colofônio, teria emigrado para Elea na Itália supostamente após a conquista persa da cidade asiática (o que teria ocorrido por volta de 540 a.C.), quando ele teria por volta de 25 anos, um período próximo à expulsão dos fócios da Ásia Menor pelos persas – acontecimento reportado por Heródoto³⁸⁴. Desse modo, ele teria passado a maior parte de sua vida na Magna Grécia, o que é testemunhado no fr. 8 W do poeta:

ἤδη δ' ἑπτὰ τ' ἔασι καὶ ἐξήκοντ' ἐνιαυτοὶ
βληστρίζοντες ἐμὴν φροντίδ' ἄν' Ἑλλάδα γῆν·
ἐκ γενετῆς δὲ τότε ἦσαν εἴκοσι πέντε τε πρὸς τοῖς,
εἶπερ ἐγὼ περὶ τῶνδ' οἶδα λέγειν ἐτύμως.

já vivi sessenta e sete aniversários
circulando minha frente pela Hélade;
na terra pátria foram vinte e cinco anos,
se, de fato, dessas coisas sei a verdade.

Esse fragmento, porém, indica também uma condição de poeta errante pela expressão do segundo verso, “circulando minha frente pela Hélade” (“βληστρίζοντες ἐμὴν φροντίδ' ἄν' Ἑλλάδα γῆν”), a qual demonstra que o poeta provavelmente viajou pela região. Assim, restam dúvidas quanto ao grau de relação de Xenófanes com Elea, se ele, de fato, a tomou como sua nova pátria ou se essa foi uma dentre as outras cidades nas quais apresentava seus poemas. Ainda, caso o poema tratasse tanto da fundação de Cólófon quanto de Elea, ele cobriria um longo período histórico. Essas suposições são meramente conjecturais, uma vez que Cólófon não era a procedência (ao menos da maioria) dos colonizadores de Elea, assim a menção a essa fundação poderia se dar de modo breve, talvez com o intuito de destacar a origem do próprio poeta.

³⁸³ Tradução minha: “necessità di fornire indicazioni cronologiche precise in una struttura narrativa orientata alla trattazione di vicende storiche”

³⁸⁴ *Histórias*, 1.167.

Em relação à ocasião de performance desse(s) poema(s), os indícios são ainda mais escassos. No fr. 1 W, porém, o poeta descreve a organização e o desenrolar ideal de um simpósio, destacando que esse não era o espaço para a exposição de temas mitológicos ou violentos:

νῦν γὰρ δὴ ζάπεδον καθαρὸν καὶ χεῖρες ἀπάντων
καὶ κύλικες· πλεκτοῦς δ' ἀμφιτιθεῖ στεφάνους,
ἄλλος δ' εὐῶδες μύρον ἐν φιάλῃ παρατείνει·
κρητὴρ δ' ἔστηκεν μεστὸς εὐφροσύνης·
ἄλλος δ' οἶνος ἐτοῖμος, ὃς οὐποτέ φησι προδώσειν,
μείλιχος ἐν κεράμοις, ἄνθεος ὀζόμενος·
ἐν δὲ μέσοις ἀγνήν ὀδμὴν λιβανωτὸς ἴησιν,
ψυχρὸν δ' ἐστὶν ὕδωρ καὶ γλυκὺ καὶ καθαρὸν·
παρκέαται δ' ἄρτοι ξανθοὶ γεραρὴ τε τράπεζα
τυροῦ καὶ μέλιτος πίονος ἀχθομένη·
βωμὸς δ' ἄνθεσιν ἂν τὸ μέσον πάντῃ πεπύκασται,
μολπὴ δ' ἀμφὶς ἔχει δώματα καὶ θαλίη.
χρῆ δὲ πρῶτον μὲν θεὸν ὑμνεῖν εὐφρονας ἄνδρας
εὐφήμοις μύθοις καὶ καθαροῖσι λόγοις,
σπείσαντάς τε καὶ εὐξαμένους τὰ δίκαια δύνασθαι
πρήσσειν· ταῦτα γὰρ ὧν ἐστὶ προχειρότερον,
οὐχ ὕβρεις· πίνειν δ' ὀπόσον κεν ἔχων ἀφίκιο
οἴκαδ' ἄνευ προπόλου μὴ πάνυ γηραλέος.
ἀνδρῶν δ' αἰνεῖν τοῦτον ὃς ἐσθλὰ πῶν ἀναφαίνει,
ὡς ἦ μνημοσύνη καὶ τόνος ἀμφ' ἀρετῆς,
οὐ τι μάχας διέπειν Τιτῆνων οὐδὲ Γιγάντων
οὐδὲ < > Κενταύρων, πλάσμα<τα> τῶν προτέρων,
ἢ στάσιος σφεδανὰς· τοῖς οὐδὲν χρηστὸν ἔνεστιν·
θ<εῶν> <δὲ> προμηθεῖην αἰὲν ἔχειν ἀγαθὴν.

Pois agora o piso e as mãos de todos estão limpas,
assim como as taças; um dispõe grinaldas trançadas,
enquanto outro depõe fragrante incenso na pira.
A cratera é posta com alegria,
ao alcance das mãos o vinho pronto, que, como dizem, deve parecer infinito;
gentilmente no vaso estão odoríferas flores.
No meio é aspergido o casto olor do olíbano
e há água gelada, doce e limpa.
Ao lado pães dourados, e a mesa honorável
está repleta de queijo e de denso mel.
Um altar coroado de flores no centro de tudo,
e a dança e a festa tomam conta da casa.
Devem primeiro louvar os deuses os homens sensatos
com suaves mitos e castos discursos,
fazendo libações e rezando para proceder
do modo correto - estas são as ações mais sensatas:
não exagerar; beber o tanto quanto ainda possa chegar
em casa sem ajuda – a não ser que seja já ancião –
e louvar aquele que bebendo revela nobres dizeres,
de modo que possam ser memoráveis e alcancem a excelência.
Não deve alguém falar das batalhas de Titãs nem de Gigantes
nem < > de Centauros, no estilo dos antigos,
nem da violenta guerra civil; dessas coisas não há proveito.
Lembrar primeiro dos deuses sempre é o melhor.

Nesse fragmento, portanto, o poeta revela os procedimentos para a realização de um simpósio ideal, tanto na disposição do salão e no preparo da comida e da bebida quanto nos conteúdos a serem debatidos pelos simposiastas. O poeta assim se distancia das temáticas épicas dos antigos, dos primeiros (“πλάσμα<τα> τῶν προτέρων”), considerando impróprias para o bom simpósio as temáticas mitológicas belicosas ou ainda os conflitos contemporâneos como as guerras civis. Desse modo, restam muitas dúvidas quanto ao contexto de execução do poema fundacional (assim como dos demais poemas) de Xenófanes, cuja atribuição a esse poeta na *Suda* pode ser espúria (uma atribuição errônea do período alexandrino), ou poderia ser executado em outra ocasião além do simpósio (como em um festival público – como se verá a seguir no caso do poeta Sacadas de Argos), já que cobre uma temática que ele não considerava adequada ao simpósio. Uma possibilidade menos plausível, mas mais admirável seria estarmos diante de uma contradição desse poeta, que repudiaria a temática histórica e mítica em seu fr. 1 W sendo que também teria tratado de temas fundacionais nesse contexto; essa possibilidade seria admirável justamente pela avidez com que Xenófanes apontava as contradições dos seus contemporâneos³⁸⁵ e dos poetas e filósofos do passado³⁸⁶.

7.2 Sacadas de Argos

O poeta e aulodista Sacadas de Argos foi de um período bastante antigo, de modo que detalhes de sua vida e carreira são escassos e, em certos momentos, confundem-se com os de outros músicos. Pouco pode se afirmar sobre a possibilidade de ter composto uma elegia narrativa, contudo, teria participado e vencido vários jogos em competições de aulodia, o que pode trazer indícios da execução pública de elegias no período arcaico.

Uma das principais fontes sobre esse poeta é a obra de Pseudo-Plutarco *Sobre a Música*, a qual, embora já da antiguidade tardia, traz interessantes relatos da história da música grega antiga. Pseudo-Plutarco³⁸⁷ apresenta Sacadas como um compositor “de melodias e de elegias postas em melodia” (“μελῶν τε καὶ ελεγείων μεμελοποιημένων”) e como vencedor de três jogos píticos e olímpicos. A elegia, nesse período, poderia não estar ainda relacionada tão diretamente à aulodia, como ocorre posteriormente, contudo, o fato de que Sacadas é mencionado como

³⁸⁵ O poeta critica a vaidade e a inutilidade dos atletas no fr. 2 W, e a vaidade dos colofônios após a conquista lídia no já mencionado fr. 3 W.

³⁸⁶ Na citação de Timon (= Diógenes Laércio, *Vidas e Biografias dos Filósofos Ilustres* 9.18-20), também mencionada por Sexto Empírico (*Hipotiposes Pirronianas* 1.224), é dado como um censorador de Homero. No fr. 7a, o poeta também satiriza Pitágoras. Seria ainda autor da obra *Silloi*, na qual criticava outros filósofos e poetas (*Próclo sobre Hesíodo Trabalhos e Dias* Op. 286 (p. 96 Pertusi) = Plutarco fr. 19 Bernard).

³⁸⁷ *Sobre a Música*, 8.

tendo transposto elegias para melodias é um indício de que essa associação já teria começado.

Ainda seguindo Pseudo-Plutarco, é possível que nessas competições de elegia ou aulodia haveria um coro, já que Sacadas é também descrito como instrutor de uma técnica de coro chamada *Trimeres* (“Τριμερής”) que trocava de *nómos* a cada estrofe, empregando três *nomoi* diferentes (o dório, o frígio e o lídio) em uma mesma composição – Pseudo-Plutarco ainda apresenta que a invenção dessa técnica é também atribuída ao poeta Clonas, que será abordado em seguida. No mesmo relato, Sacadas também seria um dos músicos que teriam inserido a elegia em Esparta, uma referência que demonstra como sua imagem já estaria tendo contornos mitológicos na antiguidade tardia.

Pausânias³⁸⁸ é outro a atestar a excelência de Sacadas nas competições poéticas e musicais, citando-o como vencedor da aulodia nos Jogos Píticos realizados no terceiro ano da 48^a olimpíada (por volta de 580). Em outra passagem, Pausânias³⁸⁹ apresenta que Sacadas teria vencido em um período bastante antigo da competição em que ainda haveriam prêmios além da coroação. Contudo, o poeta teria vivido durante a transição da premiação, pois, além de ter ganho uma vez os Jogos Píticos no tempo em que ainda haviam prêmios materiais, teria ainda vencido mais duas vezes no tempo em que o prêmio era a coroação (totalizando suas três vitórias píticas).

Ainda em relação aos Jogos Píticos, Júlio Pólux³⁹⁰ descreve Sacadas como o inventor do *nómos* pítico de aulodia (que seria também conhecido como o *nómos* de Sacadas), o qual é descrito como uma recriação da luta de Apolo com a serpente Píton. Esse *nómos* era composto por cinco partes: “prova” (“πειρα” - na qual o deus testa o terreno para o confronto), “convocação” (“κατακελευσμὸς” - o deus convoca a serpente para batalha), “jâmbico” (“ιαμβικὸν” - o momento da batalha), “espondaico” (“σπονδειὸν” - no qual se confirma a vitória do deus) e “dança da vitória” (“καταχόρευσις”)³⁹¹. Esse *nómos* demonstra assim como a aulodia servia para a narração de um tema mitológico, embora aqui não seja possível precisar se os dísticos elegíacos eram empregados de alguma forma nesse *nómos*. Pausânias³⁹² também atesta a ligação de Sacadas com o *nómos* pítico ao descrever uma tumba em Argos no caminho para o ginásio local, cuja inscrição destaca Sacadas como o inventor do *nómos* pítico, o qual teria, em um sentido mitológico, encerrado uma antiga inimizade do deus Apolo para com os aulistas.

Sacadas ainda teria sido celebrado por Píndaro em um proêmio, que teria inspirado a

³⁸⁸ *Descrição da Grécia* 10.7.4.

³⁸⁹ *Descrição da Grécia* 6.14.9.

³⁹⁰ *Onomastikon* 4.79.

³⁹¹ Júlio Pólux, *Onomastikon* 4.84.

³⁹² *Descrição da Grécia* 2.22.8.

confeção de uma estátua em homenagem ao aulodista no Monte Hélicon. Pausânias³⁹³ lembra que a estátua representava o poeta com baixa estatura, baseando-se em uma passagem de Píndaro, que supostamente dizia que o aulista não era maior que seus aulos. Pausânias, no entanto, parece interpretar a referência de Píndaro em um sentido alegórico, considerando a representação da estátua um erro derivado de uma interpretação literal do enunciado de Píndaro.

Por fim, o único indício substancial de que Sacadas poderia ter composto elegias maiores e narrativas é a menção de Ateneu³⁹⁴, que diz que Sacadas apresentava uma longa lista, mais completa que a apresentada por Estesícoro, com os nomes dos guerreiros gregos que estavam dentro do cavalo de Troia em uma obra intitulada *O Saque de Troia*. O fato de serem mencionados todos os guerreiros presentes no cavalo indica que haveria uma espécie de catálogo nesse poema, que provavelmente servia como forma de demonstrar a habilidade mnemônica do poeta. O título também indica uma aproximação com o ciclo épico e, caso se trate de fato de uma elegia, demonstraria uma aproximação ainda maior entre ambos os gêneros. Desse modo, embora sejam referências bastante limitadas, há indícios de que Sacadas teria participado de festivais públicos e tratado de temas mitológicos em poemas de maior extensão.

7.3 Paníassis de Halicarnasso

Dado como um parente de Heródoto na tradição antiga, Paníassis teria sido essencialmente um poeta épico, tendo sido sua maior obra o épico *Heracleia*. De acordo com a *Suda*, no entanto, teria composto em dísticos elegíacos uma obra chamada *Ionika*, em 7000 versos, tratando da colonização jônica, especialmente da participação dos últimos reis de Atenas, Codro e seu filho Neleu:

<Πανύασις,> Πολυάρχου, Ἀλικαρνασσεύς, τερατοσκόπος καὶ ποιητὴς ἐπῶν ὃς σβεσθεῖσαν τὴν ποιητικὴν ἐπανήγαγε. Δοῦρις δὲ Διοκλέους τε παῖδα ἀνέγραψε καὶ Σάμιον, ὁμοίως δὲ καὶ Ἡρόδοτος θούριον. ἱστορηται δὲ Πανύασις Ἡροδότου τοῦ ἱστορικοῦ ἐξάδελφος· γέγονε γὰρ Πανύασις Πολυάρχου, ὁ δὲ Ἡρόδοτος Λύξου τοῦ Πολυάρχου ἀδελφοῦ. τινὲς δὲ οὐ Λύξην, ἀλλὰ Ῥοιὸν τὴν μητέρα Ἡροδότου, Πανύασιδος ἀδελφὴν, ἱστόρησαν. ὁ δὲ Πανύασις γέγονε κατὰ τὴν οἴῃ ὀλυμπιάδα, κατὰ δὲ τινὰς πολλῶν πρεσβύτερος· καὶ γὰρ ἦν ἐπὶ τῶν Περσικῶν. ἀνηρέθη δὲ ὑπὸ Λυγδάμιδος τοῦ τρίτου τυραννήσαντος Ἀλικαρνασσοῦ. ἐν δὲ ποιηταῖς τάττεται μεθ' Ὀμηρον, κατὰ δὲ τινὰς καὶ μετὰ Ἡσίοδον καὶ Ἀντίμαχον. ἔγραξε δὲ καὶ Ἡρακλειάδα ἐν βιβλίοις ἰδ', εἰς ἔπη θ', Ἰωνικὰ ἐν πενταμέτρῳ, ἔστι δὲ τὰ περὶ Κόδρον καὶ Νηλέα καὶ τὰς Ἰωνικὰς ἀποικίας, εἰς ἔπη ζ'.

³⁹³ *Descrição da Grécia* 9.30.2.

³⁹⁴ *O Banquete dos Eruditos* 13.610c = 13.91 Kaibel.

<Paniássis> [filho de] Poliarco, [natural de] Halicarnasso, adivinho e poeta épico, que reavivou a poesia que havia murchado. Duris escreveu que era filho de Diocles e [natural] de Samos, mas, igual a Heródoto, se tornou habitante da Túria. É relatado que Paniássis era primo de Heródoto, pois relatam que era filho de Poliarco e Heródoto, de Lícsis, irmão de Poliarco. Outros relatam que não Lícsis, mas Róia, a mãe de Heródoto era irmã de Paniássis. Paniássis nasceu na 78ª Olimpíada [cerca de 468], embora para alguns seja muito mais antigo, tendo vivido no tempo das Guerras Médicas. Foi morto por Ligdâmis, o terceiro tirano de Halicarnasso. Na poesia [épica] está atrás de Homero, e segundo alguns também atrás de Hesíodo e Antímaco. Escreveu a *Heracleia* em 14 livros e 9.000 versos, e a *Ionika* em pentâmetro, que trata de Codro e Neleu e da colonização da Jônia, em 7.000 versos.

Vemos que o relato da enciclopédia bizantina apresenta várias incertezas, podendo o poeta (e adivinho) ter nascido no período das Guerras Médicas ou do rei Ligdâmis III, no séc. V, e ainda ter sido primo ou tio de Heródoto. A extensão das obras atribuídas a Paniássis impressionam, o que pode ter contribuído para a sua fama (considerado pelo enciclopedista da *Suda* entre os maiores poetas épicos). No entanto, não resta nenhum fragmento elegíaco de Paniássis, apenas fragmentos da *Heracleia*, incluindo alguns razoavelmente extensos como o Fr. 16 Bernabé (de 18 versos) e o Fr. 17 Bernabé (de 15 versos).

Contudo, a abordagem do tema da colonização jônica nos remete a Mimnermo, que também trata do tema nos fr. 9-10 Allen. No fr. 9 Allen, Mimnermo relata brevemente a colonização de Cólofon, destacando no primeiro verso o ponto de partida inicial como a cidade de Pilos na Messênia, adjetivada por ele como “Neleida”, terra de Neleu. O poeta, porém, provavelmente não teria em mente os messênios como os colonizadores de Cólofon (ou não apenas eles), sendo testemunhado no fr. 10 Allen³⁹⁵ que Andremon, filho do rei ateniense Codro, fundara Cólofon. O relato da *Suda* indica que a *Ionika* de Paniássis abordaria o processo de colonização de Codro e seu filho Neleu na Jônia de modo geral. Não é claro, porém, como Codro participaria desse processo, uma vez que ele é geralmente considerado o último rei de Atenas, que forçara a sua própria morte pela mão dos dóricos a fim de concretizar um oráculo que anunciou que a vitória dos atenienses sobre seus invasores estaria garantida caso seu rei perecesse³⁹⁶. Sua morte, contudo, gera um conflito pela sucessão entre seus filhos Medonte e Neleu, que é solucionado mediante uma consulta ao oráculo de Delfos³⁹⁷. Neleu, assim, deixa Atenas e acompanhado de outros irmãos, assim como de outros povos que o apoiavam, inicia a colonização na Jônia ou, mais especificamente, na região da Cária³⁹⁸, na qual posteriormente

³⁹⁵ = Estrabão, *Geografia* 14.633.

³⁹⁶ Veleio Patérculo, *História Romana* 1.2.1. Aristóteles (*Constituição de Atenas* 3) relata que a morte de Codro põe fim ao reinado em Atenas, sendo o cargo de arconte a posição máxima de poder a partir de então.

³⁹⁷ Pausânias, *Descrição da Grécia* 7.2.1; Cláudio Eliano, *Varia Historia* 8.5.

³⁹⁸ Pausânias, *Descrição da Grécia* 7.2.3.

foi construída a cidade de Halicarnasso. A abordagem desses heróis míticos indica que o poema trataria especialmente da história antiga dessa cidade, não ficando claro se teria reflexões para o momento contemporâneo, como provavelmente ocorre nas elegias narrativas de Simônides, Mimnermo e Tirteu. Lulli (2011, p. 47) considera, devido ao tamanho considerável de versos, que a obra trataria não apenas da colonização de uma cidade, mas do processo mais amplo da colonização jônica na Ásia Menor e que não seria destinada ao simpósio, mas a um festival para um público particularmente implicado por essa tradição histórico-mitológica, provavelmente um composto por habitantes de diferentes cidades jônicas. A elegia de Paníassis poderia ter o intuito de estimular a unidade entre os povos gregos locais, frequentemente ameaçados por forças externas. Se seguirmos a linha de Lulli, portanto, a *Ionika* de Paníassis poderia ter sido executada em um contexto similar a um dos ambientes prováveis para a elegia de Plateias de Simônides: um festival público de caráter pan-helênico (ou “pan-jônico” no caso de Paníassis).

7.4 Íon de Quios

Outro poeta a tratar da colonização jônica teria sido Íon de Quios (considerado, ao menos no período helenístico, como uma figura “poliédrica”³⁹⁹ dada a sua versatilidade), tratando, no entanto, mais especificamente da fundação de sua cidade natal Quios.

Há uma discussão, porém, em torno de se a obra “Fundação de Quios” de Íon foi um poema ou uma obra em prosa (o que a tornaria uma obra pioneira na tratativa de temas históricos em prosa). A tendência da crítica era de que se trataria de uma produção em prosa⁴⁰⁰, até Giovanni Cerri (1977) argumentar que se tratava de uma composição em dísticos elegíacos, hipótese já levantada anteriormente por Schmid (1934 apud CERRI, 1977, p. 127), porém pouco aceita entre os helenistas.

Giovanni Cerri (1977, p. 127) defende a possibilidade da obra ser em dísticos elegíacos baseando-se especialmente na *Testimonia* 2b G-P⁴⁰¹, que cita a produção poética de Íon em geral sem comentar sobre o gênero da “Fundação de Quios”, e no fr. 8 G-P, contido em um relato de Pausânias⁴⁰². Cerri (1977, p. 129) atenta ainda para o sentido generalizante da palavra *syngraphé* (“escrito”) utilizada por Pausânias nessa passagem (= Íon fr. 8 G-P) para se referir à composição de Íon:

³⁹⁹ Calímaco fr. 203.30-33.

⁴⁰⁰ Para uma discussão mais detalhada da possibilidade da obra de Íon ser em prosa, ver Lulli (2011, p. 47-48).

⁴⁰¹ = *Escólio de “A Paz” de Aristófanes* 835 Dübner.

⁴⁰² Pausânias, *Descrição da Grécia* 7.4.8-10.

Ἴωνι δὲ τῷ ποιήσαντι τραγωδίαν ἐστὶν ἐν τῇ **συγγραφῇ** τοιάδε εἰρημένα, Ποσειδῶνα ἐς τὴν νῆσον ἔρημον οὔσαν ἀφικέσθαι καὶ νύμφη τε ἐνταῦθα συγγενέσθαι καὶ ὑπὸ τὰς ὠδῖνας τῆς νύμφης χιόνα ἐξ οὐρανοῦ πεσεῖν ἐς τὴν γῆν, καὶ ἀπὸ τούτου Ποσειδῶνα τῷ παιδί ὄνομα θέσθαι Χίον· συγγενέσθαι δὲ αὐτὸν καὶ ἑτέρα νύμφη, καὶ γενέσθαι οἱ παῖδας Ἄγγελόν τε καὶ Μέλανα· ἀνά χρόνον δὲ καὶ Οἰνοπίωνα ἐς τὴν Χίον κατὰραι ναυσὶν ἐκ Κρήτης, ἔπεσθαι δὲ οἱ καὶ τοὺς παῖδας Τάλον καὶ Εὐάνθην καὶ Μέλανα καὶ Σάλαγόν τε καὶ Ἀθάμαντα. ἀφίκοντο δὲ καὶ Κᾶρες ἐς τὴν νῆσον ἐπὶ τῆς Οἰνοπίωνος βασιλείας καὶ Ἄβαντες ἐξ Εὐβοίας. Οἰνοπίωνος δὲ καὶ τῶν παίδων ἔλαβεν ὕστερον Ἄμφικλος τὴν ἀρχήν· ἀφίκετο δὲ ἐξ Ἰστιαίας ὁ Ἄμφικλος τῆς ἐν Εὐβοίᾳ κατὰ μάντευμα ἐκ Δελφῶν. Ἐκτωρ δὲ ἀπὸ Ἀμφίκλου τετάρτη γενεᾷ βασιλείαν γὰρ ἔσχε καὶ οὗτος ἐπολέμησεν Ἀβάντων καὶ Καρῶν τοῖς οἰκοῦσιν ἐν τῇ νήσῳ, καὶ τοὺς μὲν ἀπέκτεινεν ἐν ταῖς μάχαις, τοὺς δὲ ἀπελθεῖν ἠνάγκασεν ὑποσπόνδους. γενομένης δὲ ἀπαλλαγῆς πολέμου Χίους, ἀφικέσθαι τηρικαῦτα ἐς μνήμην Ἐκτορι ὡς σφᾶς καὶ Ἴωσι δέοι συνθύειν ἐς Πανιώνιον· τρίποδα δὲ ἄθλον λαβεῖν αὐτὸν ἐπὶ ἀνδραγαθία παρὰ τοῦ κοινοῦ φησι τοῦ Ἴώνων. τосαῦτα εἰρηκότα ἐς Χίους Ἴωνα εὕρισκον· οὐ μέντοι ἐκεῖνο γε εἶρηκε, καθ' ἣντινα αἰτίαν Χῖοι τελοῦσιν ἐς Ἴωνα.

O seguinte está no **escrito** de Íon, o compositor de tragédias: Poseidon chegando na ilha ainda erma cohabita com uma ninfa local, e, por causa de seus gritos de parto, neve (*khióna*) caiu do céu sobre a terra. Por causa disso, Poseidon nomeou o filho Quíon. Cohabitou ainda com outra ninfa, que gerou os filhos Agelau e Melano. Depois de um tempo, também Enopião foi até Quíos, acompanhado por seus filhos Tálon, Evante, Melano, Salago e Átaman. Chegaram à ilha também cários no tempo do reinado de Enopião, e abantes da Eubeia. Amficles depois tomou o poder de Enopião e seus filhos. Chegou de Istiaia na Eubeia por causa de um oráculo de Delfos. Hector era da quarta geração depois de Amficles. Ao assumir o poder, entrou em guerra com os abantes e os cários que viviam na ilha, e aqueles que não morreram nas guerras, partiram compelidos por um acordo. Liberados da guerra os habitantes de Quios, ele pensou nesse momento que eles deveriam sacrificar em conjunto com os jônicos na Panjônia. Ele recebeu uma trípode de prêmio pelo conjunto dos jônicos devido a sua virilidade. Esse é o relato da fundação de Quios dado por Íon. Não relato, porém, por que razão se juntaram aos jônicos (Grifos meus).

Vê-se nesse resumo que o poeta trazia o relato de vários movimentos migratórios (tanto míticos quanto históricos) para a ilha de Quios, incluindo também a menção de uma aliança “panjônica”, o que aproximaria o conteúdo dessa obra com a *Ionika* de Paníassis. O termo “συγγραφῇ” (“escrito”) é interessante também pela relação com Tucídides, o qual foi na literatura posterior muitas vezes referido apenas como “ὁ συγγραφεύς” (“o escritor”)⁴⁰³. Além disso, Tucídides inicia sua narrativa dos acontecimentos que levaram à Guerra do Peloponeso destacando que “Θουκυδίδης ὁ Ἀθηναῖος **ξυνέγραψε** τὸν πολέμον τῶν Πελοποννησιῶν καὶ Ἀθηναίων...” (“Tucídides, o ateniense, **escreveu** a guerra dos peloponésios e atenienses...”, grifo meu). O uso do aoristo, que possui paralelos na mesma oração nos termos “ἀρξάμενος”

⁴⁰³ Pausânias, *De Herodoti Malignitate* 857b12, 859f9, 865a1.

(“começou”) e “ἐπίσας” (“previu”), demonstra uma intenção do autor não apenas de relatar a história, mas, de acordo com Loraux (1986, p. 146), de “colocar ordem em uma realidade móvel”⁴⁰⁴. Nesse sentido, Loraux (1986, p. 145-146) hipotetiza que a escolha lexical de Tucídides por “συγγράφω” em vez de “ἱστορία” (“história”) – associada a Heródoto, porém ainda sem a conotação técnica que teria posteriormente (HORNBLLOWER, 1997, p. 5), a qual permanece até os dias atuais – revela uma tomada de posição em oposição a Heródoto. Para este historiador, “γράφω” (“escrever”) teria a acepção de transcrição, de escrever um conteúdo ditado, enquanto para Tucídides revelaria um “duplo registro” da escritura, de que ele ao mesmo tempo registra e “produz” a Guerra do Peloponeso. Desse modo, Loraux (1986, p. 146) propõe que o método empregado por Tucídides almeja produzir “uma escritura que apaga a si mesma enquanto ato produtor”⁴⁰⁵. O emprego da mesma expressão por Pausânias para remeter à obra de Íon pode indicar, portanto, que haveria um cuidado maior por parte do poeta nessa obra em relatar acontecimentos históricos da colonização jônica na Ásia Menor e sua relação com a ilha de Quios, algo que aproximaria seu método ao do historiador posterior. Esse fato, porém, não indica que a obra teria sido composta em dísticos, sendo uma evidência mais robusta da tese de Cerri um trecho da obra *Vida de Teseu* (20.2) de Plutarco, que cita um pentâmetro de Íon de Quios (fr. 29 W = fr. 7 G-P):

ἔνιοι δὲ καὶ τεκεῖν ἐκ Θησέως Ἀριάδην Οἰνοπίωνα καὶ Στάφυλον· ὧν καὶ ὁ
Χῖος Ἴων ἐστὶ, περὶ τῆς ἑαυτοῦ πατρίδος λέγων·
τόν ποτε Θησείδης ἔκτισεν Οἰνοπίων.

Alguns [dizem] que Ariadne gerou de Teseu Enopião e Estáfilo, dentre eles está Íon de Quios, que falou de sua própria pátria:
“então esta foi fundada pelo teseida, Enopião”.

Esse pentâmetro, de acordo com Lulli (2011, p. 49), pela menção a Enopião, fundador de Quios, enquanto filho de Teseu, pode indicar aqui parte de um projeto político ateniense de estreitar os laços entre as aliadas Quios e Atenas, havendo nessa narrativa histórica um reflexo para o presente do poeta. Outro excerto⁴⁰⁶, considerado por Gentili-Prato como parte do fr. 7, aparentemente trata da distribuição de terras em Téos, não ficando claro exatamente seu contexto, mas o etimologista menciona que o hexâmetro faria parte da *Fundação de Quios*, talvez em um momento que tratasse da repartição de assentamentos entre os imigrantes (LULLI, 2011, p. 49):

⁴⁰⁴ Tradução minha: “mettre de l’ordre dans une réalité mouvante”.

⁴⁰⁵ Tradução minha: “une écriture qui s’effacerait elle-même comme acte producteur”.

⁴⁰⁶ *Et. Orion* 94.25 (*Et. M.* 569.34) s.v. λόγχη.

<Λόγχας>: Λόγχας τὰς μερίδας Ἴωνες λέγουσιν. Ἴων ἐν Χίου κτίσει,
Ἐκ τῆς Τέω λόγχας λόγχας πόρε πεντήκοντα.

“Λόγχας” (“*lónkhas*”): os jônicos chamam a parte de *lónkhas*. Íon na *Fundação de Quios*:
“da parte (*lónkhes*) de Téos, distribuiu cinquenta partes (*lónkhas*)”

Vemos, portanto, nesse excerto, que o etimologista utiliza o verso de Íon para esclarecer um termo tipicamente jônico para se referir a uma parte, ou uma unidade de medida. Embora seja dito que se trata de um verso da *Fundação de Quios*, o tópico tratado se relaciona provavelmente à colonização ou a alguma reviravolta política que motivou uma distribuição de terras na cidade de Téos. Situada na costa jônica, relativamente próxima à ilha de Quios, Téos pode ser mencionada em alguma situação histórica que envolvia também Quios ou o poeta poderia tratar nessa obra não apenas a fundação de sua cidade, mas, talvez como uma forma de *arqueologia*, a colonização jônica de modo mais amplo. Nesse sentido, um outro fragmento que poderia constar nessa obra de Íon seria o 9 G-P, mencionado por Ateneu⁴⁰⁷, no qual o poeta trata da proporção ideal entre água e vinho, descrevendo uma profecia de Palamedes que dizia que os gregos deveriam misturar o vinho em uma proporção de 1/3 de vinho com 2/3 de água de modo a diferenciá-los dos troianos:

ἢ γὰρ δύο πρὸς πέντε πίνειν φασὶ δεῖν ἢ ἓνα πρὸς τρεῖς. περὶ δὲ ταύτης κρᾶσεως Ἴων ὁ ποιητὴς ἐν τῷ Περι Χίου φησὶν ὅτι †εὐρὼν ὁ μάντις Παλαμήδην ἐμαντεύσατο πλοῦν ἔσεσθαι τοῖς Ἑλλησι πίνουσιν τρεῖς πρὸς ἓνα κυάθους· οἱ δ' ἐπιτεταμένως χρώμενοι τῷ ποτῷ δύο οἴνου ἔπινον πρὸς πέντε ὕδατος.

Pois dizem que na medida de 2/5 ou na de 1/3 deve-se beber [o vinho misturado com água]. A respeito dessa mistura, o poeta Íon, em [*A Fundação de Quios*], diz que o adivinho Palamedes, descobrindo que os helenos iriam partir, profetizou que bebessem na medida de de 1/3; eles, porém, aumentaram [a mistura] empregando na bebida a proporção de 2/5 de vinho por água.

Palamedes, apesar de não fazer parte da *Iliada*, fora uma figura importante na tradição mítica grega, atuando como líder e adivinho no momento da formação da coalização grega antes da Guerra de Troia. Teria sido ele, por exemplo, que descobriu o embuste de Odisseu⁴⁰⁸, quando os guerreiros aqueus foram conclamá-lo em Ítaca, forçando o ardiloso herói a participar da

⁴⁰⁷ *O Banquete dos Eruditos* 10.426e.

⁴⁰⁸ Segundo Higino (*Fábulas* 95), Odisseu, a fim de evitar a partida para Troia, fingira estar louco, arando um terreno com uma junta composto por um cavalo e um boi (o que daria um movimento desordenado). Palamedes desconfia do embuste e coloca Telêmaco, ainda um bebê, diante do arado, forçando Odisseu a parar e revelar seu engodo.

guerra. Esse fato não fora esquecido por Odisseu, que posteriormente provocaria a morte de Palamedes⁴⁰⁹. Embora seja um tanto vaga a referência, é possível que Íon evocasse a orientação de Palamedes sobre a mistura do vinho a fim de justificar algum costume jônico em um momento do poema detido sobre a história antiga de sua região, que talvez contivesse menções à participação dos jônicos em Troia.

7.5 Semônides de Amorgos

Semônides de Amorgos foi um poeta elegíaco e jâmbico conhecido especialmente pelo seu *Jambo contra as mulheres* (fr. 7 W), que traz um catálogo de *tipos* de mulheres comparadas em seus comportamentos a determinados animais; um poema que tem especial relevância hoje para a discussão sobre a visão e o espaço da mulher na sociedade grega antiga. O poeta, no entanto, não teria se detido apenas em temas satíricos, tendo também composto outros poemas de natureza gnômica ou sapiencial, podendo ainda ser o autor de uma obra sobre a história antiga da cidade de Samos. Essa obra – *a Arqueologia de Samos* – é mencionada brevemente na *Suda* como de autoria do gramático Símiias. A entrada na *Suda* a respeito de Semônides é bastante breve, contendo apenas uma descrição de sua profissão e de sua antiguidade:

<Σιμωνίδης,> Κρίνεω, Ἀμοργῖνος, ἰαμβογράφος. ἔγραψεν ἐλεγείαν ἐν βιβλοῖς β´, ἰάμβους. γέγονε δὲ καὶ αὐτός μετὰ κ´ καὶ υ´ ἔτη τῶν Τρωϊκῶν. ἔγραψεν ἰάμβους πρῶτος αὐτὸς κατὰ τινας.

Simônides, filho de Crines, jambógrafo. Escreveu dois livros de elegias, jambos. Viveu 406 anos depois da guerra de Troia. Foi o primeiro a escrever jambos segundo alguns.

Percebe-se assim a falta de informações ou uma certa confusão pelo autor dessa entrada da *Suda* em relação ao poeta. Nota-se, ainda, o uso da grafia do nome do poeta como idêntica ao de Simônides de Ceos. Já a entrada do gramático alexandrino Símiias traz mais informações, algumas das quais não correspondem ao seu período histórico ou à natureza de sua produção:

<Σιμμίας,> Ῥόδιος, γραμματικός. ἔγραψε Γλώσσας βιβλία γ´ ποιήματα διάφορα βιβλία δ´. ἦν δὲ τὸ ἐξαρχῆς Σάμιος· ἐν δὲ τῷ ἀποικισμῷ τῆς Ἀμοργοῦ ἐστάλθη καὶ αὐτὸς ἡγεμὼν ὑπὸ Σαμίων. ἔκτισε δὲ Ἀμοργὸν εἰς τρεῖς πόλεις, Μινώαν, Αἰγιαλόν, Ἀρκεσίμην. γέγονε δὲ μετὰ υς´ ἔτη τῶν Τρωϊκῶν· καὶ ἔγραψε κατὰ τινας πρῶτος ἰάμβους, καὶ ἄλλα διάφορα, Ἀρχαιολογίαν τε τῶν Σαμίων.

⁴⁰⁹ Em uma versão, Odisseu forja uma carta que demonstraria que Palamedes estaria traindo os gregos (Higino, *Fábulas* 105); em outra, que seria originária do épico *Cipria*, Odisseu e Diomedes afogam Palamedes enquanto estavam sozinhos pescando (Pausânias, *Descrição da Grécia* 10.31.2).

ων.

Símias, de Rodes, gramático. Escreveu *Glosas* em três livros, poemas diversos em quatro livros. Era natural de Samos. Foi enviado para a fundação de Amorgos e escolhido como líder pelos sâmios. Fundou Amorgos em três cidades: Minoia, Égialo e Arcésime. Viveu 406 anos depois da Guerra de Troia. Também escreveu, segundo alguns, os primeiros jambos, e várias outras obras, entre elas a *Arqueologia de Samos*.

Nessa entrada pode-se perceber que algumas informações são idênticas às de Semônides, como a época em que viveu, 406 anos após a Guerra de Troia, e a suposta invenção do jambo, que são incompatíveis com o período alexandrino em que vivera o gramático (LULLI, 2011, p. 40-41). A menção à participação no processo colonizatório de Amorgos também remete a outros poetas vistos anteriormente, como Arquíloco e Calino, os quais são também mencionados como poetas que presenciaram a fundação das colônias, e Tirteu, que é apontado como um líder na conquista da Messênia pelos espartanos. O termo *arqueologia* (“*Ἀρχαιολογίαν*”) pode remeter às lendas de heróis e personalidades históricas mencionadas como os temas preferidos dos espartanos por Hípias no diálogo platônico *Hípias Maior* (285d):

ΣΩ.} Ἀλλὰ τί μὴν ἐστὶν ἃ ἠδέως σου ἀκροῶνται καὶ ἐπαινοῦσιν; αὐτός μοι εἰπέ, ἐπειδὴ ἐγὼ οὐχ εὐρίσκω.

{ΠΙ.} Περὶ τῶν γενῶν, ὃ Σώκρατες, τῶν τε ἡρώων καὶ τῶν ἀνθρώπων, καὶ τῶν κατοικήσεων, ὡς τὸ ἀρχαῖον ἐκτίσθησαν αἱ πόλεις, καὶ συλλήβδην πάσης τῆς **ἀρχαιολογίας** ἥδιστα ἀκροῶνται, ὥστ' ἔγωγε δι' αὐτοὺς ἠνάγκασμαι ἐκμεμαθηκέναι τε καὶ ἐκμελετηκέναι πάντα τὰ τοιαῦτα.

Sócrates: Mas quais são as [composições] que mais lhes aprazem escutar e louvar? Diga-me, pois eu não sei.

Hípias: Sobre as genealogias, ó Sócrates, dos heróis e dos homens, das colonizações e de como na antiguidade fundaram as cidades, e, em resumo, todas as **arqueologias** lhes aprazem escutar, de modo que eu mesmo por causa deles fui obrigado a decorá-las e praticá-las todas. (Grifo meu).

Desse modo, o próprio título da obra atribuído pela *Suda* a Símiias sugere o tratamento de temas ligados à fundação e ao processo colonizatório da cidade de Samos. Bowie (1986, p. 31) acredita que essa obra poderia ser uma composição elegíaca extensa. Jacoby (*FGrHist IIIb Kommentar*, p.456, n. 8a apud LULLI, 2011, p. 41), no entanto, apesar de considerar que possa se tratar de uma elegia, não cria que fosse maior que a *Eunomia* de Tirteu ou a *Salamina* de Sólon. A temática fundacional de Samos, no entanto, não era exclusiva de Semônides, estando presente também na obra de outro poeta épico arcaico, Ásio, com dois fragmentos 7 Bernabé e 13 Bernabé que, embora controversos, parecem tratar da mesma temática. No fr. 7 Bernabé⁴¹⁰,

⁴¹⁰ = Pausânias, *Descrição da Grécia* 7.4.1.

é relatada uma longa genealogia da história antiga de Samos, que teria sido exposta na obra de Ásio:

Ἄσιος δὲ ὁ Ἀμφιπτολέμου Σάμιος ἐποίησεν ἐν τοῖς ἔπεσιν ὡς Φοῖνικι ἐκ Περιμήδης τῆς Οἰνέως γένοιτο Ἀστυπάλεια καὶ Εὐρώπη, Ποσειδῶνος δὲ καὶ Ἀστυπαλαίας εἶναι παῖδα Ἀγκαῖον, βασιλεύειν δὲ αὐτὸν τῶν καλουμένων Λελέγων· Ἀγκαίῳ δὲ τὴν θυγατέρα τοῦ ποταμοῦ λαβόντι τοῦ Μαιάνδρου Σαμίαν γενέσθαι Περίλαον καὶ Ἔνουδον καὶ Σάμον καὶ Ἀλιθήρσην καὶ θυγατέρα ἐπ' αὐτῷ Παρθενόπην, Παρθενόπης δὲ τῆς Ἀγκαίου καὶ Ἀπόλλωνος Λυκομήδην γενέσθαι. Ἄσιος μὲν ἐς τοσοῦτο ἐν τοῖς ἔπεσιν ἐδήλωσε·

Ásio, filho de Amfipτόlemo, faz em sua épica que de Fênice e Perimede nasceram Astipaleia e Europa, Posêidon e Astipaleia tiveram um filho, Anceu, que reinou sobre os chamados leleges. Anceu tomou a filha do rio Meandro, Sâmia, que gerou Perilau, Enudos, Samos e Alitersis, e uma filha, Partênope. Partênope, filha de Anceu, e Apolo geraram Licomedes. Ásio esclarece sobre isso em seu épico.

A obra de Ásio, portanto, teria espaço suficiente para relatar várias gerações de heróis e heroínas da história antiga de Samos com certo grau de detalhe. Nota-se também que Pausânias emprega o termo “ἔπεσιν” (literalmente “versos”) para se referir à obra de Ásio. Como visto anteriormente ao tratar do fr. 13 Allen de Mimnermo, o termo, embora frequentemente utilizado para designar a poesia épica, poderia ter também um sentido mais generalizante, podendo remeter também à elegia. Outro elemento interessante é o modo como Pausânias relata que Ásio arranjou o conteúdo em seus versos, empregando a expressão “ἐποίησεν ἐν τοῖς ἔπεσιν” (literalmente “fez em versos”). Em relação a essa expressão, Loraux (1986), que vimos anteriormente ao abordar a obra de Íon de Quios, analisando a colocação inicial de Tucídides em *História da Guerra do Peloponeso* destaca como a escritura do historiador envolve um apagamento do sujeito, que deve se imiscuir de sua subjetividade a fim de dar lugar aos próprios “fatos” e, ao mesmo tempo, promover uma espécie de materialização da própria guerra – do conteúdo, dos “fatos” histórico. A expressão empregada por Pausânias para se referir à produção de Ásio pode indicar uma relação parecida, de modo que a obra desse poeta “faz”, “constrói” a própria história. Nesse sentido, teríamos aqui uma obra poética que seria lida no tempo de Pausânias enquanto um testemunho fidedigno da história antiga. Já o fr. 13 Bernabé⁴¹¹ traz uma breve descrição em hexâmetros, da conduta dos sâmios em um festival de Hera:

οἱ δ' αὐτῶς φοίτεσκον ὅπως πλοκάμους κτενίσαιντο
εἰς Ἥρης τέμενος, πεπυκασμένοι εἴμασι καλοῖς,
χιονόεοισι χιτῶσι πέδον χθονὸς εὐρέος εἶχον·

⁴¹¹ = Ateneu, *O Banquete dos Eruditos* 12.525e.

χαῖται δ' ἠῶρεῦντ' ἀνέμοι χρυς<έοι>ς ἐνὶ δεσμοῖς,
 χρύσειαι δὲ κορύμβαι ἐπ' αὐτῶν τέττιγες ὄς·
 δαιδαλέας δὲ χλιδῶνας ἄρ' ἀμφὶ βραχίος' ἔσαντες
 <- u u - u u ->τες ὑπασπίδιον πολεμιστήν.

Desse modo, partiam balançando os aprumados cachos
 Ao precinto de Hera, envoltos em belos trajes,
 alvas túnicas que desciam ao chão da vasta terra.
 Cabelos tremulando ao vento atados em áureas presilhas,
 Semelhas a cigarras sobre os áureos coques,
 Assim como braceletes bem-feitos entre os braços,
 < - u u u - u u - > escudo de guerra.

Ateneu, antes de citar essa passagem, menciona o historiador Duris, que utilizara esse excerto de Ásio para demonstrar a extravagância e a luxúria dos sâmios. Após a citação de Ásio, Ateneu ainda evoca Heraclides Pôntio, que relatara que os sâmios foram destruídos por sua excessiva luxúria. Assim, o intuito da citação parece ser de afirmar a tópica da extravagância dos jônicos (vista ao tratar da obra de Mimnermo). No entanto, Ásio parece estar descrevendo positivamente os sâmios e seus guerreiros em um momento festivo em honra à Hera. É difícil propor um contexto histórico específico para essa passagem, contudo, certamente não se trataria de uma obra breve, uma vez que o poeta desprende pelo menos 7 versos apenas para a descrição da bela figura dos sâmios em seu momento de festividade. Embora se trate de um fragmento hexamétrico, o caso de Ásio ilustra como a história de Samos poderia ser uma tópica comum na poesia grega.

Assim, retornando a Semônides, observa-se que restam apenas informações vagas quanto à existência de um poema mais extenso do poeta em relação à fundação de Samos, o qual consideramos como elegíaco apenas por conjectura, levando em conta que o poeta teria escrito apenas elegias e jambos e assumindo que esses últimos não tratavam de temas históricos ou mitológicos.

7.6 Três músicos arcaicos: Clonas, Árdalo e Meles

Por fim, serão apresentados brevemente três aulistas e elegíacos bastante antigos: Clonas, Árdalo e Meles – sendo Clonas e Árdalo mencionados como possíveis inventores da aulodia. Pela escassez de informações é difícil definir um período claro de atuação desses três músicos, contudo, como veremos a seguir, eram, de modo geral, considerados mais antigos que Arquíloco e, em certos casos, contemporâneos de Orfeu ou Terpandro. A possibilidade de os três aulodistas terem composto elegias narrativas foi levantada por Ewen Bowie (2010, p. 156)

apesar da escassez documental sobre essas personalidades. Outro fator a considerar de antemão é que eles são mencionados nos testemunhos da antiguidade que veremos a seguir essencialmente como aulodistas ou compositores de *nomoi* que serviriam de acompanhamento para o aulo, instrumento que, embora muitas vezes associado ao dístico elegíaco, também poderia acompanhar outros gêneros ou composições instrumentais.

Primeiramente, Clonas de Tegeia é apresentado como um compositor pioneiro e até mesmo como o inventor da aulodia. No entanto, as informações sobre ele derivam especialmente da obra de Pseudo-Plutarco, *Sobre a Música*, que seria já da antiguidade tardia, fato que torna ainda mais incertos os detalhes da obra desse músico.

Há controvérsias sobre a origem do poeta. Pseudo-Plutarco⁴¹² relata que os árcades consideravam Clonas natural da Tegeia e os beócios, de Tebas; o mesmo autor ainda atesta a antiguidade do músico apresentando-o como anterior a Arquíloco e contemporâneo de Orfeu⁴¹³, uma figura lendária e de existência histórica incerta.

Pseudo-Plutarco⁴¹⁴, ao elencar alguns poetas e músicos antigos, assim como os temas mitológicos abordados por eles, destaca, além da antiguidade, a importância de Clonas na própria estruturação da aulodia e da elegia:

οὐ λελυμένην δ' εἶναι τῶν προειρημένων τὴν τῶν ποιημάτων λέξιν καὶ μέτρον οὐκ ἔχουσιν, ἀλλὰ καθάπερ Στησιχόρου τε καὶ τῶν ἀρχαίων μελοποιῶν, οἱ ποιοῦντες ἔπη, τούτοις μέλη περιετίθεσαν: καὶ γὰρ τὸν Τέρπανδρον ἔφη κιθαρωδικῶν ποιητὴν ὄντα νόμων, κατὰ νόμον ἕκαστον τοῖς ἔπεσι τοῖς ἑαυτοῦ καὶ τοῖς Ὀμήρου μέλη περιτιθέντα ἄδειν ἐν τοῖς ἀγῶσιν ἀποφῆναι δὲ τοῦτον λέγει ὀνόματα πρῶτον τοῖς κιθαρωδικοῖς νόμοις: ὁμοίως δὲ Τερπάνδρω Κλονῶν, τὸν πρῶτον συστησάμενον τοὺς αὐλωδικοὺς νόμους καὶ τὰ προσόδια, ἐλεγεῖον τε καὶ ἔπων ποιητὴν γεγονέναι: καὶ Πολύμνηστον τὸν Κολοφώνιον τὸν μετὰ τοῦτον γενόμενον τοῖς αὐτοῖς χρῆσασθαι ποιήμασιν.

Não que as obras mencionadas anteriormente ao tratarmos da dicção tenham se descuidado da métrica, mas são como as de Estesícoro e dos líricos antigos, que compondo versos, arranjavam uma melodia para eles. Pois assim Terpandro, como dizem, sendo inventor dos *nomoi* citaródicos, de acordo com cada *nomos* arranjou melodias em versos seus e de Homero e os cantou em competiçōes. Desse modo, demonstra ser o primeiro a dar nomes aos *nomoi* citaródicos. De modo análogo a Terpandro, Clonas foi o primeiro a arranjar os *nomoi* aulódicos e as prosódias⁴¹⁵, sendo compositor de elegias e épicos.

⁴¹² *Sobre a Música*, 5. p. 1133a.

⁴¹³ “Orfeu não teria imitado ninguém, pois em seu tempo parece não haver nenhum outro [poeta lírico] a não ser aulodistas e a eles não se parece em nada o gênero órfico” (“ὁ δ' Ὀρφεὺς οὐδένα φαίνεται μεμιμημένος: οὐδεὶς γὰρ πω γεγένητο, εἰ μὴ οἱ τῶν αὐλωδικῶν ποιηταί: τούτοις δὲ κατ' οὐθὲν τὸ Ὀρφικὸν ἔργον ἔοικε.”, Pseudo-Plutarco, *Sobre a Música*, 1132f-1133a). Por essa passagem, infere-se que na visão do autor a aulodia era considerada como um dos gêneros musicais mais antigos.

⁴¹⁴ *Sobre a Música* 3. p. 1132b8-1132c.

⁴¹⁵ As prosódias eram músicas com acompanhamento de aulo tocadas durante procissões até templos ou em outras cerimônias religiosas (PLUTARCH, 1874).

Também Polimnesto de Colófon o mesmo método empregou em seus poemas.

Essa passagem é de particular relevância para a discussão sobre a elegia narrativa, uma vez que atesta a antiguidade e a frequência com que temas mitológicos eram tratados por poetas líricos, assim como revela que o tratamento desses temas não era prosaico, mas realizado mediante grande habilidade métrica, comparável à dos poemas de Estesícoro. A menção de Clonas como uma espécie de “arranjador” dos primeiros *nomoi* aulódicos e o fato de ser mencionado apenas enquanto poeta elegíaco e épico pode indicar que teria sido pioneiro da ligação entre a aulodia e a elegia (e o dístico elegíaco). Essa questão também é evidenciada pela comparação com Terpandro, tido como um grande sistematizador da poesia citaródica em meados do século VII⁴¹⁶. No entanto, não há nenhuma indicação nessa passagem de que os temas mitológicos seriam abordados em elegias, nem que Clonas teria composto elegias de tal tipo – sendo ele destacado apenas enquanto inventor dos *nomoi* aulódicos.

Ewen Bowie (2010, p. 156), contudo, vai mais além, atribuindo a Clonas a possível composição de um poema elegíaco lidando com a “resistência ao retorno dos Heraclidas; o duelo de Equeno como Hilo; guerras recentes com Mantinea e Esparta”⁴¹⁷, baseando-se na origem tegeia de Clonas e nos acontecimentos narrados por Heródoto⁴¹⁸. No entanto, esses conteúdos são extremamente conjecturais, não havendo qualquer indício de relação direta entre o poeta e essas temáticas.

Meles de Cólofon é um músico com informações ainda mais escassas e também mencionadas unicamente na obra *Sobre a Música* de Pseudo-Plutarco. Nessa obra, Meles é descrito em relação ao seu filho, Polimnesto, que também teria composto *nomoi* para serem acompanhados pelo aulo. De acordo com essa obra⁴¹⁹, ambos poderiam ser mais antigos que Clonas:

ἄλλοι δὲ τινες τῶν συγγραφέων Ἄρδαλόν φασι Τροιζήνιον πρότερον Κλονᾶ τὴν αὐλωδικὴν συστήσασθαι μοῦσαν· γεγονέναι δὲ καὶ Πολύμνηστον ποιητὴν Μέλητος τοῦ Κολοφωνίου υἱόν· ὃν Πολύμνηστόν τε καὶ Πολυμνήστην νόμους ποιῆσαι. περὶ δὲ Κλονᾶ, ὅτι τὸν Απόθετον νόμον καὶ Σχοινίωνα πεποιηκῶς εἶη, μνημονεύουσιν οἱ ἀναγεγραφότες· τοῦ δὲ Πολυμνήστου καὶ Πίνδαρος καὶ Ἀλκμᾶν οἱ τῶν μελῶν ποιηταὶ ἐμνημόνευσαν.

Alguns outros escreveram dizendo que Árdalo de Trezena, antes de Clonas,

⁴¹⁶ Ateneu (*O Banquete dos Eruditos* 635e-f) apresenta que Terpandro atuou no tempo de Licurgo em Esparta, o que é aproximadamente o período da Segunda Guerra da Messênia, que ocorre próxima à metade do séc. VII.

⁴¹⁷ Tradução minha: “resistance to the return of the Heraclidae; Echenus’s duel with Hyllus; recent wars with Mantinea and Sparta”.

⁴¹⁸ *Histórias* 9.26.

⁴¹⁹ *Sobre a Música* 5, p. 1133.

sistematizou a música aulódica. Havia também o poeta Polimnesto, filho de Meles de Cólofon, que inventou o “Polimnesto” e os *nomoi* polimnésticos. Sobre Clonas, que inventou o *nómos* “Apóteto” e a “Escônia” mencionam os autores referidos. De Polimnesto falaram Píndaro e Alcman, os poetas líricos.

Ewen Bowie (2010, p. 156) supõe ainda que Clonas poderia ter narrado em dísticos “[a] fundação de Cólofon e as guerras contra o frígio Midas”. Acerca de Árdalo, o único relato é este de Pseudo-Plutarco, que indica que Árdalo também seria um compositor de aulodias (e talvez de elegias) bastante antigo, a ponto de despertar dúvida quanto à sua anterioridade e relação com Clonas. Bowie (2010, p. 156) conjectura, provavelmente a partir de sua origem, que poderia ter tratado da “chegada de Piteu, filho de Pélops, e as guerras recentes com Argos”⁴²⁰. Desse modo, podemos perceber que o tratamento de temas históricos com o acompanhamento do aulo não seria incomum nas competições poéticas mais antigas da Grécia Arcaica, restando, no entanto, dúvidas quanto a uma possível associação com a elegia já nesse período.

7.7 Considerações finais

Apesar da discussão da elegia narrativa ser bastante conjectural, mesmo nos casos mais tangíveis – como na obra de Simônides de Ceos –, os poetas (ou músicos) abordados neste capítulo possuem composições de natureza ainda mais incerta. Contudo, esses casos não deixam de apresentar particularidades relevantes para pensar a natureza da narrativa em composições elegíacas ou aulódicas na Grécia Arcaica.

Xenófanes é creditado como tendo tratado em versos épicos ou elegíacos a colonização jônica na Ásia Menor, tema também visto em Mimnermo, e, além dela, a colonização de Elea, na Itália. Esse segundo tema pode ter sido abordado pelo poeta em função de sua possível condição de poeta errante (como demonstra o fr. 8 W). Desse modo, talvez em um período já mais tardio da Grécia Arcaica, poetas elegíacos já não estariam tão relacionados apenas às condições de sua própria cidade, mas abertos a relações de patronagem – o que poderia ter levado Xenófanes a se fixar em Elea. Pelo relato do fr. 1 W, em que é tratada a boa condução do simpósio, que envolvia a exclusão de temas mitológicos violentos, o poema narrativo de Xenófanes teria sido apresentado em outra ocasião de performance, a não ser que creditemos uma contradição ao poeta. Embora não haja qualquer fonte que possa indicar que contexto seria esse, não é impossível que se tratasse de alguma forma de festival público.

⁴²⁰ “The arrival of Pittheus son of Pelops and recent wars with Argos”

Nesse sentido, Sacadas de Argos, aulodista e arranjador de melodias para elegias, era considerado um grande vencedor das competições de aulodia em Jogos Píticos. Além disso, o músico é considerado por Pseudo-Plutarco como um inventor de *nomoi* (de formas musicais) como o *trimeres* e o “pítico”. Esse último envolveria a narrativa no próprio arranjo musical, apresentando uma recriação do confronto do deus Apolo com Píton. Desse modo, mesmo que não fosse acompanhado por canções elegíacas, notamos que esse *nómos* envolveria a representação de uma narrativa mitológica. Corroborar a visão de que as composições de Sacadas envolveriam narrativa, a menção de Ateneu⁴²¹ de que o músico havia composto uma obra chamada *O Saque de Troia*, que pela forte associação do músico com a aulodia, poderia perfeitamente ser em dísticos elegíacos.

Voltando, porém, às temáticas fundacionais, vemos que Paníassis teria composto uma obra elegíaca (a *Ionika*) tratando da imigração jônica. O que possuímos de particular dessa obra é que seria enfatizada a importância dos atenienses Codro e Neleu nesse processo colonizatório, podendo o poeta ter utilizado-os como elo de ligação entre os povos jônicos de modo geral. Íon de Quios também teria tratado da fundação de sua ilha (na costa jônica), sendo, porém, questionável se sua obra era em prosa ou em dísticos. Cerri (1977) é quem afirma essa última possibilidade, baseado especialmente nos versos do fr. 7 G-P. O geógrafo Pausânias utiliza o verbo “συγγράφω” (“escrever”) para se referir à obra de Íon, verbo que, por sua vez, é associado a Tucídides. Essa relação poderia se dar pelo método de transmissão da materialidade histórica empregado por Íon ser, de algum modo, considerado pelo geógrafo como semelhante ao método empregado pelo historiador ateniense. O tema da imigração jônica teria sido tratado também por Semônides, provável autor da *Arqueologia de Samos*, que abordaria, como indica o título, a fundação dessa cidade (situada numa ilha também na costa jônica).

Por fim, temos ainda três aulodistas considerados de um período anterior a Arquíloco – ou seja, anteriores a todos os poetas elegíacos abordados neste trabalho. Esses músicos são considerados por Pseudo-Plutarco como instauradores de novas formas musicais (de novos *nomoi*). Clonas seria o grande estruturador dos *nomoi* aulódicos, realizando um trabalho comparável ao de Terpandro na música citaródica. Meles e Árdalo possuem relatos ainda mais escassos, sendo apenas conjecturado por Bowie (2010) que esses três aulodistas poderiam também ter tratado de acontecimentos históricos relevantes para o seu tempo.

Assim, por esses esparsos relatos, percebe-se que os poetas abordados neste capítulo apresentam alguns elementos e procedimentos semelhantes aos dos poetas tratados nos

⁴²¹ *O Banquete dos Eruditos*, 13.610c = 13.91 Kaibel.

capítulos anteriores. Nesse sentido, vemos novamente a recorrência do tema da imigração jônica e de temas fundacionais nas elegias narrativas. Além disso, infere-se uma possível associação da narrativa com a aulodia, talvez já antes da associação mais direta entre esse estilo musical e a própria elegia.

8 CONCLUSÃO

A partir dos comentários dos exíguos fragmentos e testemunhos de elegias com elementos narrativos, históricos e/ou mitológicos, foram percebidos indícios de que essas obras teriam, pelo menos em alguns casos, um intuito de promover a permanência de acontecimentos históricos e tradições caras à identidade de uma coletividade. Determinadas circunstâncias também indicam a possibilidade de que essas elegias pudessem ser entoadas em festivais públicos, um ambiente propício para divulgar e reforçar tradições para grupos sociais além do aristocrático, característico do contexto simposial.

Ao abordar os fragmentos elegíacos, bem como alguns mélicos, de Simônides de Ceos compostos ao final das Guerras Médicas, vimos uma utilização da elegia com um intuito que se expande além da tradição de uma única cidade. O fr. 11 W, em particular, que faria parte de uma elegia provavelmente detida especialmente no relato da Batalha de Plateias, demonstra uma aproximação da elegia à épica, na própria função desta última enquanto um instrumento de unificação da identidade grega. Arquíloco de Paros, no fr. 17a Swift, mesmo que talvez em um contexto simposial e tendo como enfoque o mundo contemporâneo do poeta, demonstra o manejo de um tema mítico em um excerto de extensão considerável, promovendo um diálogo recíproco entre presente e passado. Em Mímerno e Calino, é perceptível mais claramente a interação entre passado e presente, sendo temas como a colonização jônica na Ásia Menor e conflitos do passado recente referências e paradigmas de conduta para a audiência, em um período de ameaça estrangeira. Tirteu, de modo semelhante, reafirma em suas elegias as instituições políticas de Esparta, remetendo a conflitos do passado recente possivelmente com o intuito de conclamar a permanência da identidade espartana de então. No capítulo tratando dos elegíacos menores, embora de modo bastante incipiente, podem ser percebidas possíveis relações da elegia com o festival público e o acompanhamento da aulodia – como nos casos de Xenófanes e dos aulodistas Clonas, Árdalo e Meles. Também ressaltamos a possibilidade de haver elegias mais extensas tratando de temas mitológicos (como o *Saque de Troia* de Sacadas de Argos) e históricos (nas obras de Paníassis, Íon e Semônides) já em períodos mais antigos da Grécia Arcaica.

Observa-se, assim, que os excertos comentados revelam certas tendências nas elegias ditas narrativas. De modo geral, o Eu parece estar particularmente inserido no contexto social que aborda em sua produção. Vimos isso mais claramente nos poetas que trataram da história jônica na Ásia Menor: Mímerno relata a história antiga de Esmirna em um momento de iminente ameaça lídia, Calino trata de outras invasões estrangeiras na região, assim como

Xenófanes pode ter abordado a queda de Cólofon durante a investida lídia. Tirteu, similarmente, menciona períodos marcantes tanto para a afirmação tanto política quanto militar de Esparta com o provável intuito de conter agitações internas. Portanto, a evocação da estabilidade histórica e a conclamação à estabilidade política no presente parecem ser temas e funções caras às elegias narrativas.

O elemento histórico não é invocado na maioria desses cenários pelo relato em si, pelo mero prazer ou curiosidade em relação aos feitos do passado. Há uma clara intenção de gerar efeitos para o presente, seja ao reforçar a estabilidade social, seja de exortar os concidadãos para enfrentarem problemas específicos. A elegia histórica, portanto, estaria voltada em certa medida para o presente, mas não exclusivamente com fins paradigmáticos como propunha West (1974), pois, embora essa abertura para o presente seja um componente frequente no gênero, o relativo aprofundamento e a extensão das seções narrativas dessas elegias sugerem que o passado seria, senão um tema central, um componente basilar dessas produções⁴²². A narrativa de Télefo no fr. 17 Swift de Arquíloco, por exemplo, embora invocada provavelmente com função paradigmática para uma situação do presente do poeta, revela ao menos um considerável detalhamento de uma passagem mitológica, o que constituiria um elemento importante do poema. Outros poemas parecem se relacionar mais estritamente à história antiga de suas cidades, como a *A Fundação de Quios* de Íon ou a *Arqueologia de Samos* de Simônides, porém a falta de fragmentos impede o aprofundamento de como esses temas seriam explorados dentro da economia desses poemas.

Simônides, porém, parece se diferenciar dos demais poetas vistos neste trabalho em suas elegias sobre as principais batalhas da segunda Guerra Médica. O poeta de Ceos foi bastante ativo no período final dessa guerra, compondo poemas sobre as principais e mais decisivas batalhas desse conflito (Artemísio, Salamina, Plateias). As características dos poemas elegíacos de Simônides apresentam diferenças importantes das demais elegias narrativas. Primeiro, o poeta, já na condição itinerante e profissional, não se detém exclusivamente sobre a história de um povo ou coletividade, mas traça talvez o esboço de uma identidade pan-helênica que se fortaleceria posteriormente. O final das Guerras Médicas é marcado como o começo de uma nova era no mundo grego. Não mais detidos apenas na defesa de suas cidades contra a ameaça estrangeira, podem os gregos expandir econômica e militarmente, desenvolvendo coligações maiores, que resultam na formação da Liga de Delos (sob a liderança de Atenas) e a Liga do

⁴²² Em Platão (*Hípias Maior* 285d), Hípias relata que teve que decorar um grande número de “arqueologias” (poemas dedicados à fundação e à história antiga de cidades), uma vez que estas eram os temas diletos dos espartanos.

Peloponeso (liderada por Esparta).

No entanto, a união e a emergência de um sentimento coletivo grego – estendendo além da própria cidade e suas aliadas habituais – concentrado, porém, em duas grandes alianças, parece ser precedido por um breve período de construção (ou tentativa de construção) de um sentimento centrado na união das cidades que lutaram em Plateias. A própria acusação contra o general espartano Pausânias de almejar “τῆς Ἑλληνικῆς ἀρχῆς”⁴²³ (“o comando dos helenos”) revela que haveria algum tipo de movimento no sentido de formar um poder central para os gregos – ou mesmo uma disputa por esse poder. A elegia de Plateias de Simônides se dá justamente nesse breve período antes da ruptura definitiva entre Atenas e Esparta – que levaria posteriormente à Guerra do Peloponeso –, um período provavelmente de efervescência cultural, como demonstra a quantidade de poemas, elegíacos e mélicos, assim como os epigramas que Simônides compôs sobre o conflito.

A récita desses poemas poderia se dar em festivais públicos-religiosos, um contexto adequado pela união de diferentes povos helênicos sob uma mesma devoção e pela capacidade dessas elegias históricas reavivarem um momento compreendido como um bem comum entre todas as cidades que se aliaram contra os persas. A possibilidade de Simônides ter sido comissionado pelos espartanos, ou por Pausânias em particular, não diminui essa hipótese, pois um festival pan-helênico seria um ambiente favorável para a “propaganda” do papel desta cidade que disputava a hegemonia do mundo grego, ainda mais por ser apoiada em um momento histórico igualmente caro a diferentes cidades.

A condição itinerante e profissional de Simônides não justifica, por si só, a participação do poeta em contextos pan-helênicos. A própria biografia do poeta – mesmo que dubitável em certos aspectos – demonstra que trabalhou para a corte tessália (que fora aliada dos persas), assim como, em algum momento, fora patrocinado diretamente por Pausânias⁴²⁴. Contudo, a condição profissional do poeta, bem como sua procedência de uma pequena ilha do Mar Egeu, o colocava acima das rivalidades internas dos gregos. Pela multiplicidade de patronos que teve (inclusive inimigos entre si) sua obra não poderia ser vista exclusivamente como uma manifestação de enaltecimento de uma cidade por uma afeição pessoal – embora não exclua que tivesse afeição por seus patronos, como parece indicar o fr. 22 W. Esse aspecto foi aludido por Plutarco⁴²⁵ ao comentar que Simônides, ao contrário de Heródoto, enaltece os coríntios em um poema que não era dedicado diretamente a esta cidade.

⁴²³ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 1.128.3.

⁴²⁴ Plutarco, *Consolação a Apolônio*, 6, 105a.

⁴²⁵ Plutarco, *Sobre a Malignidade de Heródoto* 42 p. 872d.

Outras elegias teriam um contexto parecido, como o *Saque de Troia* de Sacadas de Argos e a *Ionika* de Paníassis de Halicarnasso, parecendo esta última promover uma história coletiva dos jônicos na Ásia Menor. Mesmo com a escassez de informações sobre essas obras, podemos imaginar que não teriam um sentido pan-helênico como a produção de Simônides, sendo ao máximo “pan-jônica” no caso de Paníassis ou uma reelaboração de um tema épico no caso de Sacadas.

Sendo Simônides ligeiramente anterior aos primeiros historiadores, como Heródoto e Tucídides, não é impossível que o modo como relatou as batalhas do conflito greco-persa tenha exercido algum tipo de influência sobre eles. Um dos ideais iniciados pelos historiadores antigos – de narrar não sob o prisma de uma coletividade, mas a partir de um distanciamento, acima de rixas particulares – pode ter como antecedente Simônides e talvez outros elegíacos que não temos como conjecturar no momento. Desse modo, não seria fortuita a comparação feita por Plutarco⁴²⁶ entre Simônides e Heródoto, sendo o elegíaco inclusive considerado mais imparcial que o historiador. Boedecker (2001a, p. 129) vê alguns ecos da elegia de Plateias de Simônides em Heródoto, assim como nos tragediógrafos Ésquilo e Eurípides (BOEDECKER, 2001a, p. 121). É difícil, porém, confirmar essas hipóteses de continuidade ou de influência da elegia sobre a historiografia, sendo inclusive provável que a elegia continuasse pelo período clássico como uma fonte de transmissão de conteúdo histórico, talvez mais acessível para a população geral que os relatos dos historiadores (GRETHLEIN, 2010, p. 3).

Nesse aspecto mais popular, no âmbito de festividades públicas, não é possível excluir que as elegias narrativas tivessem certa relação com o lamento fúnebre. No caso da elegia de Plateias, embora seja impossível fornecer uma hipótese definitiva, algumas das festividades prováveis teriam uma conotação fúnebre. O festival de Eleutéria em Plateias, quiçá em sua gênese no período de Simônides, seria justamente um memorial em honra aos que pereceram nas Guerras Médicas, assim como uma forma de agradecimento ao *Zeus Eleuthérios* (“Libertador”) pela vitória concedida. Outra cidade candidata, Delos, também teria sido palco de cerimônias de lembrança dos finados guerreiros, havendo a dedicação da Coluna da Serpente, que, supõe-se, possuía originalmente o epigrama arrogante de Pausânias composto por Simônides – epigrama VI(a) FGE – posteriormente apagado, sendo colocados os nomes das cidades participantes em seu lugar. A própria menção ao funeral de Aquiles no proêmio do fr. 11 W de Simônides indica a ênfase nesse aspecto do mito talvez como uma analogia à própria ocasião de performance da elegia.

⁴²⁶ *Ibid.*

Arquíloco, caso seu excerto narrativo tenha ligação com a Guerra Lelantina, também poderia ter recitado sua elegia em um contexto memorial. Tirteu menciona o funeral dos reis espartanos ao tratar do destino dos messênios (fr. 7 W). Xenófanes poderia ter narrado a história e a ruína de Cólofon em um sentido lamentoso. Esse fato esclareceria, assim, a relação entre elegia, aulodia e lamento, ou mau augúrio, que teria levado ao banimento dessas competições nos Jogos Olímpicos⁴²⁷. Esse não seria, porém, o exclusivo propósito da elegia narrativa. Mimnermo e Calino parecem ter uma intenção mais propriamente exortativa em seus relatos históricos, diante de uma ameaça iminente. Outras elegias, pela falta de materiais, são de mais difícil suposição, como o *Saque de Troia* de Sacadas de Argos.

Contudo, mesmo nas elegias que teriam uma clara intenção fúnebre, o lamento ainda teria um aspecto duplo. O lamento não se caracteriza nessas elegias apenas como uma demonstração de melancolia, mas era um lamento que se abria para um louvor e, talvez, para uma exortação aos contemporâneos diante da imponentia do passado. No fr. 11 W de Simônides, esse procedimento é apresentado em seu pleno funcionamento. O funeral de Aquiles é evocado, lembrando a perda do maior guerreiro acaio do passado e sua morte predestinada pela mão divina de Apolo; um momento trágico que, no entanto, não impede o triunfo final dos gregos sobre os troianos, e que simboliza a conquista do mundo grego sobre o mundo estrangeiro, bárbaro. Além disso, é a morte de Aquiles que propicia a vitória final. É a perda do maior guerreiro, e de sua força bruta, que propicia que os gregos se voltem a outras formas de conquistar Troia, chegando ao estratagema de Odisseu. Simônides evoca essa morte, essa perda necessária, assim como aquele que propiciou que sua vida permanecesse apesar de sua morte precoce: Homero, “aquele que recebeu das Piérides toda a verdade”. Como Homero, Simônides é o perpetuador da tristeza e da glória da Batalha de Plateias, que em sua visão poderia ser uma vitória da bravura e técnica dos gregos contra a força bruta e repleta de *hýbris* do Império Aquemênida. Sua narrativa discorreria sobre a batalha e a vitória, assim como sobre as perdas necessárias de valorosos guerreiros – um paradigma para as futuras gerações. Esse discurso seria conveniente ao poeta, que talvez buscasse se afirmar como o porta-voz do maior conflito do mundo grego desde a Guerra de Troia no imaginário corrente.

O tom exortativo é menos evidente em Simônides, contudo não improvável. Buscando compor uma elegia para perpetuar a vitória sobre os persas, poderia perfeitamente denotar um parâmetro a ser seguido pelas futuras gerações. Mimnermo, no fr. 15 Allen, apresenta um antigo guerreiro esmirnense rompendo falanges lídias, uma conduta paradigmática para os seus

⁴²⁷ Pausânias, *Descrição da Grécia* 10.7.4-5.

contemporâneos que em breve sucumbiriam à invasão lídia. O destino dos messênios em Tirteu, fr. 5 e 6 W, também fornece um paradigma, porém inverso, pois demonstra qual o destino dos subjugados em batalha para que os espartanos se mantivessem firmes em sua hegemonia.

Portanto, foram apresentados ao longo deste trabalho, por meio de relatos esparsos da elegia grega do período arcaico, exemplos de como esse gênero conteria, de formas variadas, a narrativa de mitos e acontecimentos históricos. Embora sejam em sua maioria bastante hipotéticas, várias possibilidades temáticas e performáticas dessas obras foram apresentadas, que podem ser melhor desenvolvidas no futuro através de diferentes metodologias de análise e comparação textual, assim como através das pesquisas arqueológicas e paleográficas, que talvez ainda possam nos presentear com novos papiros, como os novos fragmentos de Simônides e Arquíloco.

REFERÊNCIAS

- ADRADOS, F. R. **Líricos Griegos: Elegiacos y Yambógrafos Arcaicos (Siglos VII-V A.C.)**. v. 1. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007.
- ALLEN, A. **The Fragments of Mimnermus: Text and Commentary**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1993
- ALONI, A. The Proem of Simonides' Plataea Elegy and the Circumstances of Its Performance. In: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- ANDREWES, A. Eunomia. **The Classical Quarterly**, v. 32, n. 2, p. 89-102, abr. 1938.
- BACH, J.N. **Callini Ephesii, Tyrtaei Aphidnaei, Asii Samii, Carminum quae supersunt: disposuit emendavit illustravit Nicolaus Bachius**. Lipsiae: Sumptibus F.C.G. Vogelii, 1831.
- BAL, M. **Narratology Introduction to the Theory of Narrative**. Second Edition. Toronto: University of Toronto Press, 1997.
- BARKER, E.T.E.; CHRISTENSEN, J.P. Flight Club: the new Archilochus fragment and its resonance with Homeric Epic. **Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici**, Pisa, v. 57, p. 9-41, 2006.
- BERGK, T. **Poetae Lyrici Graeci**. Lipsiae: Sumtu Reichenbachiorum fratrum, 1843.
- BOEDECKER, D. Heroic Historiography: Simonides and Herodotus on Plataea In: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001a.
- _____. Paths to Heroization at Plataea. IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001b.
- _____.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BOWIE, E. L. Early Greek Elegy, Symposium and Public Festival. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 106, p. 13-35, 1986.
- _____. Ancestors of Historiography in Early Greek Elegiac and Iambic Poetry. In: LURAGHI, N. (org.) **The Historian's Craft in the Age of Herodotus**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- _____. Wandering poets, archaic style. IN: HUNTER, R.; RUTHERFORD, I. (orgs.) **Wandering Poets in Ancient Greek Culture: Travel, Locality and Panhellenism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- _____. Historical Narrative in Archaic and Early Classical Greek Elegy. In: KONSTAN, D.; RAAFLAUB, K.A. (Orgs.). **Epic and History**. Blackwell Publishing, 2010.

BOWRA, C.M. **Greek Lyric Poetry: From Alcman to Simonides**. London: Oxford, 1961. 2 ed.

BLAISE, F. Poetics And Politics: Tradition Re-Worked In Solon's 'Eunomia' (Poem 4). In: BLOCK, J.H.; LARDINOIS, A.P.M.H. (orgs.). **Solon of Athens: New historical and philological approaches**. Leiden/Boston: Brill, 2006.

BRUNHARA, R.M.C. **As Elegias de Tirteu: Poesia e Performance na Esparta Arcaica**. São Paulo: Humanitas, 2014.

_____. **Uma Poética do Simpósio: A performance da Elegia Grega Arcaica na Teognideia. 517 f.** Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, 2017.

_____. ROSA, T.K. O fragmento de Télefo e a fuga em Arquíloco. **Cadernos de letras da UFF**, Niterói, v. 28, n. 56, p. 49-63, (jan./jun.), 2018.

BURN, A.R. The so-called 'Trade-leagues' in Early Greek History and the Lelantine War. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 49, n. 1, p. 14-37, 1929.

BUSOLT, G. **Griechische Staatskunde**. Erste Hälfte. München: C.H. Beck'sche, 1920.

CAMPBELL, D.A. **Greek Lyric Poetry: A selection of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry**. London: Macmillan, 1991.

CAPRA, A.; CURTI, M. Semidei Simonidei. Note sull'elegia di Simonide per la battaglia di Platea (P. Oxy. 3965 fr. 1-2 + 2327 fr. 6 + 27 col. i). **ZPE**, v. 107, p. 27-32, 1995.

CERRI, G. La Ktisis di Ione di Chio. Prosa o versi? **Quaderni Urbinati di Cultura Classica**, n. 26, p. 127-131, 1977.

CORREA, P.C. **Um Bestiário Arcaico: fábulas e imagens de animais na poesia de Arquíloco**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

CLAY, J.S. The New Simonides and Homer's Hemitheoi. In: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUENCA Y PRADRO, L.A.; BRIOSO, M., S. **Hymnos, Epigramas y Fragmentos**. Introducciones, Traducción y Notas de Luis Alberto de Cuenca y Prado y Máximo Brioso Sánchez. Madrid: Gredos, 1980.

DAWKINS, R.M. **The Sanctuary of Artemis Orthia at Sparta: excavated and described by members of the British School at Athens, 1906–1910**. London: Macmillan, 1929.

DETIÉNE, M. **Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.

DOUGHERTY, C. Archaic Greek Foundation Poetry: Questions of Genre and Occasion. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 114, p. 35-46, 1994.

DIEHL, E. *Anthologia lyrica graeca. Fasc. 1 Poetae Elegiaci*. 3 ed. Teubner Verlag: 1949.

DIHLE, A. Zur Datierung des Mimnermos. **Hermes**, v. 90, n. 3, p. 257-275, 1962.

ELDERKIN, G.W. The Cults of the Erechtheion. *Hesperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens, Atenas*, v. 10, n. 2, p. 113-124, abr.-jun. 1941.

EVELYN-WHITE, H.G. **Hesiod, the Homeric Hymns and Homerica**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

FANTUZZI, M. Heroes, Descendants of Hemitheoi: The Proemium of Theocritus 17 and Simonides 11 W². IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FARAONE, C.A. **The Stanzaic Architecture of Early Greek Elegy**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

FERREIRA, L.N. Mobilidade poética na Grécia Antiga: uma leitura da obra de Simónides. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

FRAGKAKI, M. The Great Rhetra. **Rosetta**, v. 17, p. 35-51, 2015. Disponível em: <<http://www.rosetta.bham.ac.uk/issue17/fragkaki.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

GENTILI, B.; PRATO, C. **Poetarum elegiacorum testimonia et fragmenta**. Pars prior. Leipzig: Teubner Verlag, 1988.

GENETTE, G. **Figures III**. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

GERBER, D.E. **Greek Elegiac Poetry: From the Seventh to the Fifth Century BC**. Cambridge/London: Harvard University Press, 1999.

GRETHLEIN, J. Diomedes Redivivus: A New Reading of Mimnermus fr. 14 W². **Mnemosine**, Fourth Series, v. 60, fasc. 1, p. 102-111, 2007.

_____. **The Greeks and their Past: Poetry, Oratory and History in the Fifth Century BCE**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GROTE, G. **A History of Greece; From the Earliest Period to the close of the generation contemporary with Alexander the Great. A New Edition in Twelve Volumes. Vol. 3**. London: John Murray, 1869. Disponível em: <<https://archive.org/details/historyofgreecef03grotiala/page/n5>>. Acesso em: 25 nov. 2019

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e Introdução de Carlos Alberto Nunes. 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HUXLEY, G.L. Mimnermos and Pylos. **Greek, Roman and Byzantine Studies**, v. 2, n. 2, p. 101-107, 1956.

JACOBY, F. Studien zu den älteren griechischen Elegikern. II. Zu Mimnermos, **Hermes**, v. 53,

n. 3, p. 262-307, jul. 1918.

KELLY, G. Battlefield Supplication in the *Iliad*. **Classical World**, n. 2, p. 147-167, 2014.

KENNEL, N.; LURAGHI, N. Laconia and Messenia. nN: RAAFLAUB, K.; VAN WEES, H. (Orgs.). **A Companion to Archaic Greece**. Oxford: Blackwell, 2009.

KÕIV, M. **Ancient Tradition and Early Greek History: The Origins of States in Early-Archaic Sparta, Argos and Corinth**. Tallinn: Avita, 2003.

KOLLER, H. Das Kitharodische Prooimion: Eine Formgeschichtliche Untersuchung. **Philologus**, v. 100, p. 159-206, 1956.

KYLE, D.G. Sport, Society, and Politics in Athens. In: CHRISTESEN, P.; KYLE, D.G. **A Companion to Sport and Spectacle in Greek and Roman Antiquity**. Malden/Oxford/Chichester: Wiley-Blackwell, 2014.

LELOUX, K. The Campaign of Croesus against Ephesus: Historical and Archaeological Considerations. **Polemos**, 21-2, P. 47-63, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/332496294_The_Campaign_Of_Croesus_Against_Ephesus_Historical_Archaeological_Considerations_Polemos_21-2_2018_p_47-63?enrichId=rgreq-bcfa22568672e6e7c9a081ee974da541-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMzMjQ5NjI5NDtBUzo3NDg5NjEzODgyOTgyNDFAMTU1NTU3NzcxODYyNg%3D%3D&el=1_x_3&_esc=publicationCoverPdf>. Acesso em: 13 fev. 2020.

LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura dos mitos. In: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LOOMIS, W.T. Pausanias, Byzantion and the Formation of the Delian League: A Chronological Note. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 39, n. 4, p. 487-492, 1990.

LORAUX, N. Thucydide à écrit la Guerre du Péloponnèse, **Métis: Anthropologie des mondes grecs anciens**, v. 1, n. 1, p. 139-161, 1986.

LULLI, L. **Narrare in Distici: L'Elegia Greca Arcaica e Classica di Argomento Storico-Mitico**. Roma: Edizioni Quasar, 2011.

_____. The fight of Telephus: Poetic Visions behind the Pergamon Frieze. In: CAZZATO, V; LARDINOIS, A. (ed) **The Look of Lyric: Greek song and the visual**. Studies in archaic and classical Greek song. Leiden/Boston: Brill, 2016.

LUPPE, W. Die Korinther in der Schlacht von Plataiai bei Simonides nach Plutarch (Simon. Fr. 15 und 16 W²; P. Oxy. 3965 fr. 5). **Archiv für Papyrusforschung**, v. 40, n.1, p. 21-24, 1994.

MACE, S. Utopian and Erotic Fusion in a New Elegy by Simonides. IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MARTIN, R. **The Language of Heroes: Speech and Performance in the Iliad**. Ithaca (NY):

Cornell University Press, 1989.

MAZZARINO, S. **Il Pensiero Storico Classico**. Roma/Bari: Editori Laterza, 1973. v.1

MEIGGS, R.; LEWIS, D.M. **A Selection of Greek Historical Inscriptions to the end of Fifth Century B.C.** London: Oxford University Press, 1969.

MOLYNEUX, J. H. **Simonides: A Historical Study**. Wauconda: Bolchazy-Carducci Publishers, 1992.

MORRISON, A.D. **The Narrator in Archaic Greek and Hellenistic Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MÜLLER, C.W. Die antike Buchausgabe des Mimnermos. **Rheinisches Museum für Philologie**, v. 131, n. 3/4, p. 197-211, 1988.

MURRAY, S.C. The Role of Religion in Greek Sport. IN: CHRISTESEN, P.; KYLE, D.G. **A Companion to Sport and Spectacle in Greek and Roman Antiquity**. Malden/Oxford/Chichester: Wiley-Blackwell, 2014.

NAFISI, M. Pausania, il vincitore di Platea. IN: **Contro le 'leggi immutabili'**: Gli Spartani fra tradizione e innovazione. Milano: Vita e Pensiero, 2013. p. 53-90

_____. Sparta. IN: RAAFLAUB, K.; VAN WEES, H. (Orgs.). **A Companion to Archaic Greece**. Oxford: Blackwell, 2009.

NAGY, G. **Pindar's Homer: The Lyric Possession of an Epic Past**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1990

_____. **The Best of the Achaeans: Concepts of the hero in Archaic Greek Poetry**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999. Ed. Rev.

_____. **The Ancient Greek Hero in 24 Hours**. Cambridge: Harvard University Press, 2013.

_____. **Ancient Greek Elegy**, 2010. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:hinc.essay:Nagy.Ancient_Greek_Elegy.2010>. Acesso em 07 ago. 2020.

NOBILI, C. Tra epos ed elegia: il nuovo Archiloco. **Maia**, v. 61, p. 229-249, 2009.

NOUSSIA, M. Lo Stilo Semplice di Tirteo? IN: CHIRON, P.; LEVY, C. (orgs.). **Les noms du style dans l'antiquité gréco-latine**. Louvain/Paris/Walpole: Editions Peeters, 2010.

OBBINK, D.A. The Genre of Plataea: Generic Unity in the New Simonides. IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____. A New Archilochus Poem. **ZPE**, v. 156, p. 1-9, 2006.

OTTO, W.F. **Dionysus: Myth and Cult**. Translated with an Introduction by Robert B. Palmer. Bloomington: Indiana University Press, 1965.

PAGE, D. L. The Elegiacs in Euripides' *Andromache*. IN: **Greek Poetry and Life: Essays presented to Gilbert Murray**. Oxford: Clarendon Press, 1936. p.206-230

_____. Various Conjectures. **Proceedings of the Cambridge Philological Society**, n. 7 (187), p. 68-69, 1961

_____. **Further Greek Epigrams: Epigrams before 50 A.D. from the Greek Anthology and other sources, not included in "Hellenistic Epigrams" or the "Garland of Philip"**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

PARSONS, P. "These Fragments We Have Shored against Our Ruin". IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

PAVESE, C.O. Elegia di Simonide agli Spartiati per Platea. **ZPE**, v. 107, p. 1-26, 1995.

PETTERSSON, M. **Cults of Apollo at Sparta: The Hyakinthia, the Gymnopaïdai and the Karneia**. Estocolmo: Distributor Paul Aströms förlag, 1992.

PIERÁRT, M.; ÉTIENNE, R. Un décret du koinon des Hellènes à Platées en l'honneur de Glaucon, fil d'Éteoclès, d'Athenès. **Bulletin de correspondance hellénique**, v. 99, n.1, 1975, p. 51-75. Disponível em: <https://www.persee.fr/docAsPDF/bch_0007-4217_1975_num_99_1_2069.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019

PODLECKI, Anthony J. Simonides: 480. **Historia**, v. 17, n.3, p. 257-275, 1968.

POUILLOUX, J. **Recherches sur l'histoire et les cultes de Thasos: De la fondation de la cité à 196 avant J.-C.** Paris: E. de Boccard, 1954.

PLUTARCH. **Plutarch's Morals: Translated from the Greek by several hands. Corrected and revised by William W. Goodwin, PH. D.** Cambridge: Press Of John Wilson and son, 1874. Disponível em: <http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0094.tlg002.perseus-eng1:3>. Acesso em: 13 jul. 2020.

PRATO, C. **Tirteo: Introduzione, testo critico, testimonianze e commento**. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1968.

PRINCE, G. **Narratology: The Form and Functioning of Narrative**. Amsterdam: Mouton Publishers, 1982.

RAAFLAUB, K.A. Athenian and Spartan Eunomia or: what to do with Solon's timocracy? IN: BLOCK, J.H.; LARDINOIS, A.P.M.H. (orgs.). **Solon of Athens: New historical and philological approaches**. Leiden/Boston: Brill, 2006.

RICHARDSON, N.J. **The Homeric Hymn to Demeter**. Oxford: Clarendon Press, 1974.

READY, J.L. **Character, Narrator, and Simile in the Iliad**. New York: Cambridge, 2011.

ROBERTSON, N. A point of precedence at Plataia: the dispute between Athens and Sparta

over leading the procession. **Hesperia**, n. 55, 1986, p. 88-107

ROSA, T.K. **O Mito de Télefo e a perspectiva de uma Elegia Histórica**: tradução comentada do novo fragmento de Arquíloco (P. Oxy LXIX 4708). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RHODES, P.J. Thucydides on Pausanias and Themistocles. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 19, n. 4, p. 387-400, nov. 1970.

RUTHERFORD. The New Simonides: Towards a Commentary. In: BOEDECKER, D. SIDER, D. (Orgs.) **The New Simonides: Contexts of Praise and Desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

SBARDELLA, L. Achille i gli eroi di Platea, fr. 10-11 W². **ZPE**, v. 129, p. 1-11, 2000.

SCHACHTER, Albert. Simonides' elegy on Plataia: the occasion of its performance. In: SCHACHTER, Albert. **Boiotia in Antiquity – Select papers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

SCHEIN, S.L. **The Mortal Hero**: an introduction to Homer's Iliad. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1984.

SCHOLES, R. PHELAN, J. KELLOGG, R. **The Nature of Narrative**. Fortieth anniversary edition. Revised and expanded. Oxford: Oxford University Press, 2006.

SCHNEIDEWIN, F.W. Miscellen I. Zu Archilochus und Mimnermus. **Philologus**, Berlin, v. 1, p. 146- ,jan. 1846.

SHAW, P.J. Lords of Hellas, Old Men of the Sea: The Occasion of Simonides' Elegy on Plataea. IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

SIDER, D. "As Is the Generation of Leaves" in Homer, Simonides, Horace, and Stobaeus. IN: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

STEINER, D. To praise, not to bury: Simonides fr. 531P. **The Classical Quarterly**, v. 49, n. 2, p. 383-395, dec. 1999.

STEWART, P. *Totenmahl* Reliefs in the northern provinces: a case-study in imperial sculpture. **Journal of Roman Archaeology**, v. 22, p.253-257, 2009.

SULIMIRSKI, T.; TAYLOR, T. The Scythians. IN: BOARDMAN, J. et al. **The Cambridge Ancient History: The Assyrian and Babylonian Empires and other states of the Near East, from the Eighth to the Sixth Centuries B.C.** v. 3 p. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 2 ed.

SWIFT, L. A. Archilochus the 'Anti-hero'? Heroism, Flight and Values in Homer and the New Archilochus Fragment (P. OXY LXIX 4708). **Journal of Hellenic Studies**, v. 132, p. 139-155, 2012.

_____. Telephus on Paros: genealogy and myth in the 'new Archilochus' poem (P. Oxy 4708). **Classical Quarterly**, v. 64, n.2, p. 433-447, 2014.

_____. Lyric visions of epic combat: the spectacle of war in archaic personal song. IN: BAKOGIANNI, A.; HOPE, V. (orgs.). **War as Spectacle: Ancient and Modern Perspectives on the Display of Armed Conflict**. London: Bloomsbury Academic, 2015. p. 93-109.

_____. **Archilochus the poems: Introduction, Text, Translation, and Commentary**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

TAUSEND, K. Lelantische Krieg - ein Mythos? **Klios**, v. 69, n. 2, p.499-514, 1987.

TÖCHTERLE, K. Die μεγάλη γύνη des Mimnermos bei Kallimachos, **Rheinisches Museum für Philologie**, v. 123, n. 3/4, p. 225-234, 1980.

TODOROV, T. Les categories du récit littéraire. **Communications**, v. 8, p. 125-151, 1966. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1966_num_8_1_1120>. Acesso em 18 ago. 2020.

UNGER, G. F. Der Isthmientag und die Hyakinthien. **Philologus**, v. 37, n. 1-4, p. 1-42, 1877. doi:10.1524/phil.1877.37.14.1

YATROMANOLAKIS, D. To Sing or to Mourn? A Reappraisal of Simonides 22 W². In: BOEDECKER, D.; SIDER, D. (orgs.) **The New Simonides: Contexts of praise and desire**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

WADE-GERY, H.T. The Spartan Rhetra in Plutarch Lycurgus VI. **The Classical Quarterly**, v. 37, v. 1-2, p. 62-72, apr. 1943.

WALSH, J.S.P. Exchange and Influence: Hybridity and the Gate Reliefs of Thasos. IN: PETER SCHULTZ, P.; VON DEN HOFF, R. (orgs.) **Structure, Image, Ornament: Architectural Sculpture in the Greek World**. Barnsley: Oxbow Books, 2009. Disponível em <<https://hcommons.org/deposits/objects/hc:10364/datastreams/CONTENT/content>>. Acesso em 25 ago. 2020.

WEST, M.L. The Berlin Tyrtaeus. **ZPE**, n.1, p. 173-182, 1967

_____. **Studies in Greek Elegy and Jambus**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1974.

_____. **Ancient Greek Music**. New York: Oxford University Press, 1992.

_____. Simonides Redivivus. **ZPE**, v. 98, p. 1-14, 1993,

_____. **Iambi et Elegi ante Alexandrum Cantati**. Oxford: Oxford University Press, 1998. 2 v.

_____. Archilochus and Telephos. **ZPE**, v. 156, p. 11-17, 2006.

WILLAMOWITZ-MOERLLENDORFF, U. **Sappho und Simonides: Untersuchungen über**

griechische Lyriker. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1913.

ΑΡΕΝΔΙΣΕ

SIMŌNIDES DE CÉOS

A Elegia de Artemísio

Fr. 1 W

ή παραθαλασσία. νήσος γάρ ή Σκίαθος έγγυς Εὐβοίας. ἤς καὶ Σιμονίδης μέμνηται.

A “costeira”. A ilha de Escíato próxima de Eubeia, a qual é lembrada por Simōnides.

Fr. 2 W

.]καυχ. .[
 .]εμαχ[
 .] .οτεσ[
 .] βίας α[
 .]μεγαλαφ[
 .]εχει.[
 .]. .[] . [

.] (?) [
 .]luta[ram(?)
 .]]. (?) [
 .] de violenta força os v[entos
 .]grandes pensa[mentos
 .]tempes]tade .[
 .]. .[] . [

Fr. 3 W

.]ρ[
 .]νεριων[
 .]ν· άνδρ.[
 .]άθανάθων] ίότητι τ[
 .] Ζήτην καὶ] Κάλαι[ν 5
 .]σέλθε[]χ[
 .]ι έξ έρεβεος κ[
 .]ε δῶρω[ν
 .]εων δ[
 .]αφοιο θ[10
 .]ιη' ήϋ[κόμοιο] κόρ[ης

]ancoradouro (?)[
reme]xend[o(?)]

O Poema lírico de Salamina

Fr. 5 W

οἱ δ' ἄλλοι τοῖς βαρβάροις ἐξισούμενοι τὸ πλῆθος ἐν στενῶ κατὰ μέρος προσφερομένους καὶ περιπίπτοντας ἀλλήλοις ἐτρέψαντο μέχρι δαίλης ἀντισχόντας, ὥσπερ εἶρηκε Σιμωνίδης, τὴν καλὴν ἐκείνην καὶ περιβόητον ἀράμενοι νίκην, ἧς οὐθ' Ἑλλησιν οὔτε βαρβάροις ἐνάλιον ἔργον εἴργασται λαμπρότερον.

E aos demais bárbaros no estreito, podendo mover apenas uma parte [da frota] e caindo uns sobre os outros, a multidão [dos gregos] se igualou e os atacaram até o cair do dia e, como disse Simônides, a bela e famosa vitória conquistaram, que nem entre gregos nem entre bárbaros jamais houve mais ilustre no mar.

Fr. 7 W

.]ω . . . [
Π ποντοβοα[
x πειθωντα[
ὡς ὑπὸ σάλ[πιγγος
παισὶν μη [5
φρυξί τ[ε
φοινίκω[ν
ἦλθ[

.](?) . . . [
Π do mar clam[oroso
x obedencen[do(?)]
como pelo trom[petista
aos filhos (?) [5
frígio e[
dos fenício[s
vie[ram(?)]

Fr. 8 W

πρώ(ε)ира· οἱ μὲν διὰ τοῦ ἰ, οἱ δὲ διὰ τῆς εἰ διφθόγγου· διὰ τοῦ ἰ μὲν, ὡς ἀπὸ τοῦ πρῶρα γενόμενον κατὰ διάστασιν τοῦ ἰ, πρώϊρα· ὁ δὲ Ἡρωδιανὸς (ii. 410. 26 Lentz) διὰ τῆς εἰ διφθόγγου, πρὸς τὸν χαρακτῆρα τῶν διὰ τοῦ -ειρα. Et postea: πρῶιρα· σὺν τῷ ι . . . καὶ ἀπὸ τῆς ἐτυμολογίας, ἐπειδὴ παρὰ τὸ προῖεναι, καὶ ἀπὸ τῆς διαστάσεως τοῦ ι, ὡς παρὰ τῷ ποιητῇ "κυανοπρωῖρους" (non ita traditur in nostro Homero). καὶ παρὰ Σιμωνίδη κυανοπρώϊραν

πρώ(ε)ира [prō(e)ira - proa]: alguns [escrevem] com iota e outros com ditongo em εἰ (ei). Dos que [escrevem] com iota, surge a partir de prōra com a separação do iota, [portanto] prōira. Herodiano (ii. 410.26 Lentz) [escreve] com o ditongo em ei, a partir da grafia das [palavras terminadas] em -eira. Em seguida: πρώϊρα [prōira - proa]: com iota . . . e de acordo com a

Τοὶ δὲ πόλι]ν πέρσαντες ἀοίδιμον [οἴκαδ' ἵ]κοντο
 φέρτατοι ἦρ[ῶων ἀγέμαχοι Δαναοί[,
 οἷσιν ἐπ' ἀθά]νατον κέχυται κλέος ἀν[δρὸς] ἔκητι 15
 ὅς παρ' ἰοπ]λοκάμων δέξατο Πιερίδ[ων
 πᾶσαν ἀλη]θείην, καὶ ἐπώνυμον ὄπ]λοτέρ]οισιν
 ποίησ' ἡμ]ιθέων ὠκύμορον γενεή]ν.
 Ἀλλὰ σὺ μὲ]ν νῦν χαῖρε, θεᾶς ἐρικυ[δέος υἱέ
 κούρης εἰν]αλίου Νηρέος αὐτὰρ ἐγώ[20
 κικλήισκω] σ' ἐπίκουρον ἐμοί, π[ολυώνυμ]ε Μοῦσα,
 εἷ περ γ' ἀν]θρώπων εὐχομένω]ν μέλειαι
 ἔντυνο]ν καὶ τόνδ[ε μελ[ίφρονα κ[όσμον ἀ]οιδῆς
 ἡμετ]έρης, ἵνα τις [μνή]σεται ὕ[στερον αὐ
 ἀνδρῶ]ν, οἳ Σπάρτ[η] τε καὶ Ἑλλάδι δούλιον ἦμ]αρ 25
 ἔσχον] ἀμυνόμ[ενοι μὴ τιν' ἰδεῖν φανερ]ῶ[ς
 οὐδ' ἄρε]τῆς ἐλάθ[οντο, φάτις δ' ἔχε]ν οὐρανομ[ήκ]ης
 καὶ κλέος ἀ]νθρώπων [ἔσσετ]αι ἀθάνατο<ν>.
 οἳ μὲν ἄρ' Εὐ]ρώταν κα]ὶ Σπάρτη[ς ἄστ]υ λιπόντ[ε]ς
 ὄρμησαν] Ζηνὸς παισὶ σὺν ἵπποδάμοις 30
 Τυνδαρίδα]ισ ἦρωσι καὶ εὐρυβίηι Μενελάω[ι
 ἐσθλοὶ πατ]ρώης ἡγεμόνες π[ό]λεος,
 τοὺς δ' υἱὸς θεῖοιο Κλεο]μβ[ρ]ότου ἔξ[α]γ' ἄριστ[ος
]αγ. Παισανίης.
 Αἴψα δ' ἵκοντ' Ἴσθμὸ]ν καὶ ἐπικλέα ἔργα Κορίν[θ]ου 35
 νήσου τ' ἐσχατιήν] Τανταλίδεω Πέλοπος
 καὶ Μέγαρ' ἀρχαίην Ν]ίσου πόλιν, ἐνθά περ ὦ[λλοι
] φῦλα περικτιόνων
 - υυ θεῶν τεράε]σσι πεποιθότες, οἳ δὲ συν[
 ἵκον Ἑλευσῖνος γῆς ἐ]ρατὸν πεδίον 40
 Μηδεῖους γαίης Παν]δίωνος ἐξε[λάσα]ντες
 Ἰαμίδεω τέχναις μάν]τιος ἀντιθέου[
].ς δαμάσαντ[
].ι εἶδομεν[
 -ὠ]νυμον α.[45

Golpeou-te, e tu caíste qual um pinheiro
 ou pinho que nos estreitos vales da solitária montanha
 pelos lenhadores é cortada.
 Muitos dos heróis [
 Com efeito, grande sofrimento apoderou-se da tropa, em muitas coisas
 o veneraram, 5
 E te guardaram na mesma urna de Pátroclo.
 Não foi um efêmero mortal que te sobrepujou,
 Mas pela mão de Apolo golpeado, foste superado.
 Palas, estando próxima, a cidade de muita glória arrasou,
 acompanhada por Hera. Os filhos de Príamo sucumbiram 10
 por causa do maligno Alexandre, assim o infrator
 depois de um tempo, o carro da justiça divina apanhou.
 A sua pólis muito cantada destruíram e voltaram para casa
 os valorosos Dânaos, mais fortes dos heróis,

que são aspergidos por imortal glória por causa do homem 15
 que recebeu das Piérides de cachos de violeta toda a verdade, e nome
 reconhecido entre os jovens
 Fez o da estirpe dos semi-deuses de breve existência.
 Mas agora de ti me despeço, filho da célebre deusa,
 filha do marítimo Nereu; eu então 20
 invoco-te como minha aliada, Musa de muitos nomes,
 se realmente cantas sobre os homens que oram,
 prepare e com dulcífero arranjo cante
 para nós, a fim de que alguém no futuro se lembre daqueles
 homens, que o dia da escravidão de Esparta e Grécia 25
 impediram para que ninguém o veja novamente,
 não esquecendo da excelência, tendo a fama alçado os céus,
 a glória entre os mortais será imortal.
 Eles, que o Eurota e a cidade de Esparta deixaram,
 puseram-se ao ataque acompanhados dos domadores de cavalos filhos
 de Zeus, 30
 os heróis tindáridas, e de Menelau de ampla força,
 os melhores líderes da cidade pátria;
 conduziu-os, o melhor, filho do divino Cleômbroto,
 Pausânias.
 Rapidamente chegaram ao istmo e aos ínclitos campos de Corinto 35
 e no extremo da ilha do Tantálida Pélops
 e em Mégara, antiga cidade de Nisos, lá outras
 raças vizinhas
 ...dos deuses com sinais tendo persuadido, eles junto[
 chegaram na amável planície da terra de Elêusis 40
 expulsando os medos da terra de Pândion
 Iâmideo, nas artes de adivinhação par dos deuses
](?) sobrepuj[ou (?)
](?) tendo visto[
 -nome (?) [45

Fr. 13 W

.]θεα[
]ρεμ[
]πτο[
]ετερη[
]κουφ[5
 θ[]πτολε[μ--
 τα.[.]αρα[
 ὄφρ' ἀπὸ μὲν Μήδ[ων
 καὶ Περσῶν, Δώρου δ[ὲ
 παισὶ καὶ Ἡρακλέος [10
 οἷ] δ' ἐπεὶ ἐς πεδίον [
 εἰ]σωποὶ δ' ἔφ[α]νεν[
]ρεστε[.]οντ[

.](?)[
](?)[
](?)[
](?)[
](?)[5
 (?)[leal em b]atalha(?)--
 (?).[](?)[
 a fim de que os med[os todo o povo expulsando
 e os persas, e de Doro[
 e Héracles os filhos [10
 os] que depois na planície [
 vi]síveis se t[o]rnaram[
](?).[](?)[

Fr. 14 W

.].[] . . . [] . . . [
]αδον βαλλομε[ν
 προλ]έγω ποταμοῦ λα[οῖς ἐθέλουσιν
 ὅτι πέρην μά]ρραι πρώτα
 β[ι]η[σαμένοις
 δεινὸν ἄμαι]μάκετόν τε κακ[όν· μίμνουσι δ' ἔσεσθαι 5
 νίκην, ἧς μνή]μην ἤματα πάντ[α μενεῖν.
 Μήδους δ' ἐξ Ἴ]σί[η]ς ἐλά(σ)ει, νεύσαντο[ς Ἀθήνην
 ὄψε Διός, και]νην συμμα[χ]ίην τελέω[ν
 Ἄρης· εὐδά]φνωι γὰρ [ύ]π[ὸ κ]ρηπίδα τ[ανύσσει
 νήωι, ἄδην] επά[γων εὐπ]ορίην β[ιότου 10
 παρβασιῶ]ν δὲ [δίκη]ν λήψ[ει ποτὲ Φ[οῖβος Ἀπόλλων.
 τόσσα μὲν Ἴαμί]δες ματι]πόλω[ι στόματι
 Θεσπί]ζων προύφαινε.]ωστ[
]
]λων[15
]χεκ[
]ιν[
].[] . . . [] . . . [
](?) lançand[o
 dec]laro que em frente ao rio as tr[opas devem(?)
 quem no outro lado] primeiro ata[car (terá)
 um terrível e ines]capável ma[l, permanecendo onde está
 (obterá) 5
 a vitória, da qual a lem]brança por todos os di[as permanecerá.
 E os medos para fora da Á]si[a] expulsará, assentind[o Atenas
 e depois Zeus, uma no]va alia[n]ça estabelecend[o
 Ares. Pois, sobre a bem lau]reada base do templo [estendida,
 ecreto]tra]zendo abundantes me]ios de s[ubsistência 10

dos transgressore]s a justiça uma hora cobra F[ebo Apolo
 tamanhos feitos a pr]ofét[ica boca do Iâmida
 em vaticínio revelou](?)[
] [15
](?)[
 E]que[crátides(?]
](?)[

Fr. 15 W

Ἀλλὰ Κορινθίους γε καὶ τάξιν ἦν ἐμάχοντο τοῖς βαρβάροις, καὶ τέλος ἠλίκον ὑπῆρξεν αὐτοῖς
 ἀπὸ τοῦ Πλαταιᾶσιν ἀγῶνος ἕξεστι Σιμωνίδου πυθέσθαι γράφοντος ἐν τούτοις·
 μέσσοι δ' οἷ τ' Ἐφυραν πολυπίδακα ναιετάοντες,
 παντοίης ἀρετῆς ἴδριες ἐν πολέμῳ,
 οἷ τε πόλιν Γλαύκοιο, Κορίνθιον ἄστῳ, νέμονται

Mas a disciplina dos coríntios ao combater os bárbaros, e o quão grande foi a iniciativa deles no confronto de Plateias, é possível perceber pelo [roema] de Simônides escrito nos seguintes [versos]:

E no meio estavam os habitantes de Éfira de muitas fontes,
 experientes em todas as sortes de excelência em batalha.
 Os que a cidade de Glauco, a cidade coríntia, residem

Fr. 16 W

οἷ
 κάλλιστον μάρτυν ἔθεντο πόνων
 χρυσοῦ τιμήεντος ἐν αἰθέρ[ι· καὶ σφιν ἀέξει
 αὐτῶν τ' εὐρεῖαν κλ]ηδόν[α καὶ πατέρων
]πολυ[
 ταῦτα γὰρ οὐ χορὸν ἐν Κορίνθῳ διδάσκων οὐδ' ἄσμα ποιῶν εἰς τὴν
 πόλιν, ἄλλως δὲ τὰς πράξεις ἐκείνας ἐν ἐλεγείᾳ γράφων ἱστόρηκεν.

a ele

melhor testemunha foi dos labores,
 da áurea honra [que ascende] ao céu; e crescerá
 a sua vasta f]am[a e de seus pais
]muito[

Pois essas coisas [falou] não ensinando um coro em Corinto nem compondo um poema para a cidade, mas apenas escrevendo-as para narrar em elegias.

Fr. 17 W

Δημητ[
 χ[ρ]ῆμα δ[
 φῆ δὲ δυ[
 ἄγρετο σε[
 δηρὸν [5
 τοὺς α[

ρύσιον [
καὶ μ[
καὶ μ[
δα. . [10
θηευμη[
η[.]εου α[
ο[ὐ]κ ἴσχε[
ἀλλ' ετε[
ησπαι[15
φρικωθ[
σπευδον[
ἐν λεκτ[
ξείνου δ[
ἐρχομε[20
φηδε.[
χρ[
.]. φ [
αλλ[
Demét[er(ou o Santuário de Deméter)	
c[o]isa[
e disse[
te torne selvagem(?) [
longo (tempo?) [5
os[
compensação [
e e[les(?)	
e[
(?). . [10
contem[plaram(?)	
(?)[.](?) [
n[ã]o man[tém(?)	
mas (?) [
arfa[va(?)	15
aterro[rizados(?)	
apressan[do(?)	
(?) [
do estrangeiro [
vie[ram(?)	20
(?). [
co[isa(?)	
.]. (?) [
ma[s	

Fragments incertos ou simposiais

Fr. 18 W

.]ει[
.] ἐπιδ[

.]ντισ[
.	.]μαχη[
.]λων καλο[5
.	.] οὐδεμε[
.]. ἐκυδα[ιν	
.](?)[
.	.] esperan[ça	
.	.](?)[
.	.]bata[lha(?)	
.](?)[5
.	.] nen[hum(?)	
.]. respei[tado(??)	

Fr. 19 W

Ἐν δὲ τὸ κάλλιστον Χῖος ἔειπεν ἀνὴρ·
οἷη περ φύλλων γενεή, τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.
παῦροι μὴν θνητῶν οὐασι δεξάμενοι
στέρνοις ἐγκατέθεντο· πάρεστι γὰρ ἐλπίς ἐκάστω,
ἀνδρῶν ἢ τε νέων στήθεσιν ἐμφύεται.

Uma coisa, a melhor disse o homem de Quios:
"As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores".
Poucos dos mortais lhe dão ouvidos
e a guardam em seus corações, pois há uma esperança
que cresce no coração de cada homem quando jovem.

Fr. 20 W

.]ειθο[
.]ντ[. . .].[
.		.τυτ]θὸν ἐπὶ χρό[νον	
.	]ρλ[. . . .]ω παρμενο[
.		θνητῶ]ν δ' ὄ[φρα τις] ἄνθος ἔχει[ι πολυέρατον ἤβης,	5
.		κοῦφο]ν ἔχω[ν θυμ]ὸν πόλλ' ἀτέλεσ[τα νοεῖ·	
.		οὔ]τε γὰρ ἐλπ[ίδ' ἔχ]ει γηρασέμεν [οὔτε τανεῖσθαι,	
.		οὐδ' ὑγιᾶς ὄτα[ν ἦι, φ]ροντίδ' ἔχει κ[αμάτου.	
.		νή]πιοι, οἷς ταύ[τη] κείται νόος, ο[ὐδὲ ἴσασιν	
.		ὡς χρό]νος ἔ[σθ' ἤβη]ς καὶ βιότοι' ὀλ[ίγος	10
.		θνη]τοῖς. ἀλλὰ [σὺ] ταῦτα μαθὼν [βιότου ποτὶ τέρμα	
.		ψυχῆ]ι τῶν] ἀγαθῶν τλῆθι χα[ριζόμενος	
.		- υυ -]φράζω δὲ παλα[
.		- υυ -] γλώσσης ἔκφθυ' Ὀμηρ[
.	(.)πα.δαμα[15
.	(.)ω ψυδρῆ]ς ε[
.	(.)] ἐν θαλίη]σι[
.		. . .]ι εὔστρέπ]των [
.	]ων ἔνθα καὶ [
.]. .[20

.](?)[
 .](?)[. . .].[
 .por pou]co tem[po
](?)[. . . .](?) perma[necendo(?)
 enquanto os mortais possuem a amada flor da juventude, 5
 leve têm o coração e muitas coisas intermináveis planejam,
 pois não esperam envelhecer, nem morrer,
 nem quando saudáveis se preocupam com a doença.
 Néscios são os que pensam assim! Não sabem
 que o tempo da juventude e da vida é breve 10
 aos mortais. Mas [tu], aprendendo isso [ao final da vida,
 resiste, e com coisas boas apraz a tua alma.
]demonstrou o anti[go(?)
] de sua língua escapou Homer[o
 (.)]onipoten[te(?)] 15
 (.)] da mentira (?)[
 (.)] em festividades[
 . . .](?) bem trançadas [
](?) aqui e [
] . . [20

Fr. 21 W

].οὐδ' ὑπερ[
]. .[. . .]μενος
 ο]ὐ δύναμαι, ψυχ[ή,] πεφυλαγμένος ε[ἶ]ναι ὀπηδός·
 χρυσῶπιν δὲ Δίκ[ην ἄ]ζομαι ἀχνύμενος,
 ἐ]ξ οὗ τὰ πρώτιστα νεο[τρεφέ]ων ἀπὸ μηρῶ[ν 5
 ἡ]μετέρης εἶδον τέρμ[ατα πα]ιδεῖης,
 κ]υά[ν]εον δ' ἐλεφαντίνεόν [τ' ἀνεμί]σγετο φέ[γγος,
 — υ] δ' ἐκ νιφάδων [— υ] — υ] ἰ]δεῖν.
 ἀλλ' αἰδ]ῶς ἦρυκε, νέου δ.[. .]ι[] ὕβριν
 .] ἐπέβη[] νοι· 10
 .] οφύλλοις
 . ←? ἀκροπόλοισ]
 .] ιηι
].não por[
]. .[. . .](?)
 n]ão posso, ó alm[a,] s[e]r teu dedicado assistente,
 a Justiça de áureo ze[lo ad]miro lamentando,
 d]esde que pela primeira vez de nossas [ten]ras 5
 c]oxas vi o fin[al da ju]ventude,
 n]eg[r]o com marfínea [luz] mistur[ado,
 — υ] das neves [— υ] — υ] v]er.
 Mas a verg]onha me restringiu, do jovem (?).[. .]]
 transgressão
 .] chegou[](?) 10
 .](?)
 . ←? Elevadas (montanhas?)]

Fr. 22 W

.](?)	
.].οιο θαλάσσης	
.	.].ουσα πόρον·	
]μενος ἔνθα περانا[
	[]	
.]οιμι κελευθο[5
.	.]ν κόσμ[ο]ν ἰο[στ]εφάνων	
.	.] ἔδος πολύδενδρον ἰκο[
.	ε.[. . . .]	εὐαγ[έ]α νῆσον, ἄγαλμα .[
	κα[ἰ κεν] Ἐχεκ[ρατί]δην ξανθότρ[ιχα		
	ο.[.]·ν	χεῖρα λάβοι.[10
	ὄφρα νέο[ν] χ[αρίε]ντος ἀπὸ χροὸς ἄν[θ]ος		
	λείβοι δ' ἐκ βλ[εφάρ]ων ἱμερόεντα [πόθον		
	καί κεν ἐγ[ώ(ν)] .δος ἐν ἄνθε[σι(ν)]		
	κεκλιμένος λευκ[.]. .	φαρκίδας ἐκ.[
	χαίτη[ισι]ν χαρίε[ντ]α νεοβλαστ[15
	[.]	εὐάνθεα πλε[
	μο[.] δ' ἱμερόεντα λιγὺν .[
	ἄρτι[επέα] νωμῶν γλῶσσαν α[
	[]	
	τῶνδε.[20
	εὐκομπ[
.		undís]sono mar	
.	.].(?) caminho·	
](?) lá termi[nar(?)	
	[]	
.		termin]ando o cami[nho	5
.](?) arran[j]o de coroas	
	viol[ác]eas		
.] ao assento de densa mata	
	ve[io(?)]/ ou vieram (?)		
.	(?).[. . . .]	radi[a]nte ilha, glória .[
	e[quiçá] Equec[ráti]des de dourados ca[chos		
	(?).[.]·(?)	mão tomarei.[10
	A fim de que, da graciosa flor da jovem pele,		
	flua em suas pálpebras o amável [desejo		
	E que e[u]·(?) em flo[res		
	reclinando branc[o(?)]. .	rugas da.[
	nos cabe[lo]s gracio[sa](guirlanda?) de flores fres[cas(?)]		15
	[.]	florescente (?) [
	(?)[.]	(?) amável e límpida voz .[
	Com eloqu[ente] língua guiando[
	[]	
	Desses.[20
	(?)[

ARQUÍLOCO DE PAROS

Fr. 17a Swift

.....
]....[
] [εἰ δὲ] . [. . . .] . [.] . . θεοῦ κρατερῆ[ς ὑπ' ἀνάγκης
 οὐ χρῆ ἀν[α]λ[κείη]ν και κακότητα λέγει[ν·
 π]ήμ[α]τ' εὖ [εἴμ]εθα δ[ῆ]ια φυγεῖν· φεύγ[ειν] δὲ τις ὄρη·
 καί ποτ[ε μ]οῦνος ἐὼν Τήλεφος Ἄρκα[σίδης] 5
 Ἄργείων ἐφόβησε πολὺν στρατ[όν,] οἱ δὲ φέβοντο
 ἄλκιμ[οι,] ἦ τόσα δὴ μοῖρα θεῶν ἐφόβει,
 αἰχμηταί περ ἐόντε[ς.] εὐρρείτης δὲ Κ[άϊκος
 π]ιπτόντων νεκύων στείνεται και [πεδίων
 Μύσιον, οἱ δ' ἐπὶ θῖνα πολυφλοισβοῖ[ο θαλάσσης] 10
 χέρσ' ὑπ' ἀμειλίκτου φωτὸς ἐναιρό[μενοι
 προ]τροπάδην ἀπέκλινον εὐκνήμ[ιδες Ἀχαιοί·
 ἀ]σπάσιοι δ' ἐς νέας ὠ[κ]υπόρ[ο]υς [ἐσέβαν
 παῖδες τ' ἀθανάτων και ἀδελφεοί, [οὓς Ἀγαμέμνων
 Ἴλιον εἰς ἱερὴν ἦγε μαχησομένο[υς]· 15
 οἱ δὲ τότε βλαφθέντες ὁδοῦ παρὰ θ[ῖν] ἀφίκοντο·
 Τε]ύθραντος δ' ἐρατὴν πρὸς πόλιν [ἐ]ξ[έ]πεσον·
 ἔ]νθα [μ]ένος πνεῖοντες ὁμως αὐτο[ί] τε και ἵπποι
 ἀ]φρ[αδί]ηι μεγάλως θυμὸν ἀκηχέ[δατο·
 φ]άντο γὰρ ὑψίπυλον Τρώων πόλιν εἰσ[ἀναβαίνειν] 20
 αἶ]ψα· μ[ά]την δ' ἐπάτεον Μυσίδα πυροφόρο[ν].
 Ηρακλ]ῆς δ' ἦντησ[ε] βοῶν ταλ[α]κάρδιον [υἰόν, ἦ
 οὔ]ρον ἀμ[εῖ]λικ[τον] δηῖωι ἐν [πολ]έμ[ωι
 Τ]ήλεφον ὃς Δαναοῖσι κακὴν [τ]ό[τε] φύζαν ἐνόρσας
 ἦ]ρειδε [πρό]μαχος, πατρὶ χαριζόμε[νος] 25
 . . .] [.] [. . .] . [.] . . [.] . . [. . .] . . . [.] . θα . [.]

Se ... sob forte compulsão do deus

Não se deve falar em fraqueza ou covardia:

corretamente nos apressamos para fugir do sofrimento hostil. Há uma hora para fugir.

Uma vez sozinho, até mesmo Téleto Arcáside 5

afugentou o grande exército dos argivos, e eles se puseram em fuga, os valentes, tanto o destino dos deuses os afugentava, embora fossem lanceiros. O rio Caico de belo fluir atulhou-se com os corpos que sucumbiam, e também a planície mísica. Eles que na margem do mar undíssono 10 pelas mãos do inexorável mortal foram mortos, os aqueus de belas grevas, dispararam em retirada, de bom grado embarcando nos navios singrantes, filhos e irmãos dos imortais que Agamêmnon

levava à sacra Ílion para lutar. 15
 Eles, então, desviados do caminho, chegaram à praia
 e arremeteram contra a amável cidade de Teutras.
 Ali, sorvendo furor, tanto eles quanto os corcéis,
 por sua estultícia muito no espírito lamentaram;
 Pois pensavam adentrar Troia de altos portões 20
 rapidamente; em vão pisavam na Mísia dadora de trigo.
 Hércules vem de encontro a eles, clamando pelo filho de coração
 indômito,
 guardião inexorável na batalha hostil,
 Télefo, que incitou os Dânaos à fuga má,
 e lutava na frente, agradando o pai. 25

Fr. 17b Swift

.]έξοκ[
.] . ει	
.]γε σκέπαρ[νον	
.]πατήρ	
.]ομενους . . . [5
.] . ἀρετῆι	
.]κ[α]κότητος	
.]	
.]. . .	
.]	. [10
[]ου	. [
 [
] . [
	
.]ενcal[har	
.] . (?)	
.](?) εν[χό	
.]pai	
.](?) . . . [5
.] . excelência	
.]da c[o]vardia	
.]	
.]. . .	
.]	. [10
[](?)	. [
 [
] . [
	

Fr. 17c Swift

έννοσι]γαίου []
] . . μεν ὄρφνη[ι]
]εῖν

]

]

]α .[

] .[

] .[

Do treme-]terra []

] . . para a escuridã[o]

](?)

]

]

] (?) .[

] .[

] .[

Fr. 17d Swift

] . ης

] . []

]ν ὄφρ' ἔτι πασα[

] . [

] . . [5

] . (?)

] . []

](?) de modo que ainda todo[s]

] . [

] . . [5

Fr. 17f Swift

] . [

] . . . ο[

]ην . . . [

] . κτε[

] . . . ρεα[5

]ε . . . [] ε[

] . ιδα . . [

]πρωτ . . [

ὀ]στέα λε[υκὰ

] . 'σ'σιδε . . [10

] . . . []χηκ[

] . ε . . [

] [

] . [.] . [

] . [

] . . . (?) [

](?) . . . [

]. ma[ta(?)
]. . . (?) [5
](?) . . . [] (?) [
] . (?) . . . [
]primeiro(?) . . . [
 o]ssos b[rancos
].metal(?) . . . [10
 .] . . . [] (?) [
] . (?) . . . [
] [
] . [.] . [

Fr. 17i Swift

.]νοσ[
 .]λος ατε[
 .].η πολυω[νυμ-
 .]μιν πῆμ' ἐφύτ[ευσε βροτοῖς
 . ο]ὐκ ἂν ἔγωγε μ[5
 .]των φάσγανον[
 .]ην μοι κεχαρισμ[έν-
 .]νην Θεσσαλ[
 .]στος Ἀθηναίησ[
 .]ν δῶρον ἐπιστ[αμεν- 10
 . ἀ]λκὴν ἐρρύσατο .[
 .]δακρυόεντα β[έλεα
 .]η πυρὶ μὲν πολυ[
 .]γος λάμπετο και[ομεν-
 .](?) [
 .](?) [
 .].(?) muitos n[omes
 .](?) calamidades eng[endrou aos mortais
 . n]ão faria(?) eu[5
 .](?) espada[
 .](?) a mim agraci[an-
 .](?) Tessál[ia
 .](?) Atenienses[
 .](?) regalos conhec[en- 10
 . c]oragem defendeu .[
 .]lacrimosos d[ardos
 .](?) fogo e muito[
 .](?) flamejou que[imando(?)

Fr. 17j Swift

.]ην τετράφαλον[
 .]τοῖσιν ἔβη ταχύ[
 .]έν γὰρ τοῦτ' ἔπος α[

.]	ισιν ἕνα πρόμον[
.	.].ας ἀσπίδας ἀντ[5
.	.]. τείνησι Καρύς[τι-	
.	.]ον χῶρον Ἐρετρ[ιέων	
.	.]ν ἔργον ἐμήσατ[ο	
.	.]πάλων βουσὶν ἐσ[
.	.]ης ἐς ἀνάκτορ[ον	10
.	.]δυσμενέων ἐ[
.	.]οῦσα μένει δ' [
.	.]ωνδ' εἶπε τάδ[
.	.	ἐ]νοπήν θωρή[
.	.]ν ἄνδρα Διὶ ξυ[ν	15
.	.]σ ἐχέτω δόμο[
.	.]άνερα· τῶσφ.[
.	.]λος ἔβη[
.	.]τως ἔφε[
.	.]άδων.[20
.	.]ης ἀντ[
.	.]εμουτ[
.	.]άληι σὺν[
.	.]έπαυσε[
.	.]λης αἰτ[25
.	.](?) quadricórnio[
.	.]a eles foi rapidamente[
.	.]pois nisso a palavra[
.	.](?) um dos que luta na dianteira[
.	.].(?) escudos con[tra(?)	5
.	.]. estendendo Caris[to (<i>ou</i> carístios)	
.	.](?) a terra dos erétr[ios	
.	.](?) o trabalho concebera[m	
.	.](?) aos touros (?)[
.	.](?) ao palác[io	10
.	.]dos inimigos (?)[
.	.](?) espera (?)[
.	.](?) disse essas[coisas(?)	
.	.	g]rito (?)[
.	.](?) homem junto de Zeu[s	15
.	.](?) para que tenha (?)[
.	.]homem (?)[
.	.](?) foi[
.	.](?) [
.	.](?) [20
.	.](?) [
.	.](?) [
.	.]parou[
.	.](?) [25

MIMNERMO

Esmirneida

Fr. 9 Allen

Αἶψα δ' ἔπειτα Πύλου Νηλήιον ἄστυ λιπόντες
 ἱμερτήν Ἀσίην νηυσὶν ἀφικόμεθα,
 ἐς δ' ἑρατὴν Κολοφῶνα βίην ὑπέροπλον ἔχοντες
 ἐζόμεθ', ἀργαλέης ὕβριος ἡγεμόνες·
 κεῖθεν δ' Ἀλήεντος ἀπορνύμενοι ποταμοῖο
 θεῶν βουλῆι Σμύρνην εἶλομεν Αἰολίδα.

Logo após deixarem a cidade neleida de Pilos
 à desejada Ásia em navios chegaram
 na amada Cólofon, força esmagadora possuindo,
 assentamo-nos, instigadores de dolorosa transgressão;
 e a partir do rio Ales investindo
 com o conselho dos deuses tomamos a eólida Esmirna.

Fr. 13 Allen

Μίμνερμ[ος] δ' [ἐν] τῆι Σμυρν[η] {ι} δι·
 ὡς οἱ πᾶρ βασιλῆος, ἐπε[ί ρ'] ἐ[ν]έδεξατο μῦθον,
 ἦ[ἰξ]αν κοίλη[ς ἀ]σπίσι φραζάμενοι.

e Mímnemo na *Esmirneida*:
 Assim os de junto de rei, quando dera a ordem,
 investiram cingindo-se com os côncavos escudos.

Fr. 14 Allen

Pausânias 9.29.4 Μίμνερμος δέ, ἐλεγεία ἐς τὴν μάχην ποιήσας τὴν Σμυρναίων πρὸς Γύγην τε καὶ Λυδούς, φησὶν ἐν τῷ προοιμίῳ θυγατέρας Οὐρανοῦ τὰς ἀρχαιοτέρας Μούσας, τούτων δὲ ἄλλας νεωτέρας εἶναι Διὸς παῖδας.

Com. in Alcman P. Oxy. 2390 F 2 ii 29 (PMG 5 fr. 2) Γῆς [μὲν] Μούσα[ς θυγατέρας ὡς Μίμνερμ[ος] .]τασ ἐγε|[νεαλόγησε.

C. Schol. Pind. Nem. 3.16b ὁ μὲν Ἀρίσταρχος Οὐρανοῦ θυγατέρα τὴν Μοῦσαν δέδεκται, καθάπερ Μίμνερμος (fr. 13) καὶ Ἄλκμαν (fr. 119) ἱστοροῦσιν

Pausânias 9.29.4 Mímnemo, na elegia sobre a guerra travada pelos esmirnenses contra Gíges e os lídios, diz no próemio que as filhas de Urano são as musas mais antigas, e as outras, mais jovens, são filhas de Zeus.

Comm. in Alcman P. Oxy. 2390 F 2 ii 29 (PMG 5 fr. 2) filhas de Gaia, por um lado, assim Mímnemo dá a sua genealogia

C. Schol. Pind. Nem. 3.16b Aristarco toma a musa como filha de Urano, do mesmo modo que Mímnemo (fr. 13) e Ἄλκμαν (fr. 119) observam.

Fr. 15 Allen

οὐ μὲν δὴ κείνου γε μένος καὶ ἀγήνορα θυμὸν
 τοῖον ἐμ<έο> προτέρων πεύθομαι, οἷ μιν ἴδον
 Λυδῶν ἵππομάχων πυκινὰς κλονέοντα φάλαγγας
 Ἔρμιον ἄμ πεδίον, φῶτα φερεμμελίην·
 τοῦ μὲν ἄρ' οὐ ποτε πάμπαν ἐμέμψατο Παλλὰς Ἀθήνη
 δριμύ μένος κραδίης, εὖθ' ὃ γ' ἀνὰ προμάχους
 σεύαιθ' αἱματόεν<τος ἐν> ὑσμίνῃ πολέμοιο,
 πικρὰ βιαζόμενος δυσμενέων βέλεα·
 οὐ γάρ τις κείνου δηίων ἔτ' ἀμεινότερος φῶς
 ἔσκεν ἐποίχεσθαι φυλόπιδος κρατερῆς
 ἔργον, ὅτ' ἀνγῆισιν φέρετ' ὠκέος ἠελίοιο

Não como a força e o intrépido espírito daquele,
 tal qual aprendi de meus ancestrais, que o viram
 as cerradas falanges de cavaleiros lídios romper
 na planície do Hermo, homem lanceiro.
 Dele jamais de modo algum censurou Palas Atena
 a pungente força do peito, quando na frente
 investia para a luta da sangrenta guerra,
 compelido pelos afiados dardos dos inimigos.
 Nenhum contendor era melhor mortal do que ele
 no trabalho de atacar no forte clangor da
 batalha, quando se lançava aos raios do rápido sol.

CALINO DE ÉFESO

Fr. 1 W

μέχρις τ<έο> κατάκεισθε; κότ' ἄλκιμον ἔξετε θυμὸν,
 ὃ νέοι; οὐδ' αἰδεῖσθ' ἀμφιπερικτίονας
 ὧδε λίην μεθιέντες; ἐν εἰρήνῃ δὲ δοκεῖτε
 ἦσθαι, ἀτὰρ πόλεμος γαῖαν ἅπασαν ἔχει

.....

καὶ τις ἀποθνήσκων ὕστατ' ἀκοντισάτω.
 τιμῆν τε γάρ ἐστι καὶ ἀγλαὸν ἀνδρὶ μάχεσθαι
 γῆς πέρι καὶ παίδων κουριδίης τ' ἀλόχου
 δυσμενέσιν· θάνατος δὲ τότ' ἔσσεται, ὅπότε κεν δὴ
 Μοῖραι ἐπικλώσωσ'. ἀλλὰ τις ἰθὺς ἴτω
 ἔγχος ἀνασχόμενος καὶ ὑπ' ἀσπίδος ἄλκιμον ἦτορ
 ἔλσας, τὸ πρῶτον μειγνυμένου πολέμου.
 οὐ γάρ κως θανάτὸν γε φυγεῖν εἰμαρμένον ἐστὶν
 ἄνδρ', οὐδ' εἰ προγόνων ἦι γένος ἀθανάτων.
 πολλάκι δηϊότητα φυγῶν καὶ δοῦπον ἀκόντων
 ἔρχεται, ἐν δ' οἴκῳ μοῖρα κίχεν θανάτου,
 ἀλλ' ὁ μὲν οὐκ ἔμψης δήμῳ φίλος οὐδὲ ποθεινός·
 τὸν δ' ὀλίγος στενάχει καὶ μέγας ἦν τι πάθῃ·
 λαῶι γὰρ σύμπαντι πόθος κρατερόφρονος ἀνδρὸς
 θνήσκοντος, ζῶων δ' ἄξιος ἡμιθέων·

ὥσπερ γάρ μιν πύργον ἐν ὀφθαλμοῖσιν ὀρῶσιν·
ἔρδει γὰρ πολλῶν ἄξια μούνοσ ἐών.

Até quando ficareis reclinados? Quando tereis ânimo bravo,
ó jovens? Não vos envergonhais dos vizinhos
estando assim tão folgados? Em paz pareceis estar,
mas a guerra toma a terra toda

.....

que mesmo alguém à beira da morte lance seu último dardo.

Pois é uma esplêndida honra ao homem lutar
pela terra, pelos filhos e pela esposa legítima
contra inimigos. A morte apenas ocorrerá, quando assim
as Moiras fiarem. Mas, que de imediato se lance,
lança brandindo e, embaixo do escudo, indômito coração
encobrendo ao começo do misturar da guerra.

Pois não há como fugir da morte decretada
ao homem, nem mesmo se é da progênie dos imortais.

Muitas vezes, [um homem] fugindo da pugna e do ruído dos dardos
regressa, mas em casa o atinge a moira da morte;
de modo algum, o amam ou sentem falta o povo.

O outro, porém, por pequenos e grandes é lamentado se algo sofre.

Pois o povo todo tem saudade do homem destemido
que morre, o qual vivente é par dos deuses.

Em seus olhos o veem como uma torre,
pois vale por muitos, sendo apenas um só.

Fr. 3 W

καὶ τὸ παλαιὸν δὲ συνέβη τοῖς Μάγνησιν ὑπὸ Τρηρῶν ἄρδην ἀναιρεθῆναι, Κιμμερικοῦ ἔθνους, εὐτυχήσαντας πολὺν χρόνον, τὸ δ' ἐξῆς τοὺς Ἐφεσίους κατασχεῖν τὸν τόπον. Καλλῖνος μὲν οὖν ὡς εὐτυχοῦντων ἔτι τῶν Μαγνήτων μέμνηται καὶ κατορθούντων ἐν τῷ πρὸς τοὺς Ἐφεσίους πολέμῳ, Ἀρχίλοχος δὲ ἤδη φαίνεται γνωρίζων τὴν γενομένην αὐτοῖς συμφορὰν “κλαίει * θάσων οὗ τὰ Μαγνήτων κακά.” ἐξ οὗ καὶ [αὐ]τὸν νεώτερον εἶναι τοῦ Καλλίνου τεκμαίρεσθαι πάρεστιν.

E na antiguidade ocorreu que os magnésios foram completamente destruídos pelos treres, uma tribo ciméria, após terem prosperado por bastante tempo; em seguida, o local foi ocupado pelos efésios⁴²⁸. Calino lembra dos magnésios ainda como prósperos e bem-sucedidos na guerra contra os efésios. Arquíloco, porém, já parece conhecer a desdita que lhes ocorreu: “lamento os males dos tásios e não dos magnésios”⁴²⁹. Por causa disso, pode-se inferir que ele é mais novo que Calino.

Fr. 5 W

ἄλλης δὲ τινος ἐφόδου τῶν Κιμμερίων μέμνηται πρεσβυτέρας ὁ
Καλλῖνος ἐπὰν φῆ

⁴²⁸ Para Gerber (1999, p. 14-15), lê-se aqui “milésios”, de modo que seriam os milésios que ocuparam o local antes habitado pelos magnésios.

⁴²⁹ Arquíloco fr. 20 W

“νῦν δ' ἐπὶ Κιμμερίων στρατὸς ἔρχεται ὀβριμοεργῶν,”
ἐν ἧ τὴν Σάρδεων ἄλωσιν δηλοῖ.

De outra antiga investida dos cimérios lembra Calino quando diz:
“Agora avança o exército dos cimérios devastadores”
no qual esclarece a captura de Sardes.

Fr. 5b W

Φησὶ δὲ Καλλισθένης ἀλῶναι τὰς Σάρδεις ὑπὸ Κιμμερίων πρῶτον, εἴθ' ὑπὸ Τρηρῶν καὶ Λυκίων, ὅπερ καὶ Καλλῖνον δηλοῦν τὸν τῆς ἐλεγείας ποιητὴν, ὕστατα δὲ τὴν ἐπὶ Κύρου καὶ Κροίσου γενέσθαι ἄλωσιν. λέγοντος δὲ τοῦ Καλλίνου τὴν ἔφοδον τῶν Κιμμερίων ἐπὶ τοὺς Ἑσσιονῆας γεγονέναι καθ' ἣν αἱ Σάρδεις ἐάλωσαν, εικάζουσιν οἱ περὶ τὸν Σκήψιον ἰαστὶ λέγεσθαι Ἑσιονεῖς τοὺς Ἀσιονεῖς· “τάχα γὰρ ἡ Μηρονία” φησὶν “Ἀσία ἐλέγετο”.

Diz Calístenes que Sardes foi capturada primeiro pelos cimérios, depois pelos treres e lícios, como demonstra o poeta elegíaco Calino, e depois ainda por Ciro e Creso. Tendo tratado Calino da investida dos cimérios contra os esíonas*, na qual Sardes foi capturada, inferem os discípulos de Escépsio que Esíonas* em jônico quer dizer asíonas*, pois ele diz: “pois talvez a Meônia foi chamada de Asia”.

Fr. 6 W

ἐποιήθη δὲ ἐς τὸν πόλεμον τοῦτον καὶ ἔπη Θηβαῖς· τὰ δὲ ἔπη ταῦτα Καλλῖνος ἀφικόμενος αὐτῶν ἐς μνήμην ἔφησεν Ὅμηρον τὸν ποιήσαντα εἶναι, Καλλίνῳ δὲ πολλοὶ τε καὶ ἄξιοι λόγου κατὰ ταῦτα ἔγνωσαν

E sobre essa guerra trata o épico *Tebaida*. Desses versos, Calino, quando chega à ocasião de mencioná-los, diz ser Homero o autor, e muitos peritos concordaram com a palavra de Calino.

Fr. 7 W

συνοικειοῦσι δὲ καὶ τὴν ἱστορίαν εἶτε μῦθον τούτῳ τῷ τόπῳ τὴν περὶ τῶν μυῶν. τοῖς γὰρ ἐκ τῆς Κρήτης ἀφιγμένοις Τεύκροις (οὓς πρῶτος παρέδωκε Καλλῖνος ὁ τῆς ἐλεγείας ποιητής, ἠκολούθησαν δὲ πολλοὶ) χρησμὸς ἦν, αὐτόθι ποιήσασθαι τὴν μονὴν ὅπου ἂν οἱ γηγενεῖς αὐτοῖς ἐπιθῶνται· συμβῆναι δὲ τοῦτ' αὐτοῖς φασὶ περὶ Ἀμαξιτόν· νύκτωρ γὰρ πολὺ πλῆθος ἀρουραίων μυῶν ἐξανθῆσαν διαφαγεῖν ὅσα σκύτινα τῶν τε ὀπλων καὶ τῶν χρηστηρίων· τοὺς δὲ αὐτόθι μεῖναι· τούτους δὲ καὶ τὴν Ἰδην ἀπὸ τῆς ἐν Κρήτη προσονομάσαι.

Tanto a história quanto o mito relacionam esse lugar aos ratos, pois os teucros que vieram de Creta (a respeito dos quais primeiro transmitiu Calino, o poeta elegíaco, o qual foi seguido por muitos) receberam um oráculo de que deveriam fazer sua morada onde os “nascidos da terra” os atacassem. Dizem que isso ocorreu perto de Hamáxito. De noite, uma grande multidão de ratos do campo emergiu e comeu todo o couro das armas e dos utensílios, e, nesse lugar, eles [os teucros] permaneceram. Eles também nomeram o [monte] Ida a partir do [monte] Ida em Creta.

TIRTEU DE ESPARTA

Fr. 1 W

ἔτι ὅταν οἱ μὲν ἀπορῶσι λίαν, οἱ δ' εὐπορῶσιν (γίνονται αἱ στάσεις). καὶ μάλιστα ἐν τοῖς πολέμοις τοῦτο γίνεται· συνέβη δὲ καὶ τοῦτο ἐν Λακεδαίμονι, ὑπὸ τὸν Μεσσηνιακὸν πόλεμον· δῆλον δὲ [καὶ τοῦτο] ἐκ τῆς Τυρταίου ποιήσεως τῆς καλουμένης Εὐνομίας· θλιβόμενοι γάρ τινες διὰ τὸν πόλεμον ἠξίουσαν ἀνάδαστον ποιεῖν τὴν χώραν.>

Ainda quando alguns empobrecem em demasia, enquanto outros enriquecem (acontecem as guerras cívicas); e especialmente nas guerras isso acontece. Isso ocorreu também na Lacedemônia, durante a Guerra da Messênia, o que é evidente pelo poema de Tirteu chamado *Eunomia*, pois alguns oprimidos pela guerra queriam fazer uma redistribuição da terra.

Fr. 2 W

]...υι..[
]..ε θεοπρο[π
]..φ..ενακ[
]..μαντειασαν[
]τειδεταθη.[(5)
]πάντ' εἶδεν.[
 ἄ]γδρας ἀνιστ[αμεν
]ι[.]ηγαλα[
]..[...θ]εοῖσι φί[λ
]ω πειθώμεθα κ[(10)
]αν ἐγγύτεροι γέν[εος·
 αὐτὸς γὰρ Κρονίων, καλλιστεφάνου πόσις ἼΗρης
 Ζεὺς Ἡρακλείδαις ἄστῳ δέδωκε τόδε,
 οἷσιν ἄμα προλιπόντες Ἐρινεὸν ἠνεμόεντα
 εὐρεῖαν Πέλοπος νῆσον ἀφικόμεθα (15)
 []γλαυκώπ[ι]δος[

] ...(?)..[
].. profe[cia(?]
].. (?) [
]..oráculos[(5)
] (?) [
] tudo vendo[
 h]omens levant[aram-se
] (?) [
]..[...]dos deuses ami[go
] obedecemos [(10)
] os povos próximos[
 pois o próprio Cronida, esposo de Hera de bela coroa,
 Zeus, aos Heraclidas deu esta cidade,
 os quais deixaram a ventosa Eríneo
 e à vasta ilha de Pélops chegaram (15)
 []de olhos glaucos[

Fr. 4 W

Φοίβου ἀκούσαντες Πυθωνόθεν οἴκαδ' ἔνεικαν
 μαντείας τε θεοῦ καὶ τελέεντ' ἔπεα·
 ἄρχειν μὲν βουλῆς θεοτιμήτους βασιλῆας,
 οἷσι μέλει Σπάρτης ἡμερόεσσα πόλις,
 πρεσβυγεν<έα>ς τε γέροντας· ἔπειτα δὲ δημότας ἄνδρας (5)
 εὐθείαις ῥήτραις ἀνταπαμειβομένους.

De Febo Pítio ouvindo, para casa trouxeram
 os oráculos do deus e as perfeitas palavras:
 governar o conselho cabe aos reis honrados pelos deuses,
 aos quais cabe cuidar da amável cidade de Esparta,
 e aos veneráveis anciãos. Em seguidas aos homens do povo (5)
 respondendo em turno às retas leis [*rhetras*].

Fr. 5 W

ἡμετέρω βασιλῆϊ, θεοῖσι φίλω Θεοπόμπω,
 ὄν δια Μεσσήνην εἴλομεν εὐρύχορον,
 Μεσσήνην ἀγαθὸν μὲν ἀροῦν, ἀγαθὸν δὲ φυτεύειν·
 ἀμφ' αὐτὴν δ' ἐμάχοντ' ἑννέα καὶ δέκ' ἔτη
 νωλεμέως αἰεὶ ταλασίφρονα θυμὸν ἔχοντες (5)
 αἰχμηταὶ πατέρων ἡμετέρων πατέρες·
 εἰκοστῶι δ' οἱ μὲν κατὰ πίονα ἔργα λιπόντες
 φεῦγον Ἴθωμαίων ἐκ μεγάλων ὀρέων.

Ao nosso rei, amigo dos deuses Teopompo,
 que tomou a vasta Messênia,
 Messênia boa para arar, boa para colher,
 pela qual lutaram por dezenove anos,
 sempre com coração implacável e paciente, (5)
 os lanceiros pais de nossos pais.
 No vigésimo ano, eles deixaram os férteis campos,
 partindo para o grande monte Itomeu.

Fr. 6 W

ὥσπερ ὄνοι μεγάλοις ἄχθεσι τειρόμενοι,
 δεσποσύνοισι φέροντες ἀναγκαίης ὑπο λυγρῆς
 ἥμισυ πάνθ' ὅσων καρπὸν ἄρουρα φέρει.

Como asnos por enormes fardos oprimidos,
 aos senhores levam, forçados pela desgraça,
 metade de tudo quanto a terra produz

Fr. 7 W

δεσπότης οἰμώζοντες, ὁμῶς ἄλογοί τε καὶ αὐτοί,
 εὐτέ τιν' οὐλομένη μοῖρα κίχοι θανάτου.

os senhores lamentando, tanto eles quanto as esposas,
sempre que a infeliz moira da morte abate algum deles.

Fr. 18 W

[α]γαλλομένη
[]α και κροκόεντα
desunt versus tres
[]πυ[.(.)].[.]ν
[]τερ]άεσσι Διός

[]e]xultante (feminino)
[] e cróceo
faltam três versos
[](?)[.(.)].[.](?)
[] aos] sinais de Zeus

Fr. 19 W

[].[.(.)].οσ[
· -τ]ῆράς τε λίθων κα[ι
·]ν ἔθνεσιν εἰδομ[ένους
· βρ]στολοιγὸς Ἄρης ακ[
·]ιθείη, τοὺς δ' ὑπερα[(5)
·].[.]ν εἰοκότες η[
.....]αι κοίλης ἀσπίσι φραξάμ[ενοι,
χωρὶς Πάμφυλοί τε καὶ Ὑλλεῖς ἠδ[ὲ Δυμᾶνες,
ἀνδροφόνους μελίας χερσὶν ἀν[ασχόμενοι.
....]δ' ἀθανάτοισι θεοῖς ἐπὶ πάντ[α τρέποντες (10)
....]ατερμ..ιη πεισόμεθ' ἠγεμ[ό
ἀλλ' εὐθύς σύμπαντες ἀλοιης<έο>[μεν
ἀ]νδράσιν αἰχμηταῖς ἐγγύθεν ἰς[τάμενοι.
δεινὸς δ' ἀμφοτέρων ἔσται κτύπος[
ἀσπίδας εὐκύκλους ἀσπίσι τυπτ[(15)
·]ήσουσιν ἐπ' ἀλλήλοισι π[ερόντες·
θώρηκε]σ δ' ἀνδρῶν στήθεσιν ἀμ[φι
λοιγὸ]ν ἐρωήσουσιν ἐρεικόμενο[ι
αἰ δ' ὑπὸ] χερμαδίων βαλλόμεναι μ[εγάλων
χάλκεια]ι κ[όρυ]θεσ καναχὴν ἔξου[σι (20)

];[.(?)[
] (?) e pedra e[
] às tribos asseme[lhando-se
] Ares, miséria dos mortais [(5)
]em reta, os de cima [
].[.] semelhantes [
.....] cingindo-se com os côncavos escud[os,
separados os pamfilios, os hileos e [os dímanes,
assassinias lanças nas mãos bran[dindo.

....] aos deuses imortais acima de tud[o nos voltamos (10)
] (?) obeçamos os lí[deres(?]
 Mas, imediatamente todos juntos avance[mos
 dos h[omens lanceiros perto pr[ostrando-nos.
 terrível será, de ambos os lados, o clangor[
 escudos circulares contra escudos cho[cando-se (15)
]uns sobre os outros c[aindo
 couraça[s em torno dos peitos dos homens[
 a ruín[a refreiam destruído[s
 pelos] enorme pedregulhos l[ançados
 os brônzeos elmos farão grande estron[do (20)

Fr. 20 W

[Διωνύσο]ιο τιθήνητι
 [-κό]μου Σεμέλης[
 []ωεμψ.[...]σει
 []
 [].[] (5)
 []μενη[]
 [].[.].[.(.)]εικελον[.].[]
 []α φέρειν
 [ἄ]εθλοφ[ό]ροι περι νίκης
 [τέ]ρμ' ἐπιδερκόμενοι (10)
 [καλ]λίτροχον ἄρμα φέροντες
 []όμενοι
 []εύοντας ὄπισθεν
 []χαίτας ὑπὲρ κεφαλῆς
 []συνοίσομεν ὄξυν ἄρηα (15)
 [].θεσπν.[.].[]
 [ο]ὔδὲ λογήσει
 []σέχων[

[Ἄ nutr]iz de Dioniso
 [de cabe]los Sêmele
 [] (?) [...] (?)
 []
 [].[] (5)
 [](?)[]
 [].[.].[.(.)] (?) [...] []
 [] levar
 [p]remiados pela vitória
 [a m]eta contemplando (10)
 [ca]rros de belas rodas conduzindo
 [] (?)
 [] atrás
 [] cachos sobre a cabeça
 []suportaremos a pungente batalha (15)
 []. (?) .[.].[]

[não levarão em conta
 [](?)[

Fr. 21 W

χαλκ[
 ουδεμ[
 πιπτ[
 μαρνα[
 Ἀργέες[τ (5)
 ὄσσουσ[
 Ἀργέες[τ
 ἀλλαρ[
 εστη..[
 [(10)
 ω[
 ημελ[
 ουταρ[
 ἀλλὰ θεοι.[
 οἷσι μέλει Σ[πάρτης ἡμερόεσσα πόλις (15)
 .[...].[
 φοι[

brônz[eo(?)
 nenh[um(?)
 ca[em(?)
 atac[am(?)
 reluzen[te(?) (5)
 tão grande quant[o
 reluzen[te
 (?) [
 (?)..[
 [(10)
 (?) [
 (?) [
 (?) [
 mas o deuses.[
 aos quais compete cuidar [da amável cidade de Esparta (15)
 .[...].[
 (?) [

Fr. 23 W

ο.[..]στενο[
 ἐξείης πα[
 .τεῖχος α.[.]οστη[
 οισ.μπαλλομε[
 κλῆρος καὶ ταφ[(5)
 Μεσσην<ῶ>ν[
 τεῖχος τερυ[

οἱ μὲν γὰρ β[
 ἀντίοι ἰστ[α
 οἱ δ' ἐκτὸς [βελέων (10)
 ἐν δὲ μέσοις ἡμεῖς σ.[
 πύργου δυ[
 λείψουσ' ἰλη[δὸν
 οἱ δ' ὡς ἐκ πο[
 κυ[.]αδ[(15)
 τοῖς ἴκελοι μ[
 Ἑρῆς αἰδοίησ [
 εὗτ' ἂν Τυνδαρί[δαι

(?)[.](?)[
 em ordem to[dos(?]
 muralha (?) [.] (?) [
 (neles coli[diram?)
 o lote e o túm[ulo(?) (5)
 dos messên<io>s[
 a muralha (?) [
 pois uns
 em oposição colo[cando-se(?]
 e outros que de fora [os dardos (10)
 e no meio nós (?) [
 da torre (?) [
 deixaram em tro[pas
 e outros de (?) [
 (?)[.](?)[(15)
 a eles semelhantes (?) [
 Hera venerável [
 quando os Tindári[das

Fr. 23a W

]...ισα[...] φ θ ορα[
].ὑπερ π[ο]λλὸν α [
 ...[.]ενων [..]χει βέλε' ἄγρ[ια
 γλαυκῶπις θυ[γ]ατηρ αἰγιόχ[οιο Διός
 πολλοῖδὲ ξυστοῖσιν ἀκοντισσ[
 α]ἰχμηῆς ὄξειης ἄνδρες ἐπισ[
 γ]υμνομάχοι προθε[ό]ντες ὑ.[
 . .] καδες Ἀργείωννελ [...] χ
 ...].ιμεν παρὰ τεῖχ[ος
 . . .]. θηισιν · ὕδωρ . . [
 . . .]παρ' Ἀθηναίης γ[λαυκῶπιδος
 . . .] ἰσαντ. [.] ταφρο .[
 .πάντ[ας μὲν κτενέουσ[ι
 Σπα]ρτιητέων ὀποσου[ς
 ἐξ]οπίσω φεύγοντας α[

]...(?)[...]?(?)

].muito ac[i]ma (?) [
 (10) ...[.]. (?) [..](?) dardos selva[gens
 A de olhos glaucos fi[lha do porta-égi[de Zeus
 muitos com pontiagudas lança[rão(?]
 h[omens lanceiros com afiadas (?)[
 s[oldados rasos corr[e]ndo na frente (?).[
 (15) . .] (?) argivos(?) [...] (?)
 ...](?) junto à mura[lha
 . . .] (?) . água . . [
 . . .] junto à Atenas d[e olhos glaucos
 . . .] (?) . [.] fosso .[
 (20) .to[dos matarã[o
 dos espa[rtaños tantos quanto[s
 para a reta[guarda fugindo (?)[

XENÓFANES

Fr. 1 W

νῦν γὰρ δὴ ζάπεδον καθαρὸν καὶ χεῖρες ἀπάντων
 καὶ κύλικες· πλεκτοὺς δ' ἀμφιτιθεῖ στεφάνους,
 ἄλλος δ' εὐῶδες μύρον ἐν φιάλῃ παρατείνει·
 κρητῆρ δ' ἔστηκεν μεστὸς εὐφροσύνης·
 ἄλλος δ' οἶνος ἐτοιμὸς, ὃς οὐποτέ φησι προδώσειν,
 μείλιχος ἐν κεράμοις, ἄνθεος ὀζόμενος·
 ἐν δὲ μέσοις ἀγνὴν ὀδμὴν λιβανωτὸς ἴησιν,
 ψυχρὸν δ' ἐστὶν ὕδωρ καὶ γλυκὸν καὶ καθαρὸν·
 παρκέεται δ' ἄρτοι ξανθοὶ γεραρὴ τε τράπεζα
 τυροῦ καὶ μέλιτος πίονος ἀχθομένη·
 βωμὸς δ' ἄνεσιν ἂν τὸ μέσον πάντῃ πεπύκασται,
 μολπὴ δ' ἀμφὶς ἔχει δώματα καὶ θαλίη.
 χρῆ δὲ πρῶτον μὲν θεὸν ὑμνεῖν εὐφρονας ἄνδρας
 εὐφήμοις μύθοις καὶ καθαροῖσι λόγοις,
 σπείσαντάς τε καὶ εὐξαμένους τὰ δίκαια δύνασθαι
 πρήσσειν· ταῦτα γὰρ ὧν ἐστὶ προχειρότερον,
 οὐχ ὕβρεις· πίνειν δ' ὀπόσον κεν ἔχων ἀφίκοιο
 οἴκαδ' ἄνευ προπόλου μὴ πάνυ γηραλέος.
 ἀνδρῶν δ' αἰνεῖν τοῦτον ὃς ἐσθλὰ πίων ἀναφαίνει,
 ὧς ἦ μνημοσύνη καὶ τόνος ἀμφ' ἀρετῆς,
 οὐ τι μάχας διέπειν Τιτῆνων οὐδὲ Γιγάντων
 οὐδὲ <> Κενταύρων, πλάσμα<τα> τῶν προτέρων,
 ἢ στάσιας σφεδανάς· τοῖς οὐδὲν χρηστὸν ἔνεστιν·
 θ<εῶ>ν <δὲ> προμηθεῖην αἰὲν ἔχειν ἀγαθὴν.

Pois agora o piso e as mãos de todos estão limpas,
 assim como as taças; um dispõe grinaldas trançadas,
 enquanto outro depõe fragrante incenso na pira.
 A cratera é posta com alegria,
 ao alcance das mãos o vinho pronto, que, como dizem, deve parecer

infinito;
 gentilmente no vaso estão odoríferas flores.
 No meio é aspergido o casto olor do olíbano
 e há água gelada, doce e limpa.
 Ao lado pães dourados, e a mesa honorável
 está repleta de queijo e de denso mel.
 Um altar coroado de flores no centro de tudo,
 e a dança e a festa tomam conta da casa.
 Devem primeiro louvar os deuses os homens sensatos
 com suaves mitos e castos discursos,
 fazendo libações e rezando para proceder
 do modo correto - estas são as ações mais sensatas:
 não exagerar; beber o tanto quanto ainda possa chegar
 em casa sem ajuda – a não ser que seja já ancião –
 e louvar aquele que bebendo revela nobres dizeres,
 de modo que possam ser memoráveis e alcancem a excelência.
 Não deve alguém falar das batalhas de Titãs nem de Gigantes
 nem < > de Centauros, no estilo dos antigos,
 nem da violenta guerra civil; dessas coisas não há proveito.
 Lembrar primeiro dos deuses sempre é o melhor.

Fr. 3 W

ἀβροσύνας δὲ μαθόντες ἀνωφελέας παρὰ Λυδῶν,
 ὄφρα τυραννίης ἦσαν ἄνευ στυγερῆς,
 ἦεσαν εἰς ἀγορὴν παναλουργέα φάρε' ἔχοντες,
 οὐ μείους ὥσπερ χεῖλιοι ὡς ἐπίπαν,
 ἀυχαλέοι, χαίτησιν ἰάγαλλομεν εὐπρεπέεσσιν,
 ἀσκητοῖς ὀδμὴν χρίμασι δευόμενοι.

Luxuosas inutilidades aprendendo dos lídios,
 quando não possuíam a abominável tirania,
 iam para a ágora portando vestes todas de púrpura,
 não menos de dois mil de costume,
 soberbos, adornando os cachos bem arrumados,
 úmidos com o cheiro dos melhores unguentos.

Fr. 8 W

ἤδη δ' ἐπτά τ' ἔασι καὶ ἐξήκοντ' ἐνιαυτοὶ
 βληστρίζοντες ἐμὴν φροντίδ' ἀν' Ἑλλάδα γῆν·
 ἐκ γενετῆς δὲ τότε ἦσαν εἰκοσι πέντε τε πρὸς τοῖς,
 εἶπερ ἐγὼ περὶ τῶνδ' οἶδα λέγειν ἐτύμως.

já vivi sessenta e sete aniversários
 circulando minha fronte pela Hélade;
 na terra pátria foram vinte e cinco anos,
 se, de fato, dessas coisas sei a verdade.

ÍON DE QUIOS

Fr. 7 G-P

τόν ποτε Θησείδης ἔκτισεν Οἰνοπίων.

*

Ἐκ τῆς Τέω λόγχης λόγχας πόρε πεντήκοντα.

“então esta foi fundada pelo teseida, Enopião”.

*

“da parte (*lónkhes*) de Téos, distribuiu cinquenta partes (*lónkhas*)”

Fr. 8 G-P

Ἴωνι δὲ τῷ ποιήσαντι τραγωδίαν ἐστὶν ἐν τῇ συγγραφῇ τοιάδε εἰρημένα, Ποσειδῶνα ἐς τὴν νῆσον ἔρημον οὖσαν ἀφικέσθαι καὶ νύμφη τε ἐνταῦθα συγγενέσθαι καὶ ὑπὸ τὰς ὠδῖνας τῆς νύμφης χιόνα ἐξ οὐρανοῦ πεσεῖν ἐς τὴν γῆν, καὶ ἀπὸ τούτου Ποσειδῶνα τῷ παιδί ὄνομα θέσθαι Χίον· συγγενέσθαι δὲ αὐτὸν καὶ ἑτέρα νύμφη, καὶ γενέσθαι οἱ παῖδας Ἄγελόν τε καὶ Μέλανα· ἀνὰ χρόνον δὲ καὶ Οἰνοπίωνα ἐς τὴν Χίον καταῖραι ναυσὶν ἐκ Κρήτης, ἔπεσθαι δὲ οἱ καὶ τοὺς παῖδας Τάλον καὶ Εὐάνθηον καὶ Μέλανα καὶ Σάλαγόν τε καὶ Ἀθάμαντα. ἀφίκοντο δὲ καὶ Κᾶρες ἐς τὴν νῆσον ἐπὶ τῆς Οἰνοπίωνος βασιλείας καὶ Ἄβαντες ἐξ Εὐβοίας. Οἰνοπίωνος δὲ καὶ τῶν παίδων ἔλαβεν ὕστερον Ἄμφικλος τὴν ἀρχήν· ἀφίκετο δὲ ἐξ Ἰστιαίας ὁ Ἄμφικλος τῆς ἐν Εὐβοίᾳ κατὰ μάντευμα ἐκ Δελφῶν. Ἐκτωρ δὲ ἀπὸ Ἀμφίκλου τετάρτη γενεᾷ - βασιλείαν γὰρ ἔσχε καὶ οὗτος ἐπολέμησεν Ἀβάντων καὶ Καρῶν τοῖς οἰκοῦσιν ἐν τῇ νήσῳ, καὶ τοὺς μὲν ἀπέκτεινεν ἐν ταῖς μάχαις, τοὺς δὲ ἀπελθεῖν ἠνάγκασεν ὑποσπόνδους. γενομένης δὲ ἀπαλλαγῆς πολέμου Χίους, ἀφικέσθαι τηνικαῦτα ἐς μνήμην Ἐκτορι ὡς σφᾶς καὶ Ἴωσι δέοι συνθύειν ἐς Πανιώνιον· τρίποδα δὲ ἄθλον λαβεῖν αὐτὸν ἐπὶ ἀνδραγαθία παρὰ τοῦ κοινοῦ φησι τοῦ Ἴώνων. τοσαῦτα εἰρηκότα ἐς Χίους Ἴωνα εὕρισκον· οὐ μέντοι ἐκεῖνό γε εἴρηκε, καθ' ἣντινα αἰτίαν Χῖοι τελοῦσιν ἐς Ἴωνα.

O seguinte está no escrito de Íon, o compositor de tragédias: Poseidon chegando na ilha ainda erma cohabita com uma ninfa local, e, por causa de seus gritos de parto, neve (*khióna*) caiu do céu sobre a terra. Por causa disso, Poseidon nomeou o filho Quíon. Cohabitou ainda com outra ninfa, que gerou os filhos Agelau e Melano. Depois de um tempo, também Enopião foi até Quíos, acompanhado por seus filhos Tálon, Evante, Melano, Salago e Átaman. Chegaram à ilha também cários no tempo do reinado de Enopião, e abantes da Eubeia. Amficles depois tomou o poder de Enopião e seus filhos. Chegou de Istiaia na Eubeia por causa de um oráculo de Delfos. Hector era da quarta geração depois de Amficles. Ao assumir o poder, entrou em guerra com os abantes e os cários que viviam na ilha, e aqueles que não morreram nas guerras, partiram compelidos por um acordo. Liberados da guerra os habitantes de Quios, ele pensou nesse momento que eles deveriam sacrificar em conjunto com os jônicos na Panjônia. Ele recebeu uma trípole de prêmio pelo conjunto dos jônicos devido a sua virilidade. Esse é o relato da fundação de Quios dado por Íon. Não relato, porém, por que razão se juntaram aos jônicos (Grifos meus).

Fr. 9 G-P

ἢ γὰρ δύο πρὸς πέντε πίνειν φασὶ δεῖν ἢ ἓνα πρὸς τρεῖς. περὶ δὲ ταύτης κράσεως Ἴων ὁ ποιητὴς ἐν τῷ Περὶ Χίου φησὶν ὅτι Ἰεῦρων ὁ μάντις Παλαμίδην ἐμαντεύσατο πλοῦν ἔσεσθαι τοῖς Ἑλλησι πίνουσιν τρεῖς πρὸς ἓνα κυάθους· οἱ δ' ἐπιτεταμένως χρώμενοι τῷ ποτῷ δύο οἴνου ἔπινον πρὸς πέντε ὕδατος.

Pois dizem que na medida de $2/5$ ou na de $1/3$ deve-se beber [o vinho misturado com água]. A respeito dessa mistura, o poeta Íon, em [*A Fundação*] de *Quios*, diz que o adivinho Palamedes, descobrindo que os helenos iriam partir, profetizou que bebessem na medida de $1/3$; eles, porém, aumentaram [a mistura] empregando na bebida a proporção de $2/5$ de vinho por água.